

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL DOUTORADO**

JANAÍNA PEREIRA CLAUDIO

**A CULTURA DOS SUJEITOS COMUNICANTES SURDOS:
CONSTRUÇÕES DA CIDADANIA COMUNICATIVA E
COMUNICACIONAL DIGITAL NO FACEBOOK**

São Leopoldo

2016

Janaína Pereira Claudio

A CULTURA DOS SUJEITOS COMUNICANTES
SURDOS: CONSTRUÇÕES DA CIDADANIA
COMUNICATIVA E COMUNICACIONAL DIGITAL NO
FACEBOOK

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do título de Doutora, pelo Programa
de Pós-graduação em Ciências da Comunicação
da Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS.

Área de concentração: Cultura, Cidadania e
Tecnologias da Comunicação.

Orientador: Prof. Dr. Alberto Efendy
Maldonado Gómez de la Torre.

São Leopoldo
2016

C615c Claudio, Janaína Pereira

A cultura dos sujeitos comunicantes surdos : construções da cidadania comunicativa e comunicacional digital no facebook / por Janaína Pereira Claudio. – 2016.

293 f. : il., 30 cm.

Tese (doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, 2016.

Orientação: Prof. Dr. Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre.

1. Apropriações midiáticas. 2. Cultura surda. 3. Cidadania comunicativa. 4. Sujeito comunicante surdo. 5. Facebook. I. Título.

CDU 376.353

Catálogo na Fonte:
Bibliotecária Vanessa Borges Nunes - CRB 10/1556

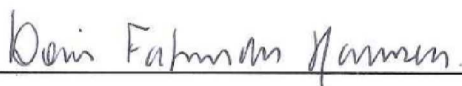
JANAINA PEREIRA CLAUDIO.

**“A CULTURA DOS SUJEITOS COMUNICANTES SURDOS: CONSTRUÇÕES DA
CIDADANIA COMUNICATIVA E COMUNICACIONAL DIGITAL NO
FACEBOOK”**

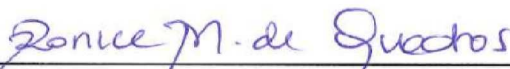
Tese apresentada como requisito parcial
para obtenção do título de Doutora, pelo
Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Comunicação da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS.

Aprovado em 16 de dezembro de 2016

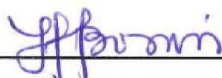
BANCA EXAMINADORA



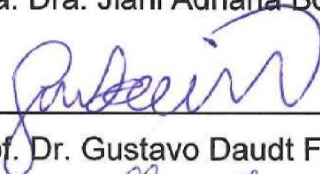
Profa. Dra. Doris Fagundes Haussen (PUCRS)



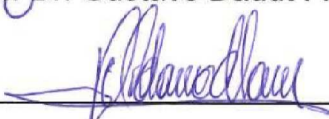
Profa. Dra. Ronice Müller de Quadros (UFSC)



Profa. Dra. Jiani Adriana Bonin (UNISINOS)



Prof. Dr. Gustavo Daudt Fischer (UNISINOS)



Prof. Dr. Alberto Efendy M. G. de La Torre (UNISINOS)

Às minhas avós, Julieta e Noely (*in memoriam*) e aos meus avôs Jorge e Pedro (*in memoriam*), por terem me escolhido como afilhada e neta. Vocês foram grandes referências e meus portos seguros. Não tenho como agradecer fisicamente, por tantas lições de vida. Simplesmente, muito obrigada!

AGRADECIMENTOS

Uma tese é um processo de construção do conhecimento científico, onde se manifesta a fecundidade intelectual do pesquisador, que abre inteiramente, aos leitores, seus saberes adquiridos na teoria e na prática.

Gostaria de dedicar esta tese a todos os anjos que me acompanharam neste percurso, e que passaram por meu caminho no processo da sua elaboração, pois uma tese não caminha sozinha. E agradecer pela paciência com a minha ausência e pela confiança na minha produção. Sou grata a vocês por terem aceitado esse papel.

E com muita alegria dedico toda minha vida, representada nesse momento pela materialidade desta tese, a eles, que com amor me ensinaram a nunca desistir, a nunca abandonar um livro, um capítulo, a aprender sempre e a reconhecer que as manifestações de amor e de foco possibilitam vencer todos os desafios.

E estes são meus agradecimentos.

Ao anjo maior, o divino Deus, por me iluminar, guiar e me dar tranquilidade para seguir em frente com os meus objetivos. Ele sempre me amparou nos momentos difíceis.

Especialmente ao meu orientador, Alberto Efendy Maldonado, por me abrir as portas da Ciência da Comunicação e por acreditar na fecundação desta tese. Sempre foi parceiro nesta caminhada, com sua orientação, seu apoio e incentivo e, principalmente, por seus ensinamentos imperecíveis.

Aos meus professores e colegas do PPGCOM Unisinos, por terem compartilhado comigo as etapas importantes do processo de produção e mostrado que ter o espírito pesquisador não está apenas em atuar como uma estudante, e sim como uma verdadeira pesquisadora.

Aos professores da minha banca de qualificação, Jiani Adriana Bonin e Gustavo Fischer, pelas observações e comentários. Com eles me ajudaram a identificar que uma cadeia ramificada de conhecimentos científicos é feita de construção e de reconstrução.

Às professoras Doris Fagundes Haussen e Ronice Müller de Quadros por terem aceitado o convite para fazer parte da banca na Defesa da tese. Tenho certeza de que as suas experiências como pesquisadoras irão guiá-las nos conselhos e sugestões que darão para o melhor fechamento desta pesquisa.

Aos sujeitos comunicantes surdos, por terem aceitado compartilhar suas experiências nas entrevistas. Sem as suas narrativas sinalizadas eu não teria como completar o raciocínio necessário para chegar ao término da minha tese.

À revisora Vera Lucia Barbosa, pela atenção e disponibilidade. Sua revisão do Português permitiu que minhas ideias, escritas na minha linguagem de surda, ficassem mais claras.

Aos intérpretes de LIBRAS, por traduzirem os conteúdos nas aulas, nas orientações e nos seminários. Isso me permitiu compreender melhor os significados e refletir cada vez mais.

Ao meu esposo, Gilberto Richter, por ter me estimulado a ir para a minha sala de estudo. Com sua ajuda consegui elaborar e lapidar, com dedicação, a minha pesquisa. Muito obrigada, com todo o meu amor.

À minha gata, Princesa, por ter me acompanhado em todas as horas de estudos e de produções científicas.

Aos meus pais, Iara e Dalcídio, que sempre primaram pela educação e pelos estudos. O conhecimento e os aprendizados são os valores que carregarei por toda vida.

À minha querida irmã, Débora, por ter me mostrado que tudo é difícil, mas um dia passa. Nossos momentos de risadas tornaram-se suspiros de alívio que me ajudaram a chegar até aqui. Muito obrigada!

Aos meus irmãos, Marcos Vinicius e Felipe. Obrigada por terem acolhido minhas lutas e confiado na minha jornada.

Aos meus parentes, amigos, amigas e colegas, pelas risadas e alegrias, e pela torcida.

Em especial, à minha amiga Adriana Andregretti, pelas palavras de apoio: “Vai sim! Você consegue, pois você é inteligente!” Muito obrigada pelo incentivo constante.

Agradeço, por fim, a todos esses anjos, pois com eles aprendi que a vida é uma dádiva de Deus. Sou grata pela existência de cada um de vocês e por toda a providência realizada em minha vida.

“A mão é o ser humano, a humanidade.”
(LAMA, 2009, p. 95).

RESUMO

A presente pesquisa busca compreender os processos comunicativos digitais nos usos e nas apropriações das mídias, especificamente, a rede social Facebook, pelos sujeitos comunicantes surdos. A pesquisa é fundamentada em argumentos teóricos que trabalham os conceitos de cultura (CORTINA, 2005), cultura surda (STROBEL, 2013), cibercultura (LEMOS, 2013), cidadania comunicativa (CORTINA, 2005), comunidade (BAUMAN, 2003), globalização (GARCÍA CANCLINI, 2007), mediação (WOTTRICH, SILVA e RONSINI, 2009), mídiatização (MALDONADO, 2002) e mundialização (ORTIZ, 2003). Para que se pudessem desenvolver as práticas investigativas acerca dos usos das mídias e do Facebook pelos sujeitos comunicantes surdos, optou-se por um percurso transmetodológico (MALDONADO, 2012) a partir de uma perspectiva etnográfica (HINE, 2004), estruturada em combinações técnicas como a análise de materiais de arquivo nos ambientes digitais, que são fruto de uma sistemática observação; procedimentos de aplicação de questionários: blocos temáticos e entrevistas etnográficas, com os relatos de trajetórias de vida dos quatro entrevistados surdos que registram vivências e deslocamentos territoriais digitais e novas formas de comunicação em comunidades surdas no Brasil. Por meio da análise das trajetórias históricas midiáticas, sinalizadas pelos sujeitos comunicantes surdos, sobre questões que expressam suas construções culturais e de cidadania comunicativa, desenhamos as principais apropriações comunicacionais destes sujeitos em sua inter-relação com as mídias. Os resultados da pesquisa mostram que o sujeito comunicante surdo vive e dá importância à sua necessidade comunicacional e informacional para resolver suas práticas cotidianas pessoais e profissionais. Os resultados também indicam que o domínio e a prática de sua língua natural são exercícios relevantes de cidadania comunicativa surda, o que representa uma contribuição comunicativa e cultural relevante ao cidadão surdo nos modos de vida mídiatizados. Desse modo, as interações e experiências digitais estabelecem diferentes processos e conexões, que os vinculam à Cultura Surda, à Língua dos Surdos, à Comunidade Surda Mista e à Sociedade.

Palavras-chave: Apropriações midiáticas. Cultura Surda. Cidadania Comunicativa Surda. Sujeito Comunicante Surdo e Facebook.

ABSTRACT

The present study seeks to understand the digital communication processes in use and the appropriation of the media, specifically, the social network Facebook, by deaf interconnecting. The research is based on theoretical arguments that work the concepts of culture (CORTINA, 2005), deaf culture (STROBEL, 2013) cyberculture (LEMOS, 2013), communicative citizenship (CORTINA, 2005), community (BAUMAN, 2003), globalization (GARCÍA CANCLINI, 2007), mediation (WOTTRICH, SILVA and RONSINI, 2009), mediatization (MALDONADO, 2002) and globalization (ORTIZ, 2003). To develop investigative practices about the uses of media and Facebook by deaf interconnecting, chosen the methodological approach cited by Maldonado (2012) from an ethnographic perspective (HINE, 2004), structured in technical combinations like archival material analysis in digital environments, which are the result of a systematic observation; proceedings of questionnaires application: thematic blocks and ethnographic interviews, with reports of life trajectories of the four deaf interviewees that record experiences and digital territorial displacements and new forms of communication in deaf communities in Brazil. Through the analysis of media historical trajectories, signaled by deaf interconnecting on issues that express their cultural constructs and citizenship practices, we design the main communicational appropriations of these subjects in their relationship with the media. The survey results show that the deaf interconnecting lives and gives importance to his communicational and informational need to solve their personal and professional daily practices. The results also indicate that the domain and the practice of their natural language are relevant exercises of deaf communicative citizenship, which represents an important communicative and cultural contribution to the deaf citizens in their media life ways. In this way, the interactions and digital experiences establish different processes and connections, which link to the deaf culture, the language of the deaf, the deaf community and the society.

Keywords: Media grabs. Deaf culture. Deaf communicative citizenship. Deaf interconnecting and Facebook.

RESUMEN

La presente investigación busca comprender los procesos comunicativos digitales en los usos y en las apropiaciones de los medios, específicamente, en la red social Facebook, por los sujetos comunicantes sordos. La investigación es fundamentada en argumentos teóricos que trabajan los conceptos de cultura (CORTINA, 2005), cultura sorda (STROBEL, 2013), cibercultura (LEMOS, 2013), ciudadanía comunicativa (CORTINA, 2005), comunidad (BAUMAN, 2003), globalización (GARCÍA CANCLINI, 2007), mediación (WOTTRICH, SILVA e RONSINI, 2009), mediatización (MALDONADO, 2002) e mundialización (ORTIZ, 2003). Para desarrollar las prácticas investigativas sobre los usos de los medios e del Facebook por los sujetos comunicantes sordos, se optó por una trayectoria transmetodológica (MALDONADO, 2012) a partir de una perspectiva etnográfica (Hine, 2004), estructurada en combinaciones técnicas con el análisis de materiales de archivo en los ambientes digitales, que son fruto de una observación sistemática; de procedimientos de aplicación de cuestionarios: bloques temáticos y entrevistas etnográficas, con los relatos de las trayectorias de vida de cuatro entrevistados sordos, que registran vivencias y desplazamientos territoriales digitales, y nuevas formas de comunicación en comunidades sordas en Brasil. Por medio del análisis de las trayectorias históricas mediáticas, de los sujetos comunicantes sordos, sobre cuestiones que expresan sus construcciones culturales y de ciudadanía comunicativa, diseñamos las principales apropiaciones comunicacionales de esos sujetos en su interrelación con los medios. Los resultados de la investigación muestran que el sujeto comunicante sordo vive y da importancia a su necesidad comunicacional e informacional para resolver sus prácticas cotidianas personales y profesionales. Los resultados también indican que el dominio y la práctica de su lengua natural son ejercicios relevantes de ciudadanía sorda, lo que representa una contribución comunicativa y cultural relevante al ciudadano sordo en sus modos de vida mediatizados. De ese modo, las interacciones y experiencias digitales establecen diferentes procesos y conexiones, que los vinculan a la Cultura Sorda, a la lengua de los Sordos, a la Comunidad Sorda Mixta y a la Sociedad.

Palabras-clave: Apropiaciones mediáticas. Cultura Sorda. Ciudadanía Comunicativa Sorda. Sujeto Comunicante Sordo y Facebook.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1	Estudantes surdos no INES	46
Ilustração 2	Telefone para surdos em lugares públicos	64
Ilustração 3	Intermediação entre TDD, CIC 142 e pessoa ouvinte	64
Ilustração 4	Aparelho VPAD+ da empresa Viavel	65
Ilustração 5	Intermediação entre VPAD+, intérprete de Libras e pessoa ouvinte	65
Ilustração 6	Aplicativo ProDeaf	66
Ilustração 7	Despertador para surdo	67
Ilustração 8	ICQ	68
Ilustração 9	MSN	69
Ilustração 10	ORKUT	70
Ilustração 11	FACEBOOK	70
Ilustração 12	Página inicial do Facebook	71
Ilustração 13	Página pessoal da pesquisadora do Facebook	72
Ilustração 14	Fonte da Hitwise (2014)	152
Ilustração 15	Associação da Comunidade Surda Brasileira do Facebook	160
Ilustração 16	Comunidade Surda (Deaf/Sordo)	161
Ilustração 17	Comunidade e Cultura Surda do Rio Grande do Sul	161
Ilustração 18	Descrição da comunidade ACSBF	172
Ilustração 19	Descrição da comunidade CS	172

Ilustração 20	Descrição da comunidade CCSRS	173
Ilustração 21	Descrição de regras da comunidade CCSRS	174
Ilustração 22	Demonstrativo da comunidade Surdo Tube	175
Ilustração 23	Administrador da ACSBF	176
Ilustração 24	Foto do perfil do administrador da ACSBF	176
Ilustração 25	Perfil do administrador da CS	177
Ilustração 26	Perfil do administrador da CS	177
Ilustração 27	Administradores da CS	178
Ilustração 28	Administradores da CCSRS	179
Ilustração 29	Mapa do Brasil com localização de residências dos administradores	180
Ilustração 30	Características de curtidas	181
Ilustração 31	Notícia postada em vídeo na ACSBF	184
Ilustração 32	Notícia postada em vídeo na ACSBF	185
Ilustração 33	Página da Fabielle Barbosa do FBK	186
Ilustração 34	Notícia postada em vídeo na CS	188
Ilustração 35	Notícia postada em vídeo na CS	189
Ilustração 36	Notícia postada em vídeo na CS	190
Ilustração 37	Notícia postada em vídeo na CCSRS	191
Ilustração 38	Notícia postada em vídeo na CCSRS	192

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Síntese gráfica da problemática	35
Quadro 2	Fluxos de circulação entre a Mídia e Rede Social	126
Quadro 3	Fluxos de atores e conexões digitais nas redes sociais	127
Quadro 4	Esquema interpretativo de transmetodologia	135
Quadro 5	Comunidades surdas do FBK	159

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	População residente, por tipo de deficiência	38
Tabela 2	Primeira fase da observação estruturada	154
Tabela 3	Segunda fase da observação participante	155
Tabela 4	Recortes da CCSRS	186
Tabela 5	Recortes da CS	190
Tabela 6	Recortes da CCSRS	193

LISTA DE SIGLAS

ACSBF	Associação da comunidade surda brasileira do Facebook
ASL	American Sign Language
CS	Comunidade surda (DEAF/SORDO)
CCSRS	Comunidade e Cultura Surda do Rio Grande do Sul
FADERS	Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas com Deficiência e com Altas Habilidades do Rio Grande do Sul
FBK	Facebook
FENEIS	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
GES	Grupo de Estudos Surdos
GIPES	Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INES	Instituto Nacional de Educação dos Surdos
LIBRAS	Língua Brasileira de Sinais
NUPPES	Núcleo de Pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
TDD	Telecommunications Device For The Deaf
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

ABERTURA DA TESE	20
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	23
1.2 OBJETIVOS	28
1.2.1 Objetivo geral	28
1.2.2 Objetivos específicos	28
1.3 JUSTIFICATIVA	29
1.4 ESQUEMA SINÓPTICO DA PROBLEMÁTICA	34
2 A CONTEXTUALIZAÇÃO DOS SUJEITOS SURDOS NO BRASIL	36
2.1 PERSPECTIVAS HISTÓRICAS DA EDUCAÇÃO SURDA	43
2.2 OS ESTUDOS SURDOS	51
2.3 O ESTUDO DO PROCESSO MIDIÁTICO	55
2.4 MEIOS DE COMUNICAÇÃO PARA COMUNIDADE SURDA	62
3 AS DIMENSÕES TEÓRICAS: O DIÁLOGO COM OS PROCESSOS COMUNICACIONAIS	75
3.1 AS FRONTEIRAS DA GLOBALIZAÇÃO NOS ESPAÇOS DA MUNDIALIZAÇÃO	80
3.2 A PRODUÇÃO CULTURAL NA FRONTEIRA MIDIÁTICA	85
3.2.1 Cultura Surda	89
3.2.2 Cibercultura	96
3.3 A PERSPECTIVA DA CIDADANIA COMUNICATIVA	102
3.3.1 A construção da Comunidade Surda para a Cidadania Comunicativa Surda	109
3.4 A FORMAÇÃO DA MEDIAÇÃO COMUNICACIONAL NA MUDIATIZAÇÃO	115
3.4.1 Redes Sociais e comunidades surdas digitais	124
4 OS PERCURSOS PARA A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA	131
4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	136
4.1.1 Processo de construção das práticas investigativas: pesquisas da pesquisa, pesquisa teórica, metodológica e de contextualização	137
4.1.2 Pesquisa exploratória	142

4.2	OBSERVAÇÕES SISTEMÁTICAS	143
4.2.1	A abordagem etnografia	143
4.2.2	Modelos metodológicos	149
4.3	OS PERFIS SURD@S DA PESQUISA E SEUS CONTEXTOS NOS AMBIENTES DIGITAIS DO FBK	157
4.4	ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA COLETAS DE DADOS	163
4.4.1	Ética na pesquisa	167
5	PROCEDIMENTOS E SISTEMATIZAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DOS MODELOS TRANSMETODOLÓGICOS	169
5.1	A CONSTRUÇÃO DAS COMUNIDADES SURDAS DIGITAIS DO FBK ...	170
5.1.1	As descrições dos administradores e das comunidades surdas digitais do FBK	171
5.1.2	As apropriações de cultura e cidadania comunicativa surda	181
5.2	A CONSTRUÇÃO DOS SUJEITOS COMUNICANTES SURDOS	193
5.2.1	As trajetórias de vida dos sujeitos comunicantes surdos	195
5.2.2	As narrativas de mediações culturais dos sujeitos comunicantes surdos	202
5.2.3	A relação com a cidadania comunicativa surda	210
5.2.4	A competência nos usos das mídias	218
5.2.5	O processo comunicacional no FBK	223
5.2.6	O reconhecimento dos sujeitos comunicantes surdos no FBK	229
6	CAMINHOS PARA INTERPRETAR OS SUJEITOS COMUNICANTES SURDOS E OS PROCESSOS COMUNICATIVOS DIGITAIS	234
6.1	AS TRAJETÓRIAS COMUNICATIVAS	235
6.2	AS RELAÇÕES DAS PRÁTICAS COM SUAS COMPETÊNCIAS MUDIÁTICAS/DIGITAIS	238
6.3	AS RELAÇÕES DAS PRÁTICAS COM A CULTURA E CIDADANIA COMUNICATIVA SURDA	242
6.4	AS REFLEXÕES FINAIS	245
	REFERÊNCIAS	250
	APÊNDICES	268
	APÊNDICE A – Tabela com comunidades surdas digitais do Facebook	269
	APÊNDICE B – Modelo de questionários	274
	APÊNDICE C – Termo de consentimento e de autorização.....	277

ANEXOS	280
ANEXO A – Legislações	281
ANEXO B – Trajetória da pesquisadora.....	292

ABERTURA DA TESE

Esta tese segue na Linha de Pesquisa III: Cultura, Cidadania e Tecnologias da Comunicação no Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em São Leopoldo, Rio Grande do Sul. O seu caminho é feito, excepcionalmente, como uma experiência à qual se dedica a pesquisadora, para construir um mapa mental que discuta os estudos de cultura e da cidadania comunicativa que estão relacionados à midiatização e à comunicação. Tais estudos procuram apresentar as mediações e apropriações dos sujeitos surdos no uso da rede social – o *Facebook* (FBK)¹, que dão conta dos modos de ver da sociedade, refletindo os processos históricos sociais, culturais que formam o sujeito surdo comunicativo.

A problemática foi construída de modo a situar a pesquisa em comunicação como processo cultural, histórico, político e tecnológico, considerando que os ambientes midiáticos permitem transformar seu modo de pensar, sentir e agir. E também suas formas de se comunicar e de adquirir conhecimentos planetários. Entretanto, o mundo abraça as diversidades, os atores/sujeitos digitais atuam, particularmente, sobre os processos de transformação cujas dimensões são reunidas na interação dos cérebros, das máquinas tecnológicas e dos contextos sociais. Dessa forma, nossos meios de comunicação criam as nossas metáforas e também os conteúdos das nossas culturas. Os meios de comunicação, em especial a internet, são vistos como parte de sistemas comunicacionais que operam a maior parte das redes e até favorecem a criação de comunidades digitais. Desse modo, os processos comunicativos digitais dos sujeitos surdos são de grande importância, bem como as apropriações comunicativas das mídias digitais pelos grupos do FBK.

Nesse processo, a *pesquisa empírica* foi enriquecida pelos conhecimentos adquiridos e também sistematizou procedimentos de ideias e raciocínios relacionados à realidade das pessoas surdas. Na etapa de sistematização, a pesquisa empírica sobre comunicação foi construída a partir das concepções, contextualizações e teorizações metodológicas obtidas nas referências bibliográficas utilizadas.

O plano de estruturação desta tese foi reformulado e reestruturado, contando, atualmente, com seis capítulos.

¹ Será utilizada a sigla FBK.

O **primeiro capítulo** mostra a trajetória da doutoranda enquanto pessoa surda, professora e usuária da LIBRAS e membro da comunidade surda, que experiência que formatou o interesse em investigar o encontro entre o sujeito comunicante surdo, a mídia e a comunicação. Este capítulo também apresenta a construção da problemática da pesquisa, a formação dos elementos científicos, o objetivo geral e os específicos. Os componentes principais dessa problemática estão construídos por um esquema sinóptico, mostrado com mapa mental de sujeitos comunicantes surdos e outros elementos referenciais. E também, apresentando a elaboração da justificativa da tese, a pesquisadora enfrenta questões do tipo: qual a importância desta pesquisa para o campo da Comunicação, para a sociedade e para a comunidade surda? Qual a importância desse fenômeno comunicacional, considerando suas vinculações com a subjetividade e a trajetória da produção do conhecimento?

No **segundo capítulo** são descritos aspectos da contextualização histórica acerca dos sujeitos surdos no Brasil e sobre as relações entre a educação dos surdos e os meios de comunicação, e revelado o discurso que vincula a representação do ser surdo nas resistências política e social. Esse capítulo também embasa a pesquisa sobre a população de pessoas surdas no Brasil, através dos dados no Censo Demográfico. Apresenta o reconhecimento da importância dos Estudos Surdos realizados, que entendem um conjunto de concepções linguísticas, culturais, comunitárias e de identidades, como processo de aproximação no mundo dos surdos. E o Estudo do Processo Midiático, busca o entendimento de um conjunto de saberes no campo da comunicação e da cultura que baseia diversos pesquisadores que relacionam o estudo com as mídias. Na esfera midiática, parte para uma apresentação dos meios de comunicação que favoreceram a comunicação entre a comunidade surda e a sociedade.

No **terceiro capítulo** a pesquisadora realiza a problematização teórica acerca dos argumentos conceituais trabalhados nesta tese, como: cultura, cultura surda, cibercultura, cidadania comunicativa, comunidade, comunidade digital, comunicação, globalização, mediação, midiaticização, mundialização, assim como apresenta o ponto de vista dos sujeitos comunicantes surdos. Neste capítulo embasa a pesquisa com reflexões e citações. No primeiro momento, desenvolve um campo da problematização teóricas dos conceitos de Globalização e Mundialização, que aproxima o fenômeno da sistematização da sociedade à construção de cultura. Na sequência, descreve as reflexões teóricas sobre a cultura para a cultura surda e a cibercultura através das mídias, buscando entender que as culturas são formadas como fronteiras. Ao passar ao próximo momento da

problematização teórica, aborda o estudo da noção de cidadania comunicativa para cidadania comunicativa surda, numa construção para o reconhecimento das práticas de exercícios dos direitos, da justiça e da igualdade para os cidadãos surdos. Após estas reflexões, partimos para um estudo da relação entre a comunidade surda digital e a cidadania comunicativa surda, para a forma como as pessoas surdas se representam e se defendem, com seus elementos culturais e sociais. As práticas sociais e culturais cotidianas dos sujeitos comunicantes surdos, a pesquisadora apresenta nas reflexões sobre o processo de comunicação, mediação e midiaticização, são os conceitos em que a pesquisadora relaciona a mídia e os humanos.

No **quarto capítulo** descreve vários procedimentos metodológicos para a elaboração desta tese. As práticas de *pesquisa teórica*, *pesquisa da pesquisa*, *pesquisa metodológica* e *pesquisa exploratória* são os elementos fundamentais para a construção reflexiva. Nesse percurso construo a pesquisa empírica, a escolha dos métodos – o uso da etnografia, o contexto sociocultural da percepção da visibilidade, a interpretação das narrativas dos quatro sujeitos comunicantes surdos, a apresentação dos perfis dos administradores e as características dos três grupos no FBK, a relação teórico-metodológica da pesquisa e o processo da estruturação do objeto desta.

No **quinto capítulo** constrói as sistematizações comunicacionais digitais dos sujeitos comunicantes surdos que participaram da investigação empírica. Neste processo de construção, considerando os levantamentos de dados a partir dos relatos dos entrevistados, busca apresentar os processos de mediação e midiaticização que vinculam as práticas de cidadania comunicativa e de cultura surdas ao uso do ambiente digital.

O **sexto capítulo** apresenta sistematizações e interpretações de conhecimentos adquiridos na mobilização do olhar e no desenvolvimento desta pesquisa como “Caminhos para interpretar os sujeitos comunicantes surdos e os processos comunicativos digitais”. Este capítulo também é dedicado às costuras de todo processo da pesquisa. Nele, a pesquisadora realiza a análise propriamente dita da questão central investigada, em função dos objetivos específicos propostos na tese. Conta as trajetórias das experiências e dos aprendizados que vivenciou, além das descobertas e dos desafios que a acompanharam nesta caminhada até chegar à última letra quando, finalmente, considera seu trabalho como uma construção de bagagens cheias de saberes intelectuais.

O propósito desta tese é tecer a relação entre os diálogos de argumentos acadêmicos que incentivam os leitores e a formação de pensamentos teórico-metodológicos na comunicação, a partir de seus diferentes olhares. É, também, oferecer, aos leitores, os

percursos percorridos nesta tese e que concederam ao objeto de pesquisa, novos processos de saber e de conhecimento científico, que são uma forma de valorizar cada nova descoberta. Especificamente, valeu a pena! Então, a pesquisadora convida à leitura deste documento científico acadêmico em comunicação, tecido com o maior respeito à linha de pesquisa em Ciências da Comunicação e aos outros eixos, para que se possa conhecer a visão da pesquisadora e entender a contribuição que o mesmo oferece.

1.1 PROBLEMA DE PESQUISA

Jeito surdo de ser, de perceber, de sentir, de vivenciar, de comunicar, de transformar o mundo de modo a torná-lo habitável. (PERLIN, 2004).

Neste subcapítulo, antes de apresentar os aspectos que farão parte do problema da pesquisa, é interessante refletir sobre o discurso da pesquisadora surda, Perlin (2004), apresentado na abertura deste capítulo, e que serve para apontar a realidade concreta em que estão inseridos os surdos, para se compreender a trajetória percorrida para a construção desta tese. E o fato de a pesquisadora ser surda foi importante para inspirar a comunidade surda a participar da pesquisa e o público em geral a interessar-se por ela.

O desenvolvimento desta pesquisa foi marcado por processos de lapidação, decisões, opções, alterações, e por procedimentos de experimentação, interação e fabricação durante o período de doutorado para que fosse possível, ao seu objeto, chegar no ponto da concentração. Os objetos compostos pelos cenários digitais na rede social nos deslumbram por sua complexidade, porém também nos impressionam com sua estrutura, com sua fórmula de organização e com o tempo para armazenar as informações. A pesquisadora conviveu com tudo isso e a tudo observou e registrou. É preciso pontuar, aqui, que na construção da pesquisa, no meio digital, não é possível captar um conjunto todo quando se trata do estudo de cultura e identidade de sujeitos comunicantes, pois ela é passível de mudanças.

Os atores sociais são elementos da rede social. Trata-se das pessoas envolvidas na rede que moldam as estruturas sociais, por meio da comunicação digital, fazendo desta, espaço de interação, de lugares de conversas e de construção do sujeito comunicante. Nossa pesquisa parte de uma concepção midiática e comunicativa que coloca a necessidade de se estudar a esfera tecnossimbólica em que esses sujeitos se envolvem, e

como se sentem em relação com o mundo. Percebe-se que a comunicação é tomada por uma perspectiva mais ampla, que engloba os múltiplos círculos de informação e de circulação de mensagens, notícias e outros. Estudiosos² no campo das culturas midiáticas e das redes sociais na internet têm refletido sobre as questões da cultura, da identidade e da sociedade, de forma a apresentar a conexão entre cultura e mídia, e considerar como os fluxos comunicacionais digitais são dinâmicos, contínuos e de circulação crescente. Portanto, nesta pesquisa, partimos do pressuposto de que a ciência da comunicação é o processo comunicacional com laços tecnológicos que busca espaços estratégicos para fazer a mediação entre os sujeitos que nele se situam. Por outro lado, o paradigma das teorias críticas da comunicação privilegia as dimensões que se aproximam nas práticas sociais cotidianas que vivemos em relação aos meios de comunicação.

A internet é um fenômeno que possibilita a circulação da comunicação que acontece em redes sociais e representa um modo de construir as culturas. É também, meio de sociabilidade, a partir da experiência de mundo dos sujeitos comunicantes, surdos ou não. O acesso à rede tem crescido rapidamente nos últimos anos, inclusive no Brasil – que já possui cerca de 76 milhões usuários que utilizaram a internet por meio de um nanocomputador³ no terceiro trimestre de 2015, e o acesso pelo computador domiciliar com internet chegou a 95,6 milhões de brasileiros, conforme a pesquisa feita pelo Mobile Report, da Nielsen, divulgada pelo IBOPE⁴. Desta forma, pouco a pouco, e cada vez mais, vai crescendo o número de usuários ativos na internet. Para dar uma ideia, o FBK, rede social escolhida para esta pesquisa, atingiu mais de 1,49 bilhões de usuários ativos por mês, segundo a Época Negócios online e o Estadão de julho de 2015⁵. Diante disso, a expansão do acesso à internet tem motivado as pessoas a usar suas competências e seus conhecimentos para utilização neste meio de comunicação.

As comunidades surdas brasileiras são vistas como nichos de pessoas com deficiências. Importante citar aqui o levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2010 no Brasil, que estimou que 190.755.799 de habitantes da população têm deficiência, sendo que 9.717.318 são deficientes auditivos

² Entre eles podemos referir André Lemos, Manuel Castells e Raquel Recuero.

³ Nanocomputador é o nome lógico para um computador de menor tamanho.

⁴ Pesquisa divulgada pelo IBOPE em 14 de dezembro de 2015: <http://www.nielsen.com/br/pt/press-room/2015/Brasileiros-com-internet-no-smartphone-chegam-a-76-milhoes.html>

⁵ Dados informados no site:

<http://epocanegocios.globo.com/Informacao/Resultados/noticia/2015/07/facebook-alcanca-149-bilhao-de-usuarios-no-2-trimestre-de-2015.html> Acesso em: 22 fev. 2016.

ou pessoas surdas⁶. A partir dos dados expostos pelo IBGE, é importante destacar a relação entre a acessibilidade de comunicação, a cultura e a complexidade dos processos midiáticos. E que, apesar da resistência, o movimento das pessoas com deficiências está na luta para mostrar à sociedade que a deficiência é um dos componentes da diversidade humana.

Com a acessibilidade comunicativa, a pessoa surda é reconhecida como parte de uma comunidade minoritária, construída a partir da aquisição da Língua de Sinais, podendo apropriar-se da cultura surda e participando da prática social na comunidade surda. Dentro desse conjunto, o sujeito surdo encontra outros sujeitos surdos para construir a sua multicultural social.

Esse contexto nos leva ao ponto de interesse sobre as apropriações e as práticas sociais pelos sujeitos surdos no ambiente digital, sobre a construção cultural, sobre as formas identitárias de comunicação gregária no ciberespaço e sobre como essas apropriações possibilitam que se espalhem as práticas de cidadania comunicativa dos indivíduos. É sabido que, já antes do surgimento da internet, havia um progresso técnico baseado na midiaticização, os seus estudos vinculados com a cultura, identidade e ciência, e outra dimensão, por meio dos objetos de investigação como televisão, rádio, cinema, jornal entre outros. O trabalho dessas mídias faz com que os indivíduos fiquem ligados e estejam mais próximos com as notícias e informações que circulam no mundo; é a fase da ubiquidade e da disciplina.

Neste cenário, a pesquisadora traz a posição da “globalização”, que é o que faz os sujeitos se inserirem na rede social, o FBK, ao mesmo tempo em que o FBK insere os sujeitos. Nesse sentido o processo de globalização é entendido

“como um conjunto de estratégias para realizar a hegemonia de conglomerados industriais, corporações financeiras, *majors* do cinema, da televisão, da música e da informática, para apropriar-se dos recursos naturais e culturais, do trabalho, do ócio e do dinheiro dos países pobres, subordinando-os à exploração concentrada com que esses atores reordenam o mundo na segunda metade do século XX. Mas a globalização é também o horizonte imaginado por sujeitos coletivos e individuais, isto é, por governos e empresas dos países dependentes, por produtores de cinema e televisão, artistas e intelectuais, que desejam inserir seus produtos em mercados mais amplos.” (CANCLINI, 2007, p. 29).

⁶ Dados recolhidos no site:

http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf Acessos em: 25 nov. 2013 e 31 ago. 2014.

Conforme explica LEMOS (2013, p. 139), o ciberespaço “é um fenômeno social” que cria a interatividade social, onde as pessoas podem se conectar a indivíduos para formar as comunidades.

A internet comporta, hoje, grande participação em grupos sociais como listas de discussão, *chats* e fóruns. A agregação comunitária no ciberespaço comporta a relação de proximidade e de sentimento entre os sujeitos, mesmo sem a existência do contato físico. Por meio do acesso à internet, as pessoas no ambiente digital desenvolvem a dinâmica do sistema multicultural de comunicação.

Essa possibilidade que a internet nos oferece incorporação no mundo digital do corpo físico, Lemos completa que

“Através da imersão, podemos nos sentir parte deste mundo, sendo este o sentimento de pertencimento a uma realidade. Já a navegação é a forma como nos deslocamos nos mundos de síntese. Assim, em um mundo simulado (uma molécula, uma cidade, uma casa, uma cozinha), a imersão permite que tenhamos o sentimento de estarmos dentro de um universo. Já a navegação é a sensação de nos deslocar, de poder olhar a partir de outras perspectivas, de tocar e mesmo mudar o curso dos acontecimentos. A navegação é o trajeto pelo fluxo da informação.” (LEMOS, 2013, p. 158).

Ao abordar as mediações culturais parte-se da vivência do sujeito, já que a mediação contém a ideia de unir, ligar, criar laços, pontes e interfaces. O fundamento desta mediação é a comunicação, a integração dinâmica, criativa englobando a subjetividade coletiva – a das comunidades.

O multiculturalismo tem o valor da diversidade humana e social, que atravessa as comunidades e nos possibilita construir uma reflexão ampliada sobre a perspectiva do cidadão surdo comunicante. Desta forma, partindo do estudo das dimensões cultural e comunicacional, dentro da conceituação de cidadania comunicativa, a autora propõe a análise das comunidades surdas a partir dos vínculos multicultural e de mestiçagem.

Em função da comprovação acerca dos caminhos que se pretende desenvolver nessa pesquisa científica acadêmica, a pesquisadora teve que buscar bases de banco de dados e de pesquisa documental sobre *redes sociais* (Orkut, Facebook e outros) e *comunidades digitais* (alguns trabalhos utilizavam comunidades virtuais). Esta constatou que há poucos estudos voltados às comunidades surdas, em relação à internet e tecnologias, o que prova a necessidade de se desenvolver pesquisas empíricas que olhem com mais atenção para aspectos como culturas em comunidades digitais, cidadanias comunicativas em sujeitos surdos, bem como a relação entre a interiorização dessas comunidades e os conflitos nas

políticas culturais – comunicação coletiva; e experimentação linguística e produção intelectual (competência midiática).

A motivação da pesquisa, para a pesquisadora, é a busca por compreender os conhecimentos adquiridos, na prática, pelo objeto de estudo, os sujeitos surdos dos três ambientes digitais da rede social FBK: *Associação da comunidade surda brasileira do Facebook*; 2. *Comunidade surda (DEAF/SORDO)* e 3. *Comunidade e Cultura Surda do Rio Grande do Sul*.

O FBK chegou ao Brasil em 2007, e em pouco tempo se tornou a maior rede social no Brasil, também pela extraordinária ação dos sujeitos surdos neste ambiente digital, onde cada surdo tem um perfil montado com foto, com imagem que indica que é uma pessoa surda, usuário da língua de sinais ou, também, participante ativo da comunidade surda. E aí pode compartilhar experiências, opiniões, discussões, entre outros. Cada pessoa surda da rede social busca trocas de conhecimentos e informações dos anúncios/notícias surgidas na página dos grupos.

A pesquisadora deste fenômeno científico possui um perfil ativo no FBK e tem experiências com a língua de sinais e com as comunidades surdas, pois é surda e usuária da língua dos surdos. Essas experiências ajudaram na pesquisa dos três grupos do FBK, que serviram de objeto de pesquisa no campo da Comunicação e de outras áreas relacionadas aos temas como sujeitos surdos, cidadanias comunicativas e culturas.

É interesse comentar que os sujeitos surdos das comunidades surdas em diferentes regiões do Brasil passaram a criar grupos com temas específicos no FBK (educação, esporte, viagem, saúde, evento e outros), com o objetivo de reunir as pessoas no Brasil e no mundo que pudessem levar à conectividade informativa.

O contato com os três grupos teve início em 2014. A ACSBF possui mais de 4 mil usuários, a CS apresenta mais de 13 mil membros e o CCSRS conta com mais de 900 participantes – a pesquisadora teve a oportunidade de observar as características de cada grupo, também pôde verificar as atividades desenvolvidas nas páginas.

A rede social FBK é um sistema social articulado por interações e laços sociais que estão construídos por elementos como as *conexões entre os atores* (RECUERO, 2009). Os movimentos de conexão dos grupos sociais envolvem diversos atores. A partir daí, a pesquisa comporta o problema de como as estruturas sociais surgem e como são compostas por meio da comunicação, da cultura e da cidadania comunicativa.

Tendo como objeto de observação a ideia de que os três grupos de surdos do FBK são redes sociais agregadoras de comunidades digitais, a partir dos sujeitos comunicantes

surdos – ficou estabelecido um eixo para investigar uma leitura sobre o processo comunicativo, presente na prática cultural. Assim, os grupos são configurados por membros ouvintes e surdos de diferentes perfis, e a pesquisa está focalizada nas dinâmicas culturais e nas cidadanias comunicativas, especificamente do FBK, tanto *on-line* quanto *offline*, tendo como pergunta central norteadora nesta pesquisa: *Como se identificam os processos comunicativos digitais nas apropriações dos sujeitos surdos do FBK?*

Essa questão principal permitiu construir os objetivos geral e específicos da pesquisa, que são apresentados em seguida.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo geral

O objetivo geral da pesquisa é observar e identificar como ocorre a apropriação dos processos comunicativos digitais dos sujeitos surdos no *Facebook*.

1.2.2 Objetivos específicos

- Observar sistematicamente os usos e apropriações comunicativas das mídias digitais pelos sujeitos surdos dos grupos do *Facebook*: 1) **Associação da comunidade surda brasileira do *Facebook***⁷, 2) **Comunidade surda (DEAF/SORDO)**⁸ e 3) **Comunidade e Cultura Surda do Rio Grande do Sul**⁹.
- Contextualizar histórica, social e culturalmente a constituição dos processos comunicativos e midiáticos surdos no Brasil, na contemporaneidade.
- Identificar as competências midiáticas e tecnológicas dos sujeitos surdos para a construção de sua cultura comunicativa digital.
- Mostrar os processos de construção da cidadania comunicativa nos três ambientes digitais.
- Registrar, descrever e analisar os processos comunicativos digitais dos sujeitos surdos nos três ambientes.

⁷ Será utilizada a sigla ACSBF.

⁸ Será utilizada a sigla CS.

⁹ Será utilizada a sigla CCSRS.

- Apresentar as trajetórias comunicativas dos sujeitos surdos nos processos de estruturação de suas comunidades digitais.

1.3 JUSTIFICATIVA

Antes de justificar o porquê da escolha do tema, eu, a pesquisadora, passo a falar na primeira pessoa. Gostaria de explicar um pouco sobre a pequena trajetória da minha vida. Na descrição biográfica, pretendo dividir com vocês, leitores, as memórias do que vivi durante alguns momentos com minha família, meus amigos surdos e ouvintes, meus professores, dentre outros.

Sabe-se que biografar é realizar uma descrição de fatos pessoais, podendo a história de vida conter fotos que testemunham os acontecimentos vividos. Porém, aqui, é parte da tese de doutorado, um trabalho científico e acadêmico, defendido em público, para um grupo de doutores. Deixarei, portanto, as fotos anexadas e farei um descritivo de algumas partes da minha experiência pessoal.

Da infância até a juventude, aprendi muitas formas de ver o mundo: a arte me mostrou a forma de expressar as minhas emoções. Foi por meio da pintura, da música e da dança. Na música¹⁰ aprendi a tocar piano, lendo partituras e sentindo as vibrações nos meus pés; a dança¹¹ me colocou que era possível exercitar o corpo mesmo escutando muito pouco. A escola especial para surdos em Porto Alegre foi uma das minhas inspirações, pois encontrei o meu universo - a Língua de Sinais e os surdos (a identificação do ser surdo). Também as viagens, realizadas por diferentes países¹² aos quais meus pais¹³ me levavam e onde mostravam as diversidades culturais. Estes foram os recursos oferecidos como parte da minha educação e da de meus irmãos. E os valores cristãos, a amizade, o amor ao estudo e ao trabalho fundamentaram minha formação.

Quando optei pelo curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo, em 2005, tive influência e ajuda dos meus estudos da arte, vendo neste campo uma forma para expandir a criatividade que sempre motivou minha vida e minha formação acadêmica. Após a

¹⁰ Estudei piano durante 15 anos na escola Tio Zequinha em Porto Alegre (1990 – 2005). Foto em ANEXOS.

¹¹ Estudei ballet e jazz durante 4 anos na escola Ballet em Porto Alegre (1990 – 1994). Foto em ANEXOS.

¹² Nossa viagem à Europa. Foto em ANEXOS.

¹³ Minha família (2015). Foto em ANEXOS.

conclusão da graduação, ao perceber a dificuldade de levar o conhecimento adquirido de forma continuada para a comunidade surda, ousei tornar-me educadora em Libras.

O caminho percorrido para tornar-me professora de Libras começou quando surgiu um convite para realizar um curso de formação para instrutores surdos na FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos, em Porto Alegre. No modo de produção linguística pela língua de sinais, com os futuros professores (instrutores) surdos, reconheci o dom de ensinar e aprendi a amar a língua de sinais.

A partir da minha experiência profissional, fui selecionada em um concurso pela FADERS – Fundação de Articulação e Desenvolvimento de Políticas Públicas para Pessoas com Deficiência e com Altas Habilidades no Rio Grande do Sul, para ser instrutora de Libras. Fui trabalhar numa escola para surdos que chamava Escola Lilian Mazon, situada em Porto Alegre, e lá tive oportunidade de acolher estes alunos, professores, funcionários e familiares. Sinalizava que ensinar Libras não é só construir conhecimento histórico, e sim inspirar a poesia, a dança e a arte com o uso do corpo. Queria mostrar o valor da pessoa surda contando a história da minha vida e tive a impressão que os olhos dos alunos surdos brilharam; finalmente conseguiram se doar à vida e entenderam que tudo é possível.

Durante este período, iniciei meus trabalhos como professora universitária, tendo ministrado, a diversas turmas de alunos ouvintes, a disciplina de Libras (obrigatória e eletiva). Ao abrir os meus olhos vi, nessa oportunidade, uma forma de detectar a importância de ser pessoa surda, a relevância da comunicação e a deferência dentro dela. Também, de possibilitar a integração entre os surdos e os ouvintes, apresentando o costume, a história, a cultura, a identidade e outros pontos de vistas fundamentais. Nessa disciplina, tento buscar os alunos para dentro do universo dos surdos. São “conversas em todo canto, e eu não consigo entender nada; *eu* me sinto como os surdos, hoje sou eu o sem voz – o deficiente, a minoria naquela grande comunidade usuária da língua de sinais”, como descreve Sacks (2010, p. 111). Atualmente, ministro a disciplina de Libras em diferentes cursos de graduação de uma instituição de Ensino Superior do Rio Grande do Sul, a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), onde aprendo a dialogar com outras áreas, como Letras e Ciências Sociais, colocando a Educação, dentro deste contexto, como plataforma de um processo cultural.

Ao ingressar para o Mestrado em Educação, em 2008, na linha dos Estudos Culturais em Educação, na Faculdade de Educação da UFRGS, recebi muitas informações novas dos professores, colegas e de minha orientadora. Após muita pesquisa,

elaborei a dissertação com o título: “PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS – PROLIBRAS: representações sobre uso e ensino da Libras”. O foco do tema desta dissertação de mestrado estava voltado às questões propostas nos exames de Proficiência em Língua Brasileira de Sinais, realizados em nível nacional, elaborados e executados pela Comissão Permanente de Vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina (COPERVE/UFSC), por intermédio de uma equipe de professores surdos e intérpretes que se dedicam à elaboração e avaliação das provas. Partindo disto, busquei dar continuidade, vinculei-me, como aluna especial, a programas de pós-graduação em Comunicação e Educação, cursando disciplinas e ampliando minha reflexão e produção científica.

No ingresso ao doutorado em Ciências da Comunicação, as disciplinas cursadas foram uma experiência marcante, pois tive a oportunidade de poder juntar as peças do velho e dos novos conhecimentos para descobrir e apropriar minhas bagagens teóricas e metodológicas, corroborando que “as regiões do saber científico são determinadas pela *reflexão*” (Bachelard, 1983, p. 27). Nesta perspectiva, o desenvolvimento do argumento pela reflexão tem importante papel para qualquer ser humano/pesquisador, pois este necessita acrescentar aos conhecimentos que fundamentam seu estudo, os conceitos produzidos e descobrir a dimensão dos novos conceitos que se deve adotar durante a pesquisa empírica.

As disciplinas cursadas apresentaram diversas referências bibliográficas, e uma delas, Processos Midiáticos, me ajudou a reconhecer que a pesquisa não está inserida em um único eixo fixo. Ela é estruturada por uma variedade de eixos temáticos que, por sua vez, em exame da lógica e das estratégias comunicacionais de transformações culturais, pelos sujeitos sociais, se consideram como recorte de produção e circulação de informações.

O entendimento da pesquisa em “campo midiático” é amplo, pois diz respeito ao conhecimento da mídia, que trata do estudo por meio de seus dispositivos técnicos de mediação, produção e interação. Sob essa perspectiva, Martín-Barbero (2009), em sua obra *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, elaborou um mapa noturno com vestígios para compreender as suas articulações entre comunicação, cultura e política, sendo que

“[...] a tendência mais secreta parece ser outra: avançar tateando, sem mapa ou tendo apenas um mapa *noturno*. Um mapa que sirva para questionar as mesmas coisas – dominação, produção e trabalho – mas a partir do outro lado: as

brechas, o consumo e o prazer. Um mapa que não sirva para a fuga, e sim para o reconhecimento da situação a partir das mediações e dos sujeitos.” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 290).

Este mapa noturno não simboliza a metodologia, mas sim o espaço estratégico para se encontrar as mediações e os sujeitos que se situam nos processos comunicacional e cultural. Por outro lado, o paradigma das teorias críticas da comunicação privilegia as dimensões que se aproximam politicamente do panorama das práticas sociais.

Contudo, para que tudo saísse conforme o prazo de entrega do projeto da tese, tive que elaborar um planejamento dos estudos mensais (mapeamento por passos de organização, o cronograma, diário ou agenda) desta pesquisa.

E quanto às minhas produções científicas, vivi momentos de experiências enriquecedoras. Em 2014, em um evento ABCIBER, o artigo nomeado de “A comunidade surda digital no Facebook¹⁴” foi aceito. Posteriormente, em 2015, decidi enviar outro artigo para o INTERCOM, “A apropriação de cidadania comunicativa surda no Facebook¹⁵”. Consegui somar todos os critérios e também foi aprovado. Então, em 2016, percebi que estava pronta e preparada para publicar em alguma revista, e tomei coragem para submeter outro artigo. A minha felicidade foi em dobro, pois foi aceito pela Revista Letras Raras, com o título “As fronteiras midiáticas na comunidade surda¹⁶”. E durante esse percurso, enriqueci minhas reflexões e concentrei minhas atividades na carreira acadêmica, com dedicação voltada, integralmente, ao ensino e à pesquisa.

Por estar inserida nas comunidades surdas e atuar como professora de Libras, acumulando atividades profissionais e pessoais, afirmo que investigar as comunidades surdas na rede social, nas *construções culturais e comunicacionais* elaboradas pelos sujeitos comunicantes surdos, focaliza os *processos comunicacionais e midiáticos*, o que abre o espaço de estudo acerca da interação e da apropriação do uso da mídia, por meio da construção de produção digital.

É sabido que a inserção dos sujeitos comunicantes surdos em processos midiáticos contemporâneos é uma consequência de fatores que influenciaram a nossa sociedade: o uso das tecnologias e as produções digitais em troca de conhecimentos e de informações. A mídia, principalmente o computador, e o *nanocomputador*, especialmente, são, portanto, percebidos enquanto parte de sistemas midiáticos, que colaboram como atores

¹⁴ http://www.abciber.org.br/simposio2014/anais/GTs/janaina_pereira_claudio_76.pdf

¹⁵ <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-2797-1.pdf>

¹⁶ <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/579>

digitais de bens simbólicos, investigados nas suas práticas cotidianas e nas circunstâncias que envolvem os sujeitos ativos.

Neste sentido, o meu primeiro contato com a internet foi através de computadores. Depois veio o celular móvel – nanocomputador, que foi o aparelho que facilitou a minha vida – podia, e ainda posso carregar na minha bolsa e levar a qualquer lugar. Para onde eu vou, ele anda comigo como um valioso objeto de comunicação e de informação. Isso mexe com a gente, a nossa mente, o nosso cérebro, pois seguimos os rituais de: olhar as mensagens, comentar ou curtir as mensagens, as fotos e os vídeos, postar algumas novidades, boas ou não. É opinar, participar, criticar, acreditar, viver, sonhar, conviver. É integrar outras relações que reúnem o modo de ser sujeito no ambiente digital.

A partir desse enfoque, é fundamental apresentar a minha experiência com o uso das redes sociais, especificamente o Facebook. Ele foi lançado em 2004, mas só em 2011 preenchi o cadastro e iniciei a navegação. Antes disso, utilizava somente o Orkut para encontrar os meus amigos e manter contatos. Mas quando começaram a desaparecer do Orkut, percebi que eles tinham resolvido “mudar de casa” para o FBK. E no começo surgiram algumas dúvidas: Será que o FBK vai durar muito tempo? Será que vai acabar o Orkut? Demorei algumas semanas, meses, e tomei coragem para conversar com os meus amigos surdos, perguntando se valeria apenas acessar a outra rede social (FBK). Muitos deles afirmaram a importância do uso e alegraram que o FBK tinha diversas vantagens: facilidade de informações, encontro de grupos, de amigos e outros. Tudo era novo para mim, para eles e para o mundo inteiro! A plataforma do FBK apresenta diversas opções: perfis, grupos, mensagens, eventos, fotos, jogos, aplicativos, amigos, notícias e muito mais. Com esse crescimento ao público, o FBK realmente virou alvo dos olhos da comunidade surda, possibilitando a interação e a criação do canal de comunicação.

Os grupos digitais criados no FBK, que são fenômenos socioculturais que compõem o processo da mediação e midiatização no nosso país, aparecem como uma estratégia fundamental na perspectiva de encontro do *outro* e para enriquecer a troca de informação visual, como acontece com tantos *outros surdos*, mundialmente, que aproximam bem as ideias, opiniões, discussões acerca dos direitos da educação, da vida social, da língua, da diferença, estabelecendo novas formas de contato e novas formas de existência.

A análise das construções dos sujeitos surdos como aspecto da construção cultural midiatizada contribui diretamente para os estudos comunicacionais nesse campo, bem como para investigar as práticas sociais desses grupos do FBK no que diz respeito às culturas, suas cidadanias comunicativas no Rio Grande do Sul. Assim, a pesquisa em

questão, de natureza investigativa, pode ajudar as instituições e os sujeitos surdos ou não, em termos de construção e procedimentos da cidadania comunicativa surda, bem como no acompanhamento dos encontros de argumentos e reflexões que estruturam os seus elementos sociais, históricos e culturais.

Em 08 de maio de 2015, no exame de qualificação de doutoramento, a pesquisa era intitulada *O olhar nas construções culturais e comunicacionais nas comunidades surdas no Facebook: pelos sujeitos comunicantes surdos*, e como objeto de pesquisa, era decorrente da reflexão da pesquisadora sobre seu olhar para a comunicação, e sobre o qual será realizado um estudo mais aprofundado. O termo “olhar” foi uma descrição utilizada pelo autor Skliar¹⁷, por meio da qual ele tenta trazer novos olhares para a educação dos surdos no Brasil, assim como propõe os Estudos Surdos em Educação dentro de um discurso sobre a diferença, as culturas surdas, as identidades, as comunidades e outros temas representados na sua obra.

Os modos de estudo empírico nesta tese refletem plenamente o pensamento da pesquisadora e evoluem para que possa aprofundar-se e ampliar suas significações de ideias e seus processos alcançados vinculados no título. A inserção das experiências favorece mudança/alteração do tema para definir ou lapidar melhor aquilo no qual realmente a pesquisa foi estruturada. Assim, logo ficou intitulada ***A cultura dos sujeitos comunicantes surdos: construções da cidadania comunicativa e comunicacional digital no Facebook***. Percebe-se que o título traz três pilares consideráveis como a cultura, a cidadania comunicativa e a comunicação pelos sujeitos surdos, que acontecem durante as análises teóricas e metodológicas do objeto de pesquisa, o FBK.

1.4 ESQUEMA SINÓPTICO DA PROBLEMÁTICA

Segue um esquema que sistematiza os aspectos da problemática investigada conforme nossa proposta da tese.

¹⁷Skliar, Carlos. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

Quadro 1– Síntese gráfica da problemática.



Fonte: Elaboração da autora da tese.

2. A CONTEXTUALIZAÇÃO DOS SUJEITOS SURDOS NO BRASIL

Para dar continuidade ao capítulo anterior, pretendemos mostrar a importância da pesquisa acerca das comunidades surdas no Brasil, referência do objeto desta pesquisa. Também conhecer os aspectos demográficos da população dos deficientes auditivos e compreender as mudanças significativas no campo da surdez. Além disso, apresentar os caminhos percorridos pelos estudos dos surdos no Brasil que abrangem, por exemplo, a legislação da língua de sinais, que garante a comunicação dos surdos, os pesquisadores que analisaram a situação dos sujeitos surdos e a relação com os meios de comunicação.

Nesse sentido, também costuraremos uma perspectiva histórica acerca das pessoas surdas, o que possibilitará compreender a história da educação surda, da representação do sujeito surdo, dos meios de comunicação digital e dos meios de comunicação na comunidade surda. E, sobretudo, contribuir com reflexões e argumentos que considerem os estudos sobre a existência de comunidades surdas e suas configurações como grupo minoritário e diferente. Além disso, a identidade cultural das pessoas surdas, que está em um processo de movimento contínuo.

Sabemos que a contextualização é estudada dentro de uma perspectiva história e dentro da apropriação do contexto no qual são identificados o problema, as ideias, os conhecimentos e os fatos. Compreendo que a contextualização permite concretizar um *problema de pesquisa*, conforme o autor descreve:

A *contextualização* permite uma visão abrangente e ao mesmo tempo particular, e situa o *contexto do problema* como articulador dos outros contextos na estruturação da pesquisa. Ela fortalece os aspectos históricos, culturais, éticos, sociais e políticos da investigação, evitando que seja reduzida a um exercício abstrato, ou a um jogo repetitivo de palavras solenes, sem vínculos com a realidade da região, do país e do mundo. (MALDONADO, 2011, p. 281).

Portanto, para desenvolver um *problema de pesquisa*, o (a) pesquisador (a) tem a obrigação de explicar claramente o problema que será estudado. Contextualizar um problema de pesquisa é saber descrever as informações dadas pelo (a) pesquisador (a), suas reflexões, e também planejar a estruturação da pesquisa em seus contextos. O importante é apresentar a forma descritiva sobre a realidade sociocultural e histórica pela qual passa o objeto de pesquisa a ser investigado. E é importante lembrar-se da delimitação e da identificação do problema a ser trabalhado no processo da tese.

Diante disso, é importante observar no argumento de Maldonado (2011, p. 280) um processo de reflexão que deve aprofundar, sistematizar e que imprime “*valor sócio-histórico e científico* aos projetos”. De acordo com sua ideia fundamental, “é saber construir o complexo estrutural que dá conta do *contexto midiático*, do *contexto comunicativo* que configura a sua particularidade como *problema/objeto* de investigação” (2011, p. 280). Todos os trabalhos de contextualização devem expressar a necessidade de construir esses contextos, *mediático* e *comunicativo*, para articular sistemas, culturas midiáticas e processos de comunicação.

Compartilhando as ideias de Maldonado:

...a formulação de uma estrutura de *contextos múltiplos*, que participam na configuração de uma *problemática*, supõe uma imersão inventiva em cada um desses contextos. Isso implica a realização de procedimentos de *planejamento, exploração, aproximação, reconhecimento, observação sistemática, experimentação, vivência, investigação teórica* e a busca de caminhos de reflexão, análise e sistematização dos elementos do *contexto* para compreender o nosso *problema/objeto* de investigação. (MALDONADO, 2011, p. 281 e 282).

Dessa forma, a configuração das hipóteses de uma *problemática* envolve a realização da produção de uma pesquisa. E isso deve levar aos processos de planejamento, exploração, aproximação, reconhecimento, experimentação, além da busca de profunda reflexão, análise e sistematização das dimensões do contexto para se chegar ao entendimento sobre o *problema de pesquisa*.

Na perspectiva da problematização desta tese, início uma apresentação sobre a população de pessoas surdas no Brasil, inserida no Censo Demográfico¹⁸ que pesquisou as deficiências - visual, auditiva, mental, motora e seus graus de severidade. O objeto de pesquisa nesta tese está focado na construção dos sujeitos comunicantes surdos nas práticas identitárias culturais. Portanto, para construir essa *problemática*, busquei elaborá-la considerando a perspectiva dos números existentes sobre as pessoas surdas no nosso país. A população residente por tipo de deficiência auditiva, no Brasil, segundo estimativas de 2010, girava em torno de 9,7 milhões. No Rio Grande do Sul era de 617 mil, e a capital, Porto Alegre, contava com 80 mil de pessoas que declararam ter grande

¹⁸ Fonte de informação no site:
http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf Acesso em: 01 set. 2014 e 08 mar. 2016.

ou alguma dificuldade de ouvir ou falar, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010)¹⁹.

Tabela 1— População residente, por tipo de deficiência, segundo as Grandes Regiões e as Unidades da Federação de 2010

REGIÕES 2010	TOTAL DE POPULAÇÃO: 2010	TOTAL DE DEFICIÊNCIA AUDITIVA (SURDA)	DEFICIÊNCIA AUDITIVA (SURDA)		
			Não conseguem de modo algum	Grande dificuldade	Alguma dificuldade
BRASIL	190.755.799 (100%)	9.717.318 (5,09%)	344.206 (0,18%)	1.798.967 (0,94%)	7.574.145 (3,97%)
RIO GRANDE DO SUL	10.693.929 (5,60%)	617.244 (5,77%)	18.728 (0,17%)	119.980 (1,12%)	478.536 (4,47%)
PORTO ALEGRE	1.409.351 (0,74%)	80.753 (5,72%)	3.116 (0,22%)	14.820 (1,05%)	62.817 (4,45%)

Fonte: Tabela elaborada pela autora.

Com relação aos dados relativos aos tipos de deficiência e aos quantitativos populacionais encontrados no levantamento, tenho algumas dúvidas: a pessoa que “escuta com alguma dificuldade” pode ou não relacionar-se de maneira ativa na comunidade surda, com pessoas surdas? Ou não se ela não for usuária da língua de sinais, significa que essa pessoa, ao adotar o uso dos aparelhos auditivos ou implantes cocleares, da leitura labial e da fala, não assume a sua identidade surda?

Segundo a fonte SBO/IBGE²⁰:

As Academias Americanas de Audiologia, Otorrinolaringologia e Pediatria afirmam que, aproximadamente, 0,1% das crianças no mundo nascem com deficiência auditiva severa e profunda. Nas crianças até dois anos, a surdez pode ser causada por meningite, bacteriana ou virótica (a maior causa de surdez no Brasil, segundo o Instituto Nacional de Educação para Surdos); trauma na cabeça associado à perda de consciência ou fratura craniana; mediação ototóxica; e infecção de ouvido persistente ou com duração de mais de três meses. Assim, ficar atento se a criança tem dificuldade de fala, de aprendizado,

¹⁹ Dados recolhidos no site: www.censo2010.ibge.gov.br Acessos em: 25 nov. 2013 e 31 ago. 2014.

²⁰ Fonte de informação no site: <http://www.winaudio.com.br/produtos-e-servicos/noticias-em-audiologia/3704-deficiencia-auditiva-atinge-98-milhoes-de-brasileiros.html> Acesso em: 01 set. 2014.

se vê ou escuta televisão em volume alto, sempre pede para que se repita a pergunta ou está dentro do grupo de risco para desenvolvimento de perda auditiva é muito importante para detectar o problema. (SBO/IBGE, escrito por Kendra Chihaya, 30 de março de 2012).

Os sintomas indicam que há diferentes tipos de perda auditiva, que podem ter diferentes graus e diferentes causas, como foi citado acima. Segundo site²¹ especializado no assunto, nos Estados Unidos há mais de 31,5 milhões de pessoas com deficiência auditiva.

Linguistas, filósofos, educadores e outros profissionais que estudaram o conceito de surdez afirmam que este, como qualquer outro, sofreu mudanças históricas, sociais e políticas. Historicamente, a definição da surdez foi influenciada pelo contexto clínico-terapêutico, pois usaram para nomeá-la termos como “doente”, “deficiente auditivo” e “surdo-mudo”. Neste sentido, nós optamos pelo termo “diferença”, pois conforme McLaren (1995) explica, a surdez deve ser vista como diferença, mas como resultado de uma construção histórica e social, como efeito de conflitos sociais, e ligada às práticas de representações e de identificações compartilhadas entre as pessoas surdas.

Em seguida, o autor Skliar (1998) descreve, em um recorte, as diferentes representações sobre a surdez: “a surdez constitui uma diferença a ser politicamente reconhecida; a surdez é uma experiência visual; a surdez é uma identidade múltipla ou multifacetada e, finalmente, a surdez está localizada dentro do discurso sobre a deficiência.” (SKLIAR, 1998, p. 11). Para as pessoas surdas, é muito importante poder se relacionar com esses dois argumentos: ser uma pessoa diferente e possuir as suas experiências visuais, além da produção de multifacetadas. O modo eficaz do estudo acerca da surdez tem sido grande avanço no campo da educação. E a língua de sinais que foi construída em um longo caminho de desafios, comprova que essa língua é a base ideal da comunicação para os surdos. Assim:

Os surdos criaram, desenvolveram e transmitiram, de geração em geração, uma língua, cuja modalidade de recepção e produção é viso-gestual. Muitos supõem que essa modalidade linguística nasceu porque a deficiência auditiva impede os surdos de acederem à oralidade. Assim, a língua de sinais deixa de ser vista como um processo e como um produto construído histórica e socialmente pelas comunidades surdas. (SKLIAR, 1998, p. 23).

²¹ Fonte de informação no site: <http://la.cochlearamericas.com/pt-br/sobre-perda-auditiva/tipos-de-perda-auditiva-e-possiveis-tratamentos> Acesso em: 01 set. 2014.

A partir de suas investigações, Skliar²² (1998) reuniu as bases de um estudo científico com foco na reflexão sobre a educação das pessoas surdas. Não podemos esquecer, também, do pesquisador Stokoe²³ (1960) que escreveu trabalhos importantes relacionados à área linguística, nos quais comprovou que a língua de sinais possui uma gramática própria com níveis fonológicos, morfológicos, além de outros elementos.

Portanto, no discurso sobre a surdez devemos considerá-la como diferença e não como deficiência, pois seu estudo conduz a grandes debates sobre os lugares que correspondem aos surdos na educação, no esporte, na sociedade e no trabalho.

A ótica da diferença é uma das dimensões altamente defendidas pela Comunidade Surda. Ela dialoga na defesa dos processos de reconhecimento ético-político da língua dos surdos, portanto, do reconhecimento da cidadania surda. Compreendo que a cidadania comunicativa surda está relacionada com os processos que possibilitam conhecer seus direitos, desenvolver suas práticas sociais e propor seu processo de democracia na sociedade, pois, “a democracia é um valor ético.” (GUARESCHI, 2006, p. 34). À medida que o acesso democrático à rede (internet) é ampliado por meio de políticas populares, com as lutas pela implantação de escolas, empregos e outros, os grupos dos surdos sociais, que antes não tinham voz, passam a poder dizer que têm sua voz sinalizada.

Neste sentido, devemos lembrar que os surdos, como pessoas com deficiência auditiva, têm seus direitos. Portanto, elas estão no processo de sociabilização e têm a necessidade de conviver com as práticas de cidadania comunicativa, que associam as ideias, tanto dos grupos quanto as individuais, às escolhas cotidianas. Essas escolhas são resultado da capacidade que os sujeitos surdos têm de participar, de forma independente e autônoma, dos processos comunicacionais, e que levam à reflexão e à compreensão das práticas da cidadania comunicativa surda.

Foi por meio do movimento surdo no Brasil que ocorreu a articulação das lutas políticas das comunidades surdas. Esse movimento esteve e está vinculado a várias instituições, federações, associações, escolas no Brasil e no mundo. No Brasil, podemos apontar algumas entidades que foram essenciais. A CBDS – Confederação Brasileira de Desportos de Surdos²⁴, que possibilitou que alguns atletas surdos brasileiros conseguissem participar de campeonatos esportivos nacionais e internacionais. As

²² Indico o livro: A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

²³ Indico o livro: Sign language structure: an outline of visual communication systems of the american deaf. Linstok Press, 1978.

²⁴ Site disponível em: <http://cbds.org.br/> Acesso em: 22 jan. 2016.

associações de surdos têm por objetivo reunir estes, seus familiares, ouvintes e interessados. Há associações de surdos em diferentes estados do Brasil, como no Rio Grande do Sul, situadas em Porto Alegre, Esteio, Pelotas e também outros municípios. A Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul²⁵ - SSRS, em seu site, oferece diversas informações que reforçam a existência de pessoas surdas na região e possui um trabalho interessante, cuja estratégia é reunir surdos espalhados nas escolas, nas igrejas e outros lugares do estado. A FENEIS – Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – é uma entidade filantrópica, sem fins lucrativos e de caráter educativo, assistencial e sociocultural. A FENEIS do Rio de Janeiro funciona como matriz. Seu site não foi encontrado, mas no da FENEIS de São Paulo²⁶ foi possível acessar maiores informações acerca da instituição.

O maior movimento surdo no Brasil foi articulado pela FENEIS, que sempre lutou pelos direitos dos surdos no país. A instituição conquistou o espaço educativo comunicacional, o que foi reforçado com a oficialização da LIBRAS, finalmente reconhecida nacionalmente como primeira língua dos surdos, pela Lei nº 10.436 de 24 de abril de 2002²⁷, garantindo o fortalecimento da comunidade surda perante a sociedade. Essa lei ampliou o direito dos surdos a uma cidadania comunicativa.

Na sequência, surgiu o Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005²⁸, com a proposta de implantação e inclusão da Libras, nos cursos de formação de professores, como disciplina curricular obrigatória. Em função disso, muitas pessoas não surdas estão aprendendo a língua dos surdos (Língua Brasileira de Sinais) para poder se comunicar com estes. Esta causa tem sido uma grande vitória para a comunidade surda, pois defende as concepções educacionais de atendimento à diversidade, que exige, nas instituições de ensino, a sistematização da comunicação na inclusão social. O desenvolvimento social acontece porque em todos os lugares as pessoas se encontram, se olham, narram e trocam informações podendo, assim, construir seus vínculos com a sociedade, isto é, a identificação e a apropriação envolvem a vida cotidiana e o universo de opiniões características dos diferentes pensamentos existentes no grupo. E no caso dos surdos, as modalidades visuais e espaciais são os seus meios práticos da comunicação que ajudam na compreensão do contexto social e cultural em que vivemos.

²⁵ Site disponível em: <http://www.srs.org.br/> Acesso em: 25 jan. 2016.

²⁶ Site disponível em: <http://www.feneisp.org.br/index.php> Acesso em: 25 jan. 2016.

²⁷ Legislação completa se encontra no anexo desta tese.

²⁸ Decreto completo se encontra no anexo desta teste.

Nesta perspectiva, a legislação possibilitou, à comunidade surda, o reconhecimento da língua de sinais como forma comunicacional, o que prioriza que as pessoas surdas sejam inseridas tanto na educação como na vida social. Essa mesma legislação abriu muitas portas para comunidade surda: o emprego, com a ampliação do número de funcionários surdos em diferentes setores e níveis; a Carteira Nacional de Habilitação, com a presença do intérprete de Libras nas aulas teóricas, práticas e nas provas; o intérprete de Libras participando em eventos, reuniões e outros lugares públicos; a difusão da Libras nos cursos, nos currículos pedagógicos e acadêmicos; e a formação superior, que foi uma das conquistas mais importantes no Brasil. Em função disso, muitas pessoas surdas conseguiram concluir seus estudos nos cursos de graduação e algumas delas puderam continuar os estudos para atingir graus superiores de mestres, doutores e até pós-doutores.

Todas essas mudanças vêm trazendo, como consequência, crescimento do número de pesquisadores surdos ou não, a pensar na comunicação com a língua de sinais, na educação e na vida cotidiana do sujeito surdo, nas identidades culturais, nas relações de poder, de direito, de igualdade e de diferença que se estabelecem entre a sociedade e grupos minoritários – as comunidades surdas.

As escolas especiais para surdos no Brasil são bem apropriadas para construir um território mais significativo no ambiente educacional e familiar: o contato com outro surdo, a aproximação da família, a construção da identidade, a apropriação da cultura e o reconhecimento da língua de sinais. Mas possibilitam, também, o envolvimento dos próprios surdos no processo de lutas políticas e sociais.

A escola, portanto, tem sido grande alvo para muitas pesquisas científicas e educacionais, políticas e sociais que vêm integrando o movimento de construção concreta e ideal de um currículo adaptado especialmente para os estudantes surdos. Na escola para surdos há toda uma diversidade, pois os sujeitos surdos são diferentes e lá também se encontram professores surdos e ouvintes, familiares e funcionários, o que possibilita aos surdos perceberem as diferenças e descobrir que cada um tem sua história, sua religião, pertence a determinada classe econômica e tem seus modos e rotinas diárias diferentes.

Nesse sentido, é preciso pensar a escola para surdos a partir da diversidade social, pois estes passam por processo de identificação e de integração. E é importante lembrar de que todo esse desenvolvimento do estudante surdo está envolvido em um espaço de produção visual e de representação do ser surdo.

Nessa breve sistematização, apresentarei os seguintes eixos centrais que envolvem a contextualização dessa pesquisa: a breve história da educação dos surdos no Brasil; estudos surdos; meios de comunicação; internet e Facebook.

2.1 PERSPECTIVAS HISTÓRICAS DA EDUCAÇÃO SURDA

A língua [de sinais] que usamos entre nós, sendo uma imagem fiel do objeto expresso, é singularmente apropriada para tornar nossas ideias acuradas e para ampliar nossa compreensão, obrigando-nos a adquirir o hábito da observação e análise constantes. Essa língua é vívida; retrata sentimentos e desenvolve a imaginação. Nenhuma outra língua é mais adequada para transmitir emoções fortes e intensas. (SACKS, 2010, p. 29).

Na abertura deste subcapítulo, a contextualização trata a língua de sinais como registro histórico, pois a língua dos surdos passou por muitas gerações para assegurar a configuração do ser surdo e sua utilização na comunicação. Assim, “os surdos criaram, desenvolveram e transmitiram, de geração em geração, uma língua, cuja modalidade de recepção e produção é viso-gestual” explica Skliar (1998, p. 23).

As escolas para surdos representam questões complexas e problemáticas para os próprios surdos. “Trata-se, por um lado, de que essa língua não é a língua dos professores e profissionais ouvintes; portanto, o problema não é a oposição entre língua oral e língua de sinais”, afirma Skliar (1998, p. 24). A questão está em saber quem, de fato, vai ensinar a língua aos surdos na escola. Antigamente eram os professores ouvintes que ministravam o conhecimento. Mas, graças à formação acadêmica, os surdos comprovaram ter capacidade de atuar como docentes ou em outras funções. Nesse sentido, a circulação da língua de sinais com a presença de professores surdos trouxe uma luz às escolas dos surdos, garantindo, fortemente, que o surdo tem direito à instrução em língua de sinais, ministrada por surdos adultos que são fluentes e experientes na língua.

No caso da história da educação dos surdos, no Brasil, hoje em dia se reconhece que nos registros das práticas pedagógicas, a questão do ouvintismo dominou por muitos anos nas escolas e nas comunidades surdas. Nessa lógica educativa, os surdos eram tratados pelo modelo do *ouvintismo*²⁹, que é entendido como “um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e a narrar-se como se fosse ouvinte.” (SKLIAR, 1998, p. 15). A ideologia dominante queria trazer

²⁹ Termo utilizado pelo pesquisador SKLIAR (1998).

ao processo a ideia da perfeição; assim, os sujeitos surdos eram representados como modelos dos ouvintes, aqueles que falam e escutam.

Segundo Lima (2004):

Essa impossibilidade de pensar, porque não falava, tornava o surdo um sujeito incapaz de se ser educado, pois ele não conseguia se expressar oralmente ou, até mesmo, demonstrar aquilo que sentia a outrem. Em uma palavra, um “não-humano”. Fardo pesado que devia ser conduzido por toda a vida. Essa concepção de o surdo como um “não-humano” persistiu por mais de dois mil anos. Vivendo épocas de sofrimento, de privação e de pobreza extrema, o surdo não encontrava meio de desenvolver nenhuma atividade que lhe permitisse a sobrevivência, pois como não tinha acesso à educação, o trabalho lhe era vetado. (LIMA, 2004, p. 25).

Vale observar que o ouvintismo gerou várias formas de interpretação, entre as quais a que dizia que os surdos não tinham capacidade de ler e de escrever, enquanto não conseguiam identificar os sons, mesmo se comportando como uma pessoa ouvinte. Eles, os surdos, eram pressionados a se ver como deficientes, incapazes e anormais. Também foram proibidos de usar a língua de sinais, condenados a castigos corporais e submetidos brutalmente aos métodos aplicados no ensino da língua oral.

Para Sacks (2010):

...de fato, sempre foi evidente, pelo menos implicitamente, para todos os que têm como primeira língua a língua de sinais, porém sempre foi negado pelos ouvintes e falantes, pessoas que, por mais bem-intencionadas que possam ser, consideram a língua de sinais como algo rudimentar, primitivo, pantomímico, conflagrador. (SACKS, 2010, p. 29).

Ao ler essa frase, como usuária e professora da língua de sinais, a primeira coisa que penso é – Pra quê tanto preconceito?! A proibição do uso da língua de sinais vigorou por muitos anos nas escolas para surdos, pois se achava que não ajudaria na aquisição da fala, da escrita e na identificação dos sons. Refiro-me ao grande prejuízo no processo da comunicação, já que os sujeitos eram configurados como *mudos/deficientes e incapazes mentais*; por outro lado seus pais, familiares, professores e amigos dificilmente se comunicavam por gestos. Como em toda ideologia dominante, o ouvintismo foi marcado pela participação da área da saúde, como a medicina e a fonoaudiologia, que impunham aos próprios surdos a ideia de que sua língua era pobre e sem valor linguístico, além de constrangedora.

Gostaria de compartilhar breve relato acerca da fundação da primeira escola de surdos no mundo. Aconteceu em 1791, e o Instituto Nacional dos Jovens Surdos de Paris

(INJS) apresentava resultados interessantes obtidos pela metodologia utilizada pelo Abade de L'Épée:

Em pouco tempo os resultados positivos da metodologia utilizada pelo Abade L'Épée, fundador da escola de Paris, chamam a atenção de religiosos e educadores e fundam-se inúmeras escolas para surdos na Europa e nos Estados Unidos, com profissionais surdos e ouvintes. As escolas usam as línguas de sinais nacionais e exploram os recursos visuais como a base para pedagogia especial, onde a religião, a moral, a formação profissional e a língua nacional constituíam o núcleo do currículo. (LULKIN, 1998, p. 34).

Assim podemos compreender que as outras escolas para surdos, fundadas pelo mundo, adotaram a proposta pedagógica inventada pelo abade francês, e permitiram desenvolver material visual para trabalhar os sentimentos e a imaginação por meio do uso da língua de sinais. Em resumo, o sistema francês de sinais foi muito importante para que surdos de outros países pudessem criar suas próprias línguas de sinais. Seu modo de comunicação se transformou de forma natural e mais fácil de compreender.

Nesse sentido, é interessante comentar as atividades diretamente ligadas à capacitação para o trabalho. Dentro do seu espaço, o instituto (INJS) oferecia diferentes oficinas de aprendizagem – corte e costura, marcenaria, reparação de calçados, serigrafia e outras. Importante assinalar que as escolhas de atividades como essas, eram motivadas pelas expectativas de pais e docentes que, sem perguntar aos surdos, o que gostariam de ser quando crescessem, definiam aquelas atividades como as ideais. A autora Klein (1998) afirma que as oficinas nas escolas

levam em conta o que os grupos de pessoas consideram adequado para os surdos: há uma unanimidade entre educadores de surdos em reconhecerem certas atividades como áreas *naturais* para os surdos, como, por exemplo, a informática, o desenho, a marcenaria, pois consideram essas, atividades que exigem atenção, concentração – atributos divulgados como próprios das pessoas surdas. (KLEIN, 1998, p. 83 e 84).

A partir dessa contextualização, passaremos a apresentar os acontecimentos da educação dos surdos no Brasil, pois o objeto de estudo nesta pesquisa é focado nos sujeitos surdos brasileiros. E a educação destes no Brasil teve início em meados de 1856, quando chegou ao Rio de Janeiro o professor francês Ernest Huet, surdo e ex-aluno do INJS de Paris, convidado a trabalhar no Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES) fundado no mesmo ano. Segundo relato, “Huet obteve apoio do Reitor do Imperial

Colégio Pedro II” (LULKIN, 1998, p. 38), que contava com essa ajuda para manter em funcionamento o ensino para as crianças surdas no Brasil.

Em 2014, quando recebi de uma colega que participou no Congresso no INES, o livro *O INES e a educação de surdos no Brasil: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos*, publicado em 2008 pela autora Solange Rocha, encontrei informações fundamentais como imagens que marcaram as publicações de jornais. O livro traz novos olhares, novas narrativas acerca do processo educacional dos surdos no estado do Rio de Janeiro, baseados em pesquisas documentais em acervos, livros, relatórios e imagens que marcaram a sua verdadeira existência. Seleccionamos alguns registros fotográficos, impressos em jornais da época, que relacionassem as oficinas e a língua de sinais.

A notícia sobre o Instituto foi publicada no Correio da Manhã do dia 26 de setembro de 1933³⁰, e essa data é comemorada pela criação da primeira escola brasileira para os surdos, o INES. Essa data é um marco histórico que serve para que as escolas surdas no Brasil se organizem para reconhecer as suas lutas pela educação, pela língua, pela comunidade e pela cultura. Por meio do concurso de melhor desenho sobre o INES, realizado também em 1933, o estudante Geraldo Soares de Almeida destacou-se por ter feito o belíssimo suporte artístico arquitetônico. Isso prova que o surdo é capaz de fazer qualquer coisa não importando o nível da surdez.

Ilustração 1 – Estudantes surdos no INES



³⁰ CORREIO DA MANHÃ: 26 de setembro de 1933; a figura está no anexo desta tese.

O INES oferecia, também, oficinas diferenciadas que pudessem levar os estudantes surdos a dominar ou adquirir uma profissão como encadernação, sapataria, alfaiataria, modelagem e marcenaria. Uma experiência ocorrida em 1936 aparece no jornal *A Noite Ilustrada* que:

...realizou uma grande matéria sobre o Instituto, com muitas fotografias que retratavam o ambiente das salas de aula, das oficinas, dos pátios e dos alunos, em muitas das suas atividades. Dentre elas, uma merece destaque: a que deu origem à capa da Revista Espaço, edição comemorativa dos 140 anos do Instituto. Trata-se de uma imagem muito significativa em que dois alunos, sentados na bela escadaria interna da Instituição, conversam em Língua de Sinais. É uma imagem fortemente identificada com os muitos sentidos dessa centenária Instituição. (ROCHA, 2008, p. 71 e 74).

Neste sentido, vale destacar que a publicação da imagem na reportagem do jornal apresenta grande importância para Comunidade Surda, pois o *flash* mostra a naturalidade de ser surdo com a sua comunicação, a Língua de Sinais. As narrativas dos surdos são feitas a partir das suas experiências de comunicação visual e espacial, reforçando, uma cultura visual neste contexto marcando por uma língua que é possível ver, compreender e que expressa melhor o que o surdo quer e tem para dizer. De fato, a questão comunicacional, as práticas das escolas e dos movimentos surdos são prova da luta desse grupo por condições de reconhecimento pela competência e pela capacidade de autonomia intelectual.

A implantação da língua de sinais nos currículos das escolas onde há estudantes surdos e professores surdos foi uma das principais batalhas do movimento surdo e da militância surda. Segundo Lopes (2007):

As lutas pelo reconhecimento da língua de sinais nas escolas, pelo reconhecimento da comunidade surda e pelo fim de práticas oralistas nos trabalhos com sujeitos surdos ocuparam o cenário educacional com mais expressão acadêmica, social e política só a partir do final da década de oitenta e início da de noventa do século XX. (LOPES, 2007, p. 25).

No Rio Grande do Sul, a história é contada pelos surdos de mais idade que conviveram no começo da educação para surdos nesta região. Podemos encontrar registros nas produções acadêmicas da pesquisadora Rangel, em sua dissertação de Mestrado (2004). Com ela tive a oportunidade de compreender a realidade da vida deles quando eu não era nascida. Rangel (2004) explica que:

Em 1966, foi criada a Escola Especial Concórdia. A luta iniciada pelos alunos surdos fez com que fosse a primeira escola do Rio Grande do Sul a abrir perspectivas para o uso da língua de sinais na educação dos surdos. Este fato transcorreu entre os anos de 1980, com a pesquisa que deu *status* de língua, feita por linguistas norte-americanos, e a constatação da importância da mesma para a educação do surdo. Com a abertura do Segundo Grau, na escola Concórdia, os surdos conseguiram seguir para a faculdade, e isso trouxe novas possibilidades para o povo surdo. (RANGEL, 2004, p. 63).

A fundação da escola Concórdia de Porto Alegre teve significado muito especial para a comunidade surda no Rio Grande do Sul. De fato, a escola manifestou a força de vontade de unir os estudantes surdos em um local de aprendizado, de crescimento e de busca de informação - a língua dos surdos foi bem acolhida. Além disso, a abertura do ensino médio nas escolas ajudou os surdos a avançar e a ir mais longe nos seus sonhos - receber o diploma de graduação. Esse foi um ponto a partir do qual tiveram início mudanças radicais, sociais e culturais, provando que as pessoas surdas poderiam alcançar a liberdade de estudar, de escolher a profissão e de comunicar a língua de sinais. Obviamente, na formação dos estudos em uma instituição de ensino superior é imprescindível a presença de intérpretes de Libras em sala de aula para que os surdos possam acompanhar as aulas.

Tais acontecimentos apontaram a necessidade de líderes surdos nas comunidades surdas para continuar construindo movimentos sociais que representassem a ação política e educacional, já que as características das suas lutas exigem um processo de mudança cultural. Hoje ainda, os líderes mais antigos continuam presentes no espaço de lutas dos movimentos surdos, apoiando e dando exemplos para os jovens ou novos líderes da comunidade surda. Os surdos não queriam mais ser *servos*, nem fazer serviços que os humilhasse. Mudaram a história e mostraram sua diferença - assumindo a consciência do que significa ser um sujeito surdo no mundo inteiro.

Conforme o pesquisador surdo Miranda (2001) escreveu em sua dissertação de mestrado:

Sou surdo! O meu jeito de ser já marca a diferença! Neste ponto devia começar a dissertação. Ser surdo, viver nas diferentes comunidades dos surdos, conhecer a cultura, a língua, a história e a representação que atua simbolicamente distinguindo a nós surdos e à comunidade surda é uma marcação para sustentar o tema em questão. A idéia de comunidade surda contestada e continuamente sendo reconstituída, particularmente diante da diferença defendida por poucos surdos e ouvintes de extrema esquerda, se apresenta mais como uma ameaça à representação do outro surdo. (MIRANDA, 2001, p.8).

Nesse sentido, a defesa sobre o ser surdo mostra que eles são humanos, querem apagar o rótulo, o estigma imposto há muitos anos. A partir disso, a Língua de Sinais, que é um valor de diferença cultural, pode ser considerada como o principal fator de comunicação para os sujeitos surdos. O orgulho de ser surdo! A afirmação pessoal destaca o orgulho da diferença, e não da deficiência, dentro do discurso da surdez. Ter orgulho de ser surdo também é um ato político!

Em relação aos sujeitos surdos consta que, ao longo do curso histórico apresentado, foram criadas as bases filosóficas para educação e desenvolvimento desse sujeito no Brasil, dando grande ênfase ao uso obrigatório de aparelhos auditivos e inclusão da disciplina de fono³¹ nas escolas especiais para surdos, a partir dos meados de 1970. Lembro-me muito bem da minha professora nessa disciplina de fono. Ela avisava aos estudantes de que era proibido entrar na sala de aula sem os aparelhos auditivos. Isso me marcou, pois muitos dos meus colegas não gostavam de colocá-los porque faziam muito barulho, eles não conseguiam identificar os sons e tinham dores de cabeças. Comigo foi diferente. Comecei a usar quando tinha apenas dois meses de idade, me acostumei com eles. Quando tiro, sinto um zumbido alto e por causa disso me sinto melhor com aparelho auditivo.

A disciplina foi retirada quando a filosofia bilíngue³² entrou na história, e a maioria dos meus colegas e amigos surdos brindava essa liberdade. Por outro lado, a clínica de fonoaudiologia continuou funcionando, porém, em outros lugares fora das escolas para surdos. Significa que os surdos ainda podem agendar consultas para treinamentos da fala e da audição, e também realizar exame de audiometria com diferentes objetivos: seleção e adaptação de próteses auditivas, identificação do grau de déficit auditivo e emissão de laudo médico que comprove que a pessoa tem deficiência auditiva.

Desta forma, o movimento surdo é um dos fenômenos sociais gerados a partir do pensamento ideológico e simbólico. E ao representar o surdo como uma diferença, a ideia geral é mostrar que ele pretende viver como um cidadão digno e respeitado.

Nesse contexto, abro um livro de história em uma parte da minha experiência pessoal como pessoa surda. Desde que eu era criança, percebo que a comunidade surda nunca parou de lutar pelos seus direitos. Todos os anos, os surdos iam para rua “gritar

³¹ Disciplina de fono funcionava como treinamento da oralização e da audição no período da Filosofia Comunicação Total.

³² O capítulo 3 se baseará nos aspectos de estudos das três filosofias: Oralismo, Comunicação Total e Bilíngüismo.

com as vozes silenciosas” por seus direitos, pois eles tinham seus olhos e suas mãos para unir a força necessária para as batalhas. O caminho dessas lutas pelos direitos é uma longa história, que aqui não pretendo detalhar³³; porém, considero fundamental escrever sobre como eu me senti durante a minha vida numa sociedade majoritária. Quando era um pouco maior (adolescente), andava de ônibus, ia às lojas e outros lugares. Para falar a verdade, eu me sentia um pouco perdida, isolada, pois tudo que aparecia diante dos meus olhos eram as pessoas mexendo as bocas sem parar, e eu, às vezes, não entendia nada. Os sons saiam bem altos, as bocas se mexiam rapidamente, às vezes me dava dor de cabeça. Mas, nunca desisti, mesmo sabendo que eles tinham preconceito por eu ser surda. Não importava o que eles pensavam de mim, pois certamente estavam enganados.

Portanto, há necessidade de entender que essa vida é minha e não tenho pena, nem vou me esconder pelo que sou. Posso dizer que tenho pena daqueles, por não terem me aceitado como uma pessoa normal. Realmente, com o tempo fui aprendendo a me adaptar entre o mundo dos ouvintes e o dos surdos; quando esse encontro acontece com os meus amigos surdos, me sinto aliviada, porque com eles não tenho barreira de comunicação e posso me comunicar com tranquilidade. Um mundo completamente diferente do outro. Se a sociedade soubesse atender e receber o sujeito surdo e se comunicar na língua de sinais (digo, sinais fundamentais e alfabetos manuais em Libras), acredito que terminava essa discriminação e com certeza faria o mundo melhor.

Os saberes dos movimentos sinalizados representam o valor da vida cotidiana e da participação cultural e social. Estes movimentos dão a entender o que a comunidade surda e o sujeito surdo carregam, desde o mundo do silêncio, em termos de igualdade, de direitos, de luta e de diferença. É o que dará cor à vida, a dimensão da dificuldade e da vitória. Diante da necessidade de fazer as tarefas do dia a dia, os projetos de vida, cruzando ou invertendo os caminhos da natureza e da cultura, tem-se que a lógica do ser humano é complexa.

O senso da história da educação dos surdos afirma que para realizar pesquisas sobre esta língua de sinais é importante contextualizar-se para compreender todos os seus valores, perceber as limitações que os surdos foram obrigados a enfrentar e que a história da educação dos surdos é uma história constante de desmistificação de preconceitos, proibições e lutas, como está sendo mostrado neste subcapítulo.

³³ Pesquisadores (MIRANDA, 2007; RANGEL, 2004; PERLIN, 1998; SKLIAR, 1998 e outros) que escreveram seus artigos e dissertações/teses sobre as lutas pelos direitos das pessoas surdas no Brasil.

2.2 OS ESTUDOS SURDOS

A ótica da surdez foi construída em seu percurso histórico, na visão sociopolítica da antropologia, da filosofia, da religião e da medicina, em cujos discursos e narrativas as pessoas surdas eram consideradas como tendo problema da fala e da audição, que interpretavam como falta de algo, em comparação com as pessoas que escutam.

A partir do discurso que marca o sujeito surdo, a diferença cultural também é vista como um atraso de linguagem mental e de aquisição linguística, que o leva a ser tratado como um incapaz. Para provar que os surdos poderiam aprender por meio da língua de sinais e produzir leitura e escrita, foram necessárias ações complexas e tentativas incansáveis. E nestas ações tão batalhadas, os pais ouvintes que tiveram filhos surdos queriam mostrar que eles podiam identificar os significados das palavras e dos sinais em Libras.

Cabe aqui apresentar que os estudos surdos sobre as línguas de sinais tiveram início em 1960, quando o pesquisador linguístico, William Stokoe, realizou uma análise dos aspectos estruturais gramaticais (fonológico, morfológico e sintático) da *American Sign Language* (ASL), que comprovou que as línguas de sinais contêm todos os componentes pertinentes às línguas orais.

Sacks (2010) afirma a importância dos estudos de Stokoe:

Nenhum linguista, nenhum cientista deu atenção à língua de sinais até fins da década de 1950, quando William Stokoe, jovem medievalista e linguista, encontrou seu caminho para o Gallaudet College. Stokoe pensava ter ido para ensinar Chaucer aos surdos, mas logo se deu conta de que havia caído, por sorte ou por acaso, num dos meios linguísticos mais extraordinários do mundo. A língua de sinais, naquela época, não era considerada uma língua propriamente dita, mas uma espécie de pantomima ou código gestual, ou talvez uma espécie de inglês estropeado expresso com as mãos. A genialidade de Stokoe foi perceber, e provar, que não era nada daquilo; que ela satisfazia todos os critérios linguísticos de uma língua genuína, no léxico e na sintaxe, na capacidade de gerar um número infinito de proposições. (SACKS, 2010, p. 70).

Especificamente Stokoe foi uma “salvação” para comunidade surda, internacionalmente falando, pois com seu estudo revelado em 1960, os resultados das análises se espalharam rapidamente para todos os pesquisadores na área da educação, da linguística e os demais.

Conforme Sacks (2010):

Poucos anos depois, graças aos trabalhos de Stokoe, todo o clima da opinião mudara, e uma revolução – uma dupla revolução – estava em processo: uma revolução científica, atentando para a língua de sinais e seus substratos cognitivos e neurais, como ninguém jamais pensara antes em fazer e, uma revolução cultural e política. (SACKS, 2010, p. 71).

Nesta perspectiva, a publicação da obra de Stokoe, *Sign Language Structure e Dictionary of ASL*, em 1965, chamou a atenção, estimulando outros pesquisadores, principalmente, os linguistas, a reconhecer a organização interna dos sistemas de estudos da língua de sinais no país. As pesquisadoras linguísticas, brasileiras, Quadros & Müller (2004), em sua obra *Língua de Sinais Brasileira: estudos linguísticos*, publicada em 2004, descrevem, detalhadamente, suas análises acerca da língua de sinais brasileira, apontando seus aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos. Segundo as autoras Quadros e Müller afirmam, “as línguas de sinais são, portanto, consideradas pela linguística como línguas naturais ou como um sistema linguístico legítimo e não como um problema do surdo ou como uma patologia da linguagem”. (QUADROS & MÜLLER, 2004, p. 30).

Basta observar que pesquisadores surdos como Padden (1983); Perlin (1998); Stumpf (2001); Supalla (2006); Strobel (2007), entre outros, começaram a participar do cenário da pesquisa linguística e educacional sobre as línguas de sinais, a educação e outros campos. Porém, ainda há pouquíssimos surdos pesquisando a língua de sinais no seu próprio país. E entre os pesquisadores não surdos, Skliar (1998); Lopes (1998,2007); Goldfeld (2002); Müller (2004), Quadros (2004), Sacks (2010) entre outros, marcaram a evolução da pesquisa acadêmica, provando que era possível inspirar várias formas de pesquisa, pois ela é um processo sistemático para a construção do conhecimento científico.

Assim Skliar (1998) descreve os Estudos Surdos no contexto da educação:

Os Estudos Surdos em Educação podem ser pensados como um território de investigação educacional e de proposições políticas que, através de um conjunto de concepções linguísticas, culturais, comunitárias e de identidades, definem uma particular aproximação – e não uma aproximação – com o conhecimento e com os discursos sobre a surdez e sobre o mundo dos surdos. (SKLIAR, 1998, p. 29).

O entendimento sobre a articulação dos Estudos Surdos com os Estudos Culturais em Educação destaca as problemáticas que devem ser discutidas. As investigações sobre a surdez, as pessoas surdas, a língua de sinais, assim como a cultura e a identidade necessitam destacar-se nos diversos campos científicos e acadêmicos para produzir diferentes trabalhos intelectuais.

As produções intelectuais vêm contribuindo com as pesquisas dos surdos, em sua maior parte na área educação, tendo como foco de investigação científica as línguas de sinais, as culturas surdas, as identidades surdas, as comunidades e a história, compreendidas a partir da diferença e do seu reconhecimento político. Ainda há uma necessidade de avançar para novas percepções teórico-metodológicas que não só da educação e da linguística, para expandir diferentes saberes intelectuais no mundo. Aponto, nisto, porque muitas pesquisas realizadas são nas linhas da educação e da linguística, o que propicia um bom momento para que os pesquisadores em diferentes campos de estudos possam iniciar e abrir novos caminhos acadêmicos e científicos.

A sistematização dos *Deaf Studies*, também chamados de Estudos Surdos, nos últimos anos tem sido empregada nos departamentos, núcleos e grupos de estudos, como foi no Núcleo de Pesquisa em Políticas Educacionais para Surdos – NUPPES, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS³⁴, que encerrou suas atividades em 2004 e foi um grande pioneiro dos estudos sobre a “comunidade surda” no Brasil. A pesquisa organizada pelo professor e pesquisador Carlos Skliar e envolvendo pesquisadores surdos, para ser a voz da comunidade surda tinha como objetivo promover a reflexão sobre a educação dos surdos, investigando-os no campo político e cultural. E foi responsável pela realização do V Congresso Latino-americano de Educação Bilíngue para Surdos, no ano de 1999, do qual participei. Quando o NUPPES marcou o encerramento das atividades, surgiu outro grupo vinculado à UFRGS, o Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Educação de Surdos, GIPES, na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, que também passou a atuar no Grupo de Estudos Surdos – GES. E outras instituições passaram a atuar no grupo de pesquisa voltada ao tema de Surdos, de forma livre de qualquer influência.

A partir dos encontros dos pesquisadores surdos brasileiros, as pesquisas ganharam argumentos críticos acerca dos métodos tradicionais da educação de surdos e conseguiram apresentar outras perspectivas para os próprios surdos, como a chance de reconhecer sua redimível língua, de reestudar a sua cultura e de reconstruir o seu povo. No decorrer da história, os surdos no Brasil sempre viram sua cultura e sua identidade serem reconstruídas por meio de discurso dominante. Porém, o novo posicionamento político-pedagógico sobre a estratégia educativa para os surdos provocou fortemente os pesquisadores a levar as suas investigações sobre as escolas atuais, na perspectiva dos

³⁴Este núcleo era composto por professores, intérpretes e surdos.

educadores e do processo de aprendizado das duas línguas, para posições pedagógicas mais práticas.

E as pesquisas fizeram com que as comunidades surdas conquistassem mais respeito. Sem dúvida, as produções científicas mostraram à sociedade novos modos de pensar, outros conceitos que adaptam a realidade nas práticas sociais de hoje. A forma de construção de conceitos permitiu unir a comunidade surda e configurar sua ideologia da cultura - a cultura surda.

Paddy Ladd, surdo, escritor e pesquisador de cultura surda, em seu livro *Understanding deaf culture: in search of deafhood*, também fala de uma comunidade surda mundializada. Iniciou a programação de televisão na Grã-Bretanha na década de 1980, trabalhou como o primeiro apresentador surdo de televisão BBC, do programa *Veja para ouvir!* E criou o primeiro curso de mestrado em cultura surda.

Nesse sentido, para trilhar essas ideologias surgiram pesquisas que representassem os Estudos Surdos³⁵, uma tentativa de expor a produção de reflexões, de críticas, de conceitos, dedicada a construir outros olhares sobre a educação dos surdos, os olhares que abordam a compreensão a um direito da educação, da língua e da cidadania.

Por essa razão, é importante entender como tem se dado o processo ideológico de construção pedagógica na educação dos surdos no Brasil, e particularmente, por relações de poder, essa lógica está presente também quando utilizamos as seguintes palavras como língua, comunidade, comunicação, diversidade, cultura, identidade, respeito, direito, reconhecimento, igualdade e democracia.

Nesse contexto, é importante levar em conta as publicações acerca da produção de estudos sobre surdos que marcaram o povo do Brasil. São os livros nomeados *Estudos Surdos*³⁶, compostos por quatro volumes, que foram distribuídos gratuitamente pelo site da editora Arara Azul, anualmente, entre 2006 e 2009.

Conforme Quadros (2006), a coordenadora do projeto explica sobre a participação dos autores surdos nas coleções dos livros *Estudos Surdos*:

A Série Pesquisas em Estudos Surdos é uma ideia que surgiu no sentido de tornar públicas as investigações que estão sendo realizadas na perspectiva dos surdos. As investigações que estão sendo realizadas no Brasil começam a apresentar outras possibilidades que vão além, ou seja, rompem com a mesmidade. Os surdos começam a ser autores, embora, ainda neste primeiro

³⁵ Conforme Skliar “os Estudos Surdos se constituem num programa de pesquisa em educação, onde as identidades, as línguas, os projetos educacionais, a história, a arte, as comunidades e as culturas surdas são focalizados e entendidos a partir da diferença, a partir de seu conhecimento político.” (SKLIAR, 1998, p.5).

³⁶ Fonte: <http://editora-arara-azul.com.br/site/e-books> Acesso em: 16 mar. 2016.

volume, as pesquisas tenham sido produzidas na sua grande maioria por ouvintes. Mesmo assim, esses ouvintes estão sensíveis aos olhares surdos e chamam a atenção para as perspectivas do outro surdo, buscando abrir espaços na academia para os surdos participarem efetivamente do processo de produção de conhecimento. Nos próximos números da série, teremos mais pesquisadores surdos, uma vez que vários deles estão desenvolvendo suas pesquisas e, aos poucos, estarão concluindo suas investigações. Possivelmente, os autores surdos percorrerão caminhos que serão “des”cobertos e que nos mostrarão a relatividade das questões formuladas e das respostas encontradas aqui. (QUADROS, 2006, p. 9).

Nessa perspectiva, podemos compreender que havia poucos surdos formados, raríssimos com formação de pós-graduação como mestrado e doutorado, mas aos poucos foi crescendo o número de sujeitos com titulação acadêmica. De fato, foi um salto significativo para a comunidade surda e para sociedade, já que as pesquisas desenvolvidas por estudiosos surdos lhes permite mostrar sua autoridade no assunto.

Tendo em vista uma mudança social, os surdos recebem diversas oportunidades, como de produzir seus estudos, de sistematizar seus argumentos, de construir seus pensamentos e de fabricar suas pesquisas. Todavia, pesquisar sobre os surdos é um desafio para os pesquisadores surdos ou não, pois neste procedimento irão passar pelos fenômenos da complexidade, procurar resultados gratificantes para que possam transmitir e propagar as suas teorias para outros pensadores, leitores e pesquisadores.

A ideia dos Estudos Surdos é de investigar e analisar os conhecimentos e saberes sobre a Cultura Surda. Portanto, as pesquisas sobre surdos estão em constante produção, em constante modificação e em constante ramificação. Dessa forma, é fundamental deixar claro quando se fizer leituras de artigos, teorias que descrevem os surdos, devemos conhecer um pouco da cultura surda e da história destes, além disso, dos conceitos adotados no posicionamento dos discursos dos sujeitos surdos.

Pensar a comunicação dos sujeitos comunicantes surdos supõe a necessidade da reflexão em caminhos investigativos complexos, na perspectiva dos Estudos Surdos, com ênfase na Comunicação Bilíngue, nas Línguas de Sinais e na Cultura Surda. Portanto, nesse subcapítulo iremos apresentar e dialogar com a formação de estudos surdos de modo a acompanhar processos de pesquisa em ciências da comunicação.

2.3 O ESTUDO DO PROCESSO MIDIÁTICO

Nesse caminho, procuro apresentar minhas observações sobre a construção do processo epistemológico, que vêm ao encontro do conjunto de saberes no campo de

“comunicação e cultura”. Dentro deste, situo a investigação dos processos midiáticos e das práticas socioculturais, permitindo apresentar-me com um olhar observador para desenvolver as reflexões e os argumentos no decorrer deste subcapítulo.

Quando se reúnem, autores-pesquisadores que investigaram, e ainda investigam o campo do processo midiático, têm mostrado que para compreender a epistemologia é necessário desenvolver a produção científica e seus padrões teórico-metodológicos, sem perder de vista a flexibilidade. É inegável que não se pode separar a prática da vida na pesquisa do próprio pesquisador. Dentre tais elementos, a dimensão do conhecimento intelectual se ocupa, nos pensamentos críticos, reflexivos e argumentativos, das tensões teóricas e dos métodos sob o objeto da pesquisa. Nesta busca de construções teórico-metodológicas e epistemológicas podemos afirmar que essas representam um papel fundamental para o sujeito pesquisador contemporâneo, pois aproximam as dimensões do saber, da ideologia, da filosofia, e das “multidimensionais” e “multicontextuais” científicas. (MALDONADO, 2012, p. 35).

Para o pesquisador Maldonado (2012), a construção do conhecimento do pesquisador-científico deve ser bem explorada, estudada, e também deve esclarecer a pesquisa que foi ou está sendo investigada.

Na pesquisa empírica, a vertente *transmetodológica* se diferencia das correntes de pesquisa instrumental, administrativa, que concebem a investigação no estreito campo dos instrumentos de ação. É assim, que a orientação *transmetodológica* empírica demanda um esforço de pesquisa teórica, de argumentação, que atravesse os desenhos, procedimentos, opções, decisões, programas, planos e técnicas (“teoria em ato”) trabalhados na pesquisa empírica. Esses atravessamentos são pensados em termos de aperfeiçoamentos, alargamentos, aprofundamentos e transformações. Por isso, precisam da intervenção da dimensão epistemológica, aglutinadora de todas as dimensões na sua força de esclarecimentos, vinculação, crítica e renovação. (MALDONADO, 2012, p. 38).

Todos estes elementos serão trabalhados em conjunto durante a pesquisa, que será *transmetodológica* empírica, pela necessidade e importância de organizar os passos da tese para que sua construção tenha excelência e seja reconhecida e respeitada.

De acordo com Maldonado (2012), a busca é por uma pesquisa empírica, com o uso das diversas estratégias a serem trabalhadas: crítica, renovação, vinculação e esclarecimento. O que me chamou atenção foi a força dos esclarecimentos, que fazem com que a pesquisa fique bem clara, formando a contextualização do problema e escolhendo os conceitos de forma crítica, discursiva e refletiva.

A partir disto, a pesquisadora da tese traz uma reflexão para se compreender os principais modelos teóricos estudados e os principais âmbitos de pesquisa que caracterizam os estudos sobre a ciência da comunicação. Neste contexto, a autora explica que por meio das leituras que fez enquanto cursava disciplinas do doutorado, encontrou nos textos (artigos, capítulos e outros) um ponto comum e rico, que foi a diversidade de autores científicos, e isso marcou sua caminhada para a construção da tese. Percebeu, de fato, que não há somente uma linha, mas muitas linhas e muitos caminhos para construir uma pesquisa. Além disso, procurou dar conta da pluralidade e proceder à dispersão desse campo de observação científica. Desta forma, a história das teorias da comunicação é “a história das separações e das diversas tentativas de articular ou não os termos do que frequentemente surgiu sob a forma de dicotomias e oposições binárias, mais do que níveis de análises.” (MATTELART, 1999, p. 10).

Nesta perspectiva, podemos observar o pensamento de Rodrigo Alsina (2001), que descreveu a importância do campo de estudo da comunicação a partir do objeto de pesquisa, buscando pensadores de diversas linhas. No seu texto, *Teorías de la comunicación: âmbitos, métodos y perspectivas* (2001), ele nos conta claramente como um estudo da comunicação produz o conhecimento acadêmico e científico. Nesta perspectiva, devemos entender, e também vincular as teorias da comunicação a um objeto de estudo em constante reconstrução e de uma enorme complexidade. Essa obra aponta que as teorias da comunicação ocupam espaço no marco das ciências sociais e realiza um convite para os leitores observarem que as teorias da comunicação se caracterizam por um pluralismo teórico que explica, a partir da perspectiva interpretativa, funcionalista e crítica, as muitas facetas do mundo em que mergulha o estudo da comunicação.

Neste sentido, podemos considerar que as teorias da comunicação são como metadiscursos que, por sua vez, estudam e colaboram com as possibilidades de analisar diversas linhas de pesquisas dos meios, dos processos comunicativos, dos sujeitos, das indústrias das culturas e os demais.

Epistemologicamente, o discurso tem uma compreensão de que o sujeito recebe o primeiro discurso pelo outro sujeito; além disso, é fundamental realizar essa observação de como eles transmitem o discurso deles e como o discurso é um desafio para as trocas de pensamentos, o ato do pensar.

Além disso, o referencial do estudo da comunicação interpessoal e intrapessoal e da comunicação coletiva ou de massas nas teorias da comunicação, é questionado como

uma situação de interação de um indivíduo ou de um comunicador que transmite as informações.

Observados alguns traços passados, podemos inicialmente trazer uma importante visão quando a relação dos processos midiáticos é relacionada pelos pontos fundamentais dos Estudos Culturais, em divergência tanto com o funcionalismo quanto com a teoria crítica: a análise de que o campo da cultura e da comunicação se constitui numa arena decisiva para a luta social e política na sociedade contemporânea e o rumo ao estudo da recepção tem um papel ativo e importante, que pode alterar o resultante de todo o processo. A partir das mediações sociais, as pessoas se relacionam com a comunicação de massa, estabelecendo negociações simbólicas a partir da oferta proposta pelos veículos, mas também de sua visão de mundo, de seus hábitos e crenças, ou seja, de sua cultura.

França (2013) afirma que:

Os Estudos Culturais abriram as portas para as diferentes formas de uso dos produtos culturais, resgataram a legitimidade da satisfação e prazer advindos do consumo de produtos triviais, ressaltaram as lutas e processos identitários. (2013, p. 10).

Neste caso, é difícil pensar a comunicação sem cultura, pois ela tem o papel importante para o estudo das culturas no campo da comunicação, temas como diversidade cultural, pluralismo cultural estão no cotidiano. Do ponto de vista dos estudos culturais, a diversidade cultural é responsável por distintas formas de apropriação e de consumo da produção massiva. E para os estudiosos de Birmingham, o assunto cultura deve ser visto pela diversidade, que está presente em todos os níveis sociais. Atualmente, nessa perspectiva, os Estudos Culturais ganharam o espaço central do conhecimento no ambiente da comunicação.

Neste contexto, Martín-Barbero (2009) apontou a importância da cultura na comunicação: “Pensar os processos de comunicação neste sentido, a partir da cultura, significa deixar de pensá-los a partir das disciplinas e dos meios. Significa romper com a segurança proporcionada pela redução da problemática da comunicação à das tecnologias.” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 287). Nesse caso, percebemos que o autor tenta mostrar o deslocamento do eixo de análise dos meios para as mediações, assim, como, estudar como os usos dos meios pelos sujeitos comunicantes que produzem as suas narrativas televisivas, resultam nesse deslocamento.

Sob essa perspectiva, Martín-Barbero (2009), em sua obra *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, elaborou um mapa noturno com vestígios para compreender as suas articulações entre comunicação, cultura e política, sendo que

“[...] a tendência mais secreta parece ser outra: avançar tateando, sem mapa ou tendo apenas um mapa *noturno*. Um mapa que sirva para questionar as mesmas coisas – dominação, produção e trabalho – mas a partir do outro lado: as brechas, o consumo e o prazer. Um mapa que não sirva para a fuga, e sim para o reconhecimento da situação a partir das mediações e dos sujeitos.” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 290).

Este mapa noturno não simboliza a metodologia, mas sim o espaço estratégico para se encontrar as mediações e os sujeitos que se situam no processo comunicacional e cultural. Por outro lado, o paradigma das teorias críticas da comunicação privilegia as dimensões que se aproximam no panorama das práticas sociais na vida, politicamente, entre os meios.

Para o mapa noturno, Martín-Barbero (2009) propõe três mediações que são fundamentais para desenvolver o estudo de objeto de pesquisa: **a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural**³⁷. A primeira etapa se relata como *unidade básica de audiência*, porque a família e as pessoas são reconhecidas e manifestam suas opiniões, frustrações e ânsias. A segunda etapa, que se refere aos tempos e gêneros organizados pela *televisão* a partir das práticas sociais da *cotidianidade*, é marcada pela repetição e pelo fragmento. A última etapa, a *televisão*, nunca será um espaço para discutir suas políticas culturais, mas sim de comunicação, representando-se como “mediação fundamental entre as lógicas do sistema produtivo e as do sistema de consumo, entre a do formato e a dos modos de ler, dos usos” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 301).

O pesquisador Martín-Barbero (2009) descreve que a *mediação*

“[...] é constituída pelos dispositivos através dos quais a hegemonia transforma, por dentro, o sentido do trabalho e da vida da comunidade. Já que é o próprio sentido do artesanato ou das fases o que é modificado por aquele deslocamento “do étnico ou típico”, que não só para o turista, mas também na comunidade, provoca o esmaecimento da memória que convoca. (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 265).

Neste sentido, pela abordagem sobre mediação de Martín-Barbero, entendemos que a nossa última geração, a internet, ocupa maior tempo do homem contemporâneo,

³⁷ MARTÍN-BARBERO (2009, p. 295-301).

pela expansão de informação em segundos e pela facilidade das trocas de comunicação/informação. Por isso se desenvolve, também, como cultura, pois a internet é um elemento de hegemonia ou dispositivo de mediação da comunidade.

Para Pierre Lévy, das redes de comunicação surgiram novas formas de escrita, “plasticidade digital”, o novo modo de pensar, de relacionar e de tratar a informação, “graças às “infovias” da era pós-mídia, que se tornam o suporte de uma derradeira utopia da comunicação, a da “democracia em tempo real.”” (LÉVY, Pierre citado por MATTELART & MATTELART, 2000, p. 178).

Mattelart & Matterlart descrevem como Guattari, filósofo e psicanalista, acreditava que as tecnologias afetam a subjetividade humana.

(...) ele pensava que as máquinas tecnológicas de informação e comunicação, da informática à robótica, passando pela mídia, operam “no centro da subjetividade humana, não só em suas memórias, em sua inteligência, mas também em sua sensibilidade, em seus afetos e em seu inconsciente.” (GUATTARI, Félix, citado por MATTELART & MATTELART, 2000, p. 180).

O último livro de Guattari foi *Caosmose: um novo paradigma estético*, com vários ensaios sobre temas que vão da ecologia do virtual às práticas analíticas e práticas sociais, que enquadra um pensamento ideológico. Na introdução ele já cita a subjetividade maquínica, “o agenciamento maquínico de subjetivação, aglomera essas diferentes enunciações parciais e se instala de algum modo antes e ao lado da relação sujeito-objeto. (...) um caráter coletivo, é multicomponencial, uma multiplicidade maquínica.” (GUATTARI, 1992, p. 37).

Neste ponto de vista a subjetividade maquínica decompõe a relação sujeito-objeto em uma multiplicidade de linhas que se engendram em diferentes coletividades. O sujeito, por isso, fica “ao lado”, é um “resto” do processo desejante. Lembramos, então, as reflexões do estudo dos sujeitos-objetos e segundo a ciência da comunicação podemos encontrar pensadores que afirmaram a importância da produção de subjetividade. (GUATTARI, 1992; MORIN, 1995; LÉVY, 1997 e outros).

Para dar continuidade a este pensamento da construção de subjetividade, que abrange seu lado psicológico e filosófico, na sociedade contemporânea, no universo da ciência e da política, há o surgimento de diferentes sujeitos, objetos e discursos.

A inovação digital e a sociedade contemporânea, midiaticizada, aparecem nesse contexto, ou como diz Braga (2006),

a sociedade sempre desenvolveu, com variedade, sua produção expressiva. Ao lado de seus processos “de produção”, sempre gerou também procedimentos críticos e interpretativos que, metalinguisticamente, “falam” de seus processos e materiais expressivos e das interações sociais que vão sendo tecidas em torno destes. Por essa perspectiva, e também quando os processos e produtos que nos interessam são os midiáticos. (BRAGA, 2006, p. 57).

Portanto, como esses dispositivos servem de apoio, uma das possibilidades das interações sociais para produzir suas próprias informações, é postar, ora uma reportagem, ora uma foto em seus murais/páginas no *Facebook*, ou nos seus *blogs* pessoais, entre outros. O fato é que a função destes fluxos/interações se constrói no processo de circulação e de informação.

Assim, a comunicação é o movimento social nos meios em que está visualizada também em todas as camadas de pessoas em diferentes faixas etárias. Atualmente, encontramos informações eletrônicas/digitais/virtuais, podendo cada pessoa ter seu próprio jornal/revista como *blog*, canal de TV ou de filmes, como no *Youtube*, e construir sua audiência de mais visualizações compartilhadas. Assim, as redes sociais, *Facebook*, *Twitter* e outras, permitem que os sujeitos comuniquem e compartilhem as notícias que são fundamentais ou não, para que as pessoas tenham participação ativa no processo de produção do conteúdo informativo de relevância social. Podemos dizer que os sujeitos “são conectados em rede de múltiplas formas.” (CASTELLS, 2013, p. 163).

E fica claro que é prioritária a necessidade do compartilhamento contínuo desse tipo de notícia em espaços como *Facebook* e outros ambientes digitais (*youtube*, *e-mails*, *chats* e outros), pois isso possibilita discussões, reflexões, interpretações e informações.

Braga (2006) explica como os processos agem:

Os processos que se passam no sistema de interação social sobre a mídia não se confundem com os processos de produção nem de recepção e devem ser vistos como *necessários* em suas distinção e articulação com os outros dois subsistemas, para uma percepção adequada dos processos midiáticos. (2006, p. 32).

É justamente desta maneira, argumenta o autor, que o sistema de interações sociais sobre a mídia (ou sistema social de resposta) tem assumido os seus trabalhos críticos na sociedade sobre produtos midiáticos. Braga (2006) aponta dois tópicos quando a mídia e seus produtos podem ser considerados críticos:

- a) é crítico porque tensiona processos e produtos midiáticos, gerando dinâmicas de mudanças;

- b) é crítico porque exerce um trabalho analítico-interpretativo, gerando esclarecimento e percepção ampliada.

A inserção dos sujeitos comunicantes surdos em processos midiáticos contemporâneos é uma consequência de fatores que influenciaram a nossa sociedade: o uso das mídias, as produções digitais em trocas de conhecimentos e de informações. As mídias como cinema, televisão, computador, *nanocomputador* e outros recursos são percebidos enquanto parte de sistemas midiáticos, que colaboram como atores digitais de bens simbólicos, e são investigados nas suas práticas cotidianas e nas circunstâncias produzidas pelos sujeitos surdos.

Para dar continuidade ao contexto, as mídias locativas (LEMOS, 2009), termo utilizado pelo pesquisador, adotam a ideia como “dispositivos, sensores e redes digitais sem fio e seus respectivos banco de dados “atentos” a lugares e contextos.” (LEMOS, 2009, p. 91). Ou seja, as “mídias são atentas a lugares e a contextos significa dizer que elas reagem informacionalmente aos mesmos, sendo eles compostos por pessoas, objetos e/ou informação, fixos ou em movimento”, completa o autor. (LEMOS, 2009, p. 91).

Assim, o estudo dos “Processos Midiáticos” estrutura-se ao redor dos diversos eixos temáticos que, por sua vez, examinando lógicas e estratégias comunicacionais de transformações culturais, pelos sujeitos sociais, são considerados como recorte de produção e circulação de informações. Portanto, o conceito de “campo midiático” é amplo, pois diz respeito ao conhecimento da mídia, que trata do estudo por meio de seus dispositivos técnicos de mediação, produção e interação.

O que, logo de início, nessa tese chama atenção é o olhar sem preconceitos sobre a interação da mídia com os deficientes, que nessa perspectiva é marcada pela negociação social – produção de práticas cotidianas e consumidor midiático.

2.4 MEIOS DE COMUNICAÇÃO PARA A COMUNIDADE SURDA

Comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informações. Para a sociedade em geral, a principal fonte da produção social de significado é o processo da comunicação socializada. Esta existe no domínio público, para além da comunicação interpessoal. (CASTELLS, 2013, p. 15).

Neste sentido, devemos entender que a comunicação na sociedade sempre foi construída para compartilhar e expandir informações nos diversos setores econômicos,

políticos, educacionais e culturais, por um processo de aprendizagem, de apropriação e de evolução.

Na perspectiva desta tese, a relação entre os meios de comunicação, os sujeitos surdos e as mídias, que faz pensar sobre tecnologias e traz uma leitura sobre a contextualização das tecnologias da mídia para surdos, não é uma tarefa simples. Não podemos pensar apenas nas mudanças tecnológicas, mas também nas mudanças trazidas pela tecnologia para os comportamentos, as rotinas de vida, acessibilidade, barreiras, comunicação e outros pontos que ajudam na construção do indivíduo/ subjetividade.

O surgimento do telefone e de dispositivos eletrônicos transformou a vida de muitas pessoas surdas. Uma das tecnologias mais antigas que conheço foi o aparelho chamado TDD (*Telecommunications Device For The Deaf*) ou Telefone para Surdos. É o aparelho que permite digitar, enviar e receber as mensagens escritas a serem encaminhadas para quem tem o mesmo aparelho. E quem não tem, deve entrar contato com a CIC 142 – Central de Intermediação da Comunicação, uma central que faz intermediação de ligações para falar com as pessoas ouvintes. E mesmo as pessoas ouvintes que querem ligar para os surdos, podem fazer essas ligações com a CIC 142. O serviço é totalmente gratuito.

No site³⁸ da FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos), encontrei uma reportagem interessante sobre a instalação desses aparelhos em lugares públicos no Brasil. Nos guias de informações³⁹ para instalação de Telefone para Surdos, eles poderão selecionar os seguintes pontos:

- escolas de surdos;
- escolas públicas e particulares;
- faculdades públicas e particulares;
- shopping centers e conjuntos comerciais;
- hospitais públicos e privados;
- postos de saúde;
- casas de eventos culturais;
- aeroportos, rodoviárias e terminais integrados;
- estações de metrô;
- instituições ou associações;
- repartições públicas dos Governos Federal, Estadual e Municipal;

³⁸ Site: http://csjonline.web.br.com/noticia_telefone.htm Acesso em: 02 jun. 2014.

³⁹ Segue o link para o site da FENEIS para maiores esclarecimentos: <http://www.feneis.com.br/>

- delegacias de polícia;
- restaurantes e postos de gasolina nas estradas;
- empresas privadas onde há funcionários portadores de surdez.

A carta de solicitação deverá ser feita em papel timbrado da instituição e ser enviada para a Empresa de Telecomunicações da sua cidade ou do Estado, e em uma semana estarão instalando o telefone. E caso não seja instalado neste prazo, a instituição poderá procurar o Ministério Público Federal ou do Estado e entrar com uma ação.

Na busca por imagens desse aparelho, encontrei uma foto de um Telefone para Surdos (TDD) instalado em um lugar público, e a outra apresenta a intermediação de uma ligação entre um surdo e uma pessoa ouvinte, por meio de um TDD. Seguem abaixo.

Ilustração 2 – Telefone para surdos em lugares públicos²⁴



Ilustração 3 – Intermediação entre TDD, CIC 142 e pessoa ouvinte⁴⁰



O surdo necessita se comunicar, seja com outro surdo ou outra pessoa que saiba sinalizar da língua dos surdos para a Língua Portuguesa, seja por meio da escrita e /ou da

⁴⁰ Site: <http://notisurdo.com.br/tecnohist.html> Acesso em: 02 jun. 2014.

leitura, seja pelas falas sonoras para pessoa ouvinte. O mundo dos surdos é a Língua de Sinais, pois facilita a compreensão da informação visual e espacial, sendo considerada como a melhor forma de comunicação. E a mídia ou a tecnologia, o que têm para oferecer aos surdos?

O equipamento chamado de Viavel⁴¹ oferece o aplicativo que permite realizar ligações pelo computador, celular ou tablet, livrando a barreira de comunicação com as pessoas falantes. Pode-se até comprar um aparelho VPAD+ que funciona com a câmera integrada e programa incluído. Na tela deste aplicativo a comunicação é feita por um intérprete que faz a mediação entre Libras e a fala (audição e voz).

Ilustração 4 – Aparelho VPAD+ da empresa Viavel



Ilustração 5 – Intermediação entre VPAD+, intérprete de Libras e pessoa ouvinte⁴²



Conforme apresentada nas figuras 3 e 4, para dar uma ideia, a tela funciona para bate-papo ou *chat*, *WhatsApp*, *Telegrama*, *Skype* e outras formas de trocar conversas e informações visuais. E assim, a Comunidade Surda tem a oportunidade de comunicação

⁴¹ Site da Viavel Brasil: <http://www.viavelbrasil.com.br/> Acesso em: 24 mar. 2016.

⁴² Fonte: <http://acessibilidadeparasurdos.blogspot.com.br/2012/02/viavel-brasil-oferece-siv-servico-de.html> Acesso em: 24 mar. 2016.

visual ativa. A rapidez da troca de informações tem ajudado os surdos a se comunicar com os outros em diversos lugares como países a distância. Além disso, colocou o sujeito como pessoa independente e capaz de realizar ligações.

Não podemos esquecer outros recursos tecnológicos que permitiram registrar as narrativas surdas, como filmadora; câmera fotográfica com vídeos integrados; nanocomputadores com condição de gravar as filmagens; webcam nas diversas plataformas de uso da internet ou não, quando os computadores e notebooks não tinham câmera integrada. Pelo processo das narrativas visuais, os surdos têm notado que as filmagens visuais podem mediar o processo de conhecimento cultural da comunidade surda, trazendo a transmissão das narrativas registradas e garantindo a língua dos surdos nessa e em futuras gerações.

Na maior parte, os usos dos sujeitos surdos, são os acessos nos seus nanocomputadores, que contêm torpedos de textos e vídeos - *WhatsApp*, *Telegrama*, *Skype*, *Twitter*, *Facebook* e outros; os aplicativos como tradutores de Libras que podem ser baixados – *ProDeaf*⁴³, *Hand Talk*⁴⁴; *Uni LIBRAS*⁴⁵ (especialmente para os aparelhos da Apple) e outros.

Aqui vou mostrar um deles. O aplicativo tem objetivo de ajudar as pessoas ouvintes que não conhecem Libras a aprender a se comunicar com as pessoas surdas. O *ProDeaf*, funciona como tradução de texto e voz na língua portuguesa para Libras e também traduz seu site para a Libras. Para isso é preciso cadastrar para ter o programa instalado.

Ilustração 6 – Aplicativo ProDeaf⁴⁶



⁴³ Disponível em: <http://www.prodeaf.net/> Acesso em: 24 mar. 2016.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.handtalk.me/app> Acesso em: 24 mar. 2016.

⁴⁵ Disponível em: <https://itunes.apple.com/br/app/uni-libras/id922057305?mt=8> Acesso em: 24 mar. 2016.

⁴⁶ Disponível em: <https://plus.google.com/+ProdeafNet> Acesso em: 24 mar. 2016.

Foi uma luta de muitos anos para conseguir incluir as legendas e janelas de intérpretes para surdos na televisão e nos filmes brasileiros - há uma campanha desde 2000, cuja frase tema diz “Legenda para quem não ouve, mas se emociona!”. O Congresso Nacional decretou no Art. 1º da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, que passou a vigorar acrescida do seguinte art. 17-A: “Fica instituída a obrigatoriedade da apresentação de obras cinematográficas nacionais e estrangeiras com a utilização dos recursos de legenda em língua portuguesa, para obras nacionais, e áudio descrição, para todas as obras, em pelo menos uma sala, durante todo o período de exibição da obra, nas cidades com população superior a cem mil habitantes”. Porém, os filmes brasileiros que estreiam no cinema não possuem esse recurso que dá acessibilidade para os surdos. Para assistir tais filmes, os surdos são obrigados a esperar que sejam comercializados nas locadoras, pois esses filmes trazem a opção de legendas.

Outro ponto importante, os relógios despertadores especificamente para surdos, que possuem vibradores e alguns acendem uma luz na hora em que toca o alarme sonoro ou vibratório. A função deles é acordar a pessoa surda sem que seja necessário que os pais ou irmãos o façam, e também quando o surdo viaja não precisa pedir para que alguém do hotel entre no quarto para chamá-lo. Com o despertador para surdo terminou a preocupação de ficar acordando várias vezes durante a noite. O aparelho trouxe a independência, pois o próprio sujeito surdo pode acordar sozinho, sem ajuda de ninguém.

Ilustração 7 – Despertador para surdo⁴⁷



Quanto à possibilidade de morar sozinho, muitos imóveis não são adaptados para moradores com deficiências, sejam surdos, cegos ou cadeirantes. No caso do surdo, percebe-se a importância da campanha luminosa ou com sensor, pois quando o botão da

⁴⁷ Fonte: <http://pessoascomdeficiencia.com.br/site/2015/03/09/empresa-desenvolve-despertador-alternativo-para-surdos/> Acesso em: 24 mar. 2016.

campainha da porta do morador é pressionado, uma luz dentro do apartamento ou da casa, pisca como sinal de aviso que há alguém na porta.

Uma das primeiras plataformas utilizadas pelos surdos foi o ICQ (I Seek You), em português, "Eu procuro você", que surgiu em 1996. Algumas pessoas surdas se lembram dele, avisava quando uma pessoa recebia uma nova mensagem. Muito vantajoso o uso desse recurso, porém naquela época a internet no Brasil era muito lenta e bloqueava as trocas de conversas.

Ilustração 8 – ICQ⁴⁸



Logo em 1999 foi lançada outra plataforma chamada Windows Live Messenger – MSN, uma ferramenta atrativa pela estrutura das novas janelas de conversação - imagens com animação, deixando-as mais divertidas e coloridas. O usuário podia optar por um tema para o Messenger e deixar mais animado como se fosse uma troca de roupa. E houve várias versões que traziam uma série de melhorias como impedir o cancelamento da sua conexão ou permitir a visualização dos emoticons recebidos ou enviados.

⁴⁸ Disponível em: <https://icq.com/windows/pt> Acesso em: 16 dez. 2015.

Ilustração 9 – MSN⁴⁹

Após em 2004, surgiu o ORKUT, uma rede social filiada ao Google, que a comprou para fechá-la recentemente. O mais interessante nessa plataforma era a sala de bate-papo, os surdos podiam reunir os amigos para atualizar as novidades e as fotos no perfil. Porém, depois de 2010, o Orkut foi perdendo espaço enquanto outras redes surgiram como o Facebook e o Twitter. Lembro-me muito bem daquele momento, quando meus amigos surdos decidiram largar o Orkut e mudar para o Facebook. No começo fiquei na dúvida, pensando “será essa rede vai durar muito tempo?” No início fiquei com as duas redes, mais tarde percebi que o Facebook ganhou espaço para a comunicação com os sujeitos surdos.

⁴⁹ Disponível em: <http://msn-messenger.en.softonic.com/> Acesso em: 16 dez. 2015.

Ilustração 10 – ORKUT⁵⁰



O acesso ao Facebook é bem simples e prático. Para acessar a sua conta, digite o seu endereço de e-mail eletrônico e a senha usada quando criou a sua conta (e-mail, senha, data de nascimento, sexo).

Segue a ilustração abaixo:

Ilustração 11 – FACEBOOK⁵¹



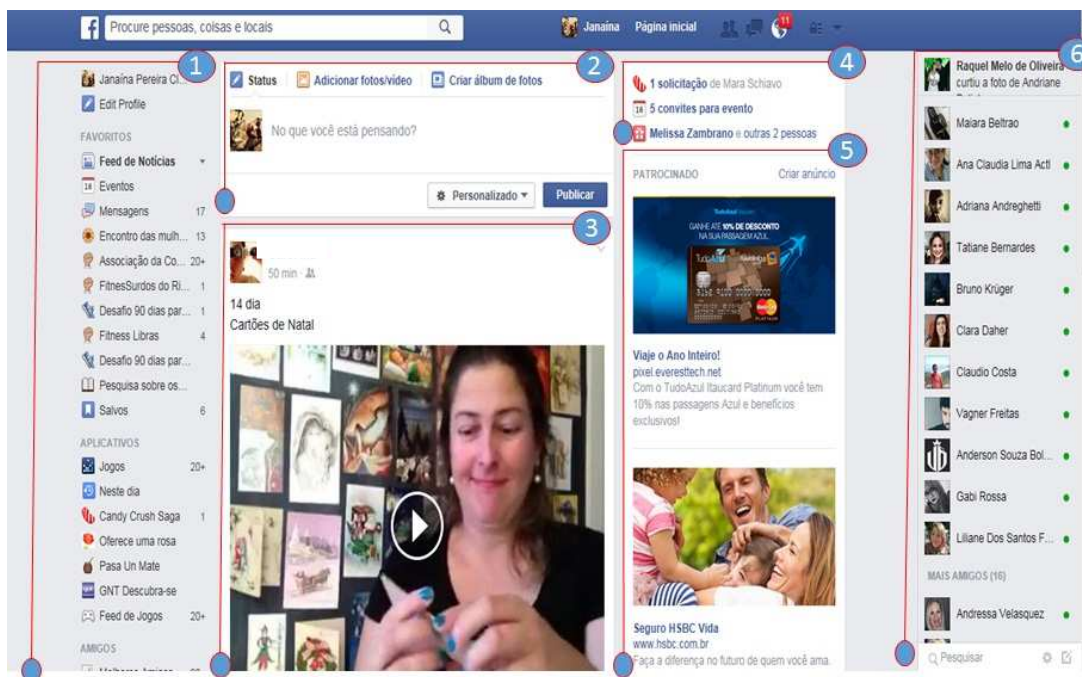
Após o clique de acesso no Facebook, vai aparecer a página inicial. O objetivo é manter o usuário informado sobre o que os amigos fazem, postam e compartilham. Na estrutura da página inicial tem seis quadros disponíveis: 1. Menu de navegação, 2. Menu

⁵⁰ Disponível em: <http://www.guiky.com.br/2009/12/seu-chat-no-orkut-com-audio-e-video.html> Acesso em: 16 dez. 2015.

⁵¹ Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/> Acesso em: 16 dez. 2015.

de compartilhamento, 3. Feed de notícias 4. Menu de calendário, 5. Espaço de anúncios publicitários e 6. Menu de mensagens privadas ou coletivas; segue o exemplo na próxima ilustração.

Ilustração 12 – Página inicial do Facebook



No topo da página pessoal, do lado direito está o nome da pessoa/perfil. Deve-se clicar para que possa ser aberta uma nova página onde se encontram sete categorias: 1. Perfil do usuário, 2. Descrição do usuário, 3. Menu de compartilhamento, 4. Feed de notícias, 5. Espaço de anúncios publicitários, 6. Linha do tempo do usuário e 7. Menu de mensagens privadas ou coletivas.

Ilustração 13 – Página pessoal da pesquisadora do Facebook



Todos esses movimentos na estrutura dessas páginas possuem diferentes fases e momentos de uso. No entanto as fotos de perfil são as imagens que valem mais que milhões de palavras, pois identificam o usuário. A descrição pessoal do usuário pode ser alterada quando quiser, seja solteiro, casado, masculino, feminino, data de nascimento, formação acadêmica/profissional, localização e outras informações que sejam relevantes. Outro ponto interessante é a linha do tempo, em que o usuário do próprio perfil pode selecionar o ano em que publicou determinadas fotos ou notícias e compartilhamentos.

Em todas as formas, as páginas no *Facebook* estão sempre acelerando as notícias, que não param nem num piscar dos olhos. Com o Facebook é possível verificar as notícias antigas e novas que geram depoimentos, debates para que os usuários participem ou sejam ativos. Não pelos assuntos, mas sim pelos interesses em cada usuário e também pelo tema que impactou o nosso país ou ao mundo inteiro. No *Feed* de notícias, os usuários surdos têm aproveitado bastante para postar os seus vídeos, expressando suas reflexões cotidianas pelo uso da LIBRAS. Os vídeos postados valorizam a cultura da comunidade surda, que busca o reconhecimento, o respeito da língua dos surdos.

A influência cultural e social do movimento dos sujeitos surdos no *Facebook* tem sido ampliada, particularmente, entre as gerações dos jovens surdos, pois tem como característica forte, possibilitar novas amizades e criticar alguns tópicos temáticos. Por outro lado, os adultos surdos têm mostrado a grande importância do amadurecimento e do fortalecimento de ser cidadão surdo, aspectos relacionados à política e à educação.

Dessa perspectiva, nos estudos acerca das redes sociais os pesquisadores percebem a importância da interação social na internet, as conversações dos atores, a comunicação

mediada pelas mídias. De como esses sujeitos se comportam, de como se pensam e se produzem. Através do estudo é possível compreender qual o procedimento que vincula a cultura e a identidade. Com ela forma as experimentações, os testes, experiências e apropriações.

Ciberacontecimento é um tema que foi abordado em uma disciplina de doutorado, na Unisinos, e que conforme Baccin (2013):

é um termo trabalhado por Henn (2011), com base no historiador Pierre Norá. Para Norá, há uma certa correspondência entre a natureza dos acontecimentos e as mídias que lhe são contemporâneas. Nessa perspectiva, entende que já existe hoje uma gama de acontecimentos que se constituem a partir das lógicas das redes na internet. (Baccin, 2013, p. 2).

Nesse sentido, os acontecimentos que vão sendo narrados e interpretados nas redes sociais da internet, têm um significado especial, a sociedade deseja colaborar, compartilhando os fatos da vida real na rede e em outros ambientes digitais. Os sujeitos que são “consumidores de notícias também passam a ser agentes de agendamento, provocando acontecimentos que emergem nos sites de redes sociais e circulam até serem construídos pelas mídias e transformados em acontecimentos jornalísticos” descreve Baccin (2013, p. 2).

Não podemos pensar que somos só consumidores de notícias, mas sim consumidores de mercadorias, produtos e listas digitais sem sair de casa, pois podemos comprar roupas, comidas, equipamentos, agendar uma consulta, reservar uma mesa no restaurante, comprar passagem aérea e até medicamentos. Mas isso não significa que essas apropriações pelos meios de comunicação digital funcionem trazendo satisfação sempre. Por fim, as redes sociais e outros ambientes digitais, principalmente a internet têm se mostrado como um campo em constante mudança, e também apresenta a possibilidade de estudar “como objeto e da utilização de aplicativos e ferramentas disponíveis nos próprios ambientes digitais para conduzir a investigação, é necessário considerar sua natureza constantemente mutável e efêmera” (AMARAL, RECUERO & SUELY, 2011, p. 29). Nesse sentido, pesquisar sobre a internet está conectado com a experiência dos próprios pesquisadores que, muitas vezes, encontram algo diferente, novo ou não em determinados momentos e ciberacontecimentos. Em relação a isso, precisamos estar conscientes de que no estudo da internet como cultura, como as autoras Amaral, Receuro & Suely (2001) afirmam, “ela é normalmente compreendida enquanto um espaço

distinto do *offline*, no qual o estudo enfoca o contexto cultural dos fenômenos que ocorrem nas comunidades e/ou mundos virtuais.” (2011, p. 41).

Neste sentido, a internet e as redes sociais oferecem a oportunidade para investigar a respeito do tipo de organização social que articula o comportamento dos usuários/atores, a construção de identidade e cultura, e outros aspectos vinculados. Portanto, para tratar do estudo da “cultura da internet” pelos sujeitos comunicantes surdos serão definidas no próximo capítulo, o 3, as seguintes dimensões teóricas – globalização, cultura, cultura surda, cibercultura, cidadania comunicativa, cidadania comunicativa surda, comunidade digital, comunidade surda digital, mediação e midiatização social.

3. AS DIMENSÕES TEÓRICAS: O DIÁLOGO COM OS PROCESSOS COMUNICACIONAIS

Neste capítulo, tento construir o percurso teórico para apresentar os argumentos conceituais que aproximam do centro da problemática. Também se tem de sistematizar a interpretação teórica do objeto de pesquisa para compreendê-lo. Assim, a proposta e a formulação de um projeto de doutorado, inscrito na linha de pesquisa ‘Cultura, Cidadania e Tecnologias da Comunicação’, têm por objetivo, descrever as construções dos processos comunicacionais pelos sujeitos surdos, no ambiente digital, pela perspectiva dos fenômenos interlinguísticos e socioculturais e do modo de compreender a construção cultural dos sujeitos comunicantes surdos dessas comunidades surdas do FBK.

Antes de entrar na investigação teórica, cabe aqui demonstrar a necessidade de dedicação em construir a dimensão teórica, as hipóteses, os argumentos, as categorias, as noções, aspectos que estão relacionados ao objeto de estudo do projeto científico, pois os pesquisadores intelectuais têm por obrigação, em cada pesquisa acadêmica e científica universitária, comprovar que são capazes de adquirir seus conjuntos de conhecimentos teóricos sobre os saberes no campo a ser investigado. Assim, Maldonado (2011, p. 297) explica que a dimensão teórica é como uma “pesquisa suscitadora de saberes” que coloca o pesquisador em uma prova de experimento, pois “o *teórico* e o *experimental empírico* convergem de modo intenso e frutífero, quando a pesquisa supera as lógicas dicotômicas formais e flui para a o desafio da criação.” (MALDONADO, 2011, p. 297).

De acordo com Maldonado (2011), a necessidade na pesquisa em comunicação é de aprofundar e trabalhar nas três dimensões problematizadas - *contexto, empiria e teoria*. Podemos verificar que essa tríade, a contextualização, o empirismo e a problematização, tem o perfil de uma pesquisa estruturada que exige do pesquisador, esforço, humildade, ética e inspiração.

Maldonado (2011) afirma que

A investigação teórica é imprescindível em toda pesquisa, tanto em *Iniciação Científica* quanto nos diferentes níveis de pós-graduação, sem um esforço sistemático de exploração, aprofundamento e compreensão dos tecidos de ideias, conceitos, raciocínios, argumentos, proposições, matrizes e modelos, não é possível fundamentar minimamente uma proposta, um projeto de pesquisa. (MALDONADO, 2011, p. 294).

Nesse sentido, é possível compreender que investigar a teoria impõe uma grande *responsabilidade* para todos os pesquisadores, é organizar os estudos sistemáticos de

aprofundamento, exploração e capacitação de entendimento para interpretar os conceitos e para formar a construção de pensamentos, conhecimentos e saberes. Além disso, devemos apresentar o trabalho científico dentro do quadro que seja de máxima produtividade, razoável e satisfatória. Ford (1999) entende “... que não se está transmitindo uma realidade mecanicamente, em espelho, mas sim que se está interpretando essa realidade.” (FORD, 1999, p. 124).

Quando se trata de um estudo empírico e teórico, Casali (2012) explica que:

O tensionamento da teoria pelo objeto não tem o sentido de negar a teoria, mas visa complementá-la com o olhar sobre o real; bem como não se trata também de investir exclusivamente em estudos empiristas, mas de ultrapassar o nível da proposição abstrata, buscando perceber manifestações teóricas em casos específicos. (CASALI, 2012, p. 129).

Ora, para que a pesquisa tenha uma relação com o objeto escolhido, o pesquisador deve explorar ao máximo o objeto para dele extrair maior conhecimento e para que possa abrir um espaço de reflexões, debates, discursos críticos e detalhamentos. Portanto, o objeto reside no diálogo e confronto infinitos, sempre em movimento, para embasar os estudos teóricos e de metodologia; a partir disso, de fato, tem início a construção do objeto de pesquisa de um conhecimento intelectual.

Para atender esse desafio também é preciso compreender que nossa sociedade está em processo de construção, pois há a necessidade da evolução do conhecimento, sendo que a capacidade humana procura reconhecer que o mundo está ligado, obviamente, à sua própria evolução. Bergson (2005) defende que há uma relação entre a teoria do conhecimento e a evolução da vida como um rótulo útil para se entender como sucede o conhecimento:

A teoria do conhecimento e a teoria da vida nos parecem inseparáveis uma da outra. Uma teoria da vida que não vem acompanhada de uma crítica do conhecimento é forçada a aceitar, tais e quais, os conceitos que o entendimento põe à sua disposição: não pode fazer mais que encerrar os fatos, por bem ou por mal, em quadros preexistentes que ela considera como definitivos. (...) Por outro lado, uma teoria do conhecimento que não reinsere a inteligência na evolução geral da vida não nos ensinará nem como os quadros do conhecimento se constituíram, nem como podemos ampliá-los ou ultrapassá-los. É preciso que essas duas investigações, teoria do conhecimento e teoria da vida, se encontrem e, por um processo circular, se impulsionem uma à outra indefinidamente. (BERGSON, 2005, p. 13 - 14).

Nesse sentido, percebemos que a ideia de uma continuidade no processo de construção do conhecimento é fortemente explorada nas nossas próprias escolhas,

interesses, desejos, valores, porém sabemos que há limites e que a evolução será ultrapassada pelo tempo. Esse é o encontro entre a teoria do conhecimento e a teoria da vida que forma um círculo sem fim, pois são necessários diferentes momentos para aprender novos conhecimentos e novas vidas.

De acordo com Maldonado (2012), uma pesquisa empírica envolve as diversas estratégias a serem trabalhadas: crítica, renovação, vinculação e esclarecimento. E tal pesquisa deve ser bem clara, considerando o contexto do problema e fundamentada em conceitos desenvolvidos de forma crítica e reflexiva.

A concepção da pesquisa teórica nos permite reconhecer as *Teorias da Comunicação*, estudos da comunicação que durante algumas décadas fecundaram várias disciplinas como biologia, cibernética, ciências de comunicação, ciências políticas, economia, filosofia, geografia, história, psicologia, sociologia, e outras. Isso conduziu à busca de modelos científicos, com olhar no campo da ciência, historicamente falado e escrito, onde se produziram muitos debates, discursos e reflexões, focados em processos teórico-metodológicos como estratégias de estudos.

Maldonado (2001) comenta que quando

“um intelectual pode estudar por um longo período as propostas de um paradigma ou de vários paradigmas, consegue expor argumentos que expressam a abrangência e domínio dessas proposições, pode ensinar por anos a validade desses postulados e, contudo, mudar radicalmente de postura de um momento para outro como consequência de uma variante de percurso ou de mudanças históricas conjunturais. São por demais oportunas para o marketing acadêmico essas “rupturas” de moda, escandalosas e favorecedoras da lógica hegemônica.” (MALDONADO, BONIN & ROSÁRIO, 2001, p. 5).

Nesse caso mostra que o intelectual de longo tempo consegue adquirir maior conhecimento, articular seus argumentos com riqueza e ensinar os novos pesquisadores/leitores a refletir sobre como ele pensava e compreendia os seus paradigmas. Ser intelectual é explorar os seus estudos, as suas ideias, as suas reflexões, em troca de conhecimentos com outros intelectuais/acadêmicos, sendo que o intelectual é definido pelo meio social em que convive e no qual estabelece sua trajetória social.

É importante acrescentar o comentário da autora França (2013):

“Nenhuma teoria é eternamente válida. Algumas são abandonadas por terem sido suplantadas por outras mais completas, ou por terem se mostrado equivocadas e se verem desmentidas pelo desenrolar dos fatos. Mas, sobretudo, é importante lembrar que as teorias atendem a questões e problemas que são colocados historicamente, dentro de determinado contexto, face a determinada

conjuntura. A mudança da realidade muda o cenário de reflexão e o eixo das indagações.” (FRANÇA, 2013, p. 8).

Essa reflexão mostra que a teoria é infinita, porém ela poderá ser perdida ou substituída por outra teoria mais completa e complexa. Nestes diferentes processos, podemos afirmar que a teoria tem seu contexto histórico, dependendo da sua mudança política, econômica, social, filosófica, cultural e de outros aspectos que trazem reflexões e transformações nos sistemas de teorias aplicadas.

Para compreender a teoria é necessário desenvolver os conceitos científicos, mas sem perder de vista a flexibilidade. Ser flexível o tempo todo para que a teoria e a metodologia possam ser reformuladas e interpretadas da melhor forma por cada pesquisador, quando este estiver desenvolvendo sua pesquisa. É inegável que não se pode separar a pesquisa da prática de vida do próprio pesquisador. Dentre tais elementos, a dimensão do conhecimento intelectual se ocupa, nos pensamentos críticos, reflexivos e argumentativos, das tensões teóricas e dos métodos acerca do objeto da pesquisa. Na busca por construções teórico-metodológicas e epistemológicas podemos afirmar que estas representam um papel fundamental para todos os sujeitos pesquisadores contemporâneos, pois aproximam as dimensões do saber, da ideologia, da filosofia, além das “multidimensionais” e “multicontextuais” científicas. (MALDONADO, 2012, p. 35).

Já Bachelard (1983) defende a observação dos problemas velhos para a solução dos novos problemas; as críticas, as experimentações entram no processo do conhecimento dos problemas, das hipóteses e das ramificações.

O processo fundamental do crescimento do conhecimento revela algo preocupante para o jovem pesquisador iniciante, pois o alvo principal é o de encontrar teorias verdadeiras (quero dizer, teorias que tenham comprovação científica como publicações em livros, artigos e outros). E são essas teorias que aproximam as experiências dos próprios pesquisadores.

De fato, compreender uma teoria é algo como uma tarefa infinita, de modo que bem podemos dizer que uma teoria nunca é plenamente compreendida, ainda que algumas pessoas possam compreender algumas teorias muito bem. Compreender uma teoria, de fato, tem muito em comum com compreender uma personalidade humana. (POPPER, 1975, p. 274).

Este empenho significa tentar compreender que uma teoria tem suas consequências lógicas. A teoria faz a gente pensar, repensar, leva à autorreflexão de uma leitura global; sua possibilidade de compreender ou não. Nesse sentido, o estudioso Maldonado (2011)

também afirma que “não é suficiente, nem pertinente, adotar definições prontas, em geral produzidas para outros problemas ou áreas de investigação”. E reafirma que é necessário “formular e fundamentar um plano de objetivos, produção e avaliação de conhecimentos teóricos como contribuição ao saber no seu campo e na sua área.” (MALDONADO, 2011, p. 294).

A perspectiva transdisciplinar requer um diálogo aberto para relacionar o que se passa em outras esferas do conhecimento, mesmo que o pensamento seja complexo, pois é impossível saber-se tudo, dominar todos os cantos da investigação. Desse modo, a transdisciplinaridade se apresenta como um movimento de reconhecimento do espírito humano e compõe as condições socioculturais do conhecimento, respeitando as diferenças e os diferentes olhares, pois não é uma teoria nem um método, porém um modo de ser e de ver as possibilidades pela construção de teorias e métodos que reúnem diferentes saberes.

A *práxis teórica* está sendo estruturada com base nos conhecimentos da pesquisadora, que estão servindo de referência e com os quais pretende contribuir apontando os conceitos pensados e estudados para essa pesquisa em particular, demonstrando seu processo de maturidade e suas competências, frutos de sua caminhada, e que está aplicando a este trabalho teórico. Conta que está plenamente consciente de que os conceitos são complexos e pressupõem movimento dinâmico e mudança no sentido da desconstrução de multiconceitos interpretados.

Na primeira parte, a da dimensão teórica, procuro desenvolver raciocínios com sistematização e os apresento divididos em *cinco campos centrais*, sendo que o primeiro campo é o das problemáticas sobre os conceitos de *Globalização e Mundialização*, que possibilitam entender mídias, tecnologias e dispositivos implicados no desenvolvimento da comunicação globalizada e da cultura.

Em seguida, apresento o estudo sobre a *Produção cultural em movimento*, onde procuro encontrar os eixos dos pensamentos que abordam a *cultura surda e cibercultura*. No terceiro campo central, na parte teórica focalizo o estudo de *Cidadania Comunicativa*, em que são apresentadas as noções de *Cidadania, Cidadania Comunicativa e Cidadania Comunicativa Surda*. A partir daí, desenvolvo a fundamentação da noção de cidadania comunicativa surda, em função da prática das inter-relações entre sujeitos surdos e comunidade surda.

E na próxima parte, no quarto campo central, investigo o *Processo da comunicação na comunidade surda do FBK*, acerca do qual conduzo os conhecimentos científicos

investigados no campo da comunicação, como o estudo de processo midiático e comunicativo. Com isso foi possível procurar ou trazer o sentido deste processo de reflexão, que compreende a relação com as comunidades surdas.

Neste contexto, também procuro compreender a ideia dos sujeitos surdos como comunidades, viabilizando o estudo da *midiatização* e da *comunicação*, para que nos permitam refletir sobre essas noções, trazendo conceitos como *mediação* a fim de compreender como funcionam as competências interativas dos sujeitos surdos na rede social do FBK, em particular dos três grupos: ACSBF, CS e CCSRS. Para dar uma continuidade, pretendo articular também os argumentos de Martín-Barbero (1987) que discute a respeito de *cotidianidade familiar, temporalidade social e competência cultural*, trabalhando para repensar e formar concretamente a ideia da problemática do conjunto de atividades teóricas nesta tese.

No último campo central, as referências acerca das *comunidades surdas digitais* estão em processo de formação histórica, que possibilita investigar o conjunto que articula e problematiza as mediações culturais nos processos de comunicação digital. E para alcançar os objetivos de pesquisa, é fundamental estudar sobre as apropriações das comunidades digitais de sujeitos surdos. Com elas desenvolvo a observação da recepção comunicacional da visibilidade surda – que está ancorada em conceitos socioculturais. E para relacionar o entendimento do objeto da pesquisa, parto para uma investigação teórica que estuda o conceito de *Rede Social*, cuja reflexão vai encaminhar os procedimentos metodológicos que são construídos nesta tese.

3.1 AS FRONTEIRAS DA GLOBALIZAÇÃO NOS ESPAÇOS DA MUNDIALIZAÇÃO

As problemáticas da produção cultural podem ser vistas por diversos enfoques, pois ela é considerada um processo de globalização e de mundialização, sendo esses dois aspectos conceituais parte desse texto que será ampliado. De fato, é fundamental lembrar que esses processos estão revestidos de uma transformação social que ocorre nas sociedades contemporâneas e que significa que é um processo lento, mutável e em adaptação. Para compreender a ideia da produção cultural, em seguida vamos partir para o estudo de globalização e mundialização relacionado com outros elementos essenciais.

A esfera da globalização surge do diálogo com a antropologia, a economia e a sociologia. O pesquisador García Canclini (2007) entende que “a globalização pode ser

vista como um conjunto de estratégias” (GARCÍA CANCLINI, 2007, p. 29), e os fluxos de pessoas e de comunicações funcionam como pontes culturais e sociais, num processo contínuo como uma balança em movimento. “Hoje em dia estamos todos em movimento” (BAUMAN, 1999, p. 85). Nesse sentido, a globalização é organizada em alguns aspectos por meios de comunicação, da aceleração da internet, e o país também sofre mudanças, transformações causadas pela influência das comunicações e informações sob os aspectos da economia, política, cultura, educação.

Na perspectiva antropológica, a identidade cultural é flexível e adaptável às novidades que a globalização e outros movimentos apresentam por meio de seus fluxos nos meios da comunicação, pois com eles são capazes de abranger novos significados, sejam imagens de outras culturas e também outras identidades, sem perder suas origens.

No entanto, há possibilidade de se observar a diversidade construída pela globalização, na convivência das diversas culturas através da adaptação de elementos de outras. García Canclini (2007) afirma que “a globalização unifica e interliga, mas também “estaciona” de um modo diferente em cada cultura.” (GARCÍA CANCLINI, 2007, p. 168). Dessa forma, destaco a importância crescente dos compartilhamentos de significados, símbolos e imagens, impulsionados pela globalização, nos meios de comunicação e na mídia, que têm a capacidade de fornecer elementos das diferentes culturas no contato com os sujeitos, em especial os surdos.

Antes disso, vale lembrar que na noção geopolítica de nacionalidade, a cultura é afetada pela ação dos recursos tecnológicos utilizados pelos humanos tanto na produção da economia, do comércio quanto na circulação da comunicação e da informação. Percebe que “a infraestrutura tecnológica que dá um suporte à globalização viabiliza um nível e uma diversidade de trocas e de conhecimento entre nações e culturas nunca antes experimentados, mudando as relações e práticas econômicas, sociais e culturais entre Estados e suas populações.” (BAUDRILLARD, 1970, p. 44).

Martín Barbero (2006), ao estudar a globalização, afirma que:

Os processos de globalização, econômica e informacional estão reavivando a questão das identidades culturais – étnicas, raciais, locais, regionais – até o ponto de convertê-las em dimensão protagônica de muitos dos mais ferozes e complexos conflitos internacionais dos últimos anos. Mas, ao mesmo tempo, essas mesmas identidades estão reconfigurando a força e o sentido dos laços sociais, e as possibilidades de convivência no nacional e ainda no local. (MARTÍN BARBERO, 2006, P. 54).

Nessa perspectiva, o autor tenta refletir como devemos pensar a identidade nas mudanças da globalização. Ou seja, “o tempo e o espaço são coordenadas básicas de todos os sistemas de representação”, assim, como todo sistema de representação “deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais”. Considerando que a identidade também é como um meio de representação, constata-se que diferentes épocas culturais possuem diferentes formas de combinar essas coordenadas espaço-tempo (HALL, 2006, p. 70).

De acordo Hall (2006):

O que é importante para nosso argumento quanto ao impacto da globalização sobre a identidade é que o tempo e o espaço são também as coordenadas básicas de todos os sistemas de *representação*. Todo meio de representação – escrita, pintura, desenho, fotografia, simbolização através da arte ou dos sistemas de telecomunicação – deve traduzir seu objeto em dimensões espaciais e temporais. (HALL, 2006, p. 70).

Portanto, o autor afirma que “todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos.” (HALL, 2006, p.71). Elas possuem suas paisagens, seus lares, suas casas e seus territórios geográficos, bem como suas localizações no tempo, no espaço e nas gerações históricas estão vinculados no passado e no presente.

O modo de ser, a vida social e a transdisciplinaridade se formam e se envolvem na historicidade como a geografia, a ciência política, a economia industrial e a antropologia. Para Mattelart (1999):

Essa tensão entre micro e macro, experimentam-na também os criadores das novas “firmas globais”, ou transnacionais, esses “intelectuais orgânicos” do pensamento empresarial. Tornados produtores de teorias e doutrinas, confundem o campo conceitual da comunicação na era da mundialização: amplitude da noção de “globalização” é um de seus exemplos mais claros. (MATTELART, 1999, p. 166).

Refletir sobre a problemática da globalização faz florescer o conhecimento das sociedades, de como elas agem na vida global. Para isso é necessário compreender e estudar como ela se estrutura. Para se aproximar desse contexto, a história da comunicação se reuniu juntamente com os seres humanos, natureza e animais. Por outro lado, podemos apontar os micros e macros, que foram importantes para a humanidade, como as pinturas em cavernas, em objetos artesanais, materiais impressos e outros recursos que pudessem estimular as atividades cognitivas humanas.

A socialização das inteligências humanas prova que o processo de pensamento evoluía ao longo da história humana, especificamente, os humanos lutavam pela

capacidade de aprender, de imaginar, de praticar, de reconhecer, de escrever e de ler. Obviamente, era um procedimento demorado e complexo para se chegar ao domínio do desenvolvimento e interpretação da leitura e da escrita. O pesquisador Santos (2013) diz que

No começo dos tempos históricos, cada grupo humano construía seu espaço de vida com as técnicas que inventava para tirar do seu espaço de natureza os elementos indispensáveis à sua própria sobrevivência. Organizando a produção, organizava a vida social e organizava o espaço, na medida de suas próprias forças, necessidades e desejos. (SANTOS, 2013, p. 17).

Sem dúvida, a evolução humana passou por diferentes escalas de inteligência. Desta forma, tentava encontrar um sistema de organização de vida social, a fim de solucionar as necessidades em certos grupos. E podemos considerar que os homens das cavernas eram como artistas, pois produziam o fogo, transformavam pedra e madeira em lanças, machados, facas e outros artefatos para serem utilizados na caça de animais, na pesca e na coleta de alimentos. A vida deles neste período era fazer a unificação da Natureza e do Homem; atualmente, a dos meios de comunicação – as mídias.

Desse modo, em cada época, o sistema social vai alterando o *tempo das máquinas* (SANTOS, 2013), a aceleração da vida humana se uniu com as máquinas, colocando os humanos para dentro das máquinas inventadas, por exemplo: a estrada de ferro, o navio, o bonde, o trem, o automóvel, o avião, o cabo submarino, o telefone, o rádio, a televisão e outras invenções.

Dessa maneira, a globalização tem sua referência à economia, tecnologia, processo de mundialização e cultura. Podemos compreender que a mundialização cultural é um fenômeno da sistematização da sociedade global que está relacionado à ideia de diversidade. Segundo Ortiz (2003)

A mundialização deve ser entendida como um processo que se reproduz e se desfaz incessantemente no contexto das disputas e aspirações dos atores sociais. Mas que se reveste de uma dimensão abrangente, englobando outras formas de organização social: comunidades, etnias e nações. (ORTIZ, 2003, p. 96).

Assim a mundialização, repito, é um fenômeno social, que tem sua função de produzir o conjunto dos movimentos culturais. Para a mundialização existir, ela deve estar localizada nas práticas cotidianas. Assim, a cultura mundializada apresenta um mundo simbólico específico da civilização, que o pesquisador Ortiz utilizou como “processo e

totalidade”. (ORTIZ, 2003, p. 30). Pensar o processo como “dimensão abrangente, englobando outras formas de organização social: comunidades, etnias e nações.” A totalidade deve ser entendida como “relações dicotômicas entre os diversos patamares (uma “cultura-mundo” interagindo com esferas autonomizadas, local ou nacional).” (ORTIZ, 2003, p. 30). Portanto, “o processo de mundialização é um fenômeno social total que permeia o conjunto de manifestações culturais.” (ORTIZ, 2003, p. 30).

Santos Souza (2003) entende que “uma das transformações mais frequentemente associadas à globalização é a compressão do espaço-tempo, ou seja, o processo social pelo qual os fenômenos se aceleram e se difundem pelo globo” (SANTOS SOUSA, 2003, p. 434). As reflexões de Santos Souza (2003) afirmam que a globalização é definida como processo social, como configurações dos fenômenos da expansão global.

Santos (2013) propõe um estudo sobre o tempo e o espaço: “o espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo, senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há espaço mundial. Quem se globaliza, mesmo, são as pessoas e os lugares.” (SANTOS, 2013, p. 29). Por esse motivo, as pessoas e os lugares forçaram a adaptação da mudança social, sendo que política e economicamente, as entradas da invenção de máquina ampliaram as influências nas práticas humanas, sendo uma delas a obrigação de usos dos maquinários inovadores que causavam a velocidade em curto tempo.

Conforme a pesquisadora SILVA (2014) em sua tese argumenta, “as noções de tempo e de espaço são modificadas, a velocidade da comunicação, a agilidade das informações, a impressão de que não existem mais fronteiras modificam as percepções anteriores à globalização”. (SILVA, 2014, p. 52).

Neste sentido podemos observar as reflexões de Santos (2013), pois ele menciona que a globalização é para todos: “o espaço é tornado único à medida que os lugares se globalizam. Casa lugar, não importa onde se encontre, revela o mundo (no que ele é, mas também no que ele não é), já que todos os lugares são suscetíveis de intercomunicação.” (SANTOS, 2013, p. 40).

Conforme Ortiz (2009) descreve

“O cotidiano não se limita à esfera do local, ele é o pressuposto para a existência de qualquer cultura. Neste sentido, a modernidade-mundo somente se realiza quando se “localiza”. Para se materializar enquanto cultura mundializada, ela deve exprimir-se na cotidianidade dos hotéis, ferrovias, aeroportos, supermercados, shopping-centers, nos filmes e painéis de publicidade. Isso significa que o espaço no qual circulam as pessoas é atravessado por forças diversas. Local, nacional, mundial, não são unidades autônomas, elas se entrelaçam, determinando o quadro social das

espacialidades. O lugar é o cruzamento dessas diferentes linhas de força no seio de uma situação determinada.” (ORTIZ, 2009, p. 249).

A perspectiva do cotidiano traz, praticamente, a construção de cultura vinculada à conexão entre o espaço e o lugar. Nas rotinas diárias, ao cidadão é permitido circular em qualquer canto nas zonas urbanas ou rurais, seja por ter acessos às estruturas arquitetônicas ou não, são lugares que atraem pelas forças humanas. Isso quer dizer que “o mundo oferece as possibilidades, e o lugar oferece as ocasiões”, completa o autor Santos (2013, p. 47). Venho compartilhar com os leitores um ponto de vista sobre o fato de a aceleração industrial – transportes e comunicações, estar relacionada à exigência de fluidez. Santos (2013) explica que “a fluidez é a condição, mas a ação hegemônica se baseia na competitividade.” (SANTOS, 2013, p. 31). A competitividade está dentro do discurso, lugar que ocupava e ainda ocupa, nos tempos da guerra e da revolução. Além disso, a transformação radical do território no nosso planeta é dominada pelo conceito de progresso da nação. Há também a ideia de progresso moral e cultural da humanidade.

Nesse sentido, tratamos o campo ‘Ciências da Comunicação’ como um ambiente de construção contínuo, que envolve o processo de construção da informação e do conhecimento que ocorre através da interação entre os sujeitos. Assim, todo processo de comunicação envolve a *mundialização* de culturas.

3.2 A PRODUÇÃO CULTURAL NA FRONTEIRA MUDIÁTICA

O fenômeno da globalização contribui para o deslocamento das identidades culturais, desintegrando-as e homogeneizando-as. “À medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural.” (HALL, 2006, p. 74). O encontro face a face de identidades culturais é um traço significativo do tempo da contemporaneidade.

García Canclini (2008) propõe que “hoje todas as culturas são de fronteira” (GARCÍA CANCLINI, 2008, p. 348). Em relação a esse argumento, é interessante observar como as culturas ocorrem; por certo há uma troca de culturas, portanto “a cultura não vem pronta”. (STROBEL, 2013, p. 24). Isso explica porque a cultura está sempre se modificando, se atualizando e se construindo; afinal, as fronteiras culturais contam com produções coletivas de pessoas, pois são flexíveis, mutáveis e decorrem de um processo de multiplicidades identitárias e culturais.

Pode-se considerar que os fluxos de produção culturais da contemporaneidade são motivados pelo ambiente criado pelos meios de comunicação, especialmente a internet. Pensar a fronteira midiática dentro desse contexto, das relações de poder por meio do uso na internet, se apresenta como um espaço de produção cultural que permite conectar as diversas identidades culturais. Nessa forma, a produção cultural na fronteira midiática é entendida a partir de um espaço de circulação de idiomas, costumes, tradições, sujeitos, comunidades, histórias, religiões e outros.

Raddatz (2011) descreve que:

“Nas fronteiras culturais, o local e o regional não desaparecem, mas assumem outra característica que deixa à mostra uma fronteira pontilhada de manifestações oriundas das formas identitárias entre as nações. Não são identidades, mas identificações que se mostram a partir das “mediações comunicativas de cultura.”” (RADDATZ, 2011, p. 2).

De ponto de vista das identificações para construção de cultura pelos sujeitos, elas são adquiridas a partir das mediações comunicativas de cultura, cujas fronteiras permitem uma maior interação e a comunicação na midiatização.

Nessa linha de compreensão, a pesquisadora Pereira (2008) na sua dissertação de mestrado tem pensado a relação entre comunicação e cultura na sociedade contemporânea:

“as articulações entre a comunicação e a cultura também reforçam a ideia de uma sociedade multicultural, marcada por intensos fluxos migratórios e pela promoção da polietnicidades, questionando as políticas assimilacionistas e enfatizando a diferença cultural como problemática da cidadania contemporânea.” (PEREIRA, 2008, p. 41).

Nessa perspectiva, a autora ancora um desafio sobre o discurso de multiculturalismo na noção adotada pela autora Cortina (2005) cujo enfoque é na sistematização da diversidade cultural. Para esclarecer a ideia de multiculturalismo, podemos dizer que a sociedade multicultural é entendida como “um conjunto variado de fenômenos sociais, que derivam da difícil convivência e/ou coexistência em um mesmo espaço social de pessoas que se identificam com culturas diferentes.” (CORTINA, 2005, p. 140). Ghai (2003), ao falar sobre a concepção Globalização e multiculturalismo, propõe que “a relação entre globalização e multiculturalismo é, desta forma, ambígua. Em certo nível, a globalização põe em contato diferentes culturas.” (GHAI, 2003, p. 557).

Importante trazer a reflexão de Boaventura de Sousa Santos e João Arriscado Nunes (2003), que “reconhece a pluralidade de culturas, definindo-as como totalidades

complexas que se confundem com as sociedades, permitindo caracterizar modos de vida baseados em condições materiais e simbólicas.” (SANTOS SOUZA & NUNES, 2003, p. 27).

Portanto, desde o surgimento das sociedades complexas, urbanas e rurais, o homem inventou o fogo, caçou os animais, cultivou a terra, construiu a casa, descobriu a energia, dominou a alfabetização, instalou as indústrias, criou as tecnologias e seus dispositivos e conquistou os espaços no planeta. Durante esse percurso da evolução humana e industrial, a mídia, para a experiência humana – transportou o modo de agir na vida cotidiana ao exercício do controle, do poder e à criação de cultura.

“Numa cultura como a nossa, há muito acostumada a dividir e estilhaçar todas as coisas como meio de controlá-las, não deixa, às vezes, de ser um tanto chocante lembrar que, para efeitos práticos e operacionais, o meio é a mensagem. Isto apenas significa que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio – ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos – constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nós mesmos.” (MCLUHAN, 2007, p. 21).

Castells (2003) identifica a cultura da internet como a cultura dos criadores da internet, composta por “uma construção coletiva que transcende preferências individuais, ao mesmo tempo em que influencia as práticas das pessoas no seu âmbito, neste caso os produtores/usuários da Internet” (2003, p. 34). Cabe acrescentar, contudo, que a cultura de internet é formada pelos sujeitos/indivíduos que navegam na internet, na verdade, promovendo o encontro em certos grupos de coletividade, e globalizando o movimento social na internet.

No processo de comunicação é como “artefatos culturais” (HINE, 2004; SHAH, 2005), assim como o autor afirma que “Dizer que Internet é um objeto ou um artefato cultural como qualquer outro, não implica que seja o mesmo objeto para todas as pessoas⁵²” (HINE, 2004, P. 42).

Shah (2005) mostra sua perspectiva sobre artefato cultural:

“O artefato cultural pode ser definido como um repositório vivo de significados compartilhados que são produzidos por uma comunidade de ideias. Um artefato cultural é um símbolo comunitário de pertencimento e posse (no sentido não-violento e não-religioso da palavra). Um artefato cultural se torna infinitamente mutável e gera muitas auto-referências que são mutuamente

⁵² Tradução nossa: “Decir que Internet es un objeto o un artefacto cultural como cualquier otro, no implica que sea el mismo objeto para todas las personas”. (HINE, 2004, p. 42).

definidas, muito mais do que gera uma narrativa linear central”⁵³. (SHAH, 2005, p.8).

Nesta perspectiva, podemos observar que a internet é entendida como **artefato cultural**, que promove fenômenos nas comunidades digitais. Hine e Shah (2004; 2005) entendem sua abordagem como um produto de contexto social, além de categorias de qualquer sistema de organização, tais como “fronteira eletrônica” (HINE, 2005), que são abordadas nas cooperações, nas arquiteturas das comunidades digitais, como uma entre as diversas interações de narrativas digitais que possibilitam as trocas de comunicação nas redes.

Segundo Turkle (1995) entende, “a internet é outro elemento da cultura do computador que contribui para encarmos a identidade como multiplicidade. Nela, as pessoas têm a possibilidade de construir uma personalidade alternando entre muitas personalidades diferentes.” (TURKLE, 1995, p. 263). Quando um surdo ou um deficiente auditivo não encontram o contato com as outras pessoas surdas nas práticas sociais de sua sociedade, normalmente, alguns deles iniciam um despertar – será que existe outro surdo igual a mim? Essa pergunta mexe com a própria subjetividade da pessoa surda, que julga em qual posição se insere dentro de esferas de representação social, integrando o conjunto de mesmos significados, ideias e outros aspectos. A partir disso, parte à procura para a formação da subjetividade do sujeito surdo em seu processo identificatório, pois muitos surdos se consideram como “estrangeiros” na sociedade de ouvintes. Desse modo, com o envolvimento dos sujeitos surdos com o uso de *nanosmartphones* e outros recursos tecnológicos alcançados depois da criação do computador, realmente acredito que a internet trouxe as “oportunidades” de buscar as informações perdidas. Com a internet, desde os sites até as redes sociais, como o FBK, os usuários surdos têm tido a oportunidade de compartilhar seus interesses com outros surdos em diferentes localizações do mundo. De fato, com essa oportunidade, na plataforma do FBK é possível encontrar diversas comunidades criadas com diferentes temas como conveniências políticas, educacionais e outros. Sob esse ponto de vista, os sujeitos surdos não se sentem mais discriminados, pois conseguem produzir as suas narrativas com a sua língua natural por meio de escritos ou vídeos gravados.

⁵³ Tradução nossa: “A cultural artefact, to avoid any confusion, can be clearly defined as a living repository of shared meanings produced by a community of ideas. A cultural artefact is a symbol of communal (in the non-violent, non-religious sense of the word) belonging and possession. A cultural artefact becomes infinitely mutable and generates many self-referencing and mutually defining narratives rather than creating a master linear narrative.” (SHAH, 2005, p.8).

As autoras Garcêz e Maia comentam a importância dos testemunhos surdos que descrevem suas histórias e experiências de vida, principalmente as lutas pelo seu reconhecimento e da comunidade. “Já na Internet, os surdos são os *produtores e veiculadores de suas próprias narrativas*, sem intermediações.” (GARCÊZ & MAIA, 2009, p. 85), assim como os autores Rosa & Cruz (2001), que publicaram o artigo sobre o uso da internet como fator de inclusão da pessoa surda, dizendo que “para os surdos, isto é inserção: é poder ser surdo, sem ser discriminado, ou sem ser excluído de um mundo sonoro.” (ROSA & CRUZ, 2001, p. 43). Nesse sentido, os autores argumentam que a comunicação digital pelos sujeitos surdos é vista como aporte para promover diversas formas de aprendizagem coletiva, e também, compartilhar a luta pelo reconhecimento dos surdos na comunidade surda.

De acordo com Hine (2004), para se estudar a internet nas redes sociais, deve-se refletir que a internet conta suas dimensões: como cultura e como artefato cultural. E, portanto, o pesquisador deve e necessita repensar sobre a relação entre espaço e etnografia. Nesse sentido, o tema dos procedimentos metodológicos para pesquisa nesta tese, etnografia, será ampliado no próximo capítulo, o 4.

No contexto deste capítulo, a pesquisadora procura abordar as apropriações nos processos comunicativos digitais e midiáticos dos sujeitos surdos no FBK, quando considera como a cultura surda vai sendo passada como cibercultura. Para explorar a presente problematização teórica do artefato cultural, a pesquisadora reconhece a necessidade de aproximar os aportes de conhecimentos científicos sobre os conceitos essenciais para o desenvolvimento teórico na cultura surda para aproximar o conhecimento das duas noções: cultura surda e cibercultura.

3.2.1 Cultura Surda

O que é a Cultura Surda? Qual a importância de se formar a cultura surda pelos sujeitos surdos? O que a mídia pode oferecer a respeito dos artefatos culturais das pessoas surdas? São questões que proponho trazer neste subcapítulo e apresentar as perspectivas sobre o entendimento do que é realmente a cultura surda para os surdos.

Nos estudos e pesquisas científicas sobre a cultura percebem-se variações de significados, desde concepções e contextualizações históricas. Identificar o conceito de cultura é uma das questões bastante discutidas e investigadas por diversas áreas – antropologia, sociologia, literatura, educação, entre outras. A cultura pode ser

compreendida como um conjunto de formas e expressões que caracterizam o tempo de uma sociedade determinada, porém é um conceito complexo.

Tais reflexões se apresentam como questão introdutória no texto *A Ideia de Cultura*, de Terry Eagleton (2005). Segundo autor:

“Se cultura originalmente significa lavoura, cultivo agrícola, ela sugere tanto regulação como crescimento espontâneo. O cultural é o que podemos mudar, mas o material a ser alterado tem sua própria existência autônoma, a qual então lhe empresta algo da recalcitrância da natureza.” (EAGLETON, 2005, p. 13).

Neste sentido, o autor utiliza os significados de palavras como lavoura ou cultivo agrícola para ilustrar o significado de cultura, considerado um dos mais complexos da nossa língua. Junior (2008) vem em auxílio, dizendo que é “como se a cultura tivesse surgido da necessidade de complementar as limitações da natureza, ele mostra as tensões do termo. Tensão no sentido de o conceito superar-se à medida que acompanha as transformações sociais e políticas.” (JUNIOR, 2008, p. 173).

Dessa maneira, o campo de conceito de Cultura é compreendido como um conjunto de formas e expressões, expressa costumes, crenças, regras, normas e maneiras de ser e de como a sociedade se comporta. A autora Cortina (2005) vê a cultura como “conjunto de modelos de pensamento e de conduta que dirigem e organizam as atividades e produções materiais e mentais de um povo, em sua tentativa de adaptar o meio em que vive a suas necessidades, e que pode diferenciá-lo de qualquer outro.” (CORTINA, 2005, p. 148). Assim, a cultura é criação e um fator de humanização; além disso, ela é definida como dinâmica e complexa.

A diversidade cultural segundo Mattelart (2005) apresenta algum aspecto que apoia a perspectiva de construção do relatório para vincular o seu problema-objeto de estudo às construções culturais, em processos comunicacionais e midiáticos. O reconhecimento da noção, a da diversidade cultural, é relacionado como um fundamento democrático.

Desse modo, a questão cultural é vista como pluralidade, que admite um conjunto de “multiplicidade de manifestações de grupos culturais das mais diversas naturezas, tornando o conceito da cultura mais amplo.” (STROBEL, 2013, p. 22). Portanto, “a concepção de cultura é, em si mesma, socializada e democratizada.” (HALL, 2011, p. 126).

Moreira (2003) entende que “toda cultura se forma e reforma constantemente no contacto com o “diferente” e do que é o “exterior”, e para que se saiba quem somos “nós”

e de quem são “eles”, precisa ser continuamente refeita a resposta” (MOREIRA, 2003, p. 1210). Diante deste argumento, a cultura está sempre reformulando e construindo, nos encontros de diferentes sujeitos, não necessariamente do ser surdo, mas para se encontrar a resposta é preciso buscar a própria identificação para que se compreenda quem realmente se é.

Do ponto de vista do sujeito é a cultura que promove a identificação do humano consigo mesmo, com seus valores, direitos, costumes, línguas e crenças. Nesse sentido, podemos dizer que a cultura é a base sobre a qual a subjetividade do indivíduo está defendida, em primeiro lugar, pelo reconhecimento na própria pessoa. Isso quer dizer que os sujeitos comunicantes surdos, nos grupos sociais, podem possuir interesses diferentes, por exemplo, lutas e direitos em comum, e buscam sua identificação no pertencimento à comunidade surda.

Para entender as identificações culturais ou sistema de representações, a pesquisadora procura apresentar um conjunto de reflexões sobre a própria identidade cultural e sobre a identidade cultural do outro. De acordo com essa exposição, está relacionada ao desenvolvimento da globalização, portanto a identidade cultural pode ser vista como o indivíduo/sujeito e a coletividade da qual faz parte na capacidade de criar significados, de integrar as diferentes identidades e também de identificar as características culturais.

Strobel (2013) entende que

“a cultura é uma ferramenta de transformação, de percepção, da forma de ver diferente, não mais de homogeneidade, mas de vida social constitutiva de jeitos de ser, de fazer, de compreender e de explicar. Essa nova marca cultural transporta para uma sensação a cultura grupal, ou seja como ela diferencia os grupos, no que faz emergir a “diferença”.” (STROBEL, 2013, p. 23).

Pensar na problemática sobre a diferença cultural de pessoas surdas passa por uma base de comparação entre surdos e ouvintes. Essa perspectiva faz parte de um processo social do discurso da desigualdade, da falta do direito, da falta das vozes sonoras, da proibição de votos, da proibição de casar, que são lutas incansáveis para representar a sociedade ao longo do tempo pelo único objetivo - ser cidadão surdo. Portanto, os sujeitos da comunidade surda acolhem suas tribos como minorias linguísticas, onde a cultura surda seja relacionada às práticas e interações sociais de um processo complexo, a língua.

Assim o conjunto de crenças e valores que comporta a cultura, envolve o sujeito comunicante surdo, fortalecendo tais crenças e valores. Porém, neste subcapítulo não

pretendo discutir as reflexões construídas sobre o sujeito surdo como deficiente, anormal ou com falta de algo, atributos que foram colocados de forma negativa na visão pedagógica e da medicina/saúde. Portanto, o alvo da pesquisadora, nessa tese, é apresentar outra visão, dessa vez positiva que possa ampliar novas reflexões mostrando para que a sociedade entenda melhor o que é ser uma pessoa surda hoje.

A cultura surda implica em refletir sobre a necessidade de situar, em um conjunto de práticas simbólicas de um determinado grupo, o grupo de pessoas surdas: língua de sinais, artes (teatro, dança, literatura surda, poesia surda etc.), religião, ideias visuais, modos de agir na vida e no mundo. Assim, também, mostrar como o uso de despertador vibratório, de mensagens de textos nas mídias, de legendas na televisão, de intérpretes de Libras em lugares públicos e outros, ajudaram a independência dos surdos. Além disso, os pesquisadores (PERLIN, 1998 e 2003; SKLIAR, 2001; KARNOPP, 2004; QUADROS, 2004 e 2008; MIRANDA, 2007 e LOPES, 2010) nas áreas de educação e linguística acreditam que a cultura surda deve ser estimulada desde o primeiro ano de vida e no ensino nas escolas especiais para os surdos bem como nas famílias.

Quadros fala sobre a importância da Libras (2009):

“A Libras é a língua de sinais que se constituiu naturalmente na comunidade surda brasileira. As línguas de sinais de vários países foram preservadas e passadas de geração em geração através das associações de surdos e famílias de surdos. No Brasil, as associações de surdos sempre mantiveram intercâmbios possibilitando contatos entre surdos do país inteiro. As festas, os jogos, os campeonatos, as sedes organizadas por surdos são formas de interação social e linguística, e garantiram a formação da comunidade surda brasileira com uma língua própria.” (QUADROS, 2009, p. 11).

É fundamental que a sociedade reconheça que a Língua de Sinais é uma língua que se manteve por muitos anos na comunidade surda e ela é utilizada para a comunicação dos surdos. Além disso, a cultura surda também esteve relacionada ao fato de ter se mantido viva nas escolas, nas associações e nos esportes, nas igrejas e outros lugares públicos onde havia grupos de pessoas surdas. E nesses grupos havia um processo essencial para comunicação e construção de identidade e de cultura.

Nesse sentido, a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) foi oficializada pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, mesmo já existindo há muitos anos, e a oficialização, a partir daquele ano, expandiu as vantagens/obrigações pelos seus direitos: cidadania, comunicação, cultura e identidade. Quanto às raízes históricas das línguas de sinais, para Sacks (2010), as línguas de sinais existiram desde que existia a língua oral humana, e

permanecerão enquanto houver surdos no mundo. Portanto, a Língua Brasileira de Libras, como um rótulo de sistema linguístico, reforça o direito da minoria linguística pelos usuários surdos, por ser sua língua materna. E por meio dela também se travou a luta pelo direito ao intérprete de Libras nos lugares públicos.

A pesquisadora, nesta tese, também reconhece e entende a cultura surda como *cultura visual*. E corrobora essa ideia nos estudos da cultura visual ou cultura visual que têm sido focados, por exemplo, em Cunha:

“universo visual e os modos como este universo produz nossos modos de ver o mundo. Esse campo se caracteriza por um “movimento” entre diferentes campos disciplinares, como a: Estética, Antropologia, Arquitetura, Crítica e História da Arte, Fenomenologia, Psicologia, Semiótica, Sociologia, Estudos do Gênero, de Mídia e étnicos, entre outros. Tais campos contribuem com seus elementos teóricos e metodológicos, que vinculados uns aos outros, criam modos particulares de análises sobre os materiais visuais.” (CUNHA, 2008, p. 108).

Nesta perspectiva, a autora revela que existiam os estudos da Cultura Visual em diversos campos acadêmicos e científicos. Esses campos tinham como objetivo investigar suas disponibilidades teórica e metodológica que aprofundassem os estudos de materiais visuais. Hernández (2000) descreve melhor:

“a cultura visual contribui para que os indivíduos fixem as representações sobre si mesmos e sobre o mundo e sobre seus modos de pensar-se. A importância primordial da cultura visual é mediar o processo de como olhamos e como nos olhamos, e contribuir para a produção de mundos.” (HERNÁNDEZ, 2000, p. 52).

Deste modo, para completar a ideia, a experiência visual faz parte do cotidiano do próprio surdo. Segue o que pensam os autores surdos Perlin e Miranda (2003):

“Experiência visual significa a utilização da visão, (em substituição total à audição), como meio de comunicação. Desta experiência visual surge a cultura surda representada pela língua de sinais, pelo modo diferente de ser, de se expressar, de conhecer o mundo, de entrar nas artes, no conhecimento científico e acadêmico. A cultura surda comporta a língua de sinais, a necessidade do intérprete, de tecnologia de leitura.” (PERLIN; MIRANDA, 2003, p. 218).

Por meio de seu pensamento os autores surdos, justamente por sua condição de pessoas surdas, podem expressar como realmente sentem as experiências visuais que os ouvintes não podem explicar melhor, pois não têm a mesma sensação. O olhar que substitui a audição é essencial para todas as pessoas surdas, pois por meio dele a imagem

da informação visual será armazenada na memória. É uma forma de viver no mundo visual. Portanto, não se trata mais de uma deficiência, mas sim de uma diferença. Para pessoas surdas, a língua de sinais está inserida na cultura surda, ou seja, na cultura visual dos surdos. Portanto, as línguas de sinais são de “modalidade gestual-visual (ou espaço-visual)”. (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 35). Neste sentido, as informações dadas pelos espaços-visuais são recebidas pelos olhos e pelas mãos.

Conforme a autora CLAUDIO (2010) escreveu em sua dissertação de mestrado, ela argumenta que:

“Os membros da comunidade surda produzem outras narrativas, não se localizam somente no discurso da deficiência, mas os surdos adotam o sentido da “diferença” com signos diferentes de ouvintes. Têm os signos visuais, enquanto os ouvintes produzem os signos auditivos. As pessoas surdas apresentam uma experiência visual, uma língua própria que lhes permite a comunicação, expressão do seu pensamento e posicionamento discursivo. O orgulho da língua de sinais mostra a diferença, tornando, por um ponto de vista, a Libras, como a língua dos surdos brasileiros, sendo mais valorizada pelos surdos do que a língua majoritária, a língua falada.” (CLAUDIO, 2010, p. 14).

Considerando os argumentos acima, os signos visuais para pessoas surdas são entendidos como experiências visuais que servem para transmitir e captar uma mensagem ou informação recebida pela linguagem visual. Nesse contexto, podemos dizer que a comunicação visual entre os surdos na comunidade surda tem evoluído ao longo anos, no uso prático de gestos, mímicas, símbolos e sinais. A chave, desse ponto de vista, a língua de sinais como meio de comunicação, também é vista como membro da cultura surda na interação social desta comunidade. Além disso, onde seus pares não são surdos, eles têm adquirido maiores conhecimentos e fluência da língua de sinais para que possam se comunicar com os surdos.

Segundo Strobel (2013)

“Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo acessível e habitável, ajustando-o com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os costumes e os hábitos do povo surdo.” (STROBEL, 2013, p. 29).

As culturas minoritárias, como o grupo de pessoas surdas, têm mostrado uma luta para que as culturas majoritárias vejam a diferença cultural. No caso, a educação para surdos, por exemplo, tem um grande trabalho dentro da escola, pois o papel dos

professores é mostrar que o surdo pode ser reconhecido como pessoa diferente e não como pessoa incapaz e nem deseja ser chamado de deficiente/deficiente auditivo.

Desse ponto de vista, as características do surdo sempre foram vistas como pontos negativos. Para Skliar (1998), o discurso da diferença está pressionado pela visão clínica, sob o seguinte recorte: a falta da fala e da audição que transforma o silêncio em anormal. Como se sabe, as línguas de sinais não se expressam somente pelas mãos e pelos olhos. Elas, justamente, compõem um sistema comunicativo ou sistema de sinais, em que é possível observar os braços que giram rapidamente como um vento, as expressões faciais que marcam as vozes nos silêncios, as posturas estranhas que expressam os sentimentos e as emoções.

Sacks (2010) acredita na importância de que a surdez seja descoberta o mais cedo possível. Além disso, as crianças surdas devem ter contato diretamente com as pessoas adultas fluentes na língua de sinais para adquiri-la como sua língua materna.

“As crianças surdas precisam ser postas em contato primeiro com pessoas fluentes na língua de sinais, sejam seus pais, professores ou outros. Assim que a comunicação por sinais for apreendida – e ela pode ser fluente aos três anos de idade -, tudo então pode decorrer: livre intercuro do pensamento, livre fluxo de informações, aprendizado da leitura e da escrita e, talvez da fala.” (SACKS, 2010, p. 38).

Como as crianças surdas sempre existiram no mundo, pedagogicamente, elas tiveram, e ainda têm a barreira da língua majoritária, como nomeamos, a língua oral. Para entender melhor, “não é possível transliterar uma língua falada para a língua de sinais, palavra por palavra ou frase por frase – suas estruturas são essencialmente diferentes” completa o pesquisador Sacks (2010, p. 37). Nesta perspectiva, a escrita e a leitura sempre estarão presentes em tudo que nos cerca e todos os seres humanos dependerão dela para se inserir na vida social.

A autora Lopes (1998) entende que o surdo começa a ser visto como um sujeito cultural nas experiências com outras pessoas surdas no mesmo grupo ou comunidade. E afirma ainda que os sujeitos surdos devem ter contato com outro surdo para compreender o seu mundo da surdez.

“Pensando na perspectiva dos “diferentes na diferença”, o surdo passa a ser um sujeito cultural produtor e produto de subjetividades conjugadas, e a escola, como em qualquer situação, independente de ser para surdos ou não, pode ser vista como um meio disciplinador de corpos, línguas e mentes.” (LOPES, 1998, p. 112).

As diferenças culturais são produzidas por meio das formas com que elas marcam os seus territórios: pelo povo, pela identidade, pela língua, pelo direito e pela comunidade.

Assim, Skliar (2001) se coloca:

“A diferença, como significação política, é construída histórica e socialmente; é um processo e um produto de conflitos e movimentos sociais, de resistências às assimetrias de poder e de saber, de uma outra interpretação sobre a alteridade e sobre o significado dos outros no discurso dominante.” (SKLIAR, 2001, p. 6).

Desse modo, no tocante à diferença, podemos compreender que essa noção na cultura surda implica refletir sobre práticas sociais, relacionando ao uso da língua de sinais, por meio de comunicação visual e espacial, o direito à língua materna para todas as crianças surdas no mundo.

Por outro lado, o fato de muitos sujeitos surdos brasileiros apresentarem dificuldade de realizar uma comunicação escrita em Língua Portuguesa é atenuado pelo fato de possuírem outros recursos de comunicação: vídeos/comunicação virtual. Portanto, a tecnologia da informação está aproximando esses dois mundos, expandindo as formas de expressar a Língua Portuguesa e a Língua Brasileira de Sinais, na produção textual e visual. Isso pode ser feito quando se trabalha com propostas que envolvam contextos sociais e culturais nos quais o sujeito perceba que a escrita e a leitura também desempenham, em sua vida, um importante canal de acesso à informação.

3.2.2 Cibercultura

A noção de cibercultura implica pensar as relações desde o campo sociocultural, a mídia e o cidadão, onde os sujeitos são estimulados a produzir, se apropriar, distribuir e compartilhar informações. São as expansões da cibercultura que consideram fundamental o compartilhamento, a distribuição e a apropriação dos bens simbólicos. Para compreender melhor a definição da noção de cibercultura, veremos uma perspectiva do que dizem os autores Lévy (1999), Santaella (2003), Rifiotis (2012) e Lemos (2013).

Vamos conhecer os conceitos de ciberespaço e cibercultura, no qual o pesquisador Lévy (1999) embasa o entendimento sobre esses termos:

O ciberespaço (que também chamarei de “rede”) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo

específica, não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 17).

Assim, o movimento social e a cultura se apresentam relacionados aos dois termos anteriormente explicitados: ciberespaço e cibercultura. O ciberespaço que também é usado como rede, é um meio de comunicação permeado pela navegação, pela programação e pela realidade prática cotidiana usada pelos seres humanos. Além disso, refere-se a como eles agem, se alimentam e se comunicam nesse universo digital. “Há várias maneiras de se entrar no ciberespaço.” (SANTAELLA, 2004, p. 41).

O autor Lemos (2013) também aprofunda o pensamento sobre os dois termos utilizados e discutidos – cibercultura e ciberespaço:

A cibercultura vai se caracterizar pela formação de uma sociedade estruturada através de uma conectividade telemática generalizada, ampliando o potencial comunicativo, proporcionando a troca de informações sob as mais diversas formas, fomentando agregações sociais. O ciberespaço cria um mundo operante, interligado por ícones, portais, sítios e *home pages*, permitindo colocar o poder de emissão nas mãos de uma cultura jovem, tribal, gregária, que vai produzir informação, agregar ruídos e colagens, jogar excesso ao sistema. (LEMOS, 2013, p. 88).

Com o fenômeno dos estudos da cibercultura e do ciberespaço, é interessante perceber a necessidade de se repensar categorias de um conhecimento intelectual. Em particular, a mídia é o ninho da união civil da ciência com a técnica. Podemos entender, portanto, que o conceito de cibercultura está relacionado à interação entre sociedade, cultura e tecnologias, isto é, a cultura contemporânea associada às mídias (tecnologias e dispositivos digitais). E no ciberespaço podemos compreender que com apenas um clique na tecla ou no teclado é permitido acessar e conectar diversos ambientes digitais assim como são conectados pessoas e lugares, também se formam comunidades ou grupos digitais. Logo, podemos observar que a cibercultura se caracteriza pela integração da sociedade com a técnica.

Para completar esse raciocínio seguem as análises dos autores Junior e Oswald (2014):

O ciberespaço nunca esteve tão próximo da vida cotidiana dos sujeitos, e as redes sociais digitais são prova disso pelo fato de que os usuários dos *softwares* sociais compartilham inúmeras mensagens a todo instante na medida em que vivenciam simultaneamente acontecimentos no espaço físico. (JUNIOR; OSWALD, 2014, p. 173).

Os argumentos citados pelos autores têm aproximado a ideia de ciberespaço do nosso tempo, o século XXI. De acordo com isso, a vida humana está bem próxima do que é dito nas redes sociais, por meio das postagens de mensagens, fotos, vídeos e outros aspectos. Isso mostra uma das formas de mediar e compartilhar os acontecimentos pessoais nos lugares físicos e não físicos.

Conforme Santaella (2004) afirma, “a navegação interativa entre nós e nexos pelos roteiros alineares do ciberespaço envolve transformações sensoriais, perceptivas e cognitivas que trazem consequências também para a formação de um novo tipo de sensibilidade corporal, física e mental.” (SANTAELLA, 2004, p. 34). Quando se fala das transformações do sujeito, estão relacionadas as ações desenvolvidas, assim como decisões cognitivas, comportamentos, controles perceptivos, capacidade sensorial sinestésica e sensorio-motora. (SANTAELLA, 2004).

Nestes ambientes digitais, as interações nos meios da conexão, a internet, cria o estímulo para que os sujeitos experimentem sensações novas, pois na maior parte dos universos digitais encontram certa liberdade de participação e de atuação. Para isso “é preciso conhecer o ambiente em que esses processos cognitivos são performatizados: o ambiente do ciberespaço.” (SANTAELLA, 2004, p. 37). Estes ambientes digitais focam na participação e atuação dos sujeitos surdos nas comunidades no Facebook.

Recuero (2014), em sua tese de Doutorado, apresenta como reflexão que “a Cibercultura trouxe novas significações para diversas ações sociais (como o entretenimento) que passaram a ser incorporadas ao cotidiano social.” (RECUERO, 2014, p. 94). Para isto, o cotidiano social foi e é formado por experiências do sujeito e do coletivo a partir das ações sociais com *interatividade mediática* (BRAGA, 2001). Portanto, a interação social mediatizada “viabiliza uma comunicação diferida no tempo e no espaço, e permite a ampliação numérica e a diversificação dos interlocutores.” (BRAGA, 2001, p. 119).

Junior (2009) afirma que “as inúmeras possibilidades de manuseio das redes sociais podem ser direcionadas para, também, construir o espaço de discussão, de

compartilhamento e de produção de informação de relevância social, criando um ambiente de melhora da qualidade informativa.” (JUNIOR, 2009, p. 97-98). Ainda, segundo ele, aproxima a ideia de redes sociais como processo de produção de informação, na qual, o sujeito tem a disponibilidade de debater os temas que devem ser discutidos pela sociedade, já que o cidadão e a rede social constroem um sistema em movimento, especialmente complexo.

Portanto, a sociedade tem como visão de futuro que a internet seja um espaço onde seja permitida a todos os indivíduos, atores sociais em diversos segmentos como músicos, pintores, escritores em geral, por exemplo, a utilização deste ambiente, de forma proveitosa para que possam anunciar os seus trabalhos. Isto é, fazer uma cibercultura progressiva e revolucionária.

Nesse sentido, Lemos (1999) alerta que quem não quiser ficar para trás, deve estar ativamente bem acompanhado:

Além disso, nos casos em que processos de inteligência coletiva desenvolvem-se de forma eficaz graças ao ciberespaço, um de seus principais efeitos é o de acelerar cada vez mais o ritmo da alteração tecno-social, o que torna ainda mais necessária a participação ativa na cibercultura, se não quisermos ficar para trás, e tende a excluir de maneira mais radical ainda aqueles que não entraram no ciclo positivo da alteração, de sua compreensão e a apropriação. (LEMOS, 1999, p. 30).

Na aceleração de produção, a velocidade vem aumentando cada vez mais. Na comunidade, como com as pessoas, se forma uma observação aos processos de inteligência coletiva no ciberespaço, sendo que a informação e a comunicação acontecem de forma cada vez mais rápida. Com isso, surge um caminho de transformação social e de pensamento filosófico que inclui os surdos. Rifiotis (2012) conta a sua experiência sobre o estudo de cibercultura:

No campo dos estudos da “cibercultura”, a vontade do saber sociotécnico está expressa nas descrições dos modos de “iniciação” ou “socialização” dos “usuários”, e nas possibilidades que tais descrições abrem para a compreensão das modalidades de “apropriação” ou “representação”, entre outras palavras-chave correntes nos nossos trabalhos. É assim que a descrição da plataforma (sempre presente e com lugar de destaque) é entendida como uma apropriação pelos sujeitos. (RIFIOTIS, 2012, p. 572).

O campo dos estudos de cibercultura está situado no cenário do sistema sociotécnico em formação da socialização dos usuários/atores. Nesse modelo sociotécnico encontramos uma organização, não como um sistema único, mas como um

sistema composto de muitos sistemas interdependentes em funcionamento e com o mesmo objetivo/meta. O processo do sistema sociotécnico inclui sujeitos, tecnologia, informações, habilidades e saberes acerca do sistema, relacionados ao subsistema técnico e social.

Rüdiger (2007), que escreveu o livro *Introdução às teorias da cibercultura*, reconhece que “o processo técnico sempre está envolvido no “imaginário social” e aquele é uma “atividade humana”; que a cibercultura cria por uma “astúcia dos usos” e a “reinvenção cotidiana”.” (RÜDIGER, 2007, p. 94). O autor tem apresentado diversos panoramas detalhados sobre as paisagens de diferentes pensadores, colocando um roteiro de estudo para as principais discussões teóricas da cibercultura, como um guia de investigação científica e acadêmica.

Por essa razão, Lemos (2003) entende que:

A sociabilidade pós-moderna, por colocar ênfase no presente, não investe mais no dever ser, mas naquilo que é, no presente. A vida quotidiana contemporânea vai insistir na dimensão do presente; num presente caótico e politeísta em detrimento de perspectivas futuristas. (LEMOS, 2003, p. 89).

É interessante comentar que, para os indivíduos/sujeitos contemporâneos, em referência à sociabilidade, o ambiente digital que é percebido como um recurso socialmente potencializado é, também, como um alimento para o povo na cibercultura.

Santaella (2003) descreve,

A cibercultura, tanto quanto quaisquer outros tipos de cultura, são criaturas humanas. Não há uma separação entre uma forma de cultura e o ser humano. Nós somos essas culturas. (SANTAELLA, 2003, p. 24).

Desse modo, somos nós que construímos nossas culturas, portanto, conforme a autora afirma, não temos como separar a cultura e o ser humano. De qualquer forma, com certeza, necessitamos dos dois para fecundar os processos de força comunicacionais socioculturais e sociociberculturais.

Nesse sentido, podemos entender os modos de conhecimentos trazidos pela cibercultura, referindo-nos às tecnologias e dispositivos que permitem que os grupos e os indivíduos compartilhem e negociem os modelos mentais que trazem como resultado um aumento da inteligência coletiva. Lévy (1999) que investiga sobre interconexão caótica, ressalta que um dos grandes elementos da cibercultura é a *inteligência coletiva*, que seria

“a valorização, a utilização otimizada e a criação de sinergia entre as competências, as imaginações e as energias intelectuais, qualquer que seja sua diversidade qualitativa e onde quer que esta se situe.” (LÉVY, 1999, p. 167).

O autor entende que a inteligência coletiva tem a função da disponibilidade “da memória, da imaginação e da experiência, por uma prática banalizada de troca dos conhecimentos, por novas formas de organização e de coordenação flexíveis e em tempo real.” (LÉVY, 1999, p. 167).

Neste contexto podemos afirmar que os indivíduos quando se encontram em certo grupo, a coletividade, acabam compartilhando as trocas de informação e de conhecimento, formando uma nova estratégia para formar o sistema de organização social. Nesse sentido, as pessoas surdas, nas comunidades surdas digitais buscam as trocas dos conhecimentos através das memórias visuais para se manter informadas, com o uso de vídeos, imagens e textos ou hipertextos.

No livro *A galáxia da internet*, o pesquisador Castells (2003), no capítulo dois faz uma reflexão sobre a cultura da internet, e entende que “A cultura da Internet é a cultura dos criadores da Internet.” (CASTELLS, 2003, p. 34). Nesse entendimento, o da cultura dos criadores da internet, são os usuários/atores/produtores que produzem e criam suas culturas na internet. Conforme Castells (2003) afirma, “a cultura é uma construção coletiva que transcende preferências individuais, ao mesmo tempo em que influencia as práticas das pessoas no seu âmbito, neste caso os produtores/usuários da Internet” (CASTELLS, 2003, p. 34).

Diante disso, Castells (2003) compreende que são as nossas mentes responsáveis pelos processamentos das nossas culturas:

Nossas mentes – não nossas máquinas – processam cultura, com base em nossa existência. A cultura humana só existe em e através de mentes humanas, em geral conectadas a corpos humanos. Portanto, se nossas mentes têm a capacidade material de acessar a totalidade da esfera das expressões culturais – selecioná-las, recombina-las – na verdade temos um hipertexto: o hipertexto está dentro de nós, ou antes, está em nossa capacidade interior de recombina e atribuir sentido dentro de nossas mentes a todos os componentes do hipertexto que estão distribuídos em muitas diferentes esferas de expressão cultural. A Internet nos permite fazer precisamente isso. (CASTELLS, 2003, p. 166).

Assim, por causa das nossas mentes, elas necessitam de nós, os humanos, para manipular o acesso na internet, é lá e ali que se vai encontrar todos os tipos de hipertexto

- as imagens, as cores, os sons, os silêncios, as letras, os idiomas, incluindo toda a esfera da expressão cultural e simbólica. Na internet, é permitido expressar e utilizar as nossas mentes para construir um hipertexto, feito de expressões culturais selecionadas e re combinadas em procura de novos significados. E como somos uma sociedade em rede (CASTELLS, 2011), nossas mentes estão ligadas nos ambientes sociais e digitais, de modo que buscamos as nossas trocas de experiências da vida cotidiana.

3.3 A PERSPECTIVA DA CIDADANIA COMUNICATIVA

Para situar a pesquisa em cidadania comunicativa, podemos afirmar que a cibercultura influencia na cidadania dos sujeitos contemporâneos, pois a interatividade mediática entre atores/usuários e informação, perpassa três eixos: o cidadão, a sociedade e a cultura digital. Dessa forma, esses eixos são trabalhados juntos tanto na formação social quanto na moral. Também são pensados quais os desafios da cidadania e da construção entre sociedades digitais e ciberculturas contemporâneas que são desenvolvidos neste contexto.

Durante o estudo de cidadania, pretendemos refletir sobre de conceitos de cidadania e de identidade. Com eles podemos situar as diferentes pontes culturais e incluir os meios políticos, econômicos e comunicacionais. Segundo García Canclini (1999) explica, “uma teoria das identidades e da cidadania deve levar em conta os modos diversos com que estas se recompõem nos desiguais circuitos de produção, comunicação e apropriação da cultura.” (GARCÍA CANCLINI, 1999, p. 173). Neste sentido, o autor afirma que estudar a cidadania e as identidades sob as relações de ruptura e de continuidade entre os sistemas comunicacionais, culturais e globais é “um dos maiores desafios para se repensar a identidade e a cidadania.” (GARCÍA CANCLINI, 1999, 175).

Conforme Cortina (2005), “a cidadania é um conceito mediador porque integra exigências de justiça e, ao mesmo tempo, faz referência aos que são membros da comunidade, une a racionalidade da justiça com o calor do sentimento de pertença.” (CORTINA, 2005, p. 27 e 28). Para ela, a racionalidade da justiça e o sentimento de pertença a uma comunidade qualquer devem caminhar juntas, assegurando ao cidadão uma vida plenamente democrática.

A cidadania neste campo de estudo define como a conquista do caráter de cidadão pelo sujeito está inserida no espaço público – na comunidade ou sociedade. O *ethos*⁵⁴ (caráter) está nos costumes, valores morais e traços comportamentais que definem uma comunidade.

Para compreender a cidadania civil, Cortina (2005) esclarece a seguir:

As dimensões política, social e econômica da cidadania caminham nesse sentido, mas o ser humano não é só um sujeito de direitos das duas primeiras gerações (cidadania política e social), e tampouco apenas um produtor de riqueza, material ou imaterial (cidadania econômica). É antes de tudo *membro de uma sociedade civil*, parte de um conjunto de associações não políticas nem econômicas, essenciais para sua socialização e para o desenvolvimento cotidiano de sua vida. (CORTINA, 2005, p. 106).

A ideia, neste contexto, é de que qualquer cidadão deve pertencer ou ser membro de uma sociedade civil, para associar-se na vida cotidiana com os outros membros, pois a socialização é um processo por meio do qual um sujeito se torna membro de uma comunidade ou sociedade. Belloni (2007) define que “o processo de socialização é o espaço privilegiado da transmissão social dos sistemas de valores, dos modos de vida, das crenças e das representações, dos papéis sociais e dos modelos de comportamento.” (BELLONI, 2007, p. 59).

Acontece que cada grupo organiza seus sistemas de valores de forma conveniente, e mesmo cada um tendo suas características próprias, podem ser identificadas as mesmas ideias nesse processo de socialização. Assim, atualmente o Estado é que não consegue mais controlar e vigilar os grupos de cidadãos, pois eles funcionam com o livre arbítrio, que é o poder que cada cidadão tem de escolher suas ações e o melhor para o seu país.

Na vontade de um ato ou de uma ação política, o Estado vê o ser humano contemporâneo se construindo em múltiplas dimensões, o que lhe permite transitar por diferentes lugares pelo mundo e se apropriar de elementos como hábitos, costumes, gastronomias, culturas e línguas. As ações políticas são uma possibilidade para o cidadão realizar sua manifestação, dialogando com liberdade, igualdade, respeito e solidariedade.

Ghai (2003) apresenta a relação entre o Estado e o cidadão pelos direitos, baseada no conceito de cidadania:

⁵⁴*Ethos* é uma palavra de origem grega, utilizada para exprimir o conjunto de valores característicos de um movimento cultural. Pode, ainda, designar as características morais, sociais e afetivas que definem o comportamento de uma determinada pessoa ou cultura. Termo citado por Aristóteles.

O povo está ligado ao Estado pelo conceito de cidadania, baseado rigidamente nos direitos e obrigações iguais de todas as pessoas, pressupondo a lealdade para com o Estado, e não reconhecendo quaisquer distinções de cultura ou de tradição. Os cidadãos têm direitos, mas estes são direitos dos indivíduos, baseados em uma visão abstrata e uniforme da pessoa humana. O Estado atua por intermédio do direito, mas este é o direito criado pelo Estado, não os corpos preexistentes de costumes e de formas locais de direito. O Estado favorece a uniformidade das estruturas e tem em vista a homogeneização da cultura e da ideologia, propagando-as como valores universais. O domínio do Estado é o espaço público, com uma área em progressiva redução correspondente ao espaço privado, a que permite alguma expressão de diversidade cultural. (GHAI, 2003, p. 595).

Nesse sentido, é importante observar as funções tanto do Estado quanto do cidadão. É interessante que os direitos e as obrigações sejam construídos pelas pessoas; esses direitos, porém, também são criados pelo Estado. Desse modo, as esferas pública e privada permitiram espaço para as diversas tradições culturais, nos diversos cenários ao longo dos séculos. Para o povo, o Estado reconhece os direitos de cidadania gerados pelas diversidades culturais. Além disso, também agrupa, pelos direitos humanos, as minorias étnicas, linguísticas e sociais.

Neste sentido, o Brasil possui vários grupos minoritários, tais como os gays, quilombolas⁵⁵, índios, surdos, cegos, imigrantes e outras classificações que caracterizam certos grupos pelas diferenças culturais e desigualdades sociais. Os elementos que fundamentam o estudo dos grupos minoritários envolvem o reconhecimento das práticas de vida, da cultura, da identidade, da etnia, das tradições, dos valores e dos direitos. Esses elementos, entre outros, já fazem parte da construção de cidadania de todos, tanto nos grupos minoritários quanto nos majoritários/grupos dominantes.

Quanto à noção de minoria, os autores Siqueira e Rostelato (2009) afirmam que a “minoria é o conceito que se adota com a finalidade de indicar que certas pessoas sofrem discriminações, tendo seus direitos de cidadania desrespeitados. ” (SIQUEIRA; ROSTELATO, 2009, p. 226). A compreensão acerca do que exatamente significa uma *minoria* deve ser explorada e estudada. Portanto, entendo minoria como um grupo não dominante de indivíduos que compartilham determinadas características – religiosas, étnicas ou linguísticas, diferentemente dos grupos majoritários da sociedade, e cujos direitos devem ser respeitados e protegidos/defendidos pelas minorias nacionais e

⁵⁵ Aqui a autora cita os quilombolas e não os negros de forma geral porque os negros são 52% da população do país, não podendo mais ser vistos como minoria. Faz referência aos quilombolas, que são negros, mas estes, sim, estão numa condição de minoria.

internacionais. Neste contexto, foi elaborada uma constituição para especificar e garantir os direitos do cidadão pertencente a algum grupo minoritário.

A autora Rocha (2009) percebe que “o exercício da cidadania vem se expandindo para além das esferas do exercício dos direitos civis e políticos de caráter universal, para incorporar as dimensões da diversidade e da diferença.” (ROCHA, 2009, p. 158). Em relação aos exercícios dos direitos civis e políticos, os sujeitos de minorias devem ser integrados à sociedade civil da qual são membros (CORTINA, 2005), para que a sociedade possa se situar com as diferenças e diversidades.

A ficha informativa, que encontrei no site da internet⁵⁶, resume os procedimentos realizados pelas Nações Unidas, especialmente na área da proteção das minorias. Nesta ficha também consta uma visão global das normas que combatem a discriminação e sobre os direitos humanos. Em relação a não discriminação, esta ficha informativa prevê:

é proibida a discriminação, nomeadamente, por motivos de raça, língua, religião, origem nacional ou social, nascimento ou outra condição. Entre as importantes garantias que beneficiam os indivíduos pertencentes a minorias incluem-se o reconhecimento da respectiva personalidade jurídica, a igualdade perante os tribunais, a igualdade perante a lei e o direito à igual proteção da lei, além das importantes liberdades de religião, expressão e associação. (DIREITOS HUMANOS, 2008, p. 5).

Neste contexto, segundo Rocha (2009), a “cidadania implica desenvolvimento de práticas que procuram garantir os direitos no campo da comunicação, além de envolver dimensões sociais e culturais vinculadas aos valores de igualdade de oportunidade, qualidade de vida, solidariedade e não discriminação.” (ROCHA, 2009, p. 158). Tal cidadania deixou de ser observada do ponto de vista de uma concepção meramente política, mas sim, da social, econômica, civil, cultural, comunicacional e jurídica. Nessa linha Cortina (2005) identifica que “o estatuto de cidadão é, em consequência, o reconhecimento oficial da integração do indivíduo na comunidade política, comunidade que, desde as origens da era moderna, adquire a forma nacional de direito.” (CORTINA, 2005, p. 31).

A pesquisadora Mata (2006) aponta para a

... necessidade de dar conta do modo como os cidadãos se tornam visíveis no espaço midiático, de analisar quais são as representações de cidadania que os meios constroem, e como se auto-representam, contudo, os espaços de

⁵⁶ Fonte: http://www.gddc.pt/direitos-humanos/Ficha_18.pdf Acesso em: 25 mai. 2016.

‘cidadanização’, isto é, como espaços de visibilidade e de produção de direitos e deveres. (MATA, 2006, p. 8)⁵⁷.

Nesta perspectiva, podemos entender, sobre a ampliação de visibilidade que as mídias vêm possibilitando nas práticas cotidianas, com a qual, ajudam a enriquecer o espaço público e a fortalecer a produção de direitos e deveres dos cidadãos. Além disso, a reprodução dos perfis na internet, em especial nas redes sociais, compõe um espaço especial para reunir as mesmas ideias a respeito de justiça, emprego, educação e saúde. O processo de construção desse tipo de encontro confirma que

(...) a comunicação midiática desempenha importante papel no exercício da cidadania efetiva, tanto na interação, que torna possível a coletivização de interesses, necessidades e propostas quanto na promoção das oportunidades, para que os indivíduos representem a si mesmos. (ROCHA, 2009, p. 159).

A partir dessas qualidades da comunicação midiática, podemos perceber que a estratégia do exercício da cidadania deve ser integrada, coletivizando os mesmos interesses, necessidades e propostas. E aí, o papel da comunicação midiática pode contribuir com a cidadania comunicativa na cibercultura.

Assim, Mata (2002) explica:

“reconhecendo a lógica da globalização, a noção de cidadania é o recurso necessário para repensar um modo de ser no mundo ampliado; quer dizer, para pensar o intercâmbio e a vinculação simbólica dos indivíduos em um espaço tornado comum pelas tecnologias de produção e distribuição de informação e produtos mediáticos.” (MATA, 2002, p. 65).⁵⁸

Assim, é fundamental pensar o conceito de cidadania como amplo e complexo. Além disso, também é essencial repensar o significado de cidadania, sobretudo o que ela representa para os indivíduos sob a forma de tecnologias e os dispositivos – mídias, ou seja, são produtos mediáticos, informação e produção. Nesta esfera, a noção de cidadania se aproxima também do estudo da problematização de identidades e de culturas –

⁵⁷ Tradução nossa: “... necesidad de dar cuenta, (...) de qué modo los ciudadanos se hacen visibles en el espacio mediático, de analizar cuáles son las representaciones que los medios construyen de la ciudadanía, y cómo se auto-representan en tanto espacios de ciudadanía, es decir, como espacios de visibilización y producción de derechos y deberes”. (MATA, 2006, p.8).

⁵⁸ Tradução nossa: “reconociendo la lógica de la globalización, la noción de ciudadanía es el recurso necesario para re-pensar un modo de ser en el mundo ampliado; es decir, para pensar el intercambio y la vinculación simbólica de los individuos en un espacio vuelto común por las tecnologías de producción y distribución de información y productos mediáticos” (MATA, 2002, p.65).

multiculturalismo, no qual é possível analisar a fonte de reconhecimento nas práticas sociais, a vinculação da política e as lutas pelos direitos humanos.

O espaço de reconhecimento pela integração do sujeito de uma comunidade política surge, segundo a pesquisadora Mata (2006), quando se adota a noção de *ciudadania comunicativa*. Para a autora, isso representa “a noção de cidadania comunicativa, que entendemos como o reconhecimento da capacidade de ser sujeito de direito e demanda no terreno da comunicação pública, e o exercício desse direito.” (MATA, 2006, p. 13)⁵⁹. Sob tal perspectiva, compreendemos que o sujeito demonstra o reconhecimento na capacidade de lutar pelo seu direito, nesta trajetória de batalha. Também o leva a construir uma cidadania comunicativa com o uso dos direitos civis, como a liberdade de se expressar, a possibilidade de escolha, o direito à informação e de interação nos assuntos públicos e políticos. De fato, a autora afirma que a noção de cidadania comunicativa é tratada como conceito complexo “que envolve várias dimensões e que reconhece a condição pública dos meios que os indivíduos temos nas sociedades mediatizadas.” (MATA, 2006, p. 13)⁶⁰.

Ancorado nas leituras de sua tese de doutorado, Bonito (2015) tenta mostrar o significado de cidadania comunicativa.

a cidadania comunicativa compreende e possibilita a participação dos diversos sujeitos num processo de criação democrático, o que amplia as práticas de cidadania, caracterizando-se também pelo acesso dos sujeitos às tecnologias. Este é um forte indicador do direito à comunicação e à informação e dos processos de democratização, que ampliam a capacidade de intervenção e de ação cultural, social, política e comunicacional. Essa prática contempla a participação nos processos diários, individuais e coletivos e possibilita aos sujeitos negociar e interagir para as tomadas de decisões. (BONITO, 2015, p. 165).

Sob esse ponto de vista, a teoria da cidadania comunicativa engloba as relações das problemáticas, democracia e justiça, que ampliam a disponibilidade ao acesso dos sujeitos nas mídias. Como exemplo, a internet favorece o próprio sujeito a um direito de comunicação e informação na passagem para o digital. Porém, na questão da acessibilidade digital, é possível encontrar algumas barreiras de comunicação que limitam os sujeitos comunicantes surdos. Desse modo os surdos percebem que essas limitações

⁵⁹ Tradução nossa: “la noción de ciudadanía comunicativa, que entendemos como el reconocimiento de la capacidad de ser sujeto de derecho y demanda en el terreno de la comunicación pública, y el ejercicio de ese derecho” (MATA, 2006, p. 13).

⁶⁰ Tradução nossa: “que envuelve varias dimensiones y que reconoce la condición de público de los medios que los individuos tenemos en las sociedades mediatizadas” (MATA, 2006, p. 13).

também acontecem na vida social como na vida digital, e para que a acessibilidade aconteça, eles devem arregaçar as suas mangas para lutar ao direito da não limitação de comunicação. Por isso, “a comunicação com acessibilidade é um direito humano”. (BONITO, 2015, p. 83). Mattelart (1999) afirma que “a informação deve poder circular. A sociedade da informação só pode existir sob a condição de troca sem barreiras”. Para existir sem essas barreiras, significa que as fronteiras de comunicação e de informação devem ser acessíveis para quaisquer seres humanos no planeta Terra, não importando a existência da deficiência. Sinalizo⁶¹ que me interessa é o direito à comunicação, sendo eu pessoa surda.

Consideramos a cidadania como ação, como ato, como possibilidade de exercício, portanto, a cidadania comunicativa pode ser formada por um conjunto de relações comunicativas compartilhadas no cotidiano, como acontece com os sujeitos surdos nas comunidades do FBK. Conforme os autores Almeida, Guindani e Morigi (2010) argumentam:

A prática da cidadania comunicativa contempla a natureza da ação, que é a participação nas ações na vida individual e coletiva, associada à ideia de negociar e interagir nas tomadas de decisões. Quer dizer, a condição da participação nos processos comunicacionais é o ponto de partida para a reflexão e o entendimento da prática da cidadania comunicativa. (ALMEIDA, GUINDANI & MORIGI, 2010, p. 5).

A participação nas ações na vida do sujeito, individual e coletiva, propriamente dito é a necessidade da opinião, da expressão e da participação para aplicar as reflexões assim como decisões, ideias, sugestões, propostas, planejamentos que são retomadas na prática da cidadania comunicativa.

O estudo voltado aos processos comunicacionais e à cidadania tem o papel fundamental de demonstrar o direito do cidadão à informação, à comunicação e à produção. Todas essas questões jurídicas ou de Estado são essenciais. Além disso, não podemos esquecer que a fundamentação relaciona cidadania e comunicação em nossa pesquisa, com o intuito de apresentar as características do cidadão surdo nas quais se articulam a problemática da diferença sociocultural e política. Nesse caminho, no próximo subcapítulo, vamos dialogar com essa perspectiva para compreender e pensar a cidadania comunicativa surda.

⁶¹ Sinalizo, quer dizer o uso da Língua de Sinais através pelas mãos.

3.3.1 A construção da Comunidade Surda para a Cidadania Comunicativa Surda

A cidadania comunicativa que entendemos, envolve diversas dimensões políticas, sociais, culturais e comunicacionais, bem como as esferas do exercício dos direitos civis e do conhecimento legais, garantindo esses direitos no campo da comunicação, vinculados aos valores morais e éticos.

Neste sentido, atualmente existe pouca problematização teórica sobre o estudo da noção de *cidadania comunicativa surda*, pois é um caminho muito novo. Há, portanto, necessidade de abrir discussões, argumentações e reflexões sobre o assunto. Nesse caso, a autora pretende descrever esclarecendo e, principalmente, possibilitando compreender a realidade do mundo contemporâneo, a importância de explorar o estudo, desde o começo, do processo da cidadania comunicativa surda no Brasil, tanto seja regional quanto em diferentes estados do país.

O exercício da cidadania comunicativa surda vem se construindo nas práticas sociais nos usos da internet, como estratégias comunicacionais pelos sujeitos surdos e também como espaços de cidadania ativa e participativa na visibilidade pública de processo de inclusão sociopolítica, cultural e educacional. São espaços que visam principalmente à incorporação da comunidade surda no Brasil, como aquela que é orientada ao reconhecimento da diferença linguística e cultural.

A partir disso, o contato dos sujeitos surdos com os meios de comunicação tem provocado mudanças cotidianas, mas deve-se considerar também que há elementos, como circulação de informações, que auxiliam a elevar o nível de conscientização da comunidade surda no Brasil, as quais começam a passar a compreensão da sua dimensão social e histórica no território que ocupa. Com isso, percebe-se que a mídia, em especial a internet, tem ajudado no processo de reconhecimento cultural e social, valorizando o respeito às diferenças e à língua de sinais. Desse modo, o papel do contato dos sujeitos surdos com os meios de comunicação torna-se importante para elevar a dimensão da comunicação visual, assim como o acesso da informação os capacita a dialogar e refletir sobre os acontecimentos do mundo e das comunidades surdas, por isso com essas informações visuais, os sujeitos surdos conseguem expressar e melhorar as suas participações coletivas no ambiente digital. Almeida (2015) descreve que “a comunicação fortalece as buscas da cidadania, especialmente quando ela introduz informações que reforçam o pertencimento, a identidade, o respeito à diferença, à liberdade de expressão e às reivindicações sociais.” (ALMEIDA, 2015, p. 14).

Entender a teoria da cidadania comunicativa surda, antes de tudo é uma questão empírica que nos leva ao reconhecimento da noção de comunidade surda, tratando com as diferenças linguísticas e culturais. Para isso é necessário pensar os modelos estruturais pelos quais se influenciam as relações sociais. Nesta teoria, é possível perceber os pontos que dizem respeito à participação nas ações, pelos cidadãos surdos, mas para se chegar à ideia de participação há fundamentos importantes no quais as mudanças globais com as mídias passaram a incorporar os direitos linguísticos.

Deste ponto de vista, trato de mostrar que o cidadão surdo é aquele que acompanha as experiências vividas numa comunidade surda politizada. Explicando, o cidadão surdo é o que se ocupa, no espaço público, das questões políticas e linguísticas, reunindo as forças pelo respeito ao direito da comunicação, da educação, do emprego e outros elementos sociais. Numa comunidade surda, os intérpretes de Libras vêm trazendo o auxílio quando se encontram as barreiras de comunicação, para distribuir suas vozes mediadoras para que o povo escute e veja as mãos sinalizadas. Isso significa que o cidadão surdo é capaz de se relacionar com outros, de conviver com eles, e também de formar uma comunidade surda *mista*⁶², de surdos e ouvintes, pois acredito que a comunidade surda já é mista, pois os intérpretes, pais, parentes, professores são ouvintes. Sem dúvida, por ser uma comunidade surda mista, entendo que o cidadão surdo se forma em duas culturas, duas línguas, duas identidades ao mesmo tempo. Há, porém, uma questão muito importante e é muito preocupante, pois alguns surdos não aceitam esse envolvimento de duas culturas e fazem a separação dos dois lados, ouvintes e surdos.

Conforme os autores Padden e Humphries (2000), na comunidade surda também podem estar incluídos sujeitos surdos e ouvintes. Para definir comunidade surda os pesquisadores surdos americanos entendem que “uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são elas próprias Surdas, mas que apoiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas Surdas para os alcançar”. (PADDEN & HUMPHRIES, 2000, p. 5). De acordo com os pesquisadores, entendo que a comunidade surda de fato não é só de pessoas surdas, pois nela há também diferentes pessoas envolvidas, os sujeitos ouvintes – que são intérpretes de Libras, professores, família, amigos e outros – participam de interesses comuns em uma mesma comunidade.

Porém, Bauman (2003) afirma que “a comunidade de entendimento comum, mesmo se alcançada, permanecerá, portanto, frágil e vulnerável, precisando para sempre

⁶² A adoção nesse termo *mista* tem como objetivo para explicar a ideia que a comunidade surda não é composta só por pessoas surdas.

de vigilância, reforço e defesa.” (BAUMAN, 2003, p. 19). Nesse ponto é preciso pensar que mesmo quando os objetivos forem alcançados, a comunidade deve continuar em vigilância, isso quer dizer, estar por perto, acompanhando e atenta, para que não desapareçam os objetivos conquistados pela comunidade surda, tais como a língua de sinais, a cultura surda, a escola, a associação para surdos e outros laços. As comunidades surdas organizam suas lideranças surdas e ouvintes dentro do movimento, movimento esse que se estrutura como uma organização de lutas pelos direitos. Assim, podemos observar que a comunidade surda em Barcelona e as lutas portuguesas são bem próximas dos sujeitos brasileiros. Em função disso, reforça Gil (2011) que “a liderança é a defesa da língua gestual e a aceitação dos seus pares como membro da comunidade, como líder e, por consequência, lutador na causa da dignificação da língua gestual.” (GIL, 2011, p. 44). Quando o sujeito surdo assume o papel de líder de uma comunidade surda, ele “deve mover-se bem entre os dois mundos, o Surdo e o ouvinte” (GIL, 2011, p. 51), portanto, o papel do líder é descrito como mediador entre dois mundos.

Santos Sousa (2003) com relação a liderar, descreve que

saber ouvir e aceitar as críticas nas reuniões é um indicador do caráter democrático da liderança. Saber falar e expor os seus pontos de vista mostra a capacidade do líder de representar o movimento perante o exterior (meios de comunicação, políticos), onde se exige um bom domínio da linguagem, boa representação física e uma argumentação persuasiva. (SANTOS SOUSA, 2003, p. 219).

Os líderes intelectuais surdos ou ouvintes podem ser entendidos como porta-vozes sinalizados de uma população surda atuando como representantes políticos e articulando as possibilidades de mobilizações relativas à comunidade surda. Muitas vezes, os líderes surdos são os mais experientes, ou seja, os mais velhos da comunidade surda, com sua trajetória de vida bem próxima e envolvida nos movimentos surdos.

Nesta perspectiva, muitos pesquisadores conceituam comunidade surda de forma ampla e complexa, e é um conceito formado por identificações, valores, regras de comportamento, tradições e ideologias em comum. Sabemos que na comunidade surda, os sujeitos são defensores da língua de sinais, e Bergamo e Santana (2005) entendem que

conferir à língua de sinais o estatuto de língua não tem apenas repercussões linguísticas e cognitivas, tem repercussões também sociais. Ser normal implica ter língua, e se a anormalidade é a ausência de língua e de tudo o que ela representa (comunicação, pensamento, aprendizagem, etc.), a partir do momento em que se configura a língua de sinais como língua do surdo, o estatuto do que é normal também muda. Ou seja, a língua de sinais acaba por

oferecer uma possibilidade de legitimação do surdo como “sujeito de linguagem”. Ela é capaz de transformar a “anormalidade” em diferença, em normalidade. (BERGAMO & SANTANA, 2005, p. 567).

Neste contexto, a língua de sinais é uma referência da comunidade surda que marca a sua diferença através do respeito pela língua dos surdos e procura valorizar o orgulho de Ser Surdo⁶³. E a língua garante que o sujeito surdo apresenta a sensibilidade para a sociedade reconhecer os principais elementos dos seus direitos à igualdade de acesso à língua, à informação, à participação social e à comunicação. Consideramos que “em referência à informação, não cabe dúvidas de que as mudanças produzidas nos suportes de transmissão têm contribuído para fazê-las mais adaptadas às necessidades da comunidade surda.⁶⁴” (BÁEZ & CABEZA, 2006, p. 285).

Diante disso, vamos considerar as consequências da problematização teórica da noção de cidadania comunicativa surda. Em uma parte, a seguir é oportuno conhecer a Legislação Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Em âmbito nacional, a Lei nº 13.146 de 6 de julho de 2015⁶⁵, assegura e promove, principalmente, as condições de igualdade sob o exercício dos direitos e das liberdades fundamentais por pessoa com deficiência, na inclusão social e cidadania. No capítulo dois discorreremos sobre as normas do acesso à informação e à comunicação, que especifica a necessidade da pessoa surda – “os serviços de radiodifusão de sons e imagens devem permitir o uso dos seguintes recursos, entre outros: I - subtítuloção por meio de legenda oculta; II - janela com intérpretes da Libras e III - audiodescrição” (artigo 67).

Sob essa perspectiva do artigo, está claro que a pessoa surda tem o direito aos serviços que ofereça a comunicação acessível, assim como legenda oculta (*closed caption*) e janela com intérpretes da Libras, que devem ser aplicados nos canais da televisão. Nas campanhas eleitorais já são colocadas as janelas de intérpretes ou legendas ou ambas, e isso já mostra o direito do cidadão surdo ao acesso à informação como qualquer outra pessoa. A meu ver, no entanto, a esse respeito, “o reconhecimento de direitos multiculturais” (CORTINA, 2005, p. 149) tem aberto, aos poucos, as portas no Brasil, porque na verdade é a sociedade que necessita reconhecer e aceitar o acolhimento

⁶³ Verificar no capítulo 2, que apresenta a ideia do orgulho de Ser Surdo.

⁶⁴ Tradução nossa: “En referencia a la información, no nos cabe duda de que los cambios producidos en los soportes de transmisión han contribuido a hacerlos más adaptados a las necesidades de la comunidad sorda” (BÁEZ & CABEZA, 2005, p. 285).

⁶⁵ Site disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm
Acesso em: 10 mai. 2016.

destes como o de qualquer cidadão e não como de um cidadão de minorias nacionais ou de pessoa com deficiências, mas sim como um cidadão com diferença cultural.

Outro ponto interessante, na mesma legislação determina que “o poder público deve adotar mecanismos de incentivo à produção, à edição, à difusão, à distribuição e à comercialização de livros em formatos acessíveis, inclusive em publicações da administração pública ou financiadas com recursos públicos, com vistas a garantir à pessoa com deficiência o direito de acesso à leitura, à informação e à comunicação. Nesse caso, poder público deve estimular e apoiar a adaptação e a produção de artigos científicos em formato acessível, inclusive em Libras.” (artigo 68).

No contexto da legislação, demos conta de quais os aplicativos que estão disponíveis para o uso em tradução de textos de Língua Portuguesa para Libras em tempo real aqui no nosso país, Brasil. Obviamente devem ser aplicativos que permitem traduzir os textos eletrônicos (digitais), possibilitando a realização de um breve levantamento no banco de dados, considerando a importância para nossa futura reflexão. Nos bancos de dados *online*, foram encontrados os seguintes programas: Vlibras⁶⁶ - uma ferramenta que permite a tradução automática do Português para a Libras e o programa pode ser baixado no computador quando em *nanosmartphones* e tabletes; Prodeaf⁶⁷ - um software de tradução de texto e voz na língua portuguesa para Libras, e Hand Talk⁶⁸ - que também consegue traduzir os textos escritos, frases e vozes de português para Libras.

Por meio do uso experimental, como pessoa surda, desses programas/aplicativos, percebo algumas barreiras da tradução para Língua de Sinais, pois, de muitas das palavras em Língua Portuguesa, o programa (o boneco do aplicativo) não reconhece os sinais específicos da palavra em Libras e as palavras são soletradas por letra no alfabeto de Libras. E o sujeito surdo, quando não conhece essa palavra, fica prejudicado para acompanhar o contexto da frase e do texto selecionado para tradução. Porém, em perspectiva geral, comparando com o século passado, em que realmente não havia esses recursos acessíveis para a comunidade surda, eles viviam “menos informados”. Atualmente, podemos verificar que o advento da internet tem provocado grande mudanças, e os surdos estão cada vez “mais informados”.

Quanto à utilização dos recursos midiáticos nos meios de comunicação como a internet, os ambientes digitais têm sido um lugar útil e acessível para os sujeitos surdos,

⁶⁶ Disponível em: <http://vlibras.gov.br/> Acesso em: 16 mai. 2016.

⁶⁷ Disponível em: <http://www.prodeaf.net/> Acesso em: 16 mai. 2016.

⁶⁸ Disponível em: <https://www.handtalk.me/app> Acesso em: 16 mai. 2016.

pois oferece a oportunidade de utilizar na plataforma digital visual, por exemplo, imagens, vídeos e outros. Nesta plataforma digital é possível acessar algumas estruturas, como os vídeos do Youtube, sendo muito comum encontrar filmes, documentários, noticiários e outros, inclusive em idiomas estrangeiros. O fato é que a maioria dos vídeos no Youtube, as ferramentas de legendas ou *closed caption*, quando o sujeito surdo acessa para assistir os filmes, documentários e outros, são em português (dublados) ou outros idiomas (legendados ou não). A partir daí surge uma limitação – barreira de comunicação, pois alguns vídeos não estão disponíveis para ativar as legendas da língua portuguesa, por exemplo.

Além disso, o avanço tecnológico especialmente para pessoas surdas, traz recursos adaptados como: os telefones e celulares com mensagens de textos e vídeos, a interação de *webcam* nas diversas plataformas de uso da internet, os despertadores de relógio (são relógios que vibram para acordar os surdos na hora que desejam ou necessitam), os aplicativos – tradutores de Libras (exemplos: Prodeaf, Hand Talk, Uni Libras⁶⁹, e outros); os sites adaptados para surdos; a literatura surda com livros especialmente editados para crianças surdas com uso da cultura surda; os intérpretes de Libras com participação em eventos, reuniões e outros lugares públicos; a difusão da Libras nos cursos, nos currículos pedagógicos e acadêmicos.

Neste sentido, compreendo que a cidadania comunicativa surda está relacionada com consciência e prática, e com os processos de conhecer seus direitos, desenvolver suas práticas sociais e propor seu processo de democracia da sociedade, pois, “a democracia é um valor ético”. (GUARESCHI, 2006, p. 34). À medida que o acesso democrático à comunicação/informação acessível, seja no ambiente público ou digital, é ampliado por meios de políticas populares, com implantações de escolas, empregos e outros, os grupos dos surdos sociais, que antes não tinham o acesso à língua de sinais, hoje, se pode dizer, veem que suas oportunidades estão crescendo e evoluindo.

⁶⁹ Disponível em: <https://itunes.apple.com/br/app/uni-libras/id922057305?mt=8> Acesso em: 16 mai. 2016.

3.4 A FORMAÇÃO DA MEDIAÇÃO COMUNICACIONAL NA MUDIATIZAÇÃO

A cidadania comunicativa surda nas comunidades do FBK tem total direito à liberdade de escolha, ao mesmo tempo em que ela dá o direito de se recolher todas as informações necessárias para se construir a sua multipersonalidade social na vida privada e pública por meios de comunicação. As práticas sociais cotidianas acontecem em todos os lugares, os sujeitos surdos se encontram, se olham, narram e compartilham informações visuais que vêm construindo o seu vínculo de pertencimento na comunidade surda. E isto é também a identificação política, cultural, comunicacional que inclui diferentes opiniões nas comunidades.

Rodrigo Alsina (2001) descreveu a importância da teoria da comunicação a partir do objeto de pesquisa, apontando vários pesquisadores, e trazendo algumas reflexões acerca das possibilidades de investigar, no campo de estudo, os processos de comunicação na sociedade, os meios de comunicação, a transformação social e cultural, e outros pontos sugeridos. Um dos elementos de interesse é a comunicação dos grupos, seus tipos e seus objetivos. Tudo isso está na definição do grupo, além de permitir compreender o seu funcionamento e a ação de um sistema de comunicação (transmitir as informações, modificação de relações, estabelecimentos de comunicação dos idiomas), para que esse grupo organize as suas regras, debates, opiniões e sugestões.

Para buscar o estudo da Teoria da Comunicação, Meneses (2014) cita corretamente que

ser profissional de comunicação exige que estendamos nossos olhares para novas expressões e linguagens de acordo com cada realidade e com o estudo dos processos comunicacionais para além da centralidade dos meios, A materialidade dos processos comunicacionais envolve uma complexa estrutura de mediações, sentidos e significados do mundo ligados às relações cotidianas, aos modos de fazer, de se expressar, de criar dos grupos sociais, à articulação dos imaginários e das expectativas dos atores sociais envolvidos. (MENESES, 2014, p. 890).

Neste olhar, podemos entender que o estudo das teorias da comunicação são como metadiscursos, cujo papel, por sua vez, é o de analisar e investigar as classificações/categorias em diversos eixos de pesquisas que relacionam os meios de comunicação, os processos comunicativos, os sujeitos, os atores/usuários, os receptores, as indústrias das culturas, as mídias e demais ações que envolvem a comunicação e a informação em geral.

Nas esferas do processo de comunicação, o pensamento inicial proposto por Martín-Barbero em sua obra, “Dos meios às mediações”, leva os leitores a refletir que as mediações comunicativas da cultura foram elaboradas em diferentes campos de pensar e de compreender. Assim, conforme Martín-Barbero (2009) disse, “pensar os processos de comunicação neste sentido, a partir da cultura, significa deixar de pensá-los a partir das disciplinas e dos meios. Significa romper com a segurança proporcionada pela redução da problemática da comunicação à das tecnologias.” (Martín-Barbero, 2009, p. 287).

Também é fundamental a concepção de Martín-Barbero (2009), pois realiza um convite para refletir sobre o mapeamento da comunicação e das diferentes culturas. Com este olhar, o pesquisador/leitor pode pensar as culturas em diferentes espaços: cidades, bairros, países, comunidades, e outros elementos.

Martín-Barbero (2009) fala ainda que:

A luta por habitação, pelo fornecimento de energia elétrica e água, por um transporte básico e por um mínimo de atenção à saúde se inscreve numa realidade mais integral, a da luta pela identidade cultural. Numa sociedade tão pouco institucionalizada, as associações populares – desde os mutirões e os restaurantes populares de bairro até os centros de educação – “vão construindo um tecido social que vai *desenvolvendo uma nova institucionalidade*, fortalecendo a sociedade civil, apresentando traços de novas relações sociais e de sujeitos coletivos na vida do país” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 274).

Portanto, as interpretações selecionadas sobre cultura e cultura surda, que ocorrem nas disputas pelo poder, pela dominação e pela língua, considerados nos ambientes sociais como na educação, na comunicação, na sociedade e na família, apontam a necessidade de se criar laços afetivos que respeitem e aceitem a língua visual (a língua de sinais) desses sujeitos surdos como cidadania comunicativa. Assim a autora Mata (1999) nos propõe compreender o sentido de mediatização a partir das mudanças culturais:

A mediatização da sociedade – a cultura midiática – nos apresenta a necessidade de reconhecer que é através do processo coletivo de produção de significados que uma ordem social se compreende, se comunica, se reproduz e se transforma, o que foi redesenhado a partir da existência das tecnologias e meios de produção e transmissão de informação e a necessidade de reconhecer que esta transformação não é uniforme.⁷⁰ (MATA, 1999, p. 85).

⁷⁰ Tradução nossa: “la mediatización de la sociedad – la cultura mediática – nos plantea la necesidad de reconocer que es el proceso colectivo de producción de significados a través del cual un orden social se comprende, se comunica, se reproduce y se transforma, el que se ha rediseñado a partir de la existencia de las tecnologías y medios de producción y transmisión de información y la necesidad de reconocer que esa transformación no es uniforme.” (MATA, 1999, p. 85).

A autora Mata (1999) informa que no processo de midiatização da sociedade, a cultura midiática tem a necessidade de reconhecer, sobre o processo do grupo/coletivo de produção e construção de significados, a fundamental forma de estruturação das práticas sociais que marcam pela existência nos meios de comunicação e transmissão de informação. E é preciso saber e reconhecer que esta mudança não continua a mesma, pois ela muda com o passar do tempo e do espaço. Simplesmente, o tempo e o espaço não podem ser separados, pois são trabalhados juntamente um a outro, pois para caracterizar o estudo surge o termo tempo-espaço utilizado por Santos (2013).

Desse ponto de vista, é importante lembrar-se do termo tempo-espaço como sugere Santos (2013), que tem visto espaço como lugar, cidade, região em uma totalidade, que está em processo dinâmico e contínuo no sistema social. Então o “espaço é a expressão da sociedade. Uma vez que nossas sociedades estão passando por transformações estruturais, é razoável sugerir que atualmente estão surgindo novas formas e processos espaciais.” (CASTELLS, 2011, p. 499 e 500). Castells (2011) comenta que o “espaço é o suporte material das práticas sociais do tempo compartilhado.” (CASTELLS, 2011, p. 500).

Maldonado (2002) argumenta que a midiatização “é um processo histórico singular” (MALDONADO, 2002, p. 6) que apresenta uma forma de relação ligada com formações sociais capitalistas, reestruturadas pelo meio da informatização em seus modelos de reconfigurações. Porém, para essas mudanças, as mídias são configuradas como um campo social. Assim, Maldonado (2002) afirma que “são um *lugar* obrigado de passagem, definições e publicização dos outros campos, uns com maior dependência que outros, mas todos atravessados pelos fatores midiáticos”. (MALDONADO, 2002, p. 8).

Conforme Maldonado (2002):

A midiatização estruturada pelos processos histórico/econômicos/políticos geram formas de vida social e culturas específicas que constroem modelos, nos quais o campo midiático tem um lugar estratégico na configuração das sociedades contemporâneas. Ele possui a característica de atravessar todos os outros campos, condicioná-los e adequá-los às formas expressivas e representativas da mídia. São demonstrativos dos processos de midiatização os campos político, econômico, religioso, cultural e social. (MALDONADO, 2002, p. 7).

Neste contexto, a midiatização tem um lugar especial para processar o reconhecimento histórico, político, religioso e econômico. Quando a mídia entrou a vida

dos humanos, com ela levou a outra construção de conhecimentos, de inteligências, de contatos, de convivências e de sabedorias.

O cotidiano de hoje está se transformando, programado para armazenar novas memórias que sejam captadas na *programação midiática*⁷¹ na maior parte do tempo de contato possível. Isto é, estar “nos lugares em que os sujeitos podem falar e atuar, transformar-se e ser transformados”. (GARCÍA CANCLINI, 2005, p. 208).

Leal (2008), na resenha de um livro do professor e pesquisador Braga (2006) apresenta a ideia sobre a perspectiva do crescente social:

Frente à crescente midiáticação da sociedade e conseqüente surgimento da pressão de grupos, surgem tensões que ampliam a atividade crítica socialmente distribuída, fortalecendo os vetores sociais de pressão sobre a produção. Ou seja, na contemporaneidade, por ser e saber que é afetada pela midiáticação, a sociedade se organiza para enfrentar sua mídia e essa organização, ainda que diferida e difusa, afeta o conteúdo das produções midiáticas e o modo como cada indivíduo o recebe. (LEAL, 2008, p. 131).

Mattelart (2004) entende que:

A chegada das tecnologias e das redes de informação e de comunicação inscreve-se entre o declínio de um e o desenvolvimento do outro. A dita sociedade da informação imiscui-se na passagem de uma fase a outra e procede do novo conjunto dos modos de legitimação da segunda. (MATTELART; MATTELART, 2004, p. 86).

Além disso, também é fundamental reconhecer que o processo da comunicação na internet tem como papel essencial para sociedade, o acesso da comunicação e da informação de forma planetária. Assim, como do rádio para a televisão, para o *nanosmartphone*, para a internet. Os sujeitos contemporâneos, surdos ou não, são consumidores de alguns recursos midiáticos para poderem acompanhar as notícias atualizadas. De fato, o sujeito de um determinado recurso tecnológico quer poder comunicar-se, informar-se com qualquer outro sujeito. Como proposta, já é um desafio para criar o sistema social e cultural, um modo de conexão das informações entre as mídias e os sujeitos. E, portanto, se o pesquisador McLuhan (2007) afirmava que “o meio é a mensagem” (2007, p. 21), a mensagem dessa mídia é sistematicidade e universalidade. Neste sentido, Lévy (1999) completa que a “mídia é o suporte ou veículo da mensagem.

⁷¹ Termo utilizado por Maldonado (2002).

O impresso, o rádio, a televisão, o cinema ou a internet, por exemplos, são mídias.” (LÉVY, 1999, p. 61).

Em campo midiático, na configuração das sociedades contemporâneas, é pela mídia que somos informados sobre os acontecimentos do mundo, por ela passam os dados mais atualizados, capazes de experimentar e provocar a nossa mentalização, o que sabemos e o que não sabemos.

Silverstone (2002) argumenta que

“Marshall McLuhan vê a mídia como extensões do homem, como próteses, que aumentam o poder e a influência, mas que talvez (e é provável que ele tenha pensando assim) tanto nos incapacitam como nos capacitam, enquanto nós, objetos e sujeitos da mídia, nos enredamos mais e mais no profílicamente social.” (SILVERSTONE, 2002, p. 15 e 16).

De fato, podemos compreender a mídia como medida profílicamente social que substitui, como medicamento, a vida cotidiana, podendo ser possível observar como os humanos se comportam na rotina cotidiana com uso da mídia.

Aponto a metáfora de remédio como efeito pelo que o uso da mídia tem provocado na vida do homem, de forma dominante, e cito a mudança de rotina como um deles.

Por isso, tenho observado que há investigações que analisam sobre a maneira como a mídia participa em nossas vidas sociais e culturais. De acordo com o que Silverstone (2002) afirma, “precisaremos examinar a mídia como um processo” (SILVERSTONE, 2002, p.16), que não tem início, nem meio e nem fim, pois o fluxo comunicacional na mídia é como um processo infinito, e os sujeitos são obrigados a procurar para se comunicar, informar. Reconhecendo a complexidade dessa conceituação de mídia, nela também é entendida como *ambiente*, isto é, num âmbito que ultrapassa a ideia de “meios de comunicação”.

Estudar mídia é também investigar como definimos o próprio senso comum de quem somos. Conforme Silverstone (2002) afirma, “podemos começar a ver a *tecnologia como cultura*: ver que as tecnologias, no sentido que inclui não só o quê, mas também o como e o por quê da máquina e seus usos, são objetos e práticas simbólicos e materiais, estéticos e funcionais.” (SILVERSTONE, 2002, p. 50).

Precisamos compreender a *tecnologia como cultura, economia, política e informação* (SILVERSTONE, 2002), especialmente as nossas tecnologias da comunicação/informação, justamente, neste contexto, estão acompanhadas do poder pela transformação política e econômica que empregam as mudanças sociais. O autor

Silverstone (2002) esclarece que “precisamos saber *como a mídia trabalha*: o que nos oferece e como.” (SILVERSTONE, 2002, p. 61).

A partir disso, devemos compreender o que estudar no campo da comunicação, e Maldonado (2011) propõe:

No campo da comunicação, conceitos como *mídia, mediações, processos, ambientes, temporalidades, significações, internacionalidade e campos*, para mencionar alguns dos importantes, não deveriam ser utilizados como chavões e operadores semânticos vazios sem fundamentação teórica. A *práxis teórica* demanda a definição de planos de trabalho que incluam atividades rotineiras de estudo, reflexão, registro, sistematização, descrição e interpretação das propostas teóricas em análise. É indispensável entrar na lógica interna das teorias e abordar os conteúdos de maneira aberta, procurando encontrar vínculos dos pensamentos com os fenômenos e processos que problematizam. (MALDONADO, 2011, p. 295).

Neste sentido, para compreender melhor os campos de comunicação são reunidos os conceitos essenciais como mídias, mediações, processos, ambientes, temporalidades, significações, internacionalidade e campos. Porém, esses conceitos não podem ser construídos como códigos rotulados, e sim levar os conceitos em processo de estudo, reflexão, sistematização, descrição, interpretação das propostas teóricas para serem investigadas. De fato, os futuros pesquisadores devem estar preparados para refletir sobre os conceitos adotados nessa pesquisa. Os autores Wottrich, Silva e Ronsini (2009) descrevem sobre o conceito de mediação: “as mediações são os lugares que estão entre a produção e a recepção. Pensar a comunicação sob a perspectiva das mediações significa entender que entre a produção e a recepção há um espaço em que a cultura cotidiana se concretiza.” (WOTTRICH; SILVA E RONSINI, 2009, p. 3). Ao analisar o estudo da comunicação a partir da cultura, Martín-Barbero (2009) foca nas mediações, etapa de ideologias, que se articulam entre matrizes culturais sem semelhanças por intermédio dos meios, os sujeitos e os cotidianos familiar, escolar e demais. Neste sentido, o significado mais corrente de mediação está vinculado à ideia da intermediação ou do intermediário. Diante disso, Martín-Barbero (1987) sugere três ambientes de mediação que alteram e interferem na maneira como os receptores recebem os conteúdos através dos usos midiáticos: *a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural*.

Para aproximar o sujeito comunicante surdo aos três ambientes selecionados para investigação, busquei relacionar o conceito de mediação adotado por Martín-Barbero (1987). O pesquisador elaborou três partes: primeiro, *a cotidianidade familiar* é um espaço de relações sociais e interação dos indivíduos ou membros de uma família. A

família representa um papel importante, pois com os indivíduos ou membros tem um lugar de conflitos e tensões, além disso, produzem suas relações de poder da sociedade.

Coloco como exemplo uma família ouvinte quando tem uma criança surda. Certamente, surgem conflitos e tensões, uma verdadeira busca de solução em diferentes aspectos: comunicação, audição, fala, voz, comportamento, inteligência, tudo isso está unido em dois pontos: processo linguístico e processo cognitivo. Sobre esse conhecimento, a cotidianidade familiar na internet também mostra um caminho essencial para as famílias que procuram outras famílias que também tenham filhos surdos para poder entender como é a educação de uma criança surda.

A segunda parte está relacionada com a “temporalidade social contrapõe o tempo do cotidiano ao tempo produtivo. Este é o tempo valorizado pelo capital, o que se mede. Aquele é o tempo repetitivo.” (WOTTRICH; SILVA E RONSINI, 2009, p. 3). Neste contexto, Martín-Barbero (1987) percebe que a televisão é uma das organizações sociais pautada pelo tempo da repetição e do fragmento que se incorporam ao cotidiano dos receptores.

Aponto uma reflexão usando como exemplo as campanhas eleitorais no Brasil, que são apresentadas nos canais da televisão e os partidos políticos devem incluir toda sociedade. Então, para que os surdos possam receber as mensagens eleitorais, os canais devem contar as legendas e as janelas de intérpretes. Porém, podemos observar que às vezes as legendas são digitadas de forma muito rápida e contêm cores desfavoráveis para isso, como o amarelo. Os surdos não conseguem acompanhar por frases e acabam perdendo as informações mesmo com legendas. Isso quer dizer que não estão adaptadas, e são fragmentadas para a comunidade surda e para pessoas surdas com baixa visão (surdocega).

E no último ponto, *a competência cultural*, essa “mediação diz respeito a toda vivência cultural que o indivíduo adquire ao longo da vida, não apenas através da educação formal, mas por meio das experiências adquiridas em seu cotidiano.” (WOTTRICH; SILVA E RONSINI, 2009, p. 3). Em relação à competência cultural do sujeito surdo, ele pode adquirir diferentes processos de experiências ao longo de sua vida, com diversos contatos socioculturais, como a língua, a informação e a memória visuais, dados que são recebidos pela visão, pelos sentidos e pelos toques/emoções.

Para compreender melhor a relação com os sujeitos surdos em diferentes culturas e comunicação, podemos considerar que a produção do surdo envolve diversos fenômenos

como o uso do corpo, do rosto e das mãos, que seguem seus movimentos, posições e deslocamentos.

A evolução e a transformação das línguas de sinais justifica que o desenvolvimento histórico do surdo se deu além de seus limites de suas funções psicológicas, impostas pela natureza, ou seja, pela restrição sensorial. Surge então uma nova organização de comportamento, culturalmente, elaborada, que emerge da necessidade de signos verbais para mediar a atividade social. (KAPITANIUK, 2011, p. 62).

Neste contexto, a evolução da língua de sinais vem crescendo muito por meio de novos praticantes como as crianças, os jovens, os acadêmicos e os pesquisadores surdos, que possibilitam um espaço de criação de sinais batizados, que não existiam ou faltavam, ou de melhoramento para completar a compreensão raciocínio do significado de uma palavra ou de um sinal. Portanto, os surdos sentem a importância de registrar os sinais em Libras para que outras pessoas possam reutilizar esses sinais. Esses registros das línguas de sinais, nos meios como a internet, deram maior oportunidade para compartilhar e apresentar os sinais novos nas redes sociais como FBK.

Por meio das mudanças sociais, está se abrindo novo sistema de comunicação que é organizado por uma *língua universal digital* (CASTELLS, 2011) que percebe como os sujeitos estão se movendo para a integração social e global, tanto na produção quanto na distribuição de palavras, imagens ou idiomas. É assim que “as redes interativas de computadores estão crescendo exponencialmente, criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por elas.” (CASTELLS, 2011, p. 40). Obviamente, não são só os computadores que têm provocado essa mudança, pois há diferentes equipamentos midiáticos, usados dependendo do gosto de cada pessoa que, a partir de sua *multipersonalidade*, acessa e recolhe as informações digitais em um deles. As pessoas têm seu livre arbítrio e fazem suas escolhas conforme seus tipos de interesses quando navegam na internet. Portanto os processos de informação são transmitidos também pelos sujeitos comunicantes surdos, como uma forma de mediação comunicacional em duas modalidades – visuais e escritas. Isso abriu várias portas de acessos de comunicação e informação para pessoas surdas.

Winkin (1994) entende a comunicação como um processo social que se encontra por múltiplos modos de comportamentos como a palavra, o gesto, a mímica, o olhar e o espaço interindividualidade – a comunicação é feita como um todo integrado. Como uma

união de diversas linguagens corporais, gestos, mímicas e outros que são organizados como sistema de comunicação.

(...) se a comunicação se concebe como um processo permanente em vários níveis, para compreender a emergência da significação, o analista deve descrever o funcionamento de diferentes modos de comportamento em um contexto dado, que é um processo muito complexo.⁷² (WINKIN, 1994, p. 23).

O que nos chama a atenção é a articulação entre o corpo e a sociedade ou a cultura, isso é uma verdadeira coleção de referências sobre as características dos gestos, das mímicas e das linguagens corporais. A cultura são os bens e valores pertencentes a um sujeito, agregados em um conjunto de saberes, e a comunicação é a capacidade de ampliar a mediação entre os sujeitos. Neste sentido, é permitido observar que a história desenvolvida pela humanidade está associada à capacidade de produção e de expressão. A sinalização, o movimento do corpo, a mudança de expressão facial fazem as marcas da transformação histórica no contexto da língua dos surdos.

Para chegar à ideia de que há *sociedade em rede* (CASTELLS, 2011), o autor inicia o estudo sobre o *espaço de fluxos*, que no processo das funções dominantes pode ser definido como a combinação de três camadas de suporte materiais: 1ª camada – constituída por um circuito de impulsos eletrônicos; 2ª camada – constituída por seus nós (centros de importantes funções estratégicas) e centros de comunicação; 3ª camada – a organização espacial das elites gerenciais dominantes. Busco resumir essa perspectiva das três camadas: a sociedade industrial como sociedade em rede de interações possibilita a comunicação como fluxos da rede. Em outro sentido, os fluxos da rede estão localizados nas redes eletrônicas (dimensões tecnológicas), conectando diferentes lugares nas categorias culturais, sociais, que também funcionam como um encontro de nós da conexão e da localidade em toda a rede. A organização espacial das elites é o espaço de poder, de riqueza e de grupos dominantes, esses grupos são projetados pelo mundo, enquanto o fluxo econômico e financeiro surge na rede, em outros lugares: as empresas, as instituições, as mercadorias, esses lugares no confinamento procuram uma saída, uma nova estratégia - atrair os indivíduos/consumidores para dentro do campo digital, *cidade digital*. (CASTELLS, 2003, p. 120).

⁷² Tradução nossa: “(...) si la comunicación se concibe como un proceso permanente en varios niveles, para comprender la emergencia de la significación, el analista debe describir el funcionamiento de diferentes modos de comportamiento en un contexto dado, lo cual es un trámite muy complejo” (WINKIN, 1994, p. 23).

O que a tecnologia tem de maravilhoso é que as pessoas acabam fazendo com ela algo diferente daquilo para que foram originalmente criadas. É essa fortitude que subjaz à criatividade na sociedade e à inovação nos negócios. Como vimos, a Internet é o resultado da apropriação social de sua tecnologia por seus usuários/produtores. Uma história semelhante pode estar se desenvolvendo na interação entre a mídia e a Internet. Consideramos, uma após outra, as áreas de comunicação e expressão social em que a Internet está se tornando um meio privilegiado, levando à transformação das práticas culturais. (CASTELLS, 2003, p. 160).

Desse modo, a internet é um dos artefatos midiáticos culturais amplamente favoráveis nos cotidianos das diversas sociedades, sabendo que o poder da internet está atraindo muitos *usuários/atores* (AMARAL, FRAGOSO & RECUERO, 2011), e é possível compreender que essas conexões digitais como as interações entre as redes sociais com a internet são construídas e formadas por diferentes tipos de atores.

3.4.1 Redes sociais e comunidades surdas digitais

As comunidades surdas digitais são apoiadas por sistemas, plataformas ou interfaces, portanto as redes sociais respondem a uma compressão da interação de atores digitais e conexões. Neste contexto, é pensado que as comunidades digitais são formadas como uma forma de se fazer a sociedade em rede.

Para relacionar a ideia de sociedade em rede utilizada por Castells (2011), entendemos o estudo feito por Luhmann (2000) que desenvolveu sistematicamente a perspectiva de pesquisa no contexto de uma teoria da evolução social, referindo o conceito de comunicação. Com base no autor, a sociedade é um sistema e devemos compreender todo contato social como um sistema.

Os *mass media* não são meios no sentido de fornecer informações a partir dos que a conhecem para os que não os conhecem: o são na medida em que tornam acessível um conhecimento de fundo e, assim, permitem que ele sirva de ponto de partida para novas comunicações (...). Cada meio fornece um vasto, embora não ilimitado, leque de possibilidades a partir do qual a comunicação pode selecionar certas formas, quando alguém tem de se decidir a respeito de algum tópico em particular. (LUHMANN, 2000, p. 66).

Dos argumentos, entendo “rede” (*network*) como tecido de malha de comunicação e de informação digital que permite circular e conectar uns aos outros. Enquanto que rede social é considerada como um sistema social composto por diferentes sujeitos, instituições e outros, que são conectados por vários tipos de relações sociais, políticas e

econômicas que compartilham seus valores culturais e sentidos comuns. Neste entendimento, o FBK é notado como uma rede social ou “um conjunto de participantes autônomos, unindo idéias e recursos em torno valores e interesses compartilhados.” (MARTELETO, 2001, p. 72).

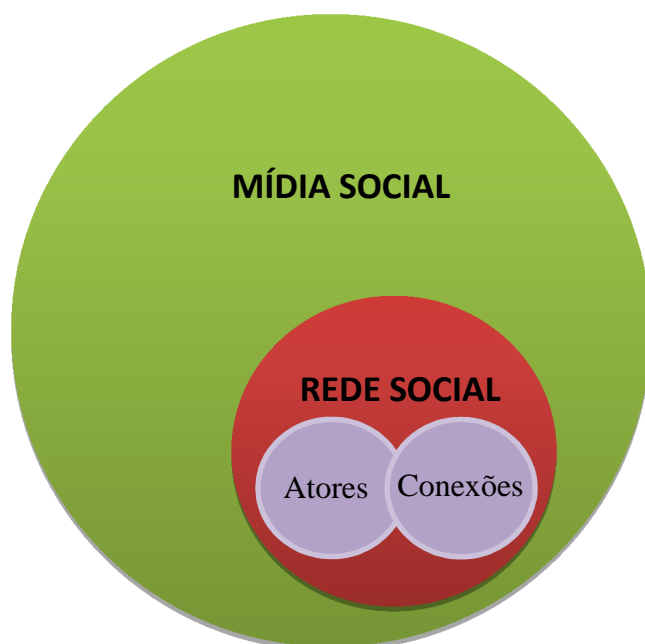
Para compreender o processo para a investigação nos estudos das redes sociais, Marteleto (2001) descreve:

A análise de redes estabelece um novo paradigma na pesquisa sobre a estrutura social. Para estudar como os comportamentos ou as opiniões dos indivíduos dependem das estruturas nas quais eles se inserem, a unidade de análise não são os atributos individuais (classe, sexo, idade, gênero), mas o conjunto de relações que os indivíduos estabelecem através das suas interações uns com os outros. A estrutura é apreendida concretamente como uma rede de relações e de limitações que pesa sobre as escolhas, as orientações, os comportamentos, as opiniões dos indivíduos. (MARTELETO, 2001, p. 72).

Neste contexto, o estudo de redes sociais na internet permite desenvolver uma *Análise de Redes Sociais* (ARS), termo utilizado pelas pesquisadoras Recuero, Amaral e Suely (2011) e elas afirmam que “quando focamos um determinado grupo como uma “rede” estamos analisando sua estrutura. De um lado, estão os nós (ou nodos). De outro, as arestas ou conexões.” (RECUERO; AMARAL; SUELY, 2011, p. 115 e 116). Para pensar as problemáticas da ARS é adequado investigar os nós como atores sociais/digitais envolvidos na internet e as conexões são avaliadas como interações que são construídas entre os atores sociais/digitais. Nesse caminho, o estudo das redes sociais na internet é voltado principalmente para analisar os conjuntos de comunidades, perfis, interações sociais dentro dos sites de redes sociais como o FBK.

Portugal (2007) traz sua perspectiva: “o que diversos estudos sobre redes sociais mostram é o modo como o desenho das redes condiciona o acesso dos indivíduos a diferentes recursos.” (PORTUGAL, 2007, p. 10).

Quadro 2 – Fluxos de circulação entre a Mídia e Rede Social.⁷³



No desenho acima, a pesquisadora afirma a importância de reconhecer os dois conceitos, mídia e rede social, que têm um valor especial para a pesquisa desta tese. Para rede social na internet, refere aqui como atores sociais que podem ser classificados como sujeitos/indivíduos, instituições, grupos, ambas digitais, que têm por objetivo compartilhar as informações. Neste sentido, uma rede social pode ser entendida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos) e conexões (interações ou laços sociais).

Para Recuero (2009)

uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais e nem suas conexões. (...). Para estudar essas redes, no entanto, é preciso também estudar seus elementos e seus processos dinâmicos. (RECUERO, 2009, p. 22).

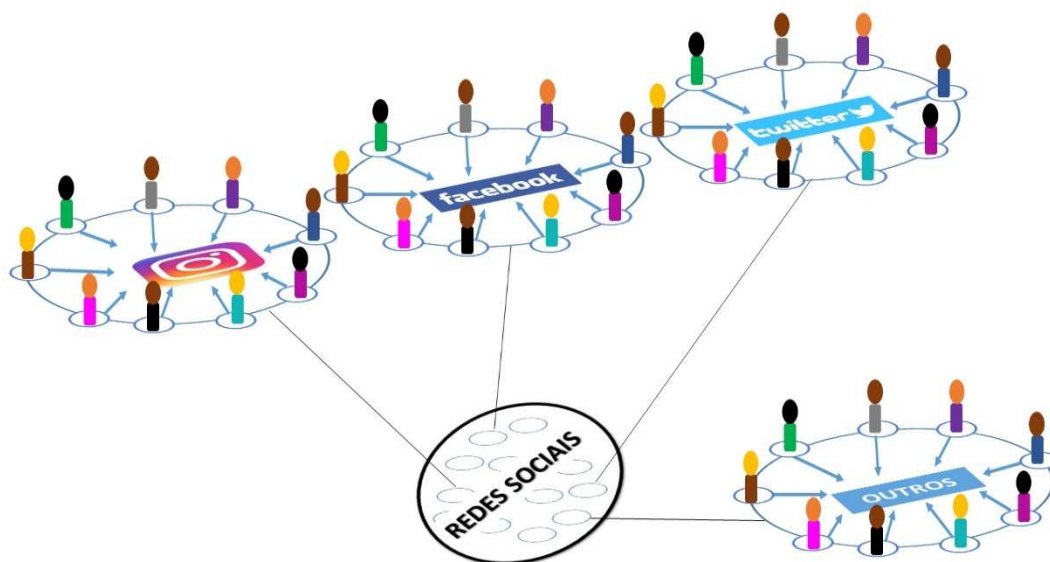
Assim, a pesquisadora descreve que ao estudar as redes sociais devemos estudar os elementos, que são os atores que representam os nós ou nodos, além da necessidade de observação e investigação dos sujeitos que são envolvidos no uso da rede social. Gerar a construção de conexões serve como pista, as pessoas vão seguindo os andamentos/processos/eixos de interesses, gostos e informações pelos quais são atraídos,

⁷³ Elaborada pela autora da tese.

geralmente, uma forma de buscas das características dessas pessoas, como fotos, idades, sexo, tipos de interesses/objetivos, relações civis, e outros que acabam se encaixando em novos grupos sociais e digitais. Essas necessidades são importantes para trazer as pessoas ao mundo digital como FBK e outras redes sociais. Sabemos que no sistema do FBK, os atores são identificados pelos seus perfis.

Neste contexto, “através da observação das formas de identificações dos usuários na Internet, é possível perceber os atores e observar as interações e conexões entre eles.” (RECUERO, 2009, p. 28). Por sua vez, o conjunto de interações sociais é visto como formas de relações sociais.

Quadro 3 – Fluxos de atores e conexões digitais nas redes sociais.⁷⁴



A figura foi elaborada pela pesquisadora nesta tese que tem por objetivo mapear o pensamento científico de forma visual e clara. Por isso, a pesquisadora também acredita que esse desenho pode auxiliar os leitores a compreender melhor como nos sistemas das redes sociais, os sujeitos surdos são vistos na interação de comunidades digitais. Os círculos que ligam a outros sujeitos levam à ideia de agrupamento social ou ponte de comunicação. Neste sentido, Recuero (2009) corrobora pesquisadores como Watzlawick, Beavin e Jackson (2000) que já “explicam que a interação representa um *processo sempre comunicacional*.” (RECUERO, 2009, p. 29).

A rede social se refere a uma comunidade digital com relações sociais e a mídia social se refere a um meio de comunicação. Para compreender o sentido do conceito de

⁷⁴ Elaborada pela autora desta tese.

comunidade usamos Recuero (2005) que o entende como “uma construção sociológica e evoluiu, através dela, de um sentido quase “ideal” de família, comunidade rural, passando a integrar um maior conjunto de grupos humanos com o passar do tempo.” (RECUERO, 2005, p. 11). Neste sentido, o termo também é empregado para designar segmentos sociais como comunidade surda, comunidade negra, comunidade religiosa, comunidade científica e outras. Além disso, comunidade pode ser entendida como sistema social ou organização social.

A pesquisadora Coêlho (2014) apresenta sua compreensão sobre comunidade:

Entendemos comunidades como adensamentos interacionais, espaços de fortalecimento de vínculos e de construção identitária, gerando senso de pertencimento. São estruturas marcadas por elementos como territorialidade – embora não haja necessidade de localização dos sujeitos no mesmo espaço geográfico – e cooperação – para o alcance de interesses comuns. (COÊLHO, 2014, p. 3).

Diante destes argumentos, é possível perceber que a comunidade funciona como grupos de pessoas e outros, que buscam fortalecimento de vínculos e identitários para pertencer a um grupo que une e entende as mesmas ideias, culturas, línguas e demais. Peruzzo (2006) explica que:

As comunidades continuam a se caracterizar pela existência de um modo de relacionamento baseado na coesão, convergência de objetivos e de visão de mundo, interação, sentimento de pertença, participação ativa, compartilhamento de identidades culturais, co-responsabilidade e caráter cooperativo. (PERUZZO, 2006, p. 14).

Nesse sentido, é a sociedade, as suas formas e seus processos espaciais que estão passando por uma construção e transformação dinâmica de toda a estrutura social das comunidades. Portanto, os processos para construção de comunidades exigem grande influência no espaço local/regional, que Peruzzo (2009) explica: o entendimento do “local necessário é caracterizado pelo sentimento de pertença a um grupo comunitário, que poderia ser caracterizado pelos vínculos de sangue, da língua e do território.” (PERUZZO, 2009, p. 146). Portanto, o local pode ser entendido como uma raiz materna, isto é, que relaciona os seus elementos históricos e suas relações familiares, atuando na sistematização de representações pelas práticas sociais.

Para conhecer o conceito de comunidade virtual, Primo (1997) traz o pensamento de Rheingold (1993) que

entende comunidade virtual como agregações sociais que emergem na Internet quando um número de pessoas conduz discussões públicas por um tempo determinado, com suficiente emoção, e que forma teias de relações pessoais no ciberespaço. Ele defende que a diminuição das possibilidades de encontros reais nas cidades motivou o surgimento e o crescimento dos encontros virtuais. (PRIMO, 1997, p. 2).

A comunidade virtual proposta por Rheingold (1997, 2004) nos ajuda a pensar que os sujeitos têm suas relações pessoais no ciberespaço. Portanto, a partir disso, entendemos que as existências das comunidades estão crescendo e buscando um novo modo de se encontrar entre os sujeitos no espaço virtual. Rheingold (2004) definiu comunidade como teias de relações entre as pessoas que se preocupam umas com as outras, incorporadas, no ciberespaço; no entanto, uma comunidade digital seria teias de agrupamentos por meio da utilização das ferramentas digitais⁷⁵.

Para relacionar a ideia virtual, Lévy (1999) descreve que o “virtual existe sem estar presente” (LÉVY, 1999, p. 48), frase interessante em que muitas pessoas não param para pensar, pois realmente tudo que é virtual está sempre em movimento e é dinâmico.

Nogueira (2007) afirma que “o homem sempre teve a necessidade de viver em grupos, nos quais eram estabelecidas regras de convivência e hierarquias sociais. Desta maneira, tornava-se possível a divisão de atividades e, conseqüentemente, a supressão das necessidades coletivas.” (NOGUEIRA, 2007, p. 4). Esse sujeito tem o poder de viver em grupos e de escolher a sua comunidade, por isso o “usuário pode criar a sua comunidade ou se inserir em alguma existente, participando de conversas e discussões que preencherão interesses comuns, sustentando a união de pessoas e sua interação, e proporcionando o encontro social.” (NOGUEIRA, 2007, p. 5).

De acordo com Santaella (2004) o desenvolvimento do ciberespaço tem como crédito essencial, o surgimento e o crescimento de comunidades digitais. Entendo o FBK como uma comunidade digital, com objetivo de criar diversos encontros de nós (atores), de compartilhar interesses comuns, de reunir as experiências pessoais ou sobre acontecimentos, além de integrar fotos, imagens e vídeos, promover interações em ações

⁷⁵ Baseado no texto “we further define ‘community’ for the purpose of this competition as ‘a web of relationships, sustained over time, among people who care about each other’, and we define ‘digital community’ as ‘a web of relationships that is enabled, enhanced, or extended by digital tools’”. Disponível em: <http://www.rheingold.com/vc/digital-comm.html> Tradução livre: Definimos “comunidade” como “uma teia de relações, sustentada ao longo do tempo, entre pessoas que se preocupam umas com as outras” e definimos “comunidade digital” como “uma teia de relações que é ativada, melhorada ou estendida por ferramentas digitais”.

digitais, que crescem a cada dia. É um espaço e uma possibilidade comunicativa digital usada em especial para aproximar diferentes pessoas no mundo.

Neste sentido, podemos verificar os objetos empíricos sobre a formação das comunidades de ACSBF, CS e CCSRS por sujeitos comunicantes surdos que, a princípio, reconhecem que esses atores surdos têm um vínculo vigoroso com a Comunidade Surda, de participar da rede social, FBK, de ser usuários da Língua de Sinais, de respeitar a Cultura Surda, de promover os direitos dos surdos e de formar uma cadeia de sujeitos surdos de diversos lugares do mundo. Primo (2003) reconhece que “aqueles que povoam o ciberespaço precisam ser vistos como sujeitos e não apenas como visitantes indiferenciados de um parque temático (onde o que interessa é abrir vias que escoem o fluxo de visitantes ou rampas que facilitem o trânsito).” (PRIMO, 2003, p. 7).

Neste pensamento, podemos contextualizar que as comunidades de ACSBF, CS e CCSRS – as quais consideramos comunidades digitais, que podem estimular o acesso/encontro de sujeitos surdos em diversos lugares, diversas culturas, diversas línguas de sinais; há surdos que são professores, arquitetos, políticos, viajantes e outras profissões. São eles que preferem/têm interesses de reunir todo pessoal nestas comunidades digitais para acompanhar as notícias que estão para acontecer. Isso até parece a segunda casa para esses sujeitos surdos quando saem das escolas de surdos, porque quando fora da escola não têm tempo para encontrar todos os amigos surdos ou a comunidade surda. É a rede social como o FBK um passo ideal, um espaço de pertencimento a uma comunidade surda digital, podemos interpretar como um lugar para reunir os sujeitos comunicantes surdos como se estivessem na escola, na associação ou outros lugares, assim também como se estivessem dentro de grupos reais.

4 OS PERCURSOS PARA A CONSTRUÇÃO DA PESQUISA TRANSMETODOLOGIA

Vamos partir, aqui, da ideia de que a Ciência é o conjunto de conhecimentos estruturados sistematicamente. O conhecimento científico surge quando um indivíduo realiza observações de alguns campos de estudos, a partir dos quais pode gerar perguntas, construir hipóteses, elaborar suas ideias e as experimentações de sistemas organizados por meio dos diversos métodos selecionados (BACHELARD: 1983)⁷⁶. É pela Ciência e outras aéreas que o ser humano passa a procurar o seu conhecimento do mundo e buscar respostas para inúmeras situações e diversos fenômenos.

Neste sentido, Maldonado (2008) defende que

pesquisador em comunicação do presente (e do futuro) necessita visualizar a ciência e suas problemáticas de modo *transdisciplinar*, fortalecendo os conhecimentos do campo específico, mediante a compreensão dos saberes científicos gerais, em diálogo com a produção de redes conceituais comunicacionais, suscitadoras da resolução de problemáticas teóricas e empíricas relevantes para a vida social dos nossos países. (MALDONADO, 2008, p. 42 e 43).

Desse modo, o pesquisador, em comunicação, contemporâneo deve estar atento à importância do fortalecimento dos conhecimentos teóricos e metodológicos, de modo transdisciplinar. A investigação de diferentes saberes científicos também auxilia a focar na produção de um sistema conceitual comunicacional e em outros campos que trazem a estruturação da problemática de uma pesquisa intelectual.

Bona (2014) apresenta a sua compreensão sobre a epistemologia:

A epistemologia nos lembra que é possível conhecer o mundo e compreendê-lo por meio de um processo científico que pode ser criticado, revisto, refletido constantemente. Nesta caminhada, precisamos desenhar este processo e seu objeto considerando as relações que ele possui ao seu redor, construir o objeto empírico sem desvinculá-lo do seu *locus*. Temos objetos em movimento, dinâmicos; essas dinâmicas nos colocam problemas e frente à necessidade de esclarecer os nexos internos e externos desses objetos que sempre vão possuir uma inter-relação. Devem ser trabalhados vínculos que vão aparecendo com outros aspectos e que situam, contextualizam essas inter-relações. (BONA, 2014, p. 29).

⁷⁶ Gaston Bachelard compreende que o método a ser escolhido depende de como será utilizado, pois alguns ou avançam ou não funcionam; são as demandas que o pesquisador deve observar, as novas mudanças de métodos para que possam adaptar o problema da pesquisa. (BACHELARD, 1983, p. 125-127).

Assim, podemos compreender que quando se investiga um trabalho científico ele comporta uma dimensão epistemológica. Para reconhecer a epistemologia é necessário desenvolver a produção científica e seus padrões teórico-metodológicos, mas, sem perder de vista a flexibilidade da ação de produção textual. É inegável que não se pode separar a prática de vida, da pesquisa e do próprio pesquisador. Dentre tais elementos, a dimensão do conhecimento intelectual se ocupa, nos pensamentos críticos, reflexivos e argumentativos, das tensões teóricas e dos métodos sob o objeto da pesquisa.

Os processos de reflexão (BONIN, 2012) são um ponto fundamental para o pesquisador dominar a fabricação de uma pesquisa, pois ela exige um trabalho especial de reflexão acerca de teorias e dos métodos para que se alcance a construção da investigação acadêmica e científica. Desse modo, Bonin (2012) explica que o pesquisador deve planejar a sua caminhada de construção investigativa da pesquisa:

programas de estudo e reflexão relacionados ao método investigativo devem acompanhar o processo de formação do pesquisador, potencializado no espaço de disciplinas de metodologia, nas atividades dos grupos de pesquisa, assim como nas práticas de orientação. (BONIN, 2012, p. 51).

Ao entender o que é necessário para sua formação, o pesquisador percebe que tudo o que está em processo na pesquisa ou no estudo deve servir como lugar de reflexão do autoconhecimento relacionado à fecundação dos métodos investigativos. O processo de orientação de pesquisas permite o contato entre o orientador e o doutorando, e esta inter-relação contribui com os diálogos para pensar nas escolhas teóricas e metodológicas que vão nortear a pesquisa. O doutorando-pesquisador é quem deve entrar em contato com a realidade, acreditando nas suas escolhas (teóricas e metodológicas). Além disso, “a cada movimento, a cada passo, a cada tentativa, procura construir conhecimento científico emancipatório e transformador.” (FOLETTTO, 2012, p. 63).

Vale observar como a autora Bonin (2011) descreve o processo: “A construção de novos conhecimentos se faz *em relação com* esse saber acumulado, por rupturas, mas também por continuidades.” (BONIN, 2011, 31).

De acordo com o autor Foletto (2011):

Entendemos o processo de problematização da abordagem metodológica da investigação como um constante e sistemático fazer/refazer, pensar/repensar, experimentar/refletir, articulando teoria, metodologia e problema-objeto, de modo a confeccionar formas de olhar, interpretar e registrar pertinentes aos questionamentos, objetivos e desafios da investigação em curso, contribuindo, efetivamente, para a construção de problema de pesquisa, bem como para o encaminhamento de estratégias metodológicas que fujam das tradicionais

“receitas do bolo”, pois “toda a operação, por mais rotineira ou rotinizada que seja, deve ser repensada, tanto em si mesma quanto em função de um caso em particular” (Bourdieu, Chamboredon e Passeron, 2003, p. 14). Desde modo, trazendo um olhar transversal para tratar o objeto, as perguntas de pesquisa, os objetivos da investigação, enfim, para permitir o avanço na construção do conhecimento, enquanto prática social, para conceber o objeto empírico da investigação como ponto principal e determinante na construção dos métodos e procedimentos a serem problematizados, refletidos e adotados (FOTELLO, 2011, p. 197 e 198).

Está bem claro, então, que o próprio pesquisador deve planejar o cronograma de produção da tese (datas, meses, capítulos, referências e outros) o que o ajuda a focar em seus estudos: pensar, refletir, fazer, refazer, experimentar, encontrar as suas teorias, metodologias e problemas-objeto. Além da necessidade de acompanhar todo o andamento da problematização proposta, para que aquilo aconteça é essencial assumir o papel de pesquisador/investigador, em todo passo, toda construção, todo saber intelectual e toda ação empírica, até que suas estratégias metodológicas dinâmicas se encaixem ao que for mais adequado à sua pesquisa e ao que esteja de acordo com os métodos adotados. Esse é um caminho em que nada é dado, nada é pronto e não há modelo a ser copiado. Como diz a pesquisadora Peruzzo (2002) “Método não é uma fórmula, um código pronto e acabado que cabe aplicar.” (PERUZZO, 2002, p. 67). E, por isso, o autor esclarece que esse caminho deve ser observado, construído, refletido e muito bem elaborado.

Bonin (2011) coloca a questão que

a metodologia pode ser pensada como dimensão que norteia, orienta, encaminha os processos de construção da pesquisa, em todos os seus níveis; como instância corporificada em fazeres, operações, experimentações e procedimentos que dão feição ao objeto do conhecimento, que se inscrevem em lógicas atuantes na *captura e fabricação pensada deste objeto*. (BONIN, 2011, p. 29).

Com isso, a concepção metodológica da comunicação, que perpassa toda a discussão teórica, epistemológica e metodológica, é importante para a formação do procedimento que define o objeto de pesquisa, que busca os conceitos e abordagens diferenciados que fazem parte do conjunto de formação de todo pesquisador. O autor Braga (2011) explica como devemos abraçar a ideia da metodologia de pesquisa em comunicação:

Na própria construção do problema – perguntas específicas, objetivos, construção do objeto – nos vemos a braços com decisões metodológicas referentes ao ângulo, à acuidade, à própria geração de perguntas. Construir um problema de pesquisa, em sua organização interna e suas vinculações com as

bases teóricas e com uma realidade observável, envolve decisões metodológicas. (BRAGA, 2011, p. 9).

Por esta ótica, observamos que o autor propõe ao pesquisador observar suas escolhas para refletir sobre a construção dos objetivos da pesquisa científica e envolver suas decisões acerca do tipo de coletas de dados e métodos (amostras, grupos, pessoas, documentos, situações, comunidades etc.). Além disso, a necessidade de decidir sobre os critérios de seleção do objeto de estudo, está entre os procedimentos de interpretação e reinterpretção que auxiliarão nos resultados que são desenvolvidos. E para os critérios “são selecionados os elementos que apresentam uma determinada característica ou critério pré-definido”. (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011, p. 80).

A noção de *transmetodologia* (MALDONADO, 2002, 2008, 2011, 2012) pode ser compreendida como uma proposta de um olhar para a contextualização, a utilização multimetodológica, que nos estimula para a profunda investigação científica. Maldonado (2012) descreve sobre o conceito de *transmetodologia*:

A transmetodologia define-se como uma vertente epistemológica que afirma a necessidade de confluências e confrontações entre vários métodos, realizando processos de atravessamento lógico, desconstrução estrutural, reconstrução de estratégias e problematizações redefinidas, em cada empreendimento/projeto de investigação iniciado. Nutre-se de conhecimentos transdisciplinares, na dimensão teórica, e promove estratégias de exploração, experimentação e reformulação metodológicas⁷⁷. (MALDONADO, 2012, p. 31).

Nesta perspectiva Maldonado defende que a construção do objeto de pesquisa é um momento de necessidade de confluências e confrontações metodológicas. Através disso, na elaboração da pesquisa surgem processos de desconstrução e reconstrução de estratégias e também de redefinição de problematizações. Nesse processo da elaboração é necessário que as teorias e as metodologias se unam como uma ponte de articulações e inter-relações.

Foletto (2013) interpreta o pensamento do pesquisador Maldonado, colocando como ele entende a *transmetodologia*:

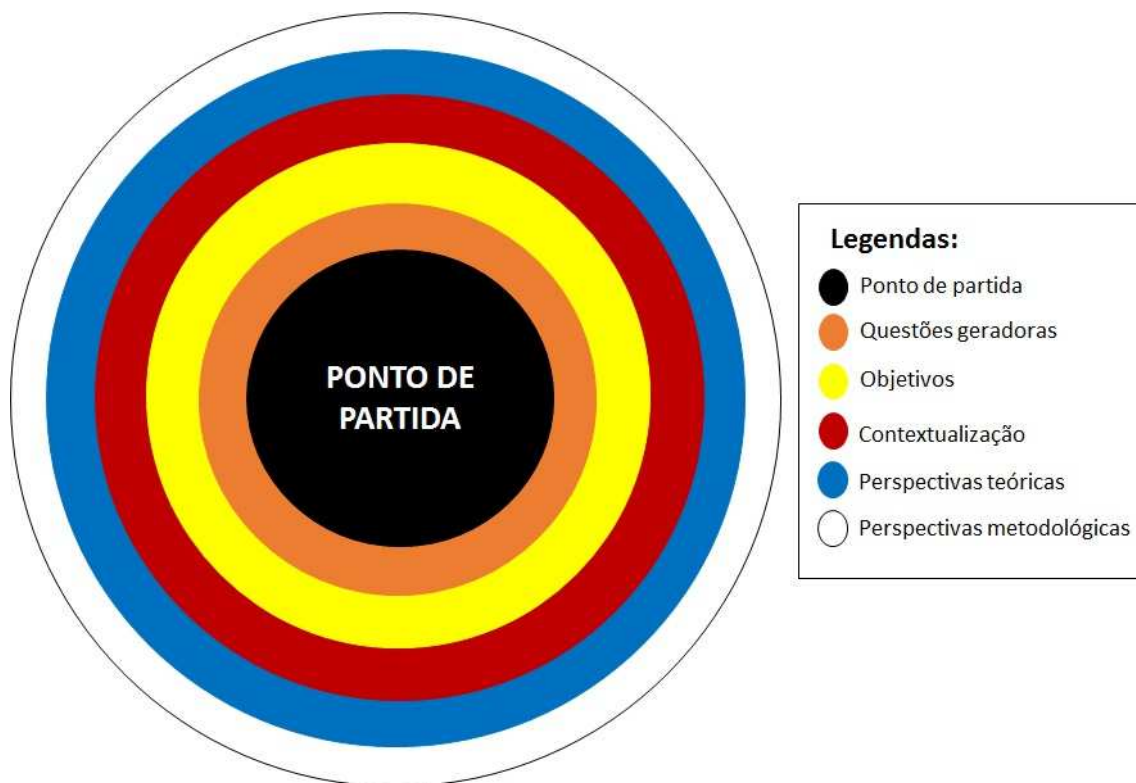
Como uma trilha que perpassa o ponto de partida da investigação, ampliando as perguntas geradoras da pesquisa através dos exercícios de contextualização enriquecedora para a construção de concepções teóricas e metodológicas que dialogue com os objetivos da pesquisa. (FOLETTTO, 2013, p. 71).

⁷⁷ Disponível em:

www.antropologia.ufsc.br/ppgas/blog/files/A%20etnografia%20como%20método%20vigilancia%20sem%20antiga%20e%20terminológica%20ciberespaco.pdf Acesso: 23 jul. 2013.

Podemos observar como o modelo transmetodológico contribui para desenvolver/construir uma pesquisa científica e acadêmica, bem como para a formação dos pesquisadores em Ciências da Comunicação, partindo das perspectivas teórica e metodológica para proceder às problematizações do objeto da pesquisa. Também podemos compreender que a proposta da transmetodologia é vista como “perspectiva chave para construção de um olhar multidimensional dos processos midiáticos, bem como das culturas, do mundo, da vida, da existência, do cotidiano etc.” (FOLETTTO, 2013. p. 71).

Quadro 4 – Esquema interpretativo de transmetodologia⁷⁸



Dessa forma, as trilhas na proposta do esquema transmetodológico apresentam como desenvolver concretamente o processo de pesquisa em Ciências da Comunicação, assim como refletir e pensar sobre o modo da produção e da construção de uma dissertação, uma tese ou uma pesquisa. Para que isso aconteça, o ponto de partida é um alvo fundamental que apresenta uma ideia da pesquisa a ser desenvolvida, mas dentro

⁷⁸ Elaborado pela pesquisadora desta tese.

dela devemos lembrar que o alvo não trabalha sozinho, portanto ele necessita de outra mão para costurar essa ideia e transformar um estudo científico em um saber mais amplo e intelectual.

De acordo Maldonado,

o sujeito em comunicação midiática, inserido em processos de inter-relação com esses sistemas de comunicação, é condicionado por lógicas produtivas, modelos ideológicos, estilos discursivos, estruturas pedagógicas, retóricas e modelos informativos produzidos nas indústrias culturais hegemônicas. Porém, simultaneamente, é capacitado a lidar com esses formatos, estratégias, matrizes, gramáticas, gêneros e culturas mediante as próprias contradições, culturas, informações e conhecimentos produzidos por esses sistemas. Contudo, no mundo atual, são principalmente as vivências e as relações com outras culturas comunicacionais, políticas, sociais, étnicas, regionais, classistas, religiosas e etárias que suscitam nas pessoas a procura de novidades, mudanças e fruições distintas às midiático/comerciais. (MALDONADO, 2013, p. 99).

Observamos que o pesquisador em Ciências da Comunicação, ou seja, sujeito em Comunicação Midiática possui a chave para procurar e buscar os caminhos de estudos como sistemas de comunicação e outros sistemas. Falando sobre esses sistemas de comunicação, eles estão incluídos em vários modelos de possibilidades para que o pesquisador construa a sua pesquisa. Porém não basta só conhecer, é preciso saber, ou melhor, compreender como se relacionam no contato das diferenças culturais (surdas, digitais e outras), políticas, sociais, étnicas, econômicas, religiosas e outras mudanças que se aproximam na mídia comunicacional.

4.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O percurso do desenvolvimento metodológico permitiu a realização de um mapeamento geral das pesquisas realizadas em relação ao tema nesta tese. O mapeamento foi uma fase fundamental para que a pesquisadora pudesse visualizar as produções científicas feitas, para pensar e refletir a construção de novos conhecimentos e novos saberes. Nesta caminhada de construção da investigação, o desafio está em pensar, refletir, coordenar uma abordagem metodológica que possibilite uma visão panorâmica, uma forma de relacionar e articular as escolhas da pesquisadora, nos conceitos teóricos e metodológicos adotados, de modo a compreender os processos midiáticos e comunicacionais. Nesse sentido, através das experiências e reflexões, a pesquisadora

passou a analisar e estudar as práticas de *pesquisas da pesquisa, pesquisa teórica, pesquisa metodológica, pesquisa de contextualização e pesquisa exploratória*.

4.1.1 Processo de construção das práticas investigativas: pesquisas da pesquisa, pesquisa teórica, metodológica e de contextualização

A *pesquisa da pesquisa* é considerada “uma prática relevante para tomar contato com essa produção, a fim de que as novas investigações contemplem e considerem esses desenvolvimentos e aquisições e busquem efetivamente avançar *com e a partir* deles”. (BONIN, 2012, p. 48 e 49). Desse modo, efetuamos investigação de pesquisas relacionadas com o meu tema, existentes em diferentes sistemas como os bancos de dados no Portal de Periódicos de Capes, *Scielo*⁷⁹, *Science Direct*⁸⁰ e *Redaly*⁸¹. Além disso, também optei por desenvolver uma busca específica por meio de palavras-chaves no Google Acadêmico (*Scholar Google*). Entre as palavras utilizadas para realização de buscas, usamos: “Facebook”, “Cibercultura”, “Internet surda”, “Cidadania comunicativa”, “Comunidade digital” e “Etnografia”. Estas mesmas buscas se desenvolveram em anais dos principais congressos em Comunicação como ABCiber⁸², INTERCOM⁸³ e COMPÓS⁸⁴. Também foram buscados dissertações, teses, livros e artigos que contivessem informações referentes ao tema da pesquisa, no ambiente da Biblioteca Digital de teses e dissertações nas seguintes instituições: ANHEMBI⁸⁵, UFRGS⁸⁶, UFRN⁸⁷, UFMG⁸⁸, UFPE⁸⁹, UERJ⁹⁰, UDESC⁹¹, USP⁹², UNICAMP⁹³,

⁷⁹ Disponível em: www.scielo.org Acesso em: 20 set. 2014.

⁸⁰ Disponível em: <https://www.elsevier.com/solutions/sciencedirect> Acesso em: 11 jun. 2016.

⁸¹ Disponível em: <http://www.redalyc.org/> Acesso em: 11 jun. 2016.

⁸² Disponível em: <http://www.abciber.org.br> Acesso em: 20 set. 2014.

⁸³ Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/> Acesso em: 20 set. 2014.

⁸⁴ Disponível em: <http://www.compos.org.br/> Acesso em: 11 jun. 2016.

⁸⁵ Disponível em: <http://portal.anhemi.br/biblioteca/> Acesso em: 20 set. 2014.

⁸⁶ Disponível em: <https://www.ufrgs.br/bibliotecas/> Acesso em: 21 set. 2014.

⁸⁷ Disponível em: <http://sisbi.ufrn.br/bczm/> Acesso em: 21 set. 2014.

⁸⁸ Disponível em: <https://www.bu.ufmg.br/bu/> Acesso em: 20 set. 2014.

⁸⁹ Disponível em: <http://www.biblioteca.ufpe.br/pergamum/biblioteca/index.php> Acesso em: 21 set. 2014.

⁹⁰ Disponível em: <http://www.rsirius.uerj.br/novo/> Acesso em: 21 set. 2014.

⁹¹ Disponível em: <http://www.udesc.br/biblioteca> Acesso em: 21 set. 2014.

⁹² Disponível em: <http://www5.usp.br/pesquisa/bibliotecas/> Acesso em 22 set. 2014.

⁹³ Disponível em: <http://www.sbu.unicamp.br/> Acesso em: 22 set. 2014.

UNISINOS⁹⁴, UTP⁹⁵, UCB⁹⁶, UCPel⁹⁷, USCS⁹⁸, PUCSP⁹⁹, PUCRS¹⁰⁰ e Universidade de Coimbra¹⁰¹.

Nas pesquisas buscadas e acessadas foram encontrados diversos trabalhos científicos publicados na área em Ciências da Comunicação e outras linhas de estudos. A maioria deles, porém, não focalizavam as questões relacionadas com as pessoas surdas. Nesse processo de estudo foi importante acionar uma combinação de palavras-chave durante as práticas da pesquisa para que a pesquisadora pudesse avançar na fabricação da sua pesquisa. Além disso, é preciso também saber “situar, problematizar e afirmar a contribuição que a pesquisa em execução vai oferecer ao conjunto de conhecimentos do campo relacionados ao problema/objeto investigado”. (BONIN, 2012, p. 50).

Todos os dados acessados que a pesquisadora julga importantes para contribuição do seu estudo, desenvolvimento e construção desta tese, foram armazenados em pastas com tópicos no seu computador pessoal, transformados em arquivo de “biblioteca digital pessoal”. E também selecionou alguns artigos que achou fundamentais e foram impressos, permitindo anotações, rascunhos e argumentos descritivos.

Durante a pesquisa da pesquisa acumulou grandes anotações e argumentos, ambos com aprofundamentos reflexivos, pois com eles conduziram ao caminho para a formulação da problemática, bem como a identificação das bases teóricas e metodológicas no processo desta pesquisa. Cabe comentar aqui, as mais notáveis nas áreas de conhecimento que apresentaram as listas de buscas foram: Administração, Biblioteconomia, Ciências Sociais, Comunicação, Comunicação Social, Design, Economia, Educação, Letras, Linguística, Psicologia e Supervisão Pedagógica. Os pontos de interesse mostram que nas listas por áreas, a maioria delas está voltada ao estudo com a internet, a mídia, os sujeitos, o uso das tecnologias que se relacionem com a rede social FBK (Facebook).

Ulteriormente, a partir da *pesquisa teórica*, a pesquisadora centrou a perspectiva na compreensão e apropriação do estudo de conceitos que são relevantes para trabalhar concretamente o tema investigado. Com isso, para Bonin (2011) compreende que

⁹⁴ Disponível em: <http://unisininos.br/biblioteca/> Acesso em: 20 set. 2014.

⁹⁵ Disponível em: <http://pergamum.utp.br/pergamum/biblioteca/index.php> Acesso em: 22 set. 2014.

⁹⁶ Disponível em: <http://www.biblioteca.ucb.br/> Acesso em: 20 set. 2014.

⁹⁷ Disponível em: <http://biblioteca.ucpel.edu.br/> Acesso em: 21 set. 2014.

⁹⁸ Disponível em: <http://www.uscs.edu.br/infra/biblioteca/> Acesso em: 21 set. 2014.

⁹⁹ Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/index.php?tipoPesquisa=1 Acesso em: 22 set. 2014.

¹⁰⁰ Disponível em: <http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/biblioteca/Capa> Acesso em: 20 set. 2014.

¹⁰¹ Disponível em: <http://www.uc.pt/bguc/> Acesso em: 22 set. 2014.

a *problematização teórica* é outra linha arquitetônica fundamental de um projeto de pesquisa consolidado. Sua adequada construção permite que se visualize uma rede de conceitos trabalhados em articulações para sustentar a compreensão do problema investigado. (BONIN, 2011, p. 25).

Neste sentido, a pesquisadora entende como um desafio refletir e articular uma rede de conceitos que pretendia trabalhar. Com ela, é possível buscar outras perspectivas teóricas em diferentes campos de conhecimentos científicos que não seja somente a comunicação, e sim outras áreas como educação, antropologia, sociologia e demais que ajudam a aproximar à compreensão do problema investigado.

No plano da ação de construção do estudo teórico, a pesquisadora focou os conceitos a serem apropriados, mas principalmente adequados para articular o objeto da pesquisa. Enquanto isso, o Capítulo 3 foi construído por diversos elementos teóricos trabalhados neste presente capítulo, e com isso a pesquisadora reconheceu as comunidades digitais como sistema de organização que permite integrar múltiplas narrativas etnográficas pelos sujeitos comunicantes surdos. Portanto, os sujeitos comunicantes surdos são como atores/usuários digitais e as comunidades surdas, oferecem o caminho para apropriação de conhecimento ou de identificação da cultura surda, da cidadania comunicativa surda e das línguas (Libras e LP). Eles possuem esses dois acessos de comunicação para atuar no ambiente social (sociedade/comunidade) e digital (internet/comunidade digital). Pode-se pensar que o FBK é como uma inclusão de informação, de comunicação que envolvem diversos usuários, e com isso, releva uma oportunidade de manter contatos e reunir novas pessoas para estabelecer uma conexão de compartilhamentos.

No início da teorização a pesquisadora buscou trabalhar a problemática de forma teórica, ligando os conceitos de *Globalização* (BAUDRILLARD, 1970; MATTELART, 1999; SANTOS SOUZA, 2003, MARTÍN BARBERO, 2006, GARCÍA CANCLINI, 2007, entre outros) e de *Mundialização* (ORTIZ, 2003), a fim de entender as transformações sociais que estão acontecendo, pois com elas podemos compreender o conjunto de manifestações de identidades culturais.

A partir dos conceitos de *Cultura*, partimos para o estudo de *Cultura Surda* e *Cibercultura* e com esses termos a pesquisadora utilizou os seguintes autores:

Lévy (1999), Hernández (2000), Castells (2003), Moreira (2003), Santaella (2003), Hine (2004), Cortina (2005), Eagleton (2005), Mattelart (2005), Shah (2005), Hall (2006), García Canclini (2008), Quadros (2009), Raddatz (2011), Rifiotis (2012), Lemos (2013)

e Strobel (2013), entre outros. O sentido da elaboração teórica desses conceitos colocou a pesquisadora e os leitores em posição de entender o que é Cultura Surda e Cibercultura, e também compreender como se articulam e se configuram os sujeitos comunicantes surdos. Observando os sujeitos comunicantes surdos no ambiente digital, pelo ângulo do estudo das redes sociais na internet – se percebe o FBK como sendo formado por atores sociais que compartilham nas interações sociais.

Na teorização também trabalhamos na pesquisa da problemática relativa à construção da *Cidadania comunicativa* do sujeito comunicante surdo, com o objetivo de compreender como este processo é construído e formado. Iniciei o estudo pelos pesquisadores García Canclini (1999), Ghai (2003), Cortina (2005), Mata (2006), Rocha (2009), Almeida, Guindani e Morigi (2010). Entendem que a cidadania comunicativa é a participação do sujeito nas ações dos diversos sujeitos no processo de criação democrático. Neste sentido, partimos para uma construção de reflexão sobre *Cidadania Comunicativa Surda*. Aprofundei o estudo de comunidade proposto por autores como Padden e Humphries (2000), Bauman (2003), Báez e Cabeza (2006), pois eles mostraram que a comunidade surda pode estar constituída por sujeitos surdos e ouvintes, sendo usuários da língua de sinais. Além disso, a comunidade é como um ninho de vigilância que defende os seus direitos linguísticos e culturais.

Após, partimos para uma leitura dos conceitos de *mediatização* (MATA, 1999; MALDONADO, 2002; LEAL, 2008, entre outros), *comunicação* (WINKIN, 1994; RODRIGO ALSINA, 2001; MARTÍN-BARBERO, 2009; MALDONADO, 2011; MENESES, 2014, entre outros) e *mídia* (SILVERSTONE, 2002, entre outros). As três noções mostraram a importância da acessibilidade à comunicação como processo cultural, social, político, econômico, religioso e também como produtor de informação. Este procedimento também se centrou em compreender que essas ações práticas sociais dos sujeitos surdos são capazes de atuar na construção da cibercultura, de trocas de informação e de comunicação, que chamamos de *mediações* (MARTÍN-BARBERO, 2009; WOTTRICH; SILVA e RONSINI, 2009, entre outros). Através deles, a pesquisadora procurou entender como se articulam as matrizes culturais por intermédio do uso dos meios de comunicação, nos âmbitos da mídia, tecnologia, cultura e comunicação.

Também a pesquisadora buscou trabalhar a noção de *Rede Social* (Portugal, 2007; Recuero, 2009; Recuero, Amaral e Suely, 2011, entre outros) em relação a outros atores que estudaram sobre *comunidade virtual/digital* (RHEINGOLD, 1997, 2004;

RECUERO, 2005; PRIMO, 2007, entre outros). Tive por objetivo compreender essas duas noções que apresentam uma ideia como um conjunto de diferentes atores conectados por várias relações sociais, que permite investigar os comportamentos, opiniões dos sujeitos que participam em uma rede ou comunidade digital.

Todos os conceitos apresentados foram coletados como referências bibliográficas de livros, artigos, produções científicas e digitais, considerados como bases teóricas fundamentais para elaborar uma forte corrente de conceitos que ajudaram a construir a problematização desta pesquisa.

Ao partir para a *pesquisa metodológica* a pesquisadora entende como a autora Bonin (2011) descreve:

A pesquisa metodológica (que também se realiza na pesquisa da pesquisa) é, então, um movimento importante para alicerçar esse âmbito da fabricação pensada dos objetos. Ela exige a instauração de processos de estudo, reflexão, desconstrução, reformulação e apropriação de propostas metodológicas (contidas em textos metodológicos reflexivos e em pesquisas concretas), para delas extrair elementos que possibilitem arquitetar arranjos metodológicos que respondam aos requerimentos das problemáticas com as quais estamos trabalhando. As aproximações empíricas, pela via da pesquisa exploratória, em confluência com esta prática, permitem realizar uma fabricação metodológica sensível às especificidades do concreto. (BONIN, 2011, p. 38).

Na *pesquisa metodológica* procuramos pensar, refletir durante as práticas investigativas sobre as lógicas atuantes das pesquisas dos trabalhos encontrados e reestudar como conjunto de decisões e opções para realizar um processo de investigação. Aquilo mostraram a possibilidade de ser uma pesquisadora flexível, flexibilidade intelectual, por isso procuramos várias estratégias de métodos ou multimétodos, para poder identificar as construções de cultura e cidadania comunicativa surda.

Ao partir para *pesquisa de contextualização* buscamos apresentar no Capítulo 2 as informações como fatos sócio-históricos que levassem à perspectiva geral das pessoas surdas no Brasil em relação à educação e à língua de sinais, à cidadania e à comunidade surda. Também a pesquisadora procurou mostrar a importância dos estudos acerca dos surdos no Brasil que reuniram diversos pesquisadores no mundo. Além disso, a pesquisadora abre um espaço para inter-relacionar o estudo ao processo midiático, e permitiu compreender as buscas de construção teórica-metodológica para construir a minha formação de conhecimentos e saberes. Para finalizar, organizamos uma apresentação de contextualização sobre as mídias adaptadas para as pessoas surdas. Foi

um ponto interessante para verificar que a mídia tem um espaço especial para pessoas surdas – a comunicação acessível e a independência.

4.1.2 Pesquisa exploratória

A *pesquisa exploratória* é entendida como “o meio pelo qual geramos elementos concretos do polo da empiria que vão participar no processo de fabricação da proposta investigativa, ao serem colocados em relação com o polo teórico-metodológico da mesma”. (BONIN, 2013, p. 29). Com isso, percebemos que é necessário estar acompanhando todo processo teórico, metodológico e empírico, pois este fará parte para se chegar aos movimentos concretos da pesquisa exploratória. Porém, para surgir a realização dessa pesquisa, Bonin (2011) explica que:

Tatear o fenômeno, explorar aspectos que interessam à problemática em construção, na sua feição concreta, caracterizam esse processo. Dizer tatear, explorar, não significa sair sem rumo nas explorações empíricas. (...) Este pensar, planejar e programar deve também ser flexível e aberto no sentido de poder acolher os requerimentos advindos do processo e se refazer no andar, a depender de perspectivas que se abrem e que redesenham necessidades de novas focalizações, de obstáculos que se apresentam no percurso da exploração. Conhecimentos anteriores, inteligência estratégica, imaginação, intuição e invenções táticas são elementos que contribuem para essas empreitadas de aproximação empírica. (BONIN, 2013, p. 30).

Na explicação da autora é possível entender que não podemos perder o rumo nas explorações empíricas. Para que isso não aconteça, o desenho de um esquema sinóptico é um exemplo que permite indicar e seguir o caminho do estudo do objeto investigado. Com isso, a construção das explorações deve ser flexível e aberta, apontando os caminhos relevantes para que o pesquisador possa pensar, planejar e programar o fenômeno que se quer investigar. Assim, os conhecimentos anteriores, o poder da imaginação, as diferentes formas da inteligência estratégica e invenções táticas são para auxiliar a influenciar a empreitada empírica.

Para os percursos exploratórios, devem haver conhecimento intelectual das propostas de ação científica e acadêmica (dissertações, teses e pesquisas ou instituições), bem como o levantamento e análises de dados existentes ou coletados que se relacionem ao fenômeno investigado, assim como coletas de dados (bancos de dados), a exploração de pesquisas anteriores (publicadas e defendidas) que possam transmitir mentalmente a ser um coletor do conhecimento. As pistas que oferece a pesquisa exploratória, devem

estar bem trabalhadas e estudadas para que o pesquisador possa alimentar o amadurecimento do seu desenho/mapeamento investigativo com os planos diferenciados.

Segundo Bonin (2011) afirma a “pesquisa exploratória também oportuniza experimentar, vivenciar e testar métodos e procedimentos para compor e construir arranjos metodológicos sensíveis às demandas da problemática e das lógicas dos objetos empíricos”. (BONIN, 2011, p. 40). Neste contexto, percebe-se a importância do pesquisador experimentar, vivenciar e testar diferentes métodos para que chegue à realização combinada, quer dizer quais métodos mais apropriados para relacionar os objetos da pesquisa. Neste sentido, em todo contexto apresentado, nos capítulos anteriores, a pesquisadora fez um exercício intenso para pensar, estudar e construir a orientação que sirva como personalidade da pesquisa nesta Tese.

4.2 OBSERVAÇÕES SISTEMÁTICAS

Na segunda fase procuro explicar como desenvolvi os multimétodos e suas escolhas nos procedimentos diversos que dinamizam e sustentam esse processo da pesquisa sistemática. Segundo Bonin (2001) afirma, “as ações de pesquisa exploratória abrangem planejamento, construção e realização de sucessivas aproximações ao concreto empírico a partir de várias angulações possíveis que interessam ao problema/objeto em construção.” (BONIN, 2011, p. 39).

Dando conta do objeto da pesquisa como complexo, como um campo em constante mudável, entretanto optei por a perspectiva metodológica de etnografia, relacionada a alguns modelos metodológicos, as quais explicarei no subcapítulo 4.2.1.

Ao tratar de um estudo de comunidades surdas digitais, a etnografia foi escolhida como um modelo essencial com possibilidades em descrever, ao coletar os dados das comunidades no FBK, a aplicação de questionamentos em especial para os atores surdos e das escolhas das comunidades digitais do FBK.

4.2.1 A abordagem etnográfica

O presente subcapítulo trata a respeito dos usos de etnografia – um estudo focado em uma das metodologias apropriadas para construir um estudo da internet (meio de comunicação), assim como a rede social, comunidades digitais, sujeitos comunicantes surdos no FBK. Compreendemos que a relação com as culturas, as cidadanias

comunicativas, as mediações e as apropriações são práticas sociais comuns na forma da relação entre as comunidades e também as sociedades. Nesse sentido, muitos pesquisadores etnográficos perceberam que é possível investigar o estudo das culturas e das comunidades interligadas com a internet,

A seguir, evidencio a importância do uso de um dos elementos que irá compor a metodologia, o estudo etnográfico, que a pensadora Hine (2004) aprofunda em seu livro, *Etnografía virtual*. Neste, a autora apresenta várias perspectivas sobre os efeitos revolucionários da tecnologia e mostra suas reflexões acerca dos usos cotidianos na internet e a compreensão que os usuários têm sobre suas utilidades no ambiente digital. Ainda em seu livro, tenta explicar a ideia de que, “(...) a Internet como cultura e como artefato cultural, compreende perspectivas de análises etnográficas e cada uma sugere diferentes abordagens metodológicas, com seus respectivos problemas e vantagens.” (HINE, 2004, p.23)¹⁰².

Portanto, Hine (2004) defende a ideia da investigação etnográfica:

Para o etnógrafo, o processo de se tornar competente no uso de Internet é uma forma de conhecer seu grau de dificuldade e como essa tarefa se torna mais fácil ou difícil. Em vez de supor uma barreira, parte do necessário estranhamento do etnógrafo, a competência no uso da Internet adquire múltiplos significados. Aprender as habilidades para se desenvolver em Internet pode ser, de fato, a base de uma exploração reflexiva acerca do que é a utilizara Internet; e também pode ser uma forma de desenvolver uma leitura enriquecida das práticas que apoiam tanto a produção como o uso de artefatos na Rede. O processo necessário para encontrar locais adequados e materiais de trabalho para reunir constituem em si mesmos os objetos de estudo etnográfico. (HINE, 2004, p. 68)¹⁰³.

Nesta perspectiva, a autora considera a etnografia como um processo de nível de experiência e de conhecimento do próprio etnógrafo (especialista em etnografia) no uso da internet, principalmente, a competência para a utilização da navegação digital para que possa produzir os seus melhores dados, o que será fundamental para pesquisa. Neste

¹⁰² Tradução nossa: “(...) *la de Internet como cultura y como artefacto cultural, conforman perspectivas de análisis etnográfico y cada una sugiere distintas aproximaciones metodológicas, con sus respectivos problemas y ventajas*” (HINE, 2004, p. 23).

¹⁰³ Tradução nossa: “*Para el etnógrafo, el proceso de hacerse competente en el uso de Internet es una forma de conocer su grado de dificultad y de qué forma se hace más fácil o difícil esta tarea. En lugar de suponer una barrera, parte el necesario extrañamiento del etnógrafo, la competencia en el uso de Internet adquiere múltiples significaciones. Aprender las habilidades para desenvolverse en Internet puede ser, en efecto, la base de una exploración reflexiva acerca de lo que es utilizar Internet; y también puede ser una forma de desarrollar una lectura enriquecida de las prácticas que sustentan tanto la producción como el uso de artefactos en la Red. El proceso necesario para dar con sitios adecuados, y con los materiales de trabajo a recopilar, constituyen en sí mismos objetos de estudio etnográfico* (HINE, 2004, p. 68).

sentido, a etnografia pode ser utilizada para desenvolver os múltiplos significados dos meios de comunicação e dos artefatos culturais. Baztán (1995) explica a concepção de etnografia: “etnografia é o estudo descritivo da cultura de uma comunidade, ou de algum de seus aspectos fundamentais, sobre a perspectiva de compreensão global da mesma”. (BAZTÁN, 1995, p. 3).

Na sua obra, Hine (2004) conta a experiência com seu primeiro trabalho etnográfico:

Minha primeira tarefa como etnógrafa consistiu em desenhar um panorama compreensível o que estava ocorrendo: no tribunal, na imprensa, na televisão e, com uma presença prolongada no tempo, em tais ambientes *online* e novas páginas dedicadas ao caso, e as discussões que havia entre as pessoas através da Internet. É requerida certa mobilidade e sensibilidade para traçar o mapa complexo das conexões existentes entre os diferentes locais, enquanto eles estão se formam e reformam, e para entender como se vão representando os lugares e os eventos. (...) formar parte dos cenários em que as pessoas discutiram o caso foi importante para ver como se interpreta a cobertura da mídia acessível aos interlocutores, tendo em conta as suas respectivas localidades e integrando às análises as percepções localizadas. (HINE, 2004, p. 89)¹⁰⁴

A experiência da pesquisadora Hine (2004) apresentou um exemplo de estudo de caso com detalhes importantes para pesquisa etnográfica, seguindo um panorama amplo em cada cenário da pesquisa que passa: as pessoas estão interligadas para poderem compreender o que eles estavam representando e interpretando no mapa complexo de conexões em diferentes ambientes.

E é importante pensar a relação do funcionamento do estudo de pesquisa e a escolha tomada em função da opção pela etnografia dos objetos da comunicação digital. Angrosino (2009) descreve: “estudar questões ou comportamentos sociais que ainda não são claramente compreendidos. (...) podem ajudar um pesquisador a “tomar pé da situação” antes de centrar em questões específicas com medidas estatisticamente mais precisas”. (ANGROSINO, 2009, p. 30). Também serve para conhecer e compreender a perspectiva dos próprios sujeitos comunicantes surdos sobre as questões elaboradas.

¹⁰⁴ Tradução nossa: “Mi primera tarea como etnógrafa consistió en trazar un panorama comprensible de lo que estaba ocurriendo: en el juzgado, en la prensa, en televisión y, con una presencia sostenida en el tiempo, en entornos *online* tales como las nuevas páginas dedicadas al caso, y las discusiones que se generaban entre personas a través de Internet. Se requiere cierta movilidad y sensibilidad para trazar el complejo mapa de las conexiones existentes entre los diferentes sitios, mientras éstos se forman y reforman, y para entender cómo se van representando los lugares y los eventos. (...) formar parte de los escenarios en que las personas discutieron el caso resultó importante para ver cómo se interpreta la cobertura mediática accesible a los interlocutores, tomando en cuenta sus respectivas localidades e integrando al análisis la comprensiones situadas (HINE, 2004, p. 89).

Assim, o desenvolvimento da etnografia é um processo exploratório em que surgem novas atividades dinâmicas e novas formas de analisar. Também nos leva à construção do contexto etnográfico no estudo investigado. De acordo com o que Recuero (2014) afirma, “é possível modificar-se técnicas de coleta, reorientar a pesquisa, localizar novos sujeitos, reescrever informações com novas observações”. (RECUERO, 2014, p. 152 e 153).

Para situar a pesquisa etnografia digital, é preciso que o pesquisador tenha planejamento sobre os dados que quer buscar durante o processo da pesquisa. Hine (2004) explica que

a etnografia virtual funciona como um módulo que problematiza o uso de Internet: em vez de ser inerentemente sensível, o universo WWW adquire sensibilidade em uso. O estado da Rede como uma forma de comunicação, como um objeto dentro da vida das pessoas e como um local de estabelecimento das comunidades, sobrevive por meio de usos, interpretados e reinterpretados, que se faz dela. (HINE, 2004, p. 80)¹⁰⁵.

O uso na internet tem a sensibilidade especial. Vamos pensar juntos, uma rede social está formada por diversos participantes ativos e com ela podemos nos comunicar (trocar comunicação), podemos sentir a presença de pessoas, podemos estar instalados por comunidades, tudo aquilo está em movimento contínuo causado pelos usos da internet. Segundo a autora, Hine (2004) “a etnografia da Internet pode olhar em detalhes para as formas pelas quais a tecnologia é experienciada em uso”. (HINE, 2000, p. 4)¹⁰⁶.

O método etnográfico para Angrosino (2009) afirma que “a etnografia é a arte e a ciência de descrever um grupo humano – suas instituições, seus comportamentos interpessoais, suas produções materiais e suas crenças”. (ANGROSINO, 2009, p. 30). Desse modo mostra que é necessário pensar como é o funcionamento deste método em relação do processo de pesquisa de campo, basicamente o pesquisador tem que estar, no dia a dia, acompanhando as pessoas/comunidades que vão ser analisadas para compreender e interpretar os aspectos importantes que as ligam à pesquisa da tese.

¹⁰⁵ Tradução nossa: “la etnografia virtual funciona como un módulo que problematiza el uso de Internet: en vez de ser inherentemente sensible, el universo WWW adquiere sensibilidad en su uso. El estatus de la Red como forma de comunicación, como objeto dentro de la vida de las personas y como lugar de establecimiento de comunidades, pervive a través de los usos, interpretados y reinterpretados, que se hacen de ella” (HINE, 2004, p. 80).

¹⁰⁶ Tradução nossa: “An ethnography of the Internet can look in detail at the ways in which the technology is experienced in use” (HINE, 2000, p. 4).

A questão etnográfica coloca à pesquisadora uma estratégia para planejar o estudo dos métodos de pesquisa. É fundamental lembrar que deve haver um cuidado especial com as descrições das narrativas/conversações entre *online e offline* (HINE, 2004; AMARAL, 2011; FRAGOSO, 2011 e RECUERO, 2011); tanto a relação quanto os usos e apropriações nos ambientes digitais são desenvolvidos por diferentes comunidades digitais, auxilia o pesquisador a coleta de dados, as narrativas, as entrevistas, ambas etnográficas. Autoras como Amaral; Fragoso e Recuero (2011) entendem que “etnografia possa ser retomada, desde que tais diferenças em termos de coleta de dados e de observação sejam descritas e problematizadas em suas distintas fases, com indicações das variações de níveis entre *online e offline*” (AMARAL; FRAGOSO; RECUERO, 2011, p. 178).

Segundo Angrosino (2009) que utilizou o termo “comunidades interesses” no contexto das comunidades residenciais, significa que depende do interesse de cada sujeito, pois “a maioria delas é efêmera por natureza – surgem e desaparecem conformem mudam os interesses dos participantes”. (ANGROSINO, 2009, p. 120). Com certeza, podemos afirmar que a comunicação e a informação circulada na internet são mutáveis e alteráveis por motivos que acompanham o sistema econômico, social, político, religioso e também cultural.

Além disso, afirmamos que a etnografia é como um produto, portanto o pesquisador pode encontrar nos dois momentos segundo o grau de inserção: a distância e a aproximação do campo de estudo, isso quer dizer “etnografia não participante” e “etnografia participante” (ANGROSINO, 2009; AMARAL, FRAGOSO, RECUERO, 2011;). O autor Angrosino (2009) compreende quando:

etnografia não participante, a única coisa que realmente importa é que os possíveis participantes reconheçam o pesquisador como um legítimo estudioso que tomou as necessárias precauções éticas ao estruturar a sua pesquisa. (...) O observador participante deve, então, fazer o esforço de ser aceitável como pessoa (o que vai significar coisas diferentes em termos de comportamento, de modos de viver e, às vezes, até que aparência em diferentes culturas) e não simplesmente respeitável como cientista. (...) o observador participante não pode esperar ter controle de todos os elementos da pesquisa; ela ou ele depende de boa vontade da comunidade (às vezes em um sentido bem literal, se é uma comunidade onde os recursos básicos de sobrevivência são escassos) e deve fazer um acordo tácito de “ir com a maré”, mesmo que isso não funcione dentro de um roteiro de pesquisa cuidadosamente preparado (ANGROSINO, 2009, p. 33).

Neste sentido, percebemos que a observação participante (pesquisador) não é como um método, porém é uma forma que os pesquisadores adotam em campo de pesquisa para

serem aceitos e incluídos pelas comunidades para estudar, pois é possível utilizar várias técnicas de coletas de dados dentro dessas comunidades digitais para conhecer e entender como essas pessoas se comportam e seu estilo de vida digital.

O desafio metodológico da pesquisa em campo serve também para tentar preservar os detalhes enriquecedores através da observação do campo etnográfico no ambiente digital, e participação integrada com as comunidades digitais que possuem atores surdos no FBK. A partir disso, entendemos que a pesquisa etnográfica envolve a descrição holística de uma ou mais comunidades e de seu modo ou estilo de vida. Por isso, acreditamos que uma narrativa sobre a comunidade digital em processo de estudo auxilia o pesquisador a ver o lado das experiências vividas nesta comunidade em relação aos sujeitos comunicantes surdos.

Neste sentido, para escutar, na verdade para ver o que esses sujeitos comunicantes surdos tinham para nos contar sendo incluídos em uma comunidade digital no FBK, a pesquisadora afirma três processos essenciais da realização desta triangulação com entrevistas por vídeos para captar as expressões faciais em contextos claros na língua de sinais pelos entrevistadores surdos, por escritos para captar as conversações na internet e além de interpretar as falas em LIBRAS pelos vídeos e até de modos presenciais para completar a coleta de dados de forma enriquecedora.

Pelo fato de a etnografia ser uma forma para realizar essa pesquisa, a pesquisadora deve ter o perfil ativo do FBK para que possa acessar as comunidades digitais para o estudo, a fim de compreender determinadas práticas cotidianas sociais. Portanto, a pesquisadora reconhece que não é possível recortar as narrativas dos sujeitos comunicantes surdos, as comunidades surdas digitais com informações prontas, porém sim, durante o percurso de análises foi necessário fazer uma reflexão crítica com qualidade e observação com excelência para amadurecer o conhecimento do objeto da pesquisa. Neste contexto, a pesquisadora entende que essas observações por meio dos usos de métodos etnográficos foram especialmente fundamentais quando foi necessário entrar numa situação de campo na qual leva as questões de comportamentos ou ações práticas sociais que não estão esclarecidos. Certamente, estas observações de uma pesquisa etnográfica tenham a possibilidade de analisar os sujeitos comunicantes surdos na interação em cenários coletivos como comunidades surdas digitais.

Segundo Amaral (2010) afirma que

Ainda há muito a ser problematizado em torno das abordagens etnográficas dos estudos sobre Internet e outras tecnologias de comunicação – assim como discussões sobre outras metodologias de ordem empírica e teórica – para a compreensão da cultura digital que se esparrama pelo *offline* através de aplicativos, ferramentas de realidade aumentada, comentários e conversações em *microblogs* e novos formatos e produtos comunicacionais que, ao surgirem, carregam tracejados simbólicos, códigos e outros padrões de comportamento cultural inscritos a partir da sociedade que os desenvolveu. (AMARAL, 2010, p. 133).

Além da diversidade, os multimétodos permitem a pesquisadora tenha os recortes do objeto no campo da pesquisa em dois momentos (*online* e *offline*). Neste sentido, a pesquisa etnográfica foi mencionada como técnicas de coletas de dados etnográficos, entre eles são: **análise de materiais de arquivo; observação e entrevistas.**

4.2.2 Modelos metodológicos

Nesta fase, a metodologia etnográfica foi desenvolvida e dividida em três habilidades principais. A primeira parte caracterizou-se pela análise de materiais de arquivo (pesquisa em arquivos), em seguida, pela observação, e por último, pelas entrevistas.

1) Análise de materiais de arquivo

Estudos baseados em documentos como material da mídia (jornais, revistas, boletins) e dos meios de comunicação (gravações digitais, imagens, hipertextos, outros) são utilizados para a realização de pesquisas científicas. Segundo Angrosino (2009) entende, a análise de materiais de arquivo ou pesquisa em arquivos “é a análise de materiais que foram guardados para pesquisa, serviço e outros objetivos, oficiais ou não” (ANGROSINO, 2009, p. 69). Nessa análise o pesquisador tem de buscar uma forma de orientar o problema proposto pela pesquisa, montar as peças, como num quebra-cabeça e encontrar os documentos que sejam realmente importantes. Na verdade, é o pesquisador quem deve aproveitar o caráter abrangente da área comunicacional para dialogar com teorias e métodos de outras áreas de conhecimento.

Segundo Moreira (2008) descreve:

Ao ter como referência a interdisciplinaridade, os pesquisadores da Comunicação que identificam na análise documental um recurso para os seus estudos precisam atentar para as peculiaridades das áreas que utilizam como

referência científica – ainda que hoje a questão interdisciplinar permeie campos que tradicionalmente valem-se da análise documental, como é o caso da história (...) (MOREIRA, 2008, p. 270).

Podemos entender a definição de análise documental como “a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim”. (MOREIRA, 2008, p. 271). Portanto, esta análise tem por objetivo rastrear pistas de dados informacionais no ambiente das comunidades digitais do FBK. O pesquisador deve visitar as comunidades para coletar os dados de informações digitais e reais, superando os obstáculos que pode encontrar durante a investigação. Além disso, quer dizer que o pesquisador deve se apropriar do conhecimento desenvolvido e enriquecedor sobre o objeto da pesquisa. Recuero (2014) afirma que “é importante não ficar apenas na descrição ou em reflexões teóricas sobre o observável. É preciso a interpretação, a atuação do pesquisador, de modo que o processo interpretativo não seja uma fase autossuficiente, mas uma fase de contribuição para a pesquisa e a ciência”. (RECUERO, 2014, p. 158). Neste processo, investiguei as informações que foram encontradas nas comunidades criadas no FBK como temas, objetivos, notícias, comentários e outros. Em seguida esses dados encontrados foram o núcleo dos perfis de sujeitos comunicantes surdos previamente à realização das escolhas pela pesquisadora e que serão apresentados no capítulo 4.3, o corpus da pesquisa (amostra da pesquisa) como representação e recorte de elementos que vai alcançar o objetivo pensado.

2) Observação

O pesquisador Angrosino (2009) descreve que a “observação é o ato de perceber um fenômeno, muitas vezes com instrumentos, e registrá-lo com propósitos científicos”. (ANGROSINO, 2009, p. 74). Outras autoras, Lemos e Santaella (2010), afirmam que a “observação direta e participativa dentro da comunidade permite ao etnógrafo desenvolver uma percepção acurada e extremamente sensível às variações comportamentais nas relações entre os membros de comunidades digitais”. (LEMOS E SANTAELLA, 2010, p. 104). Nesta fase da pesquisa etnográfica, classifiquei dois tipos de observação como a *observação estrutural* e a *observação participante das comunidades surdas digitais*. Para registrar os dados coletados se inicia pela fase da análise descritiva, muitos pesquisadores etnográficos utilizam um bloco de anotações

(diário de campo¹⁰⁷) em que se vai armazenar por serem processadores de textos, imagens, vídeos que são guardados em pastas digitais. O processador facilita o acesso ao bloco de anotações ou diário de campo para codificar o conteúdo (temático e entre outros) para fins de indexação e recuperação. Os dados etnográficos coletados e observados vão estar relacionados entre as comunidades digitais e a pesquisadora como parte integrante da pesquisa.

- A observação estrutural

Nesta fase investiguei uma observação especificada da estrutura de cada comunidade selecionada. Porém, antes de iniciar esse processo investigativo, foi necessária a realização de critérios objetivos com uma visão geral de todas as redes sociais e das comunidades criadas pelos surdos no FBK. Por que tem que ser no FBK?

Para responder essa pergunta, pesquisei no Google e encontrei uma reportagem publicada em 2014 no site PSafeblog¹⁰⁸ que apresenta as redes sociais preferidas pelos brasileiros e as quais são as mais acessadas no Brasil. Antes de tudo afirmam que os brasileiros são apaixonados pelas redes sociais. Estes comportamentos já entraram na lista das pesquisas científicas e acadêmicas. Para entender o funcionamento no sistema da Hitwise da Serasa Experian¹⁰⁹, ela tem a maior amostra de usuários de internet do mundo, isso permite compreender seus comportamentos na internet. Neste contexto, o FBK registrou 64,82% de participação de usuários em novembro de 2014, significa que ocupou a liderança no ranking das redes sociais mais visitadas no Brasil de acordo com dados da Hitwise, conforme se pode visualizar na Figura 14. Como percebemos que os dados foram anunciados em 2014, a pesquisadora enviou um e-mail para receber uma senha para acessar no sistema da Hitwise para buscar as amostras mais atuais e não tive retorno.

¹⁰⁷ Winkin (1998) fundamenta o uso assumido pelo pesquisador do diário do campo, que ajudará a construir a descrição dos comentários, das entrevistas.

¹⁰⁸ Disponível em: <http://www.psafe.com/blog/redes-sociais-mais-usadas-brasil/> Acesso em: 20 jun. 2016.

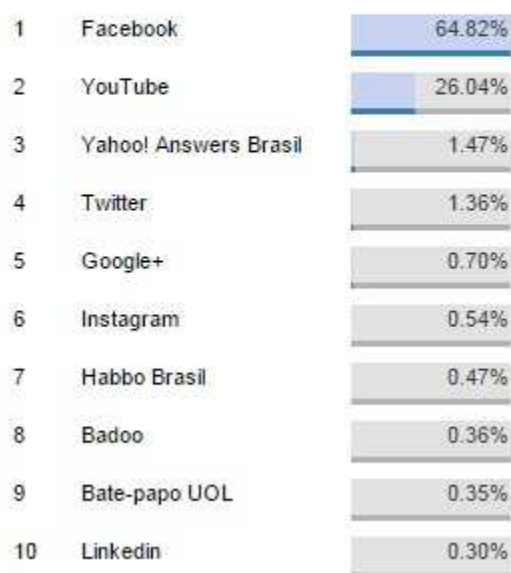
¹⁰⁹ Disponível em: <https://login.br.hitwise.com/home> Acesso em: 20 jun. 2016.

Ilustração 14: Fonte da Hitwise (2014)

Sites Mais Populares em **Redes sociais e fóruns**

classificados por Participação em Visitas

novembro 2014



Através da relação, a amostra de maior acesso da rede social no Brasil é o FBK, esse resultado ajudou a pesquisadora a escolher uma rede social para investigar e estudar sobre a relação da cultura surda e da comunidade surda com os sujeitos surdos. O FBK tem mostrado um crescimento demográfico impressionante nos últimos tempos e a sociedade reconhece sua utilidade para a integrar os seus contatos digitais (mesmos sejam não-digitais).

Segundo Faerman (2009) afirma que o

Facebook é um fenômeno social, de qual muita pouca gente podem abstrair-se, mesmo sem compreender exatamente qual é sua utilidade. Porque Facebook – ainda que nos pese – é um simulador da sociedade (uma sociedade de classe média/média alta, com acesso à Internet e preocupações mais ou menos burguesas). (FAERMAN, 2009, p. 18)¹¹⁰.

Desse modo, o autor Faerman (2009) escreveu uma obra intitulada de *Facebook: facebook, el nuevo fenómeno de masas*, e foi possível reconhecer que o maior interesse

¹¹⁰ Tradução nossa: “Facebook es un fenómeno social, del cual muy poca gente puede abstraer-se, aún sin comprender exactamente cuál es su utilidad. Porque Facebook – mal que nos pese – es un simulador de la sociedad (una sociedad de clase media/media alta, con acceso a Internet y preocupaciones más o menos burguesas)” (FAERMAN, 2009, p. 18).

dos participantes no FBK era basicamente para manter contatos, podendo ser amigos, familiares, companheiros de trabalho, colegas da faculdade ou conhecidos e outros tipos de vínculos. Isso mostra que cada participante necessita ter uma rede de amigos ou de contatos, pois é uma conexão com eles no FBK para haver o funcionamento. Se não tiver esses contatos, como Faerman (2009) explica, “sem amigos, o Facebook pode dar a sensação de se estar...vazio” (FAERMAN, 2009, p. 19)¹¹¹.

Para limitar o objeto de pesquisa organizei uma lista de critérios para assegurar a qualidade dos resultados. Segue abaixo sobre as orientações de critérios para alcançar os objetivos propostos:

- *Seleção das comunidades surdas digitais:*

- *Localidade:* participantes que habitem na capital de Porto Alegre, situado no estado do Rio Grande do Sul;
- *Temática:* narrativas etnográficas que foquem nos temas como comunidade, cultura, cidadania comunicativa e Língua de Sinais;
- *Perfil:* usuários da LIBRAS, atuam na vida profissional como professores de LIBRAS (escolas e instituições) e que sejam surdos.

- *Acesso nas comunidades surdas digitais:*

- *Classificação de comunidades:* possibilidades de integrar as comunidades como membro e pesquisadora para realização da pesquisa.

Segue a tabela em que a pesquisadora planejou o roteiro da observação, estruturada com base nas comunidades surdas digitais seguindo as características de critérios escolhidos:

¹¹¹ Tradução nossa: “Sin amigos, Facebook puede dar la sensación de estar... vacío” (FAERMAN, 2009, p.19).

Tabela 2 – Primeira fase da observação estruturada¹¹²**TIPO 1: OBSERVAÇÃO ESTRUTURADA**

- Temática relacionada com cultura, cidadania comunicativa, LIBRAS e comunidade
- Identificação do sujeito (fotografias e imagens)
- Descrições do sujeito surdo (Perfil, localidade e atuação profissional)
- Usuário da LIBRAS (surdo, ouvinte, intérprete - professor de Libras)
- Relações da comunidade com a temática
- Possibilidades de interações da pesquisadora na comunidade
- Objetivos da comunidade
- Formas de compartilhamentos e narrativas (imagens, vídeos, textos e outros)

- A observação participante das comunidades surdas digitais

Nesta fase, esse tipo de observação foi necessária para que eu me integrasse com as comunidades, foi quando me tornei um membro ou uma interagente¹¹³ e passei a atuar no ambiente digital do FBK. As buscas foram para verificar quais comunidades de atores sociais atuam de maneira a demonstrar a construção da cultura surda e cidadania comunicativa surda por meio da ação (relação) das práticas sociais que se distribuem nas comunidades digitais do FBK. Parar digitalmente as comunidades surdas. Essa convivência ajudou a compreender o seu cotidiano por meio da mediação visual/informacional entre os atores, as comunidades e a pesquisadora.

A segunda fase da observação participante mostra, como o capítulo 2 já apresentou a estrutura do FBK, como se realiza o cadastro para ter um perfil pessoal. Portanto a pesquisadora não pretende aprofundar sobre a característica da plataforma do FBK. Porém, é favorável mostrar os percursos percorridos pelos atores surdos nas comunidades digitais do FBK para a construção das suas culturas e das suas cidadanias comunicativas. Neste contexto, a pesquisadora tentou investigar e coletar toda informação encontrada nos ambientes digitais que relacionasse com a cultura surda, assim como a cidadania

¹¹² Elaboração da autora da tese.

¹¹³ Interagente significa o sujeito que executa determinada ação e ainda participa ativamente da construção da interação entre os atores sociais. (PRIMO, 2003).

comunicativa surda. Além disso, a escolha dos elementos da comunidade digital que elaboravam os seus objetivos como regras, aquisição temática e outros.

Na tabela seguinte, a pesquisadora organizou os principais elementos que pudessem auxiliar a compreender o caminho do roteiro para esse tipo de observação participante das comunidades surdas digitais no FBK.

Tabela 3 – Segunda fase da observação participante¹¹⁴

TIPO 2: OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Primeira etapa: a comunidade digital do FBK

- Como o sujeito surdo constrói seu perfil na comunidade
- Identificação do uso do idioma
- Identificação da surdez (surda profunda, deficiência auditiva e outros)
- Possibilidades apropriações que o sujeito que realizou na comunidade

Segunda etapa: as mediações integradas dos sujeitos

- Forma de mediação nas práticas de reconhecimento
- Forma de exercício nas cidadanias comunicativas
- Forma de construção na cultura
- Produção de linguagem (expressões faciais, corporais, classificadores descritivos, língua de sinais escrita, língua portuguesa, LIBRAS e outros)

Terceira etapa: as mediações no ambiente digital

- Apropriações desenvolvidos no ambiente digital
- Forma de organização do ambiente
- Temáticas escolhidas no ambiente digital
- Principais ações compartilhadas
- Produção da cultura surda adquirida
- Produção da cidadania comunicativa surda apropriada
- Uso adotável no ambiente digital

3) Entrevistas

Para entrevistar, Angrosino (2009) compreende que a “entrevista etnográfica é de fato interativa, no sentido de acontecer entre pessoas que se tornaram amigas enquanto o etnógrafo foi observador participante na comunidade em que o seu ou a sua informante

¹¹⁴ Elaboração da autora da tese.

vive”. (ANGROSINO, 2009, p. 61). Portanto, “entrevistar é um processo que consiste em dirigir a conversação, de forma a colher informações relevantes”. (ANGROSINO, 2009, p. 61).

O roteiro da entrevista etnográfica com os sujeitos comunicantes surdos foi dividido em blocos de questões centrados e específicos por dois eixos fundamentais: 1. *Mediações*; 2. *Competências interativas dos sujeitos comunicantes surdos - Construções e Produções*. Em cada eixo a pesquisadora utilizou blocos temáticos especificados para facilitar e acompanhar com as problematizações e os objetivos apresentados durante na tese.

1. Bloco: Mediações

Nesse eixo, o das Mediações, a pesquisadora buscou colher informações fundamentais e relevantes ligadas à formação da subjetividade do sujeito entrevistado, ficou dividido em três blocos temáticos:

Bloco temático 1: **Tipo de Sujeito Comunicante Surdo** – o primeiro bloco visou trabalhar perguntas voltadas a identificar a sua característica do perfil surdo. Este bloco contou com perguntas essenciais para recolher informações iniciais sobre quem são os membros da comunidade digital do FBK, em nível da surdez, do conhecimento das línguas, da formação acadêmica, além de outras características que ajudou a desenvolver nos questionários.

Bloco temático 2: **Construção Cultural do Sujeito Comunicante Surdo** – o segundo bloco focalizou caracterizar as práticas socioculturais envolvidas no dia a dia dos entrevistados surdos.

Bloco temático 3: **Produção de Exercícios de Cidadania Comunicativa Surda** – neste terceiro bloco procurou visualizar a sua realidade nas práticas de reconhecimento como cidadão surdo.

2. Bloco: Competências interativas dos sujeitos comunicantes surdos – construções e produções

Nesse eixo, das Competências interativas dos sujeitos comunicantes surdos – construções e produções, a pesquisadora buscou colher informações fundamentais e relevantes ligadas às construções e produções de cidadania comunicativa e cultural dentro

dos ambientes digitais, além de investigar e reconhecer as competências interativas midiáticas dos surdos em sentido comunicacional e informacional. Em seguida, apresenta os três blocos temáticos:

Bloco temático 1: **Apropriações midiáticas** – o primeiro bloco teve por objetivo de identificar quais recursos midiáticos digitais foram utilizados para o acesso e a navegação no ambiente digital do FBK. Além disso, verificar as mediações desenvolvidas pelos sujeitos comunicantes surdos nas suas práticas sociais.

Bloco temático 2: **Linguagens das comunidades digitais** – o segundo bloco buscou questões relacionadas à organização estrutural da comunidade no ambiente digital, assim como tipos de interesses ou de assuntos, que provocaram a entrada dos sujeitos surdos.

Bloco temático 3: **Identificação de Cultura e Cidadania Comunicativa Surda** – o terceiro bloco abrangeu perguntas que identificassem possibilidades à produção, à construção e à apropriação da Cultura e da Cidadania Comunicativa Surda dos sujeitos comunicantes surdos no ambiente digital do FBK.

Bianchi (2011) afirma que “refletir sobre o relacionamento que se estabelece no encontro de pesquisador e pesquisado é um desafio” (BIANCHI, 2011, p. 131). Portanto, é essencial manter o trabalho do estabelecimento de relações entre *pesquisador-pesquisado*, o pesquisador possui um comprometimento importante em esclarecer ao entrevistado todos os passos que serão desenvolvidos da pesquisa.

4.3 OS PERFIS DAS PESSOAS SURD@S DA PESQUISA E SEUS CONTEXTOS NOS AMBIENTES DIGITAIS DO FBK

A nota sobre amostragem da pesquisa entende que “o tamanho de uma amostra depende das características do grupo que você está estudando, de seus próprios recursos (isto é, suas limitações legítimas de tempo, mobilidade, acesso a equipamento etc.) e dos objetivos do seu estudo” (ANGROSINO, 2009, p. 68). Definir amostra foi o momento fundamental para delimitar o *corpus* da pesquisa, a seleção das comunidades digitais e os perfis dos entrevistados, pois esses procedimentos possibilitaram identificar as características nos critérios propostos. Desse modo, para a escolha do *corpus* da pesquisa, aplicamos as estratégias e critérios de amostragem do tipo *Intencional*, indicadas como “amostras qualitativas, cujos elementos são selecionados conforme critérios que derivam

do problema de pesquisa, das características do universo observado e das condições e métodos de observação e análise”. (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011, p. 78).

A partir do tipo de amostra, decidi optar pelo subtipo de amostragem *por intensidade* - “a seleção favorece os elementos em que as características que interessam à pesquisa estão presentes de forma intensa ou evidente, mas que não se caracterizam como casos extremos”. (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011, p. 79). A escolha da amostragem do tipo *Intencional por Intensidade* permitiu, pela observação dos elementos, evidenciar que a relação entre a cidadania comunicativa e a cultura surda das comunidades surdas digitais foi um estudo complexo. Neste modo, foi necessário focar e seguir as suas características pré-definidas para desenvolver o problema de pesquisa no ambiente do FBK.

Primeiro passo – a pesquisadora realizou uma observação sistemática inicial que permitiu analisar a produção de dados quantitativos de comunidades surdas digitais criadas no FBK¹¹⁵. Essa observação foi realizada em 2013, e depois foi repetida em 2014. Para comparar os resultados de busca, no primeiro ano (2013), ao utilizar a ferramenta de busca¹¹⁶ que permitiu à pesquisadora digitar as palavras “surda” e “surdo”, apareceram 43 (quarenta e três) comunidades com temáticas diversas relacionadas com surdo/surda, e no ano seguinte, com a repetição da pesquisa, 71 (setenta e um) comunidades existentes no FBK foram coletadas e registradas em uma tabela comparativa.

Enquanto isso, também buscamos trabalhar com os dados quantitativos (observação estrutural). Foi neste procedimento que a pesquisadora começou a observar e selecionar as comunidades digitais como recorte do objeto de pesquisa. Esse foi o *segundo passo*, em que foquei e elaborei a classificação da tabela abaixo, apresentando os ambientes digitais encontrados no FBK que continham os nomes de comunidade surda e de cultura surda ou ambas. A partir disso, no início, os três ambientes digitais eram selecionados por maior número de membros e de compartilhamentos ativos. Foram: 1. ACSBF, 2. CS e 3. SSB¹¹⁷. Após isso, visualizei novamente as comunidades e fiquei sabendo a partir do mês de junho de 2016 sobre a nova comunidade criada, a chamada *Comunidade e Cultura Surda do Rio Grande do Sul*¹¹⁸ que era bem próxima ao tema desta tese e substituiu no

¹¹⁵ A tabela comparativa e quantitativa das comunidades surdas digitais no FBK se encontra no Apêndice 2 nesta Tese.

¹¹⁶ Ferramenta de busca, em inglês é escrita como: *search engine*.

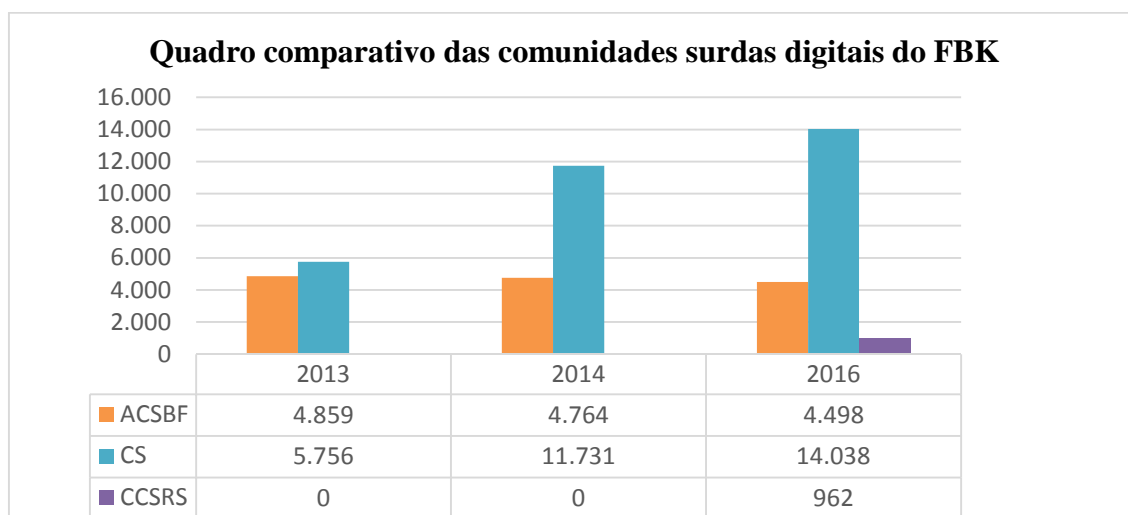
¹¹⁷ Sigla da comunidade utilizada como Skype dos Surdos – Brasil.

¹¹⁸ Sigla utilizada como CCSRS.

Skype, a comunidade *dos Surdos – Brasil*¹¹⁹. O objetivo era de proceder à investigação dos três ambientes digitais relacionados aos temas cultura, comunidade e LIBRAS.

No procedimento para a escolha das comunidades para a Tese foi considerado que elas apresentassem os critérios elaborados por mim no subcapítulo “Seleção das comunidades surdas digitais”, ou seja, possibilidades de localizar os perfis surdos ativos nas comunidades que habitassem na capital de Porto Alegre, atuassem como professores de Libras e, além disso, que as suas narrativas etnográficas fossem envolvidas com as temáticas como a Língua de Sinais, a cultura surda, a comunidade surda e a cidadania comunicativa surda. Com isso, os três ambientes digitais que se mostraram convenientes e foram classificados são:

Quadro 5 – Comunidades surdas do FBK¹²⁰



No quadro 1 foi possível verificar as mudanças dos movimentos de números dos participantes das comunidades durante três anos (2013, 2014 e 2016):

- ACSBF teve uma queda, com a perda de 95 participantes em 2014 e, posteriormente, caiu em 266 participantes em 2016, essa comunidade tem um administrador;

- CS apresentou um resultado positivo, com mais de 5.975 novos membros em 2014, e após, o acesso de mais de 2.307 membros. Essa comunidade está coordenada por cinco administradores;

¹¹⁹ Sigla usado como SSB.

¹²⁰ Fonte elaborada pela autora com coleta de dados adquiridos do FBK. Acesso em: 26 jun. 2016.

- CCSRS é comunidade nova, criada em 2016. Conta com 962 membros e é controlada por três administradores.

A seguir apresento as figuras das três comunidades surdas selecionadas, proporcionando a visualização e o conhecimento acerca da construção da plataforma desses objetos da pesquisa.

Ilustração 15 – Associação da Comunidade Surda Brasileira do Facebook. Acesso em: 30 jun. 2014¹²¹



¹²¹ Fonte adquirida do arquivo de dados da pesquisadora (coletadas do FBK em: 30 jun. 2014).

Ilustração 16 – Comunidade Surda (Deaf/Sordo). Acesso em: 30 jun. 2014¹²²



Ilustração 17 – Comunidade e Cultura Surda do Rio Grande do Sul. Acesso em: 20 jun. 2016¹²³



A seleção das três comunidades surdas no FBK foi um dos processos de observação da pesquisadora. Dentro destes cenários foi fundamental acompanhar e observar os

¹²² Fonte adquirida do arquivo de dados da pesquisadora (coletadas do FBK em: 30 jun. 2014).

¹²³ Fonte adquirida do arquivo de dados da pesquisadora (coletadas do FBK em: 20 jun. 2016).

participantes surdos com as suas relações com diferentes apropriações nas comunidades surdas digitais. Então, para coletar essas informações que são úteis para pesquisa, foi necessário ser membro dessas comunidades, sendo esse o meio de observação das comunidades surdas digitais.

No *terceiro passo*, a seleção das amostras de sujeitos comunicantes surdos para a investigação foi organizada a partir de critérios relativos à atuação profissional, pessoa surda e usuária da Língua de Sinais. Neste procedimento selecionamos os quatro sujeitos comunicantes surdos para serem entrevistados, buscamos as pessoas surdas com quem já tinha contato, que são professores surdos e alguns deles haviam mudado de cidade ou de estado para residir na capital do Rio Grande do Sul.

Duarte (2006) afirma:

Validade e confiabilidade no uso da técnica de entrevistas em profundidade dizem respeito, particularmente, a três questões: 1. seleção de informantes capazes de responder à questão de pesquisa; 2. uso de procedimentos que garantam a obtenção de respostas confiáveis; 3. descrição dos resultados que articule consistentemente as informações obtidas com o conhecimento teórico disponível. (DUARTE. 2006, p. 68).

O autor deixa clara a importância da seleção dos sujeitos para entrevistas, pensando em quais os sujeitos comunicantes surdos que serão capazes de responder as perguntas, que as repostas devem ser confiáveis e os resultados precisam se articular nos estudos teóricos realizados. Portanto, para ter uma boa pesquisa são exigidas fontes de informações dos entrevistados que sejam capazes de auxiliar a responder ou a vincular ao problema proposto. Segundo o que Duarte (2006) comenta, é possível “entrevistando pequeno número de pessoas, adequadamente selecionadas, fazer um relato bastante consistente sobre um tema bem definido”. (DUARTE, 2006, p. 68 e 69).

Quanto ao número de entrevistados, pensando na construção para a realização da entrevista *em profundidade*, foi decidido por dois participantes de gênero masculino e dois do feminino do FBK. Foi mantido sigilo em relação às identidades dos entrevistados, que foram identificados da seguinte forma:

- ES1 (homem, professor de LIBRAS da universidade federal, 45 anos)
- ES2 (homem, professor de LIBRAS da universidade federal, 40 anos)
- ES3 (mulher, professora de LIBRAS da universidade federal, 48 anos)
- ES4 (mulher, professora de LIBRAS da universidade privada e da escola estadual, 36 anos)

O próximo subcapítulo vamos apresentar os tipos de estratégias metodológicas que foram trabalhados. O planejamento para a escolha dos métodos visa assegurar o desenvolvimento de cada método adotado, verificando a possibilidade que mais se adapta para o uso da análise e da seleção da técnica de pesquisa proposta.

4.4 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS PARA COLETAS DE DADOS

É por meio das variedades estratégicas metodológicas que o processo de pesquisa é delineado e esquematizado, de maneira que são traçadas as fases para conseguir se alcançar os objetivos propostos. Para chegar a esse processo, a partir das coletas de dados apresentados nas fases anteriores, realizei um cruzamento de todos os trabalhos desenvolvidos. Ou seja, no conjunto dos procedimentos de análise de materiais de arquivo e de observação do problema da pesquisa, além das entrevistas, foram pensados e formulados recursos de natureza qualitativa, seguindo com o objetivo de mapear um desenho teórico-metodológico no campo da comunicação e também ligando com outras áreas de conhecimentos e saberes científicos.

Conforme Peruzzo (2002) descreve que:

O avanço da Comunicação enquanto campo científico do conhecimento pressupõe também o desenvolvimento de um conjunto de métodos e técnicas de investigação, tanto no sentido da constituição de metodologias específicas, quanto no tipo de apropriação e adaptações que se fazem de metodologias desenvolvidas por outras áreas do conhecimento. (PERUZZO, 2002, p. 65).

Desse modo, os procedimentos metodológicos adotados para a coleta de dados foram usados nas diversidades análises e técnicas de campo trabalhadas e analisadas com os resultados etnográficos adquiridos por vias de análise de arquivos, observações e técnica de entrevistas. Com eles obtive pistas que serviram para o *esclarecimento das categorias utilizadas* como “um processo de separar partes da descrição narrativa e identificar temas ou categorias”. (ANGROSINO, 2009, p. 93). Aquilo me mostrou a importância das anotações do meu caderno de notas, pois pude usar temas/tópicos como categorias principais. Re ler as minhas anotações já auxiliava a mostrar quais categorias necessitavam modificar e qual caminho que devia percorrer.

Nestas técnicas, a pesquisadora adquiriu experiência próxima das análises de entrevistas feitas durante na pesquisa de mestrado¹²⁴, com ela ajudou a compreender como as gravações de entrevistas são realmente levantamentos de dados enriquecedores, pois com essas possibilidades, elas permitiram e permitem ter registros gravados dos entrevistados surdos com depoimentos ou narrativas com uso da sua língua de sinais. No ato desta pesquisa, ela se tornou uma *história sinalizada*¹²⁵ como um campo de estudo dedicado à reconstrução pelas experiências daqueles entrevistadores surdos que conviveram.

Ribeiro (2008) entende a entrevista como:

técnica mais pertinente quando o pesquisador quer obter informações a respeito do seu objeto, que permitam conhecer sobre atitudes, sentimentos e valores subjacentes ao comportamento, o que significa que se pode ir além das descrições das ações, incorporando novas fontes para a interpretação dos resultados pelos próprios entrevistadores. (RIBEIRO, 2008, p. 141).

Nesta técnica de entrevista, a pesquisadora elaborou os questionários pensando numa forma flexível para que os entrevistados comunicantes surdos pudessem favorecer o sucesso da coleta das informações, e para que esses dados pudessem auxiliar como resultados relevantes para encaixar os objetivos da pesquisa. Para isso acontecer, a pesquisadora necessitou imprimir os objetivos e os questionários para acompanhar durante as entrevistas para não distrair o foco ou não perder as referências da pesquisa. A técnica adotada, a entrevista, é uma função bastante complexa, que deve servir de alerta ao pesquisador e fazê-lo prestar atenção ao conhecimento das suas habilidades emocionais e físicas como entrevistador, suas capacidades de controlar os argumentos contrários e sua firmeza no preparo de questões ou reações às respostas imprevisíveis.

A pesquisadora reconhece que as entrevistas são uma dimensão lógica da observação, portanto o tipo de entrevista etnográfica escolhido foi *em profundidade*. A pesquisadora entendeu que a entrevista etnográfica *em profundidade* “não é uma mera versão oral de um questionário. Ao contrário, seu objetivo é sondar significados, explorar nuances, capturar as áreas obscuras que podem escapar às questões de múltipla escolha que meramente se aproximam da superfície de um problema”. (ANGROSINO, 2009, p. 62).

¹²⁴ Na pesquisa de mestrado, foi utilizada a entrevista como “repórter” para registrar apropriações dos candidatos surdos do Exame de PROLIBRAS, observando e traduzindo as respostas sinalizadas para Língua Portuguesa.

¹²⁵ Termo que escolhi para adaptar do sentido da “história oral”, utilizado pelo Angrosino (2009).

É fundamental esclarecer que, dentro do campo da entrevista em profundidade, organizamos as *entrevistas individuais* com o objetivo de estabelecer uma conversa privada com os entrevistados para obter esclarecimentos de cada tópico das questões dos blocos mencionados neste subcapítulo. No caminho do desenvolvimento desta técnica, ocorreu uma aproximação entre o pesquisador e o pesquisado, e de modo a garantir a preservação das narrativas etnográficas produzidas, estas foram traduzidas de forma fiel e original.

As entrevistas corresponderam a questionários sinalizados¹²⁶, cujas perguntas¹²⁷ feitas pelo entrevistador aos sujeitos comunicantes surdos foram distribuídas nos seis blocos temáticos apresentados neste subcapítulo: Tipo de Sujeito Comunicante Surdo; Construção Cultural do Sujeito Comunicante Surdo; Produção de Exercícios de Cidadania Comunicativa Surda; Apropriações Midiáticas; Linguagens das Comunidades Digitais e Identificação de Cultura e Cidadania Comunicativa Surda.

Foram divididas as questões para cada bloco. Os três primeiros blocos temáticos totalizaram vinte e oito questionários que estão relacionados no eixo das mediações com objetivo de ressaltar e conhecer as características dos sujeitos comunicantes surdos, além das suas práticas socioculturais com as experiências marcantes. E nos outros três blocos temáticos foram construídas onze perguntas sobre a relação entre a mídia e o sujeito comunicante surdo com o objetivo de reconhecer as suas jornadas ao uso das produções e construções, principalmente, no ambiente do FBK.

Para seleção da técnica de entrevista dos sujeitos comunicantes surdos, planejamos uma lista de critérios que ajudaram no momento da escolha dos tipos de entrevistados, com isso elaboramos os quatros princípios, são: usuários da LIBRAS; professores de LIBRAS; residem na capital de Porto Alegre, mediados na comunidade surda e no FBK. Quanto aos resultados obtidos nos questionários, foram definidos critérios para a seleção de sujeitos comunicantes surdos para entrevistas em profundidade, que serão analisadas nos seguintes capítulos 5 e 6.

No primeiro passo para usar a técnica de entrevista, a pesquisadora enviou um convite via WhatsApp em duas modalidades, escrito e com vídeo, para esclarecer as dúvidas e os objetivos da entrevista. Além disso, também utilizou esse espaço para agendar com um horário (cada entrevista levou duas horas) em sua residência ou em um lugar de preferência d@ entrevistador@ surd@. Através das experiências realizadas nos

¹²⁶ Esse termo significa que os surdos irão responder em Libras (Língua Brasileira de Sinais).

¹²⁷ Perguntas utilizadas nas entrevistas são encontradas no apêndice.

processos de entrevistas, percebemos que quando estava entrevistando um sujeito comunicante surdo em sua residência, o clima da entrevista não esquentava entre os questionários e as respostas, pois, o entrevistado não conseguia se expressar de livre e espontânea vontade. E resolvemos alterar o ambiente de pesquisado para que ficasse adequado e coletar melhores resultados. A partir disso, posteriormente realizamos os convites para outros entrevistados para irem na minha residência, e preparamos um café da tarde, um chimarrão ou um jantar, para que eles se sentissem acolhidos e não pensassem que são explorados como um objeto.

Para Novelli (2006) considera fundamental familiarizar entre o entrevistado e o pesquisador:

Os entrevistadores devem estar familiarizados com o instrumento de pesquisa e as suas implicações. Eles devem ser orientados também quanto à implicação de suas reações frente às repostas dos entrevistados. É na etapa de aplicação da pesquisa, ou seja, no processo de interação entre entrevistador e entrevistado, que são cometidos erros, como a indução ou a manipulação de repostas. Para evitar possíveis desvios durante o processo da realização das entrevistas, pode-se organizar treinamento com o grupo de entrevistadores para que estes recebam informações sobre os objetivos do estudo e as formas de se minimizar a interferência dos entrevistadores nas respostas dos entrevistados. Durante a realização da pesquisa, é preciso também cuidar para que o cronograma seja cumprido. (NOVELLI, 2006, p. 177).

Os entrevistados surdos em minha residência foram estimulados a fazer o relato de como percebem e entendem o assunto das questões, a sinalizar de forma franca e livremente. Antes da gravação, a pesquisadora sinalizava as perguntas de cada bloco temático para que o entrevistado surdo pudesse treinar, preparar as suas respostas e lembrar as suas experiências vividas. Porém, houve um ponto interessante pretendemos comentar aqui. Em algum momento, no meio das questões, o entrevistado surdo trazia alguma dúvida ou respondia fora do foco da pergunta, de forma distraído. Neste procedimento da entrevista, a pesquisadora ficava atenta às narrativas contadas e pausava alguns minutos, esclarecia a questão em outra forma da estrutura em LIBRAS para que esse sujeito comunicante surdo pudesse focar e responder diretamente a questão solicitada.

A complexidade das questões dos sujeitos comunicantes surdos esteve presente e acompanhada em todo o processo, nas fases da pesquisa. No roteiro dos seis blocos de questões, os questionamentos foram feitos de forma flexível e aleatórios, pois a pesquisadora procurou estimular os entrevistados a se sentirem à vontade e seguros para responder de forma livre e narrarem as suas experiências vividas.

Desse modo, cabe explicitar os outros procedimentos metodológicos trabalhados com os entrevistados. Foram gravados com uso de uma filmadora e os vídeos foram arquivados nas pastas digitais no computador para a pesquisadora possa rever e traduzir da LIBRAS para Língua Portuguesa por *textualidade escrita*¹²⁸ que foi tratada como registros da análise da entrevista. Tais procedimentos foram usados como *conversa ao vivo*¹²⁹ em vídeo, com o objetivo de registrar as apropriações a partir das interações de cada entrevistado surdo e permitir o entendimento interlinguístico de sinalização em LIBRAS, gestos, expressões faciais e corporais que relacionem à produção de narrativas visuais-espaciais. Neste contexto, é essencial verificar o argumento feito pela pesquisadora Pereira (2011) afirmando que “cada entrevista também é um exercício para avaliar possibilidades de retomada de temas e refinar as formas de indagação, enfim, aperfeiçoar a construção de dados”. (PEREIRA, 2011, p. 147).

O próximo passo deste processo foi a elaboração da tradução da língua portuguesa na seleção de respostas dos entrevistados, os sujeitos comunicantes surdos, nos vídeos. A pesquisadora anotou os tempos cada tradução para que os leitores da banca da tese possam acompanhar o estudo nos capítulos 5 e 6. Neste sentido, os vídeos gravados e salvos em um CD, serão entregues em um envelope com a tese para que os doutores da banca possam assistir e compreender o processo da técnica de entrevistas realizada.

4.4.1 Ética na pesquisa

Para seguir a conduta ética correta para pesquisa, os nomes dos entrevistados bem como suas imagens do FBK e das gravações filmadas gozam de estrita confidencialidade conforme manda a lei. Desse modo, os nomes dos entrevistados foram modificados e substituídos por siglas que dizem respeito ao perfil do entrevistado surdo e o número do entrevistado, por exemplo: ES1, e as imagens dos perfis dos entrevistados foram ocultadas com objetivos de não serem identificados. As autoras Fragoso, Recuero e Amaral (2011) afirmam:

Uma questão importante no que tange a divulgação dos resultados da pesquisa etnográfica diz respeito ao anonimato ou à divulgação das identidades dos informantes. Essa opção deve ser tomada pelo pesquisador de acordo com

¹²⁸ Primeiro foi traduzida para estrutura da Língua Portuguesa Sinalizada, posteriormente foi retraduzida para a Língua Portuguesa com a gramática normativa.

¹²⁹ A ideia desta proposta é que uma entrevista se torne como um bate papo ao vivo, procurando fazer com que o indivíduo entrevistado sinta a importância das narrativas como representante da comunidade surda e do ambiente digital do FBK.

critérios que garantam a privacidade dos informantes, ora de acordo com os consentimentos ou não dos mesmos; ora definidos pelas normas do Conselho de Ética das instituições às quais eles estão vinculados, sem desconsiderar pontos polêmicos que possam ter emergido a partir das categorias observadas em campo (FRAGOSO, RECUERO E AMARAL, 2011, p. 196).

Cada entrevistado recebeu o termo de consentimento para entrevista¹³⁰ assegurando a não identificação do seu nome e da sua imagem, que permanecem confidenciais. Além disso, recebeu outro documento de autorização de divulgação de imagem e de depoimentos, como as narrativas dos entrevistados, para que os doutores da banca tenham a permissão de assistir. E também garantimos que somente a pesquisadora e o orientador terão conhecimento e acesso aos dados dos entrevistados. Também foram avisados de que quando o (a) entrevistado (a) participar desta pesquisa, deveria assinar o termo assumindo a sua participação de forma voluntária e a sua liberação para a coleta de dados. Além disso, quando os resultados estiverem concluídos serão encaminhados para o entrevistado para que possa verificar se está de acordo com a tradução da língua portuguesa. Em caso de dúvidas o entrevistado pode entrar em contato com a pesquisadora de três maneiras: via e-mail, via *inbox* do FBK ou via WhatsApp.

As entrevistas foram filmadas e gravadas com uma filmadora digital e suas respostas foram traduzidas da LIBRAS para Língua Portuguesa na modalidade escrita, ambos armazenados nas pastas de arquivos no HD, com o compromisso de salvar todos os dados.

Nas três comunidades surdas digitais, em relação a todos procedimentos metodológicos, os entrevistados surdos sabiam que estavam sendo observados por mim em suas participações. O convite para participar do estudo foi feito por mensagens de vídeos no *inbox* do FBK e no WhatsApp convidando para a participação na pesquisa.

¹³⁰ Modelo do termo de consentimento se encontra no apêndice C.

5 PROCEDIMENTOS E SISTEMATIZAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DOS MODELOS TRANSMETODOLÓGICOS

Este capítulo apresenta a descrição da coleta de dados, realizada nos três ambientes selecionados para o desenvolvimento de uma pesquisa metodológica etnográfica e das análises dos processos feitos com a observação participante da pesquisadora da tese. Também é apresentada a análise da observação acerca das gravações realizadas com os quatro sujeitos comunicantes surdos. Esses dados coletados permitiram construir a perspectiva científica para desenvolver a interpretação das informações obtidas. Os procedimentos transmetodológicos adotados foram divididos em dois segmentos: *a construção das comunidades surdas digitais do FBK e a construção dos sujeitos comunicantes surdos*.

Nesta dimensão complexa, nos dois subcapítulos principais buscou-se uma conexão com produtores de conhecimentos científicos teóricos e metodológicos acerca dos objetos de pesquisa e construiu-se um conjunto interligado de modo circular e racional. Como ponto de partida, nesta dimensão, a pesquisadora elaborou outros elementos de análises e técnicas que definiram o recorte do objeto de pesquisa. O primeiro subcapítulo procurou investigar as características das comunidades surdas digitais e dos administradores que criaram os ambientes no FBK, e foi brevemente organizado em duas subdivisões: *as descrições dos administradores e das comunidades surdas digitais e as apropriações de cultura e cidadania comunicativa surda*.

O procedimento realizado no primeiro subcapítulo contou a construção de uma análise da participação nos três ambientes do FBK. Neste caminho da investigação foi essencial observar as publicações e notícias digitais postadas nas comunidades e as apropriações feitas para identificar a cultura e a cidadania comunicativa surda. E a pesquisadora preocupou-se em conhecer a rotina desses ambientes e quais imagens e vídeos foram mostrados. Em sua observação participante, ela achou interessante buscar as características dos administradores e compreender as rotinas das comunidades, como alvos para futuro recorte nas coletas de dados. Em alguns momentos, precisou deixar de lado o papel de pessoa surda e incorporar a subjetividade científica, evitando interferir ou se envolver nos três ambientes investigados. “O papel do investigador é se distanciar para poder refletir sobre o significado do que é dito e visto”, explica Travancas (2006, p. 105).

No segundo subcapítulo, buscou analisar as narrativas e as informações obtidas pelos seis sujeitos comunicantes surdos residentes em Porto Alegre, a capital do estado

do Rio Grande do Sul. A partir das dimensões da problemática trabalhada, o segundo subcapítulo foi dividido em cinco etapas: *as trajetórias de vida dos sujeitos comunicantes surdos, as mediações culturais destes mesmos sujeitos, a relação com a cidadania comunicativa surda, a competência nos usos das mídias e o processo comunicacional no FBK*.

Este roteiro dos modelos transmetodológicos, de fato foi um convite que implicou na instituição da fronteira de conhecimentos como processos de pensar, de refletir e de fabricar as diversidades metodológicas propostas para conferir a desconstrução dos objetos investigados nesta pesquisa.

Importante relatar que sobre o procedimento de transcrição dos relatos e das informações, foi respeitada a forma como as sinalizações da língua de sinais foram expressas pelos entrevistados, os sujeitos comunicantes surdos, o que se tornou um caminho nesta dimensão complexa no processo de ver, compreender e escrever. A duração de todas as entrevistas equivaleu a quase doze horas e, com certeza, a transcrição poderia levar vários meses e resultaria em um documento de longas páginas. Mas, durante as entrevistas, a cada bloco a pesquisadora sinalizava para facilitar na hora das análises. Isso ajudou bastante para que conseguisse acompanhar as questões. Para o processo de transcrição da Língua Brasileira de Sinais para a Língua Portuguesa, na primeira fase, a pesquisadora assistiu a todos os vídeos das entrevistas. E enquanto os assistia, anotava em seu caderno as informações coletadas e os tempos das informações que considerava fundamentais, para que pudesse rever em outros momentos.

5.1 A CONSTRUÇÃO DAS COMUNIDADES SURDAS DIGITAIS DO FBK

Este subcapítulo tem por objetivo apresentar, especificamente, a classificação/característica de cada ambiente digital do FBK, escolhido como objeto de estudo. É importante esclarecer que esse processo vale como uma entrada lógica da pesquisa, funcionando como caminho de desconstrução e reconstrução, mantendo uma flexibilidade na concepção do saber fazer investigação científica.

Para escolhas de métodos, a pesquisador procurou adaptá-los às ideias de objeto de pesquisa que levasse aos processos e aos resultados com qualidade. Assim, como descreve Lopes (1999, p. 87), “sabemos que as opções metodológicas são feitas em função de um conjunto *amplo* de critérios vinculados aos projetos concretos de investigação”. Isso serve também para refletir sobre a relação entre um marco teórico e

uma estratégia metodológica, em que ambos devem caminhar próximos um do outro. É nesse momento que a pesquisadora encontra a teoria como guia e a metodologia como pista, sabendo que desta forma “a teoria é que dotada de rigor lógico a seleção e a combinação dos métodos, ... o que exige necessariamente uma *variedade de metodologias*”. (LOPES, 1999, p. 90).

Pelas técnicas de coletas usadas nesta pesquisa foram obtidas e coletadas as informações que serviram como uma das técnicas de observação participante da própria pesquisadora. Também serviram ao processo de investigação e interpretação dos questionamentos, das entrevistas e das histórias de vida narradas pelos sujeitos comunicantes surdos. A partir de agora, tratamos de apresentar todo processo de realização da prática investigativa, que guiou os critérios da escolha das técnicas adotadas e o percurso desenvolvido para a construção metodológica da pesquisa.

A modalidade da observação participante nos objetos da pesquisa – as três comunidades surdas digitais do FBK, foi uma etapa de análise para encontrar as fontes fundamentais que se relacionassem com a cultura e a cidadania comunicativa surda. Esse levantamento de dados ofereceu um panorama geral para compreender o que esses ambientes ofereceram quanto ao acesso à comunicação digital para os sujeitos comunicantes surdos.

No quadro das técnicas e dos métodos selecionados trabalhados nestes subcapítulos, adotamos também a técnica de descrição que produz uma “ponte entre a fase de observação dos dados e a fase da interpretação e, por isso, combina igualmente em suas operações técnicas e métodos de análise” (LOPES, 1999, p. 129). Esta ajudou na produção do fenômeno no contexto dos objetos empíricos, por meio dos métodos descritivos, que por serem métodos técnicos, foram adotados também no estudo da comunidade.

5.1.1 As descrições dos administradores e das comunidades surdas digitais do FBK

A primeira comunidade investigada foi a **ACSBF**. Contava, na época, com 4.498¹³¹ membros e funciona como um grupo secreto - fechado (somente os membros podem encontrar o grupo e ver as publicações). Portanto, os interessados em acessar esta

¹³¹ Dados coletados em: 26 jun. 2016.

comunidade devem solicitar uma autorização do administrador, como mostra a figura da sua página.

Ilustração 18 – Descrição da comunidade ACSBF¹³²

DESCRIÇÃO
 QUEM NÃO CONSEGUE VER AS
 INFORMAÇÕES SOBRE POLÍTICA NA
 ASSOCIAÇÃO DEVE PARTICIPAR.
 OBRIGADO!

A segunda comunidade analisada, a **CS**, totalizou 14.027¹³³ membros. É controlada como grupo público (qualquer pessoa pode ver o grupo, seus membros e suas publicações), permitindo o fácil acesso. Neste sentido, a descrição apresenta os temas de interesse: a LIBRAS, o surdo (sordo - em espanhol e deaf - em inglês), a FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos), pessoas com deficiência auditiva, intérpretes de LIBRAS, além do assunto relacionado ao Passe Livre (programa aprovado pelo Governo Federal que oferece gratuidade nas passagens para viajar entre os estados brasileiros às pessoas com deficiências ou carentes). Segue na figura abaixo, a lista de assuntos que possibilitaram a formação de um clube digital.

Ilustração 19 – Descrição da comunidade CS¹³⁴

DESCRIÇÃO
 SURDO LIBRAS BILINGUA LÍNGUA DE
 SINAIS BRASILEIRO DEAF SORDO FENEIS
 DEFICIÊNCIA AUDITIVO INTERPRETE
 PASSE LIVRE
 TIPO DE GRUPO
 Clube

A última comunidade, **CCSRS**, reuniu 962¹³⁵ membros e tinha três administradores; dois deles residem na capital do Rio Grande do Sul e o outro reside em município próximo a ela. Os administradores optaram por colocar a imagem da bandeira do estado na capa da comunidade, conforme a ilustração 20, e instituíram regras de

¹³² Imagem adquirida da análise de materiais, do arquivo da pesquisadora (coletada em: 06 jul. 2016).

¹³³ Dados coletados em: 26 jun. 2016.

¹³⁴ Imagem adquirida da análise de materiais, de arquivo da pesquisadora (coletada em: 12 jul. 2016).

¹³⁵ Dados coletados em: 26 jun. 2016.

convivência, sendo as seguintes, as normas principais: a liberdade de postar os vídeos pelos surdos; a possibilidade de divulgar os eventos (festas, chás de bebês, cursos e outros); a oportunidade de compartilhar notícias interessantes, não sendo permitido, porém, o acesso de pessoas de outros estados, somente membros do estado do Rio Grande do Sul. A CCSRS funciona como grupo fechado, mas qualquer pessoa pode encontrá-lo e ver quem está nele. Somente os membros, porém, podem ver as publicações. Significa que as pessoas podem saber quem são os membros desta comunidade, porém não terão acesso aos compartilhamentos e às informações postadas na página da comunidade.

Ilustração 20 – Descrição da comunidade CCSRS¹³⁶



Na ilustração 20, notei um aviso onde estava escrito: “Atenção: baixo tem regras” e encontrei outra imagem em que constavam as duas listas de regras conforme é mostrado na ilustração 21. Na primeira lista de regras apontaram o que era permitido e na segunda, o que não era permitido postar. É curioso observar, na ilustração 21, que as regras descritivas esclarecem dúvidas dos membros que participam da CCSRS, aí eles ficam sabendo que é permitido postar vídeos das pessoas surdas que residem no estado do Rio Grande do Sul com piadas, entrevistas, histórias de amor e demais assuntos.

¹³⁶ Imagem adquirida da análise de materiais, de arquivo da pesquisadora (coletada em: 12 jul. 2016).

Ilustração 21 – Descrição de regras da comunidade CCSRS¹³⁷



Além das regras apresentadas na CCSRS, os administradores ofereceram outro grupo chamado de “Surdo Tube”, conforme a ilustração 21 para que os membros pudessem compartilhar algumas ideias com a comunidade. E a pesquisadora decidiu procurá-la para conhecer e entender melhor. Como não era membro, solicitou uma autorização para que os administradores a aceitassem, e em poucos minutos já estava autorizada. São três administradores, e a página contém as fotos e os perfis das pessoas que aparecem no FBK. Aqui, mantenho as imagens e os nomes dos administrados em sigilo.

¹³⁷ Imagem adquirida da análise de materiais, de arquivo da pesquisadora (coletada em: 14 jul. 2016).

Ilustração 22 – Demonstrativo da comunidade Surdo Tube¹³⁸



Posteriormente, justifico a importância de definir as características dos administradores em cada comunidade adotada para investigação. Conforme os dados coletados do perfil do administrador da **ACSBF**, descrevo as características de seu único administrador, que atualmente reside em Salvador, no estado da Bahia, trabalha como instrutor de LIBRAS e cursou Artes Gráficas. Para a imagem do perfil ele escolheu um dos personagens principais do jogo eletrônico de ação - God Of War, conforme as figuras que seguem.

¹³⁸ Imagem adquirida da análise de materiais, de arquivo da pesquisadora (coletada em: 15 jul. 2016).

Ilustração 23 – Administrador da ACSBF¹³⁹



Ilustração 24 – Foto do perfil do administrador da ACSBF¹⁴⁰



Para entender o significado do personagem que o administrador escolheu, pois não conhecia esse jogo, resolvi fazer uma busca específica por meio de palavras-chaves no Google Acadêmico (*Scholar Google*). Para a realização das buscas foram usadas as palavras “personagem God Of War”. Nas buscas pelas imagens para identificar o personagem, descobri que ele se chama Kratos, um espartano com fome de poder que, para garantir sua sobrevivência, é forçado a servir o deus olímpico Ares. Desse modo, o

¹³⁹ Imagem adquirida da análise de materiais, de arquivo da pesquisadora (coletada em: 12 jul. 2016).

¹⁴⁰ Imagem adquirida da análise de materiais, de arquivo da pesquisadora (coletada em: 06 jul. 2016).

administrador mostrou-se como um líder da ACSBF, que luta pela comunidade surda e pelo direito dos surdos, conforme as características do personagem.

Em seguida, investiguei a segunda comunidade, a CS. Ela foi composta por cinco administradores, e nos perfis, três deles apresentaram as fotos da própria pessoa e os outros dois administradores optaram por representar com as imagens, religiosa e linguística, como aparecem nas ilustrações 25 e 26. Essas imagens dos perfis dos dois administradores da CS são vinculadas à Língua de Sinais, assim como à Bíblia em LIBRAS e ao Dicionário de Português em LIBRAS, e ambas representam a garantia da língua natural e materna para a comunidade surda. Porém, no mês de julho de 2016, o administrador do perfil Bíblia Libras saiu da equipe dos administradores sem dar uma explicação sobre o motivo da sua desistência, o que, nesse caso, pareceu ser sua própria vontade, conforme na ilustração 25.

Ilustração 25 – Perfil do administrador da CS¹⁴¹



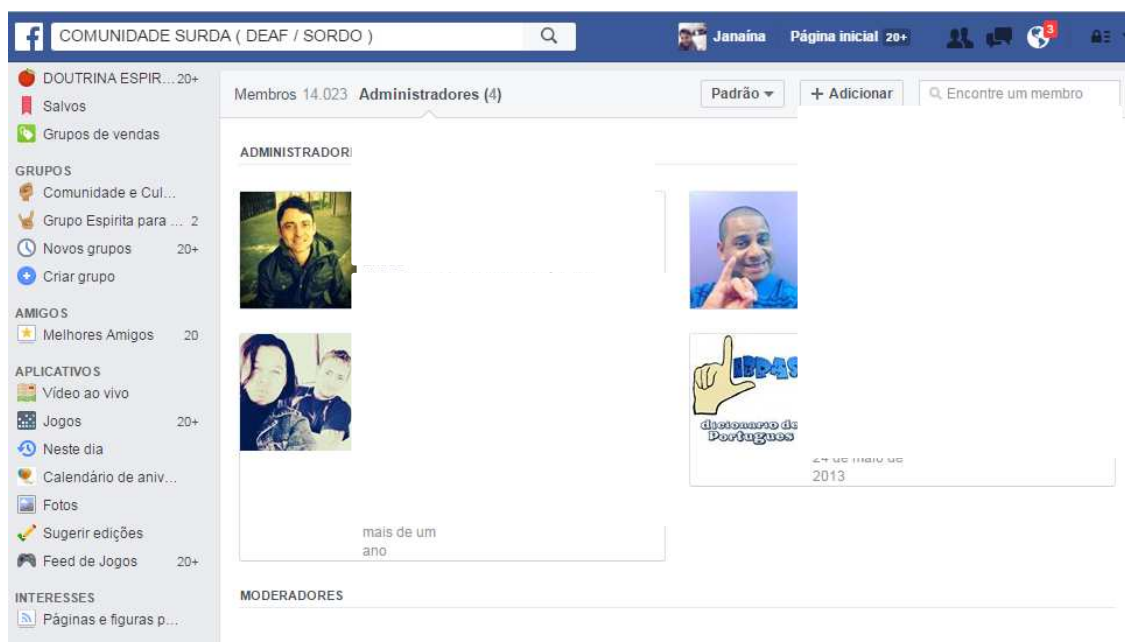
Ilustração 26 – Perfil do administrador da CS¹⁴²



¹⁴¹ Imagem adquirida da análise de materiais, de arquivo da pesquisadora (coletada em: 12 jul. 2016).

¹⁴² Imagem adquirida da análise de materiais, de arquivo da pesquisadora (coletada em: 12 jul. 2016).

Ilustração 27 – Administradores da CS¹⁴³



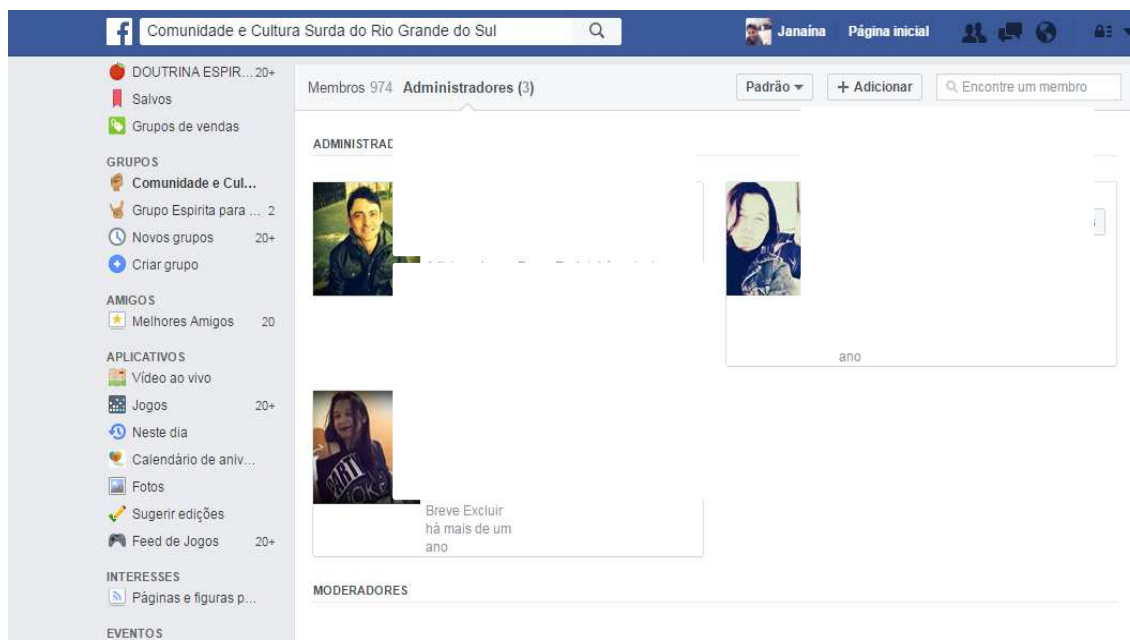
O administrador 2 se afirma como sujeito surdo oralizado. Desta forma, essa pessoa sabe falar como fosse uma pessoa ouvinte e tem interesse em conviver com as pessoas surdas que são usuárias da LIBRAS. Reside e trabalha no município de Alvorada, no Rio Grande do Sul¹⁴⁴, parece que estudou em escola inclusiva, ou melhor descrevendo, que estudou em escola comum com colegas ouvintes. Administrador 3 vive na capital, Porto Alegre, é usuário da LIBRAS, estudou em escola especial para surdos situada na mesma cidade onde mora e atualmente não tem emprego. O administrador 4 reside na capital do Brasil, Brasília, trabalha como instrutor de LIBRAS e fez um curso de graduação. O administrador 5 vive no município de Limeira, no estado de São Paulo, e já estudou em escola especial para surdos em Porto Alegre, no RS.

A terceira comunidade consultada, a **CCSRS**, foi identificada com três administradores. A pesquisadora percebeu que entre os administradores, dois deles também administram a comunidade CS. Portanto, preferiu não repetir as características dos dois administradores apresentados. Quanto ao administrador 6 da CCSRS, os detalhes mostram que também estudou em escola especial para surdos situada na capital do Rio Grande do Sul, que atualmente mora em Porto Alegre e trabalha no município de Alvorada.

¹⁴³ Imagem adquirida da análise de materiais, de arquivo da pesquisadora (coletada em: 12 jul. 2016).

¹⁴⁴ Usaremos a sigla RS.

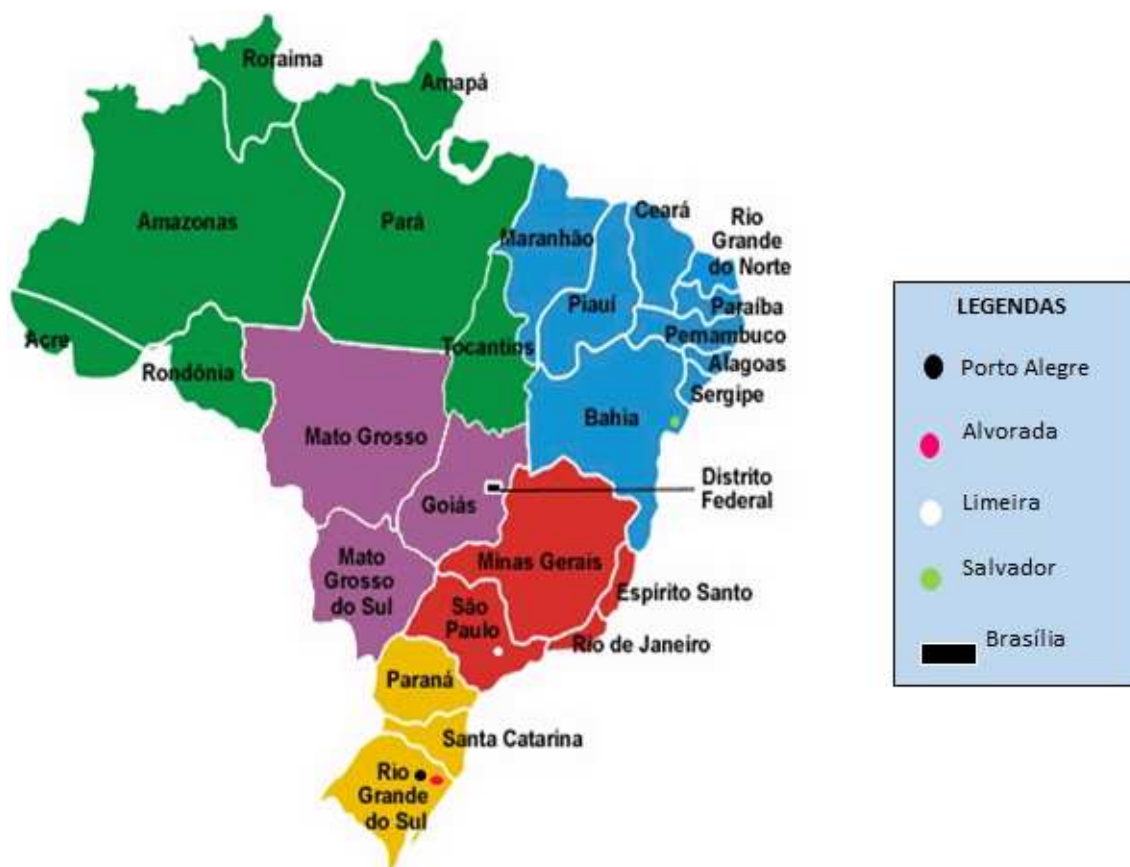
Ilustração 28 – Administradores da CCSRS¹⁴⁵



No geral, com os perfis dos administradores das comunidades surdas digitais do FBK, foi possível perceber a localização de residência deles, em diferentes lugares no Brasil: Porto Alegre, Alvorada, Limeira, Brasília e Salvador. Com isso, apresentaram que os movimentos a “distância” que circulam nas comunidades surdas digitais do FBK são como um produto social, funcionando como fronteiras culturais e cidadanias comunicativas surdas. Estruturados com objetivos, regras, assuntos gerais e compartilhamentos, esses movimentos permitem aos sujeitos viajar sem a necessidade do uso de transportes, pois o mundo digital do FBK oferece a oportunidade de se navegar, comunicar e conhecer outros territórios nos quais se aproximam as experiências cotidianas das comunidades e dos sujeitos comunicantes surdos. “Alguns podem agora mover-se para fora da localidade – qualquer localidade – quando quiserem. Outros observam, impotentes, a única localidade que habitam movendo-se sob seus pés”, diz o pesquisador Bauman (1999, p. 25).

¹⁴⁵ Imagem adquirida da análise de materiais, de arquivo da pesquisadora (coletada em: 12 jul. 2016).

Ilustração 29 – Mapa do Brasil com localização de residências dos administradores



Adiante, decidi propor a coleta das categorias temáticas das comunidades que foram investigadas. Foram encontrados os seguintes assuntos: na ACSBF, cursos; oficinas; eventos; eleições; políticas; conferências; histórias; saúde; passeatas; tecnologias; acessibilidade, notícias entre outros. Na CS, grupos de WhatsApp; empregos, tecnologias; religião; pedagogia; LIBRAS; piadas; oficinas; cursos; comunidades do FBK entre outros. A comunidade CCSRS apresentou diversas temáticas: eventos; empregos; Detran; cursos; comunidades do FBK; propagandas com uso de Hand Talk; LIBRAS; religião e muito mais.

Assim, compreendido o funcionamento, a estrutura e os movimentos gerados nos três ambientes do FBK, entre as categorias dos administradores e a classificação temática, decidi partir para apresentação das comunidades ACSBF, CS e CCSRS e os seus principais registros de vídeos e imagens selecionados para a pesquisa da tese.

5.1.2 As apropriações de cultura e cidadania comunicativa surdas do FBK

Nesta etapa, foi possível observar/acompanhar o desenvolvimento de compartilhamentos e interações dos sujeitos comunicantes surdos, pois sendo como integrante das comunidades, houve liberdade para a pesquisadora registrar dados das comunidades surdas do FBK. Através das técnicas utilizadas para capturar as imagens nas páginas destas, foi como tirar fotos em uma imagem da tela do PC (computador). Seguem os processos realizados: 1. Para capturar as imagens: no teclado utilizei os três botões (*Ctrl + Alt + Print Screen SysRq*) para pegar as imagens/páginas que queria coletar; 2. Para colar as imagens: precisei utilizar o teclado usando as teclas (*Ctrl + V*) para colar no *Word* ou *Paint*; 3. Para recortar e formatar as imagens que pretendia coletar: no *word* aproveitei as ferramentas de imagem para formatar e cortar; 4. Para salvar as imagens coletadas em uma pasta de arquivo, precisei formatar em JPEG que permite preservar as imagens com boa qualidade.

O FBK é como uma cidade e foi essencial explorar as páginas das comunidades. com a sua prática de navegação e de uso do *mouse* e os cliques na tela. Com esses procedimentos a pesquisadora percebeu que estamos vivendo a ação de seguir a massa das comunidades para garantir o pertencimento ou a integração no universo digital. Neste contexto, a partir do ano 2016, na plataforma digital de uma página do FBK em todas divulgações o participante passou a poder escolher o botão ‘curtir’ ou os seis *emojis* que aparecem juntos com o ‘curtir’. São botões com sentimentos (curti, amei, hahaha, uau, triste, raiva) como aparece na ilustração 30.

Ilustração 30 – Características de curtidas¹⁴⁶



¹⁴⁶ Imagem adquirida da análise de materiais, de arquivo da pesquisadora (coletada em: 19 jul. 2016).

Neste sentido, podemos perceber que algumas notícias divulgadas antes de 2016, não apresentam os botões de *emojis*, somente o botão “curtir”, portanto alguns dados de coletas de imagens e de vídeos são mostrados conforme o ano das postagens.

A apropriação de cultura e cidadania comunicativa surdas vai se caracterizar por ser uma forma de interação digital entre os sujeitos comunicantes surdos ou não dentro no espaço do FBK. Interatividade digital é um termo utilizado por Lévy (1999) e Primo (2007), e conforme o primeiro autor, a “interatividade assinala muito mais um problema, a necessidade de um novo trabalho de observação, de concepção e de avaliação dos modos de comunicação, do que uma característica simples e unívoca atribuível a um sistema específico”. (LÉVY, 1999, p. 82). Para Consoni (2013)

Os sistemas informáticos possibilitam a conversação mediada se aproximar da face a face. Por um lado, essas interações são complementares às conversações presenciais, mas por outro também possibilitam novas conexões. É o caso dos amigos feitos a partir de interações exclusivamente virtuais. O virtual é complemento do presencial e um não deve excluir o outro. (CONSONI, 2013, p. 112).

Com esses autores podemos reconhecer que a interação digital permite o contato com outros sujeitos e possibilita novas conexões. O sistema de comunicação na interação digital funciona com conversas, comentários, compartilhamentos, mensagens (*inbox* ou *Messenger*) e outros, que “possuem objetivo mais de manter a relação do que conhecer pessoas”. (CONSONI, 2013, p. 113). Como o FBK possui a diversidade de opção para o uso, assistir, comentar, curtir, conversar, postar e demais, percebido no processo de observação participante das três comunidades, ficou evidente que a maior parte delas foram as visualizações (para adquirir novos conhecimentos, por exemplo) e os compartilhamentos (dos quais acharam as informações fundamentais).

Com base nas técnicas dos objetos de pesquisa, primeiro precisei entrar com meu *e-mail* e minha senha pessoal do FBK para conseguir acessar as três comunidades de estudo. Durante o acesso me comportava como pesquisadora e não como um sujeito qualquer ou usuário da comunidade. Para não me envolver, levei a sério meu papel de sujeito investigador, e foi nessa condição que busquei observar as notícias, as imagens e os vídeos. Percebi que a maioria deles não estavam relacionados à cultura e à cidadania comunicativa surdas. Com isso, percebi a importância do papel do pesquisador que é ser um “possuidor de uma série de competências” (LOPES, 1999, 99). E isso serviu para mostrar as minhas competências intelectuais, isso é buscar os meus conhecimentos e

construir novos. Foi útil saber que era possível preparar outra estratégia de buscas. Necessitei mover o mouse na página da comunidade para encontrar as notícias mais para baixo, pois isso significa que há notícias postadas que são mais antigas, de algumas semanas atrás, de outros meses e até de anos anteriores. Portanto, procurei concentrar nos recortes das notícias que se vinculassem ao tema da tese. E achei interessante que alguns vídeos e postagens apareciam como os mais visualizados pelos sujeitos das comunidades surdas digitais do FBK, e observei que eram uma fonte de conexão com a própria convivência e da prática da vida cotidiana pelos sujeitos comunicantes surdos ou não. Assim, foi essencial compreender o verdadeiro papel da cada comunidade surda digital, procurando observar o que eles andaram pensando com os usos dos compartilhamentos e das apropriações de informações digitais.

Durante o primeiro semestre de 2016, em alguns dias da semana acessava as comunidades surdas digitais do FBK, e quando encontrava algo recortava, copiava, guardava numa pasta de arquivo e salvava no PC. Em seguida, passei à análise e à interpretação dos dados de recortes selecionados. Como era muito material, resolvi elaborar os critérios de recortes para o estudo: dois recortes para cada comunidade surda digital - e totalizando, foram seis recortes que escolhi para o desenvolvimento das transmetodologias.

A primeira comunidade surda digital investigada foi a ACSBF, conforme as ilustrações 31 e 32. Esses dois recortes foram escolhidos para desenvolver uma comparação dos dois vídeos com o uso da LIBRAS, construindo uma interpretação lógica, para fazer dos leitores e pesquisadores, sujeitos aptos a reconhecer e compreender como o sistema de comunicação visual é um dos pontos mais importantes para comunidade surda. Esse sistema de comunicação visual possui os princípios básicos: a qualidade, a clareza, a fluência e a compreensão. Os quatro princípios básicos foram comparados nesses dois vídeos coletados. Com isso, organizei uma tabela comparativa. Para avaliar os vídeos, apliquei os desenhos que deveriam ser interpretados da seguinte forma: ☹ (insatisfeito), 😊 (satisfeito) e 😊😊 (muito satisfeito).

A primeira ilustração foi postada em 08 de julho de 2016 e já conta 3.718 visualizações. Foi postada por Sávio Wanderley que compartilhou o vídeo no grupo, a duração do vídeo é de 3 minutos. O ponto fraco foi o início do vídeo, pois não tinha interpretação ou legenda avisando que havia música no vídeo. Como a interpretação para LIBRAS só apareceu alguns segundos depois, já se pode afirmar que faltou a conexão entre a acessibilidade e a comunicação. A fluência das duas pessoas interpretando em

LIBRAS foi um processo muito bom, porém de novo foi encontrado outros pontos fracos, o corte e o flash (diminuição e aumento da tela) durante as interpretações. Isso provocou, principalmente nos surdos, a perda do foco, pois a comunicação visual para eles é muito importante. E por isso deve-se ter com cuidado com a forma como será feita a gravação: cores, fundos, iluminação, legendas e outros. Quase no final do vídeo, melhorou bastante. Foi mostrada a tabela de horários para visitas guiadas com intérpretes, além do número de contato para enviar mensagens pelo WhatsApp, isso foi muito criativo, ajudando os sujeitos comunicantes surdos a receber melhor as informações dadas.

Ilustração 31 – Notícia postada em vídeo na ACSBF¹⁴⁷



A próxima ilustração, a 32, mostra um vídeo de 50 minutos, postado em 20 de junho de 2016 pela vereadora Fabielle Barbosa que também é intérprete de Libras. Resolvi acessar a página dela e descobri que o mesmo vídeo tinha uma descrição elaborada para os cegos como é mostrado na ilustração 33. Esse vídeo já tinha tido, até então, 14.104

¹⁴⁷ Imagem adquirida da análise de materiais, de arquivo da pesquisadora (coletada em: 19 jul. 2016). Disponível em: <https://www.facebook.com/comacessibilidade/videos/1383916418290800/> Acesso em: 28 ago. 2016.

visualizações. Apresentava uma interpretação clara e fluente da LIBRAS, com uma proposta de, no lado esquerdo a fala em língua portuguesa e, no lado direito, a interpretação em LIBRAS. A proposta é muito interessante, porque já apresenta uma ideia inicial para ser usada na televisão com a opção de duas janelas na mesma tela para os telespectadores surdos. Na televisão, podemos perceber que as janelas de intérpretes de Libras são difíceis de compreender, pois as interpretações são limitadas pois as janelas são bem pequenas.

Ilustração 32 – Notícia postada em vídeo na ACSBF¹⁴⁸



¹⁴⁸ Imagem adquirida da análise de materiais, de arquivo da pesquisadora (coletada em: 19 ago. 2016).

Ilustração 33 – Página da Fabielle Barbosa do FBK¹⁴⁹Tabela 4 – Recortes da ACSBF¹⁵⁰

ACSBF	VISUALIZAÇÕES	QUALIDADE	CLAREZA	FLUÊNCIA	COMPREENSÃO
Ilustração 31	3.718	☹	😊😊	😊😊	😊
Ilustração 32	14.104	😊😊	😊😊	😊😊	😊😊

A segunda comunidade investigada foi a CS. Coletei dois recortes, a ilustração 34, postada em 13 de agosto de 2016, cujo vídeo tem apenas 1 minuto e 37 segundos e já recebeu mais de 59.843 visualizações. Realmente foi uma grande surpresa com o número de visualização, por isso escolhi esse vídeo para uma breve investigação. O sujeito comunicante surdo no vídeo foi testar a comunicação em LIBRAS através de um *avatar*¹⁵¹

¹⁴⁹ Imagem adquirida da análise de materiais, de arquivo da pesquisadora (coletada em: 26 ago. 2016), disponível em: <https://www.facebook.com/fabiellebarbosacandidataavereadoraoficial/videos> e <https://www.youtube.com/watch?v=yBbLqdoNGvg> Acesso em: 26 e 28 ago. 2016.

¹⁵⁰ Tabela elaborada pela autora da tese.

¹⁵¹ A pesquisadora entende como importante a criação de um corpo com forma humana para existir numa realidade digital.

desenvolvido pelo Chat LIBRAS Bradesco¹⁵². Ele começa a conversa como um bate-papo, sinalizando – Boa Tarde! Em alguns segundos o avatar responde sinalizando o mesmo cumprimento. O sujeito comunicante surdo já prepara outro desafio, e sinaliza perguntando o nome dela; ela comenta que não tem e solicitou a opinião dele para batizá-la com um nome. Ele começa a refletir, percebendo que o desafio era complexo, porém a batiza de Karoline. O avatar repete o nome e agradece sinalizando – Que legal!, e logo realiza um convite para tirarem uma foto juntos, como é apresentado na ilustração 35. Nesta parte do vídeo, de fato, mesmo de pé em frente de uma tela enorme, houve a possibilidade de participar, comunicar, realizar perguntas, e foi trazida a forma diferente de interação entre o avatar e o sujeito comunicante surdo. Portanto, a possibilidade desta apropriação da comunicação com o avatar e o sujeito comunicante surdo, também foi possível avaliar o grau de interatividade entre ambos.

¹⁵² Maiores informações sobre o Chat LIBRAS Bradesco: <https://www.youtube.com/watch?v=2OKLRWT2iTc> Acesso em: 28 ago. 2016.

Ilustração 34 – Notícia postada em vídeo na CS¹⁵³

COMUNIDADE SURDA (DEAF / SORDO)

Libras
13 de agosto às 23:08

CHAT LIBRAS BRADESCO

Bradesco

59.843 visualizações

WhatsApp vídeo de Libras
12 de agosto às 22:06

CHAT LIBRAS Bradesco!

2 comentários

Elaine Terra Lima e outros 28 pessoas

Curtir Página

¹⁵³ Imagem adquirida da análise de materiais, de arquivo da pesquisadora (coletada em: 19 jul. 2016). Disponível em: <https://www.facebook.com/WhatsAppvideodelibrasoficial/videos/1761492830773277/> Acesso em: 28 ago. 2016.

Ilustração 35 – Notícia postada em vídeo na CS¹⁵⁴

A ilustração 36, divulgada em 26 de janeiro de 2016, com 5 minutos de duração foi visualizada por 13.052 pessoas. O vídeo foi compartilhado pelo próprio artista e o tema utilizado foi de *Payaso Sordo* (Palhaço Surdo), e segundo ele colocou esse tema com objetivo para ajudar a motivar os telespectadores a assistir e dar risadas. Durante o vídeo, o palhaço surdo soube aproveitar a maquiagem simples para significar as suas expressões faciais e corporais, e utilizou as luvas brancas para narrar em ASL e comemorar o dia internacional de pessoas surdas. Na câmera, usou o espaço para dar um beijo, uma forma divertida em que foi possível acompanhar todo vídeo com um ótimo humor.

¹⁵⁴ Imagem adquirida da análise de materiais, de arquivo da pesquisadora (coletada em: 28 ago. 2016).

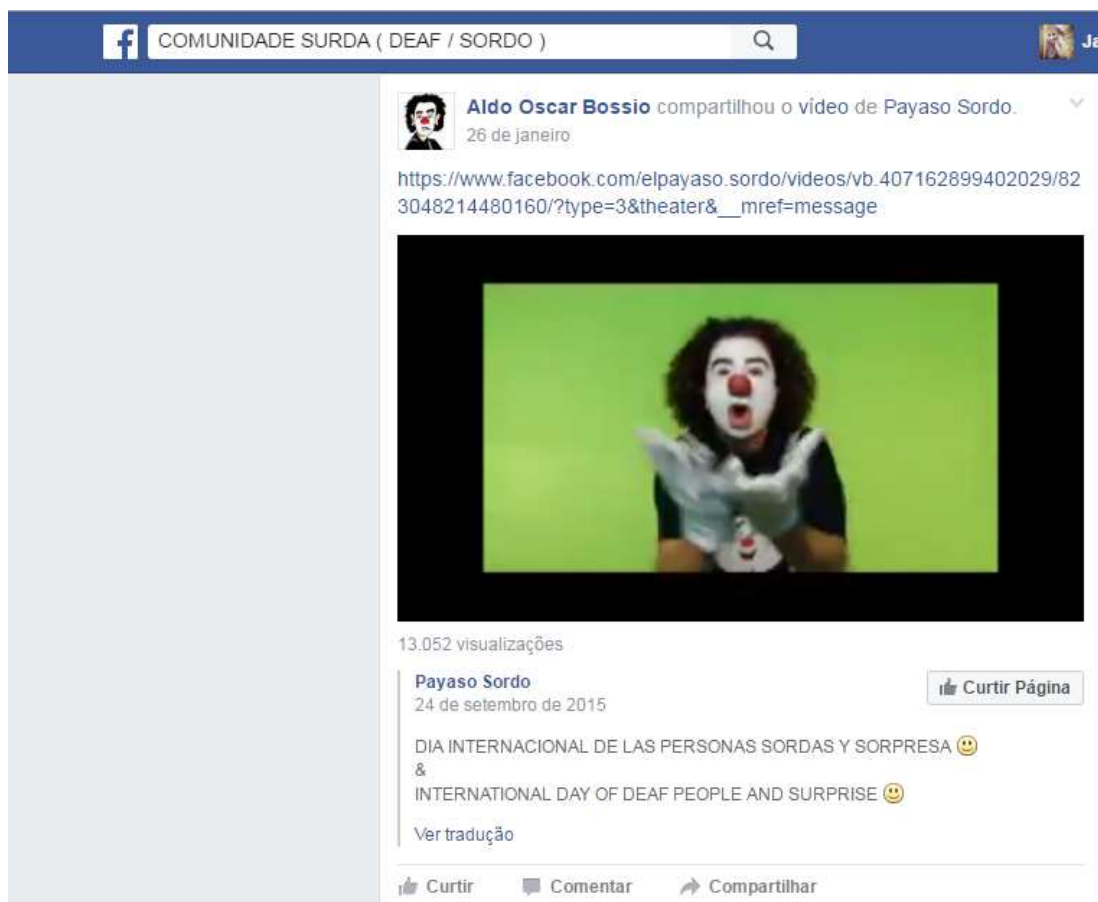
Ilustração 36 – Notícia postada em vídeo na CS¹⁵⁵

Tabela 5 – Recortes da CS

CS	VISUALIZAÇÕES	QUALIDADE	CLAREZA	FLUÊNCIA	COMPREENSÃO
Ilustração 34 e 35	59.843	😊😊	😊😊	😊😊	😊😊
Ilustração 36	13.052	😊😊	😊😊	😊😊	😊😊

Na terceira comunidade investigada, a CCSRS, o recorte foi coletado conforme as ilustrações 37 e 38. A postagem da ilustração 37 recebeu 2.563 visualizações, foi postada em 16 de julho de 2015, pelo próprio Hugo HT¹⁵⁶ que compartilhou esse vídeo que tem a duração em 1 minuto e foi produzido pela empresa *Hand Talk*¹⁵⁷. Esse vídeo tinha o

¹⁵⁵ Imagem adquirida da análise de materiais, de arquivo da pesquisadora (coletada em: 26 ago. 2016). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LLNAoYEPmaM> Acesso em: 28 ago. 2016.

¹⁵⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/profile.php?id=100004415133994> Acesso em: 28 ago. 2016.

¹⁵⁷ Aplicativo que permite traduzir do português para LIBRAS, lançado em julho de 2013, é possível baixar o download gratuitamente através no site www.handtalk.me/app. Acesso em: 28 ago. 2016.

objetivo de mostrar para comunidade surda brasileira os procedimentos de como votar nas eleições em 2014. Assim, o avatar *Hand Talk* assume o papel como intérprete de Libras, mas durante a interpretação, suas expressões faciais não se alteravam e alguns sinais não ficavam claros por falta da fluência da língua de sinais. Era preciso assistir várias vezes para poder entender os sinais representados, e perceber qual o contexto em cada frase, pois não havia pausa para separar as frases e as imagens que passavam no fundo atrapalhavam o avatar, pois provocavam os telespectadores a desviar o foco da interpretação. Em minha opinião, para auxiliar a compreensão acho fundamental deixar a legenda automática para o telespectador que não conhece os sinais de outra região, pois sabemos que a língua de sinais apresenta variações regionais e linguísticas (STROBEL e FERNANDES, 1998).

Ilustração 37 – Notícia postada em vídeo na CCSRS¹⁵⁸



Em seguinte, a ilustração 38, foi postada pelo Demir Rildo Alves que compartilhou o vídeo da página Libras do FBK e publicou em 22 de novembro de 2014, teve 10.769

¹⁵⁸ Imagem adquirida da análise de materiais, de arquivo da pesquisadora (coletada em: 19 ago. 2016). Disponível em: <https://www.facebook.com/handtalkBR/videos/722310121182054/> Acesso em: 28 ago. 2016.

visualizações e o tempo do vídeo conta com 47 segundos. O vídeo mostra que quando os pais recebem a notícia de que a filha é surda, com o passar do tempo, procuram buscar uma saída e descobrem que ela pode se comunicar através da língua de sinais. Com essa língua ela pode expressar os seus sonhos, os desejos e as esperanças. Os pais se sentiram confiantes de que a língua de sinais seja uma ponte ideal para comunicação com a filha surda. Isso provou que ninguém irá impedir os sonhos da menina, pois com ela é possível construir o que sempre desejou. Portanto, o comercial teve por objetivo possibilitar que a sociedade adquira esse conhecimento: o de que a língua de sinais é um elemento importante para comunicação dos surdos. Além disso, os sujeitos comunicantes surdos podem escolher uma profissão e efetuar qualquer coisa, mesmo não ouvindo, pois são pessoas normais.

Ilustração 38 – Notícia postada em vídeo na CCSRS¹⁵⁹

Comunidade e Cultura Surda do Rio Grande do Sul

Delmir Rildo Alves compartilhou o vídeo de Libras.
22 de novembro de 2014

Surdos são capazes sim! 😊

Ela pode usar uma língua bonita...
She can use a beautiful language...

10.769 visualizações

Libras
22 de novembro de 2014

Surdos são capazes sim. Ao curtir a página de Libras você irá receber notícias diariamente sobre surdos e Libras. Abraços sinalizados!

¹⁵⁹ Imagem adquirida da análise de materiais, de arquivo da pesquisadora (coletada em: 19 ago. 2016). Disponível em: <https://www.facebook.com/EnsinoLibras/videos/732852970117244/> Acesso em: 28 ago. 2016.

Tabela 6 – Recortes da CCSRS

CCSRS	VISUALIZAÇÕES	QUALIDADE	CLAREZA	FLUÊNCIA	COMPREENSÃO
Ilustração 37	2.563	⊗	⊗	⊗	⊗
Ilustração 38	10.769	☺☺	☺☺	☺☺	☺☺

A partir dos seis recortes coletados para serem investigados, minha observação participante permitiu enxergar as notícias em vídeos ou imagens de maior visualização e que foram postadas nas três comunidades surdas digitais. Isso foi uma oportunidade de utilizar o estudo de interpretação dos vídeos para demonstrar como um sujeito comunicante surdo pensa, se emociona, se vê e como essas possibilidades da acessibilidade comunicacional digital refletem nele. As experiências no processo de interpretação dos vídeos servirão como bases de vínculo para compreender e me aproximar das narrativas dos entrevistados, os sujeitos comunicantes surdos, o que será explicado no subcapítulo 5.2. A maioria dos vídeos publicados nas comunidades surdas digitais do FBK buscou se relacionar com as práticas sociais dos sujeitos comunicantes surdos e de outras pessoas que não sejam os surdos. O fato é que cada vídeo representa uma conexão de interação com os diversos atores do FBK para que possam compartilhar a manifestação de conhecimentos, valores, gostos e experiências (entre outros). O acesso aos vídeos me fez entrar no processo da apropriação, da mediação, da globalização, nas diversidades culturais e nas acessibilidades comunicacionais que têm determinado uma proposta de reflexão para a construção das narrativas dos sujeitos comunicantes surdos como visto nas entrevistas presenciais.

5.2 A CONSTRUÇÃO DOS SUJEITOS COMUNICANTES SURDOS

Este subcapítulo apresenta o procedimento realizado na fase da pesquisa, das entrevistas, dos questionários, que foram os procedimentos de construção dos dados e das relações entre os dados trazidos pelas narrativas dos quatro sujeitos comunicantes surdos e pelas teorias representadas na tese. Nesta fase da pesquisa, na dimensão

transmetodológica, a pesquisadora entende que a pesquisa é construída e reconstruída num processo de articulação das teorias, em diferentes etapas das escolhas dos métodos. Sobre um dos componentes transmetodológicos, Lopes afirma que:

É a fase que envolve a teorização dos dados empíricos dentro da perspectiva teórica adotada no início da pesquisa. O ponto de chegada retoma dialeticamente o ponto de partida, integrando os dados numa totalidade que agora é igualmente objeto empírico e objeto teórico. (LOPES, 1999, p. 131).

Foram entrevistados dois homens e duas mulheres, três residem na capital, Porto Alegre, e um no município de Canoas, ambos situados no estado do Rio Grande do Sul. As idades variam entre 36 e 48 anos. As entrevistas foram agendadas nas datas solicitadas pelos entrevistados, a saber: 14 (ES1), 17 (ES2), 18 (ES3) e 31 (ES4) de julho de 2016. No movimento exploratório das entrevistas os entrevistados contam que são de Chapecó, em Santa Catarina, Recife, em Pernambuco, Porto Alegre e Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul. Dois deles se mudaram para o Rio Grande do Sul por diversos motivos: estudos, empregos e outros. Quanto às funções profissionais, todos atuam como docentes de LIBRAS em instituições superiores, um trabalha em dois empregos e ministra aulas em escola para surdos. Dois entrevistados são formados em Licenciatura em Letras-Libras, os outros dois são formados em Pedagogia e um deles apresenta duas formações, Licenciatura em Computação e Letras-Libras. Dois deles possuem mestrado na área de Educação e um deles tem especialização *Lato Sensu* em LIBRAS. Possuem seus perfis ativos no FBK, frequentam diversas comunidades surdas digitais e são usuários de outras mídias como nanocomputadores.

Na coleta de dados sistemáticos dos entrevistados foram privilegiadas informações narradas que caracterizavam o autorreconhecimento, como a trajetória de vida, e as experiências com a família, com a comunidade surda, com a sociedade, além da trajetória de vida profissional e a relação com o uso das mídias, acessibilidades e linguagens visuais. Também aspectos relacionados ao convívio com a surdez, as línguas com a sociedade, a família, e também a escola e o trabalho. Ou seja, a apropriação e a construção dos exercícios de cultura e de cidadania comunicativa surda nos territórios, quanto à participação nas práticas dos fenômenos sociais.

No planejamento para o procedimento da análise de entrevistas, formamos cinco eixos centrais em produções empíricas nas coletas de dados. No primeiro eixo, o interesse está em apresentar a breve trajetória de vida dos sujeitos comunicantes surdos, como um modo de conhecer melhor a apropriação dos entrevistados e levantar alguns pontos

principais. No segundo e terceiro eixos, pretende-se apresentar as narrativas que de vincularam sua autoconstrução de cultura e de cidadania comunicativa à vida pessoal e à comunidade surda. Nestes pontos, também vamos discutir as construções de identificação, produzidas por eles, sobre o sujeito comunicante surdo em relação com as experiências de ser cidadão-surdo, no pertencimento e na participação dos dois territórios - ouvinte e surdo. No próximo eixo, procurou-se estudar as suas construções e as suas competências interativas no mundo digital, de como eles são recebidos e atendidos por eles mesmos e pelos outros sujeitos. Na oportunidade das narrativas sinalizadas, buscou-se aprofundar melhor a discussão sobre os usos das apropriações midiáticas, como a internet e o FBK, e dos processos comunicacionais.

Com relação às entrevistas como narrativas pelos sujeitos comunicantes surdos, foi tecida uma análise de reconstrução para viver as diferentes experiências deles, e não a minha, pois conhecia esses sujeitos como amigos e não conhecia as suas histórias íntimas. E as informações recebidas durante as entrevistas foram uma zona abstrata para pesquisadora, pois só o indivíduo sabia da natureza da sua trajetória de vida com intimidade. Foram momentos de suspense em que os entrevistados surdos deixaram a pesquisadora conhecer suas verdadeiras histórias. Realmente foi uma aproximação agradável para conhecer como a subjetividade interior foi desenvolvida.

A seguir, expõe-se como nortear os argumentos e as reflexões críticas sobre as informações coletadas pelos entrevistados na pesquisa empírica. Daí decorrem também as apresentações individuais de cada sujeito comunicante surdo entrevistado, as quais servirão de base para acompanhar e organizar os procedimentos de estudos investigados.

5.2.1 As trajetórias de vida dos sujeitos comunicantes surdos

ES1 – Entrevistad@ Surd@ 1	
Local de nascimento	Porto Alegre - RS
Idade	45
Formação acadêmica	Licenciatura em Computação, Letras-Libras e mestrado em Educação e Tecnologia
Atuação profissional	Professor de LIBRAS
Local da entrevista	Residência do entrevistado
Data da entrevista	14 de julho de 2016

O entrevistado sujeito comunicante surdo 1 – **ES1** nasceu e mora hoje em Porto Alegre. Porém, morou a maior parte da infância e da vida adolescente em Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, onde os pais residem atualmente. Relatou que tem um irmão gêmeo, e que a mãe dele afirmou que não sabia que havia dois bebês. E foi uma surpresa na hora do nascimento. Quando tinha menos de um ano, era um bebê normal que escutava os sons, porém, segundo relatos, passou uma terrível situação com febre alta, em que quase teria morrido. Foi salvo e acredita que ficou surdo durante o uso de medicamentos que teriam provocado a perda auditiva.

Considerou ser surdo há 44 anos, e ser o único surdo da família. E logo esclareceu que se não tivesse acontecido a febre e o uso dos medicamentos, não seria surdo. Comentou que a família se comunica com ele por meio de gestos e, que, principalmente com os pais usa leitura labial, por ter contato desde pequeno, e por eles já conhecerem o jeito dele de pronunciar.

Conheceu a LIBRAS aos 14 anos de idade, na Escola Especial Concórdia, para surdos, em Porto Alegre. Antes disso se comunicava apenas por gestos. Os pais, quando perceberam que o filho surdo não conseguia desenvolver a linguagem comunicacional, decidiram buscar ajuda.

Foi quando encontraram o Pastor Ricardo, que ministrava as aulas de religião para surdos e comentou que existia tal escola em Porto Alegre. E os pais, surpresos por existir essa escola especializada, resolveram visitar para conhecer e gostaram muito, pois o filho estava estudando numa escola inclusiva e não vinha obtendo sucesso.

Entrar nesta escola, ele lembrou, foi um momento marcante. Ao aprender a língua dos surdos começou a reconhecer os significados das palavras em português e foi descobrindo novos conhecimentos que não tinha aprendido na outra escola. Afirmou que na sua grande descoberta, a LIBRAS, a Língua Portuguesa na modalidade escrita do português ajudou-o a receber as informações sobre o que acontecia ao seu redor. Os pais ficaram muito felizes!

ES1 é divorciado, tem um filho e mora sozinho em Porto Alegre. Trabalha como professor na UFRGS, dando aulas nas disciplinas de LIBRAS há cinco anos. Sinalizou que teve experiências como professor de LIBRAS em outras instituições antes da aprovação no concurso atual. Afirmou, também: “Nunca trabalhei nas escolas para alunos

surdos. Só trabalhei nas instituições superiores ministrando aulas para os alunos ouvintes. Nunca tive experiências com os alunos surdos!”¹⁶⁰

ES2 – Entrevistad@ Surd@ 2	
Local de nascimento	Chapecó - SC
Idade	40
Formação acadêmica	Licenciatura em Letras-Libras
Atuação profissional	Professor de LIBRAS
Local da entrevista	Residência da pesquisadora
Data da entrevista	17 de julho de 2016

O próximo entrevistado, sujeito comunicante surdo 2 - **ES2**, nasceu em Chapecó, no estado de Santa Catarina. Hoje mora no município de Canoas, no Rio Grande do Sul. Relata que a surdez começou quando tinha um ano de idade, porém não lembra como aconteceu. A mãe contou que ele estava muito mal e foi levado ao hospital. O médico avaliou que tinha sarampo e deu uma injeção. E passou mal com febre muito alta. Alguns dias depois melhorou, e ao voltar para casa, a mãe percebeu que ao chamar e conversar com o filho no colo, ele não reagia e nem correspondiam aos sons. Foi nesse momento que percebeu que o filho havia ficado surdo.

Durante a vida dele, se considerou como uma pessoa surda! Comentou um ponto interessante, que na família dele havia seis pessoas que são surdas, o próprio pai dele é surdo! A pesquisadora foi pega de surpresa, pois nunca imaginou que ele tinha o pai surdo. E logo, ele começa a sinalizar os sinais próprios dos tios e do primo, afirmando que todos são surdos como ele. E lamenta que o tio surdo mais velho não saiba se comunicar em LIBRAS, só por meio de alguns gestos e com sinais limitados da sua própria linguagem. Além dos cinco tios surdos, tem o primo mais novo que é considerado a melhor pessoa surda para se comunicar em LIBRAS, por ser fluente na língua. E afirmou sinalizando “O meu primo surdo é o mais novo da família e a comunicação da LIBRAS é perfeitamente excelente”¹⁶¹. E logo sinalizou “Meus avôs tiveram nove filhos, sendo quatro ouvintes e cinco surdos, e a comunicação da família foi desenvolvida em sinais caseiros”.¹⁶²

¹⁶⁰ Recorte de dados das narrativas no vídeo da entrevista, bloco 1: 15:00 – 15:30.

¹⁶¹ Recorte de dados das narrativas no vídeo da entrevista, bloco 1: 03:10 – 03:15.

¹⁶² Recorte de dados das narrativas no vídeo da entrevista, bloco 1: 03:37 – 03:55.

Durante a entrevista, ele começou a apresentar alguns sinais caseiros como mamãe (com a mão beijada), papai (com os dedos dobrados, puxando no rosto como tivesse a barba), arroz (com a mão como tivesse raspando no prato da outra mão) e pão (com as duas mãos como tivesse amassando a farinha de trigo)¹⁶³. Foi interessante conhecer os sinais caseiros dos surdos mais idosos usados na comunicação com os surdos mais jovens. Mesmo assim, dois sujeitos surdos tentam qualquer forma para se comunicar na língua visual, seja caseira, seja LIBRAS.

E o entrevistado afirmou que na escola para surdos, que hoje se chama *Escola de Ensino Médio para Surdos Professora Lília Mazon*, utilizava a LIBRAS naturalmente para se comunicar com os seus pares surdos e professores ou outras pessoas. Porém, em casa com a família utilizava outros sinais diferentes que não formavam os sinais em LIBRAS, pois eram eles que criavam, portanto, eram os sinais caseiros que só a família entendia.

ES2 é casado com pessoa surda, não tem filhos e os dois moram juntos em Canoas. Trabalha como professor de LIBRAS há dois anos em Bagé, na UNIMAPA, porém, comentou que já trabalhou como professor substituto na UFRGS, no PRONATEC, e também foi convidado para ministrar as aulas e dar palestras sobre temas como expressão corporal e classificadores.

ES3 – Entrevistad@ Surd@ 3	
Local de nascimento	Porto Alegre - RS
Idade	48
Formação acadêmica	Pedagogia e mestrado em Educação das Artes
Atuação profissional	Professora de LIBRAS
Local da entrevista	Residência da pesquisadora
Data da entrevista	18 de julho de 2016

A terceira entrevistada - **ES3**, nasceu e reside em Porto Alegre, porém já morou em Sapiranga que fica a uns 60 quilômetros da capital. Alguns acontecimentos levaram sua mãe a desconfiar de que havia algo estranho com sua filha. A mãe dela a considerava um bebê normal, mas quando um dia surgiu um temporal forte, ficou preocupada pela filha ao ouvir os barulhos que vinham de fora. Quando a viu sorrindo, estranhou na hora por esta não ter chorado. Outro acontecimento foi quando uma porta bateu forte por causa do

¹⁶³ Recorte de dados das narrativas no vídeo da entrevista, bloco 1: 04:06 – 04:22.

vento, a mãe foi correndo para ver a filha, e viu que ela estava sorrindo e bem tranquila. Para saber a causa da surdez dela, quando pequena solicitou a mãe para contar a história quando e como descobriu que a filha era surda.

A partir dessas situações, a mãe resolveu levar a filha ao médico, e na consulta, durante os exames foi diagnosticada como surda. Ao saber dos resultados, a mãe ficou muito aflita com a notícia, pensava que não havia outros surdos no mundo e acreditava que a filha era a única. A descoberta aconteceu quando tinha apenas 8 meses de idade.

Preocupada, buscou ajuda na Secretária de Educação do Rio Grande do Sul. Lá recebeu indicação de livros didáticos para deficiência auditiva e de um manual de como educar as crianças surdas. Desde pequena, a entrevistada percebia que não entendia nenhum som e barulhos, pois não conseguia identificar e nem compreender os seus significados. Nas trevas e nas lutas, a mãe queria achar um jeito de fazer a filha ouvir e falar, mas cada ensino, cada cura, cada tratamento eram insucessos e grande fracassos.

Relata que toda família dela é ouvinte. Há pouco tempo ficou sabendo que a prima que reside no Rio de Janeiro, casou e teve um filho surdo e que colocaram implante coclear do menino. E comenta que cada família escolhe o que acha que é melhor para o filho surdo, e para ela o importante é continuar vivendo com a sua língua, LIBRAS.

A pesquisadora interrompe e questiona se a família dela conhecia ou sabia LIBRAS. Ela sorriu e sinalizou que “A mãe fez o curso de LIBRAS, mas conseguiu aprender bem apenas os alfabetos. Às vezes, quando não entendia as palavras que são parecidas na leitura labial que a mãe pronunciava, aí solicitava à mãe para utilizar o alfabeto em LIBRAS para compreender”.¹⁶⁴ Nesta perspectiva, relata que tem uma irmã ouvinte que mora em São Paulo, releva que ela tem orgulho por ser irmã de uma surda.

Relata que inicialmente a comunicação era por gestos e falas ao mesmo tempo. Na época dela, em 1970, quando tinha dois anos estudava na Escola Especial Concórdia e era proibido o uso da língua de sinais e incentivado o uso do método do oralismo para os alunos surdos. Porém, nos intervalos, os surdos procuravam alguns lugares para, escondidos, poderem se comunicar em LIBRAS com os colegas surdos. Logo “a mãe percebeu e compreendeu que LIBRAS auxiliava o desenvolvimento de aprendizado da linguagem mais rápido”.¹⁶⁵

Apenas aos 12 anos de idade entrou pela primeira vez na Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul. Ficou admirada por ter encontrado vários adultos surdos, pois nunca

¹⁶⁴ Recorte de dados das narrativas no vídeo da entrevista, bloco 1: 05:40 – 05:57.

¹⁶⁵ Recorte de dados das narrativas no vídeo da entrevista, bloco 1: 11:03 – 11:08.

tinha visto na vida dela, e de como elas se vestiam e usavam sapatos de saltos. Agora ela entende a importância de haver contatos dos jovens com outras pessoas surdas e de diversas idades.

Em uma viagem para Argentina, conheceu uma família surda. Não sabia que poderia existir uma família onde todos são surdos. Um deles responde “É chato!” e aproveitou para perguntar porque era chato. E ele esclareceu: “Tu tens sorte em fazer parte de uma família ouvinte que não conhece nenhuma outra pessoa surda. Aproveita! Eu, pior, porque as pessoas surdas da família ficam avisando quem devem ser amigos ou não. E ficava uma confusão”.¹⁶⁶ Ela fez uma comparação de como era ter uma família surda e ouvinte, a diferença que se pode afirmar é a fluência da comunicação da língua materna e a convivência nas práticas com as pessoas para adquirir a sua identificação de identidade e da cultura surda.

ES3 é casada com pessoa surda, não tem filhos, moram juntos na capital, Porto Alegre, e ambos são professores de LIBRAS. Ministra a disciplina há dois anos na UFRGS, porém relata que em 1997 estudou Magistério, e no estágio adquiriu os conhecimentos para utilizar a didática e metodologias com crianças surdas.

A partir desse processo iniciou a carreira como professora nas séries iniciais de escolas especiais para alunos surdos, e foi aprovada no concurso para trabalhar na escola municipal de educação especial em Gravataí e ficou por sete anos. Na jornada profissional na escola, às vezes reclamava por estar em desvio de função, pois a escola a usava para ministrar as disciplinas de Língua de Sinais para surdos, mesmo sabendo que não era o cargo para o qual tinha se inscrito durante o concurso.

Depois ela realizou outro concurso, da Prefeitura de Porto Alegre, para realizar o trabalho como práticas sociais, porém, novamente foi alterada a função para que ministrasse a disciplina de Língua de Sinais. E lembrou que já lecionou em instituições superiores como a UNISINOS, nos cursos de capacitação na área da surdez e as disciplinas de LIBRAS, há cinco anos. Sorriu ao dizer que falta pouco para se aposentar.

¹⁶⁶ Recorte de dados das narrativas no vídeo da entrevista, bloco 1: 12:21 – 12:39.

ES4 – Entrevistad@ Surd@ 4	
Local de nascimento	Recife - PE
Idade	36
Formação acadêmica	Pedagogia e Especialização em LIBRAS
Atuação profissional	Professora de LIBRAS
Local da entrevista	Residência da pesquisadora
Data da entrevista	31 de julho de 2016

Segue a entrevista do sujeito comunicante surdo 4. **ES4**, nasceu em Recife no estado de Pernambuco, e atualmente reside na capital do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Desde o nascimento, a mãe dela pensava que a filha era um bebê normal. Mas quando tinha um ano de idade, estava sentada brincando com seu irmão que é ouvinte, e naquele momento a mãe chamou seu nome. O irmão identificou a voz da mãe e olhou para ela. Logo a mãe percebeu que a filha não identificava a voz ou não escutava o chamado do nome próprio. Em outro dia uma porta bateu forte. O irmão dela chorava pelos barulhos da porta, e ela continuava brincando e sorrindo sem se importar com o ocorrido. E assim foi que a mãe descobriu que a filha dela, quando tinha um ano, era realmente surda.

Relata que toda família é ouvinte, se comunicam por leitura labial. Somente o tio sabe se comunicar com ela em LIBRAS, mas este, infelizmente, se casou e mudou para morar na Itália. Sempre estudou na escola inclusiva e se comunicava por gestos, quando um grupo de Testemunhas de Jeová lhe contou que havia bastante surdos frequentando a igreja e que usavam LIBRAS. Pela curiosidade, aos onze anos de idade começou a participar para conhecer LIBRAS e o modo do uso das expressões faciais e corporais. Foi uma aquisição de forma natural e visual.

Depois aos catorze anos, uma vizinha surda considerada como melhor amiga convidou para frequentar a Associação de Surdos situada na capital, Recife. Ficou encantada com a quantidade de pessoas surdas se comunicando em LIBRAS em toda volta. Afirma: “Tão pura, que me deixou muito feliz! Diferente a participação nas Testemunhas de Jeová, não interessava. Ao mudar de rumo, eles me influenciaram bastante, como esportes para surdos, desfiles, e outras diversidades. Gostava muito de jogar vôlei com eles, foi por isso me interessou e comecei a ter contatos com os sinais

novos até chegar a minha fluência”.¹⁶⁷ Logo explica que é grata por ter conhecido a Associação que mostrou novo caminho e a se identificar como uma pessoa surda.

Relembrou os momentos marcantes quando estudava na escola inclusiva. Os professores falavam de costas, às vezes pedia para que os professores pudessem ficar em frente para que pudesse realizar a leitura labial, muitos acabavam esquecendo. E tinha a melhor amiga e colega que ajudava a escrever, e não havia a presença de intérpretes de Libras e foi uma experiência complexa. E afirmou: “Tinha muito preconceito! Sofri muito! Mas eu esforçava para ir em frente para poder concluir os estudos!”¹⁶⁸

Contou que, em 2004, quando veio para Porto Alegre, ficou surpresa ao ver que os surdos gaúchos já estão mais desenvolvidos, com maior prodigalidade na fluência em LIBRAS e que nunca tinha visto na vida dela. Relatou que não sabia o que significavam muitos dos sinais, e necessitou se esforçar para poder conhecer os novos sinais encontrados. E ficou sabendo que havia escolas especiais para surdos no Rio Grande do Sul, e encantada pelo movimento de lutas dos surdos por esse direito.

ES4 namora com pessoa ouvinte, mora sozinha em Porto Alegre e não tem filhos. É professora, ministra a disciplina de Língua de Sinais na escola para surdos, oferece oficinas para as famílias que têm surdos em outra escola, e dá cursos de LIBRAS para os interessados ouvintes na ULBRA. E é professora de LIBRAS trabalhando há dez anos na área. Para ela, ministrar LIBRAS é um caminho de oportunidade de emprego e de desafio, pois os sinais ensinados devem ser da região onde ministra e não onde nasceu, por exemplo.

5.2.2 As narrativas de mediações culturais dos sujeitos comunicantes surdos

As entrevistas com os sujeitos comunicantes surdos foram um momento de mergulhos para encontrar uma forma de compreender como eles construíram e mediarão suas questões culturais, pois as experiências vividas continham diferenças de regionalidade ou de territorialidade. Com isso, a história narrada segue a trajetória pela busca de uma vida melhor, pela língua dos surdos, por uma educação especificada, por uma formação tão sonhada e por um emprego para sobreviver com independência e como cidadão surdo. Portanto, foram expressos elementos que auxiliaram a entender e conhecer

¹⁶⁷ Recorte de dados das narrativas no vídeo da entrevista, bloco 1: 02:40 – 03:00.

¹⁶⁸ Recorte de dados das narrativas no vídeo da entrevista, bloco 1: 04:13 – 04:20.

o entrevistado surdo e como os diferentes sujeitos comunicantes surdos percebem, relatam, convivem com suas culturas e cidadanias comunicativas.

Com base no que estudamos nesta tese, foi importante rever o conceito de cultura na visão dos sujeitos comunicantes surdos, para conseguir reconhecer teoricamente que cultura é dinâmica e flexível. E isso também serve para que o sujeito, quando pisar em qualquer lugar, seja recebida sua diversidade cultural, praticamente como um processo de construção da cultura relacionada em uma conexão entre o espaço e o lugar. Sabemos que as culturas que recebemos são as nossas fronteiras, como refletiu o pesquisador García Canclini (2008). Porém, sabemos também que as culturas não vêm automaticamente prontas e dadas, por isso elas necessitam de nós e nós precisamos delas para apropriar em certas situações do tempo e do espaço que vão mudando, alterando e adaptando.

Em relação às coletas das narrativas dos entrevistados surdos, ES1 sendo o único surdo da família, traz elementos que apresentam como se reconheceu a sua surdez, pela ligação da comunicação visual, em boa parte da vida sem usos de conhecimentos pelos sons e pelas vozes. Nas experiências em uma escola especial para surdos, aos 14 anos de idade descobriu a sua língua materna, um idioma ideal para os surdos se comunicarem com seus pares. Ao retornar à sua cidade onde os pais residem, percebeu uma oportunidade de mostrar aos surdos que existia a língua própria e foi o primeiro professor surdo a ensinar LIBRAS em Santa Cruz do Sul e representar o exemplo da comunicação acessível e visual.

Durante 4 anos morando em Porto Alegre, aprendi a participar no movimento surdo e da comunidade surda. Fui muito bem! Após 4 anos precisei voltar para minha cidade (Santa Cruz do Sul) por motivo financeiro familiar, mas eu aceitei esse desafio para superar as dificuldades financeiras. Como já tinha aprendido na comunidade surda em Porto Alegre, já adquiri os procedimentos em como me defender, me senti seguro. Quando retornei a Santa Cruz do Sul, percebi que muitos surdos ainda se comunicavam por gestos. A partir disso, fui o primeiro professor surdo a ensinar LIBRAS para eles, trazendo os meus conhecimentos de outra cidade (Porto Alegre), portanto sou grato pela escola especial Concórdia onde frequentei. Espalhei o mesmo exemplo de como podemos comunicar LIBRAS para pessoas surdas, pois antigamente em Santa Cruz do Sul não vivia LIBRAS, começou somente em 1991. Antes não tinha nada, imagina! Por isso, fui o primeiro a ensinar, pois queria espalhar e mostrar a nossa língua oficial, logo espalhou para toda comunidade surda (ES1, 45 anos, sinalizado na entrevista do eixo 1 do bloco 1: 05:14 – 06:06).

Durante a entrevista, o entrevistado ES1 relembrou os seus momentos quando morava na cidade de Santa Cruz do Sul. Como os surdos agiam como cidadãos isolados e com dificuldades de contatos com outros surdos fora da escola. Neste caso, aconteceu

com esse entrevistado o encontro com outros surdos em casa dos pais, como ele conhecia LIBRAS, mas os seus amigos surdos só sabiam comunicar por gestos. Uma cultura surda misturando com as outras culturas internas das pessoas surdas, um vê o mundo diferente do outro.

Difícil, a comunicação com os surdos só acontecia na escola, porém nos tempos livres, como lazer, passeios, encontros com os surdos, não tinha como, só ficava em casa com os pais. Essa escola os surdos se comunicavam por gestos. Os surdos mais velhos que eu, vinham de bicicletas para me visitar, a gente batia papo, via televisão e jogava alguns jogos, mas nos comunicavam através por gestos (ES1, 45 anos, sinalizado na entrevista do eixo 1 do bloco 2: 00:51 – 01:26).

O entrevistado ES1 comenta as lembranças que marcaram a barreira de comunicação com as pessoas ouvintes. Também mostra que as práticas discursivas sobre a surdez e a cultura surda originam a discriminação contra as línguas escritas e sinalizadas pelos surdos. E isso significa a falta de conhecimentos dos artefatos culturais produzidos na comunidade surda. E segundo isso, podemos entender a necessidade de construir acessibilidade para todos, como guias de informações que sejam acessíveis para qualquer pessoa surda, sem dificuldade de comunicação.

No passado, o que me marcou a minha barreira de comunicação, foi quando eu percebi que eu não sabia como era a cultura surda, era preciso ter coragem, poder, antes não conhecia nada. Ao contato na escrita, a pessoa não entendia o que estava escrito, começou a limitar a nossa comunicação, e passava a maior vergonha. Era eu que tinha como barreira de comunicação! Não consegui me comunicar através na escrita da língua portuguesa, me sentia como uma pessoa incapacitada e inferior por causa da minha surdez (ES1, 45 anos, sinalizado na entrevista do eixo 1 do bloco 2: 04:40 – 05:15).

Outro destaque, o ES2 pertence a uma família com pai e parentes surdos. O seu processo foi diferente, porém relata que a comunicação dos surdos mais velhos são os sinais caseiros, o que significa que foram criados ou inventados por eles mesmos. Relata as suas experiências de aquisição da língua caseira e LIBRAS como uma forma natural, pois já tinha contato com as pessoas surdas na família. Sempre se considerou como surdo, a sua identificação aconteceu muito cedo e a aquisição da sua língua também. Isso quer dizer que esse entrevistado surdo conheceu a primeira cultura surda dentro da família e depois nesta cultura encontrou e comparou outras culturas mais tarde.

Quando tinha apenas entre quatro e cinco anos de idade, comunicava com as mãos naturalmente. Quando entrei na escola para surdos, fui adquirindo a comunicação de forma natural na própria LIBRAS, foi a escola que me deu

essa língua. Mas, enquanto a minha família possui a sua própria língua separada e diferente. Quando vou encontrar a minha família comunico a outra língua visual e caseira, e quando entro na escola utilizo a própria LIBRAS, vivo esses dois lados das línguas – CASEIRA e LIBRAS (ES2, 40 anos, sinalizado na entrevista do eixo 1 do bloco 1: 04:42 – 05:17).

ES2, o entrevistado surdo, ao longo da entrevista apresenta alguns elementos que estão relacionados com a diferença, o poder e a dominação. Como surdo, reconhece a falta de conhecimentos/informações sobre as pessoas surdas na sociedade em lugares públicos, por exemplo, entrar numa loja em que não sabem como receber o cliente surdo, assim como também acontece em outros lugares como nos hospitais, nos bancos e outros. Esse entrevistado surdo trouxe memórias marcantes, o verdadeiro sentimento de ser surdo no meio da sociedade, com essas memórias narradas por ele, demonstrando, em seu relato, uma relação de duas culturas completamente distanciadas uma da outra, ouvinte e surda.

Um caso que aconteceu comigo, foi horrível! Na máquina fotográfica dentro tinha filmes para revelar as fotos, quando fui em uma loja, chegou a vendedora falando, tive que avisar que sou surdo. Ela fez uma expressão de estranha! Levei um susto, mas fiquei quieto. E a vendedora começou a mexer a cabeça por lados olhando para minhas orelhas, e avisou para esperar. Vi ela conversando com outra pessoa, logo ao voltar, estava escrevendo no papel para explicar o meu pedido, na mesma hora o meu celular vibrou, peguei para olhar as mensagens. A vendedora ficou tão braba e xingando, fiquei surpreso e olhando para ela sem entender. E tentei explicar que não escuto, e escrevi no celular que uso para enviar as mensagens e mostrei para vendedora ler. Não falou nada, a vendedora ficou calada! (ES2, 40 anos, sinalizado na entrevista do eixo 1 do bloco 2: 05:08 – 06:11).

Outra história, precisei ir ao banco Santander, fui bem recebido, porque um deles conhecia LIBRAS e tinha um irmão surdo (...). A comunicação foi tão acessível e fácil, podia escrever e ele me entendia. Fiquei admirado, pois continha informações que não sabia. E outros lugares surgiam barreira de comunicação e não entendia nada. Tive uma experiência diferente! (ES2, 40 anos, sinalizado na entrevista do eixo 1 do bloco 2: 06:19 – 07:03).

Um vendedor em uma loja de carros veio falar comigo, estava olhando os carros e avisei que sou surdo. Ele rapidamente percebeu, escreveu em um papel, só que eu não entendi o que estava escrito. Foi difícil, porque a minha estrutura do português era muito diferente de como os ouvintes escrevem. O vendedor esforçou para entender o que eu escrevi, mas claro, ele precisava vender o carro. Me atendeu muito bem! (ES2, 40 anos, sinalizado na entrevista do eixo 1 do bloco 2: 07:05 – 07:33).

Outro momento, em um bar, pedi em LIBRAS - um café -, o vendedor ficou olhando com uma cara expressiva, resolvi apontar na xícara de café e consegui me entender. Tem outro tipo de café diferente, aí demora mais para descobrir o que queria pedir. O vendedor ficava mexendo a boca, e eu apontei na minha orelha expressando que não escutava. Ora, as vezes eu desistia o pedido, precisava ter muita paciência em toda a minha vida. (ES2, 40 anos, sinalizado na entrevista do eixo 1 do bloco 2: 07:34 – 08:05).

ES3 relatou uma experiência traumática por ser a única surda da família. A mãe dela tinha um sonho de que a filha escutasse e falasse, porém ela questionava a própria mãe porque a tinha escolhido como filha e surda. Sua narrativa resgata a importância da sua luta em escolha da surdez, ou como pessoa surda. Na entrevista, ES3 prova que a sua luta era incansável, tão sonhada da sua mãe era ver a filha ouvir, depois das tentativas sem retorno positivos, finalmente ela consegue assumir a sua identidade e a cultura surda sem preconceito. A partir disso, a relação entre mãe e filha floresceu e fortaleceu, pois, esse laço foi construído com amor e confiança, além da aceitação em ter uma filha diferente e não deficiente.

Eu não quero sofrer! Fomos em São Paulo, eu mesma não acreditava sempre, mas minha mãe acreditava por influência familiar. Recebi várias injeções em toda parte do meu corpo, eu olhava em estado de choque e pensava que ia ficar louca. Tinha oito pessoas que me seguraram com forças, eu ficava apavorada, essas injeções eram para curar a minha audição. Através de vários exames como batimentos de sons, eu ficava frustrada e falava para minha mãe que - Não quero ouvir. Quero ser surda e me deixa em paz! Não quero mais! Quem te falou?. A mãe responde que - Foi o tio do pai, diz que acreditava esse tratamento. Logo respondi para minha mãe - Eles só pensam explorar o dinheiro, você perdeu com esse dinheiro, jogando fora e esse dinheiro podia ser usado para mim poder viajar (ES3, 48 anos, sinalizada na entrevista do eixo 1 do bloco 1: 02:42 - 03:39).

Há situações complexas no processo da aceitação e da relação da filha surda e da família ouvinte. Partiremos agora para etapa interessante que marcou a vida da entrevistada ES3. Conta que conviveu com deslocamentos de diferentes cidades. A maior parte da infância até fase adulta morou em Porto Alegre. Começou a namorar um surdo que morava na mesma cidade, mas que quando concluiu os estudos se mudou para outra, Sapiranga, que fica situada a uns 60 quilômetros da capital do Rio Grande do Sul. Como ela trabalhava em Porto Alegre, todo o fim de semana viajava para Sapiranga para encontrá-lo, e às vezes ele também viajava para a cidade onde ela morava. Em alguns anos acabou morando em Sapiranga e conta as suas experiências desta cidade.

Ao conhecer via como uma cidade pequena, comparando em Porto Alegre sendo a capital e uma cidade grande. Eu gostava muito aqui (Porto Alegre), estava acostumada! Depois de 4 anos de namoro, resolvemos casar e tive que mudar para morar com ele em Sapiranga. Não acreditava que mudei de cidade! Será que me mudei de verdade?! Pensava que nunca mais moraria em Porto Alegre! Tinha certeza?! Na mudança não tinha hábito dos horários, pois, sobrava tempo, porque em Porto Alegre não sobrava tempo e estava sempre ocupada. Lá, sobrava tempo, por exemplo, acordava, fazia as minhas coisas como cozinhar, limpar, durante a tarde aproveitava ler revistas (...). Em um momento eu vi três surdos pequenos pedindo para visitar. Eu deixei eles entrarem na minha casa, eles ficavam admirados a minha fluência da LIBRAS

e ensinava eles. Quando comecei a estudar, parei de ensinar eles e foram embora. Aí, o estudo começou a ocupar o meu tempo! E morei dez anos com meu marido em Sapiranga. Quando passei em um concurso em Gravataí, depois de 1999, tive que morar com a minha mãe em Porto Alegre. Ao retornar na antiga cidade, me levei um choque pelo trânsito violento e sem educação. Fiquei abalada a transformação radical da cidade, percebi a diferença da outra cidade, tão complexa, pois, lá tinha tempo para estudar e ler com mais tranquilidade. (ES3, 48 anos, sinalizada da entrevista do eixo 1 do bloco 2: 00:50 – 02:51).

A entrevistada surda, ES4, apresentou seus momentos importantes de atuação como estudante surda com colegas durante a formação acadêmica. Sua narrativa resgata a importância da participação, da presença de intérprete de LIBRAS em sala de aula, que deve servir como uma ponte de comunicação para que o surdo possa receber os conhecimentos científico e acadêmico. A própria entrevistada surda refere abaixo os conflitos vividos e as reações à presença dos intérpretes de LIBRAS e também o orgulho que sente da sua língua como cultura.

Me lembro durante quando estava estudando Magistério aqui em Porto Alegre, não tinha intérpretes de LIBRAS. Todos me olhavam, porque achavam que eu era uma pessoa normal e não era uma pessoa surda, por ter um corpo como um ouvinte. Ao passar o tempo, chamei um colega, avisei que eu era surda, levaram o choque, e pedir um favor para o colega escrevesse um resumo o que estava passando os conteúdos na aula. Consegui ter uns quatro colegas que ficaram unidas quando eu precisava de ajuda. Foi difícil, porque muitos falavam na sala de aula. Eu não tinha paciência de ficar atenta para ler os lábios! Eu aprendi a minha língua – LIBRAS! Um dia precisei chamar um intérprete de LIBRAS, todos os colegas ficaram admirados pela minha sinalização em LIBRAS. Mas, tive que pagar o intérprete de LIBRAS! Logo, os colegas começaram a entender que era importante ter intérprete de LIBRAS nas salas de aulas. E pensava sobre o futuro que precisava ter professores com conhecimentos em LIBRAS (ES3, 48 anos, sinalizada na entrevista do eixo 1 do bloco 2: 07:20 – 08:38).

A entrevista surda - ES4 apresenta um processo de experiência da convivência com pessoas ouvintes na maior parte na vida adolescência, pois, estudou toda vida em uma escola inclusiva em que todos são ouvintes e ela como a única estudante surda. Grande desafio na luta de outra língua que não era dela, um mundo completamente diferente e se sentia isolada. Porém, foi a comunidade surda que abriu os olhos dela mostrando a existência da língua visual – LIBRAS, que mudou radicalmente a sua subjetividade e a identificação da sua identidade e da cultura. Narra a experiência sobre a independência e a distância da família para superar a vida nova onde construiu a sua formação acadêmica e profissional.

Como já cometei que fui acostumada com a convivência com os ouvintes, pois estudei na escola inclusiva. Na Associação de Surdos de Pernambuco, como era jovem na época, observava os diferentes níveis dos surdos e adquiri naturalmente a LIBRAS. Tinha movimento surdo, mas era muito parado e não tinha muitos líderes surdos. As maiorias iam para FENEIS para desenvolver os cursos para futuros instrutores de LIBRAS, e outras atividades como palestras, e outros a característica do movimento não era uma fortaleza forte. (...). Em 2002, nas minhas férias, queria visitar em Porto Alegre para conhecer e comparar com a minha cidade sobre o meu estudo na Universidade. Sou grata pelo meu melhor amigo surdo que me convidou a minha vinda, tive oportunidade em conhecer a Sociedade dos Surdos em Porto Alegre e fiquei admirada, assustada ao ver que a comunidade surda tinha o nível mais alto. Uma pessoa me ajudou, falava para eu prestar bem atenção nas conversas dos surdos. Era uma comunicação limitada entre os surdos gaúchos, me sentia vergonha, pois os movimentos de lutas deles estavam sempre em dinâmicos. Tinham agendas marcadas para batalhar os seus direitos, percebi que na minha cidade era completamente diferente, era o movimento sem vida e parado. A preocupação minha foi da minha cidade que tinha dificuldade de realizar a busca de líderes surdos e novos movimentos. Na hora me senti como estranha! Foi a partir disso, iniciei a me questionar – O que eu quero no meu futuro?. Aceitei esse desafio, ficar firme com a nova vida, morar sozinha, pagar as contas, mas foi a minha escolha, era isso que eu queria mudar a minha vida. Porque tinha intérpretes de LIBRAS nas universidades, lá em Recife eu pagava intérpretes de LIBRAS (Jeová) e tinha dificuldade de pagar. Aos 24 anos de idade, já me mudei para capital do Rio Grande do Sul, sozinha e a minha família ficou em Recife. Foi uma luta difícil, muitas pessoas me ajudavam por exemplos, como pegar ônibus, metrô, para chegar na universidade. Não sabia como alugar para poder morar, precisei aprender a dividir o dinheiro para pagar o aluguel. Sempre dependia a minha família! Foi um choque, até não sabia como cozinhar, me sentia mal no começo! No primeiro mês morando sozinha, descobri que precisava pagar a luz, a internet, essa coisa não sabia nada. (...) Mas, realmente sentia saudade da minha família, estando muito longe, as vezes tinha vontade de desistir e voltar em Recife. Sofria com o frio, ficava doente e não estava acostumada! Logo comecei a pensar melhor, necessitava ficar firme com os pensamentos positivos na nova vida e hoje estou muito melhor com as experiências que aprendi aqui (ES4, 36 anos, sinalizada da entrevista do eixo 1 do bloco 2: 03:32 – 04:48).

Ser capaz, para a entrevistada ES4, significa ser independente, sem ajuda da família e dos intérpretes e de outras pessoas, apresenta as escolhas com esforço, pensamento positivo, a busca de uma cidadã qualquer. Esconder não adiantava quando ficava doente, a saúde não serve como brinquedo, por isso sabia que precisava ser tratada por um médico, sabendo que encontraria a barreira de comunicação. E descobre que ela pode realizar todos seus sonhos, desejos, pois são uma parte que pode começar uma história onde a comunicação tem que ser superada para todos.

Primeira vez que fui sozinha ao médico em Porto Alegre, não família para me acompanhar, estava muito mal, vomitava e febre alta. Resolvi pegar táxi sozinha, ao chegar, avisei a recepcionista que era surda, e estava doente com febre e escrevi no papel também. Pensava com medo de errar, mas queria esforçar o melhor para resolver essa situação sem ajuda de ninguém. Quando fui chamada, o médico assustou por ser a paciente surda, logo avisei para falar mais devagar e escrever. Fiquei nervosa e tremia por ser a primeira vez. Não

tinha a minha mãe por perto, precisava aceitar para superar esse momento sozinha. Meu coração acelerava! O médico examinou a garganta, a pressão, ao escrever no papel, eu não conseguia entender as letras do médico. Apontei as palavras no papel e avisei que não estava conseguindo compreender nada. Solicitou escrever as palavras básicas e comecei a reconhecer que significavam os sintomas que eu estava sentindo. O médico afirmou o remédio para eu que deveria tomar. Agradei e percebi que eu tinha capacidade de realizar as coisas sozinha, além da comunicação, que as pessoas aceitaram o desafio de entender a minha comunicação e eu da outra comunicação (ES4, 36 anos, sinalizada na entrevista do eixo 1 do bloco 2: 10:43 – 12:13).

As narrativas dos sujeitos comunicantes surdos estão presentes no modo como cada um se define e narra diante de questões propostas ao longo das entrevistas feitas, assim como a forma como são compreendidas pelo seu processo da identificação e da construção como pessoa surda. Foi possível encontrar seus argumentos sobre a barreira da comunicação, a negação da surdez, a integração na comunidade surda como três pilares, são: práticas comunicacionais, sociais e políticas.

Encontramos que os seis entrevistados tratam da importância do reconhecimento do Ser Surdo com a sua língua, a sua cultura e a identificação da sua identidade surda. Por sua dimensão, quando o sujeito comunicante surdo surge no meio da família ouvinte, muitas vezes, ele é identificado de forma tardia, em conflito por falta de informação e conhecimento. Interessante que os relatos dos sujeitos comunicantes surdos são sempre colocados nas lutas, nas procuras e nas buscas pelos seus direitos, pela sua língua, pela sua cultura, pela identificação dos outros surdos como eles. Como a entrevistada ES3 afirma na sua fase de conflito familiar em que não queria escutar, pois para ela não era importante ouvir, já era feliz com a sua surdez e a comunicação visual foi uma porta que abriu para o mundo. Já com o entrevistado ES2 foi diferente, nasceu cercado por parentes surdos, além do pai também surdo, sentiu naturalmente como um surdo sem preconceito familiar.

Neste contexto, os valores dos direitos dos sujeitos comunicantes surdos entrevistados apresentaram que as culturas surdas devem estar relacionadas com o reconhecimento de si mesmos e o acesso à comunidade surda, pois com ela esses sujeitos vão encontrar o seu mundo, a sua comunicação na LIBRAS e a construção da sua identificação cultural. O pertencimento à comunidade surda é que vai garantir, como defensores da língua, da cultura e outros aspectos, que possam apresentar as suas visões acerca das formas de viver como uma pessoa diferente e não como um deficiente.

5.2.3 A relação com a cidadania comunicativa surda

A produção de exercícios de cidadania comunicativa surda para os sujeitos comunicantes surdos que foram entrevistados teve um processo dinâmico. Com as suas narrativas podemos conhecer melhor a realidade de como eles são produzidos. Nos últimos tempos, enfrentaram expressamente a busca, como cidadãos surdos e por meio de características como justiça, igualdade e força, pelo pertencimento à comunidade surda, pois eles são os mediadores desta e seus membros. Por isso, a pesquisadora elaborou questões ligadas às experiências construídas pelo modo como cada um vive sendo um sujeito comunicante, líder e cidadão surdo.

De modo geral, o que se consegue perceber é que as experiências que eles tiveram com a família, a mudança de cidade ou de estado, foram carregadas de diferentes culturas em diversos tipos de grupos sociais. De certo modo, para praticar a cidadania comunicativa surda, eles devem estar no grupo de surdos para aprender a identificar e a aprender a ser cidadãos surdos, como aprendemos em outras coisas, até chegar à afinidade das origens e dos vínculos políticos e sociais. Porque através da identificação com um grupo vai descobrir as suas características comuns, as suas semelhanças com os membros surdos, porém, ao mesmo tempo, eles vão necessitar tomar consciência das diferenças que encontram frequentemente no seu cotidiano, na comunicação.

Sendo a comunicação a principal referência de uso no dia a dia na sociedade, a escrita e a leitura sempre estão presentes, provocando a necessidade de se ter conhecimentos básicos da Língua Portuguesa como palavras-chaves. Quando os surdos adquirem os estudos de graduação, mestrado e doutorado, esses surdos têm maior possibilidade de produzir vocabulário em LIBRAS e na Língua Portuguesa. Com esses conhecimentos ajudam a melhorar a fluência da língua visual. E também, quando os surdos viajam para outros lugares no mundo e têm contato com os outros surdos, conseguem ampliar a fluência da língua. Curiosamente, a maioria desses sujeitos, muitos deles já mestres e doutores, e mesmo possuindo outras formações acadêmicas, são professores de LIBRAS, mas também atuam nas pesquisas vinculadas aos Estudos de Surdos. Também na atuação do trabalho como professores, ministram as disciplinas de LIBRAS que são oferecidas nas grades curriculares obrigatórias dos cursos de graduação nas instituições superiores que cumpriram o Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.

O entrevistado ES1, percebe que os estudos realizados no período do mestrado motivaram suas leituras. Além disso, as mídias como nanosmartphones foram o que mais influenciaram, pois eles podem estar presentes em qualquer lugar. Sobre a convivência com essas mídias, o entrevistado lembra que a LIBRAS também está presente como uma cultura adquirida, e portanto, ele pode adquirir mais uma língua, nesse caso, a língua mais utilizada pelo povo brasileiro, diferentemente de um ouvinte que vive apenas a língua oficial do país.

Agora me vejo melhor como um surdo fluente da língua de sinais, porque estudei mais durante o meu mestrado, muitas leituras, algumas novas informações, onde aprendi buscando muitos conhecimentos. O que mais me influenciou foi o uso das tecnologias, nos nanosmartphones (WhatsApp), tentando aprender para construir novos saberes e hoje posso afirmar que melhorei bastante. (...) LIBRAS é a minha própria Cultura Surda e é como qualquer outra língua. Também posso adquirir uma pessoa bilíngue que possibilita aprender a língua portuguesa na modalidade escrita ou utilizar a minha língua reconhecendo como sou surdo (ES1, 45 anos, sinalizado na entrevista do eixo 1 do bloco 3: 03:50 – 04:26).

Para manter os contatos com os amigos surdos, o ES1 afirma que na maior parte das vezes usa o WhatsApp, uma ferramenta ágil e útil, pois com ela é possível reconhecer as palavras automáticas quando são digitadas e permite gravar, enviar e receber vídeos. Os vídeos são uma das vantagens como comunicação visual dos surdos, os vídeos são utilizados muitas vezes para quem não entende o que está escrito ou não consegue se expressar, isso facilita a compreensão do que quer ser dito de forma livre e natural.

Entro em contato com os meus amigos surdos no WhatsApp, porque é mais rápido e prático. Difícil usar por e-mail, só uso se for um comunicado importante para explicar, encaminhar e anexar os arquivos. Por mensagens no nanosmartphone posso marcar hora ou combinar algo, é mais útil (ES1, 45 anos, sinalizado na entrevista do eixo 1 do bloco 3: 03:16 – 03:31).

A circulação das mídias pelos sujeitos comunicantes surdos é fundamental para quem quer ampliar o vocabulário de língua portuguesa para escrever, ler ou até falar (leitura labial). Os meios de comunicação como a televisão, a internet e o nanosmartphone são as mídias mais utilizadas pelos surdos. Essas linguagens escritas e digitais formam uma estratégia informacional para aprender em qualquer momento, pois o acesso à internet é possível nos nanosmartphones, e ao chegar em casa, nos horários de lazer, é possível ligar a televisão e adicionar as legendas. Com isso, a vida dos sujeitos comunicantes surdos é acompanhada dos meios digitais mesmo quando estão longe da

televisão e de outra mídia. E isso garante a liberdade dos cidadãos e sua inclusão na sociedade majoritária.

No passado me via a minha escrita da língua portuguesa como péssima, durante no processo ao uso no Facebook, na televisão com as legendas, foram aportes para atingir maior vocabulário das palavras portuguesas. Lembrava os verbos, as palavras e as frases que escrevia errados. Sempre olhando e aprendendo, reolhando e reaprendendo. Como fosse uma memória para conseguir usar corretamente em outros momentos na modalidade escrita. Por isso, acho importante o uso dessas mídias (televisão, WhatsApp, legendas, Facebook e outros) como suportes de exercícios para poder usar na minha prática nas estruturas gramaticais e observar os contextos das frases (ES1, 45 anos, sinalizado na entrevista do eixo 1 do bloco 3: 04:38 – 05:16).

Falando de seu ponto de vista, o entrevistado ES1 aponta as diversidades culturais que observou em diferentes de tipos de culturas, assim como “A fecundação do próprio sujeito surdo, outro exemplo que podemos citar é a cultura indiana que possui sua língua própria assim como em outros países possuem sua cultura. É impossível ter a única cultura igual para todo mundo!” (sinalizado na entrevista do eixo 1 do bloco 3: 07:15 – 07:28).

Na entrevista de ES2, ele conta que associação dos surdos permite a reunião dos grupos de surdos que defendem o uso da sua língua natural para produzir a sua cidadania comunicativa surda e adquirir valores sociais e políticos. Não é só isso, pois também reflete um espaço sagrado e acolhedor para que possam ser respeitados e aceitos num processo de pertencimento à comunidade surda. Por outro lado, apesar da rotina de trabalho e de outras atividades, os sujeitos comunicantes surdos, podem continuar o contato com os outros surdos através das mídias, seja na internet, no nanosmatphone, no computador, no tablete e outras, usando as mensagens digitais e os vídeos como recursos comunicacionais.

Na minha juventude, ia sempre na associação dos surdos e na minha infância até ao na fase adolescência encontrava os surdos todos os dias na escola. Quando conclui o ensino médio, comecei a frequentar na associação para continuar os contatos com os surdos. No momento que fui chamado para trabalhar em uma empresa, ficava sozinho. E quando conheci uma mulher surda, minha atual esposa, morava juntos e comunicava com ela sempre em LIBRAS. (...) atualmente existe nanosmartphone com melhor qualidade, pois a maioria dos surdos usa mais para comunicar por mensagens (...), como aparelhos mais antigos tinham ferramentas fracas e ruins, isso dificultavam a comunicação entre os surdos. Hoje, a qualidade dos vídeos melhorou bastante, já ajudaram a comunicação com maior facilidade (ES2, 40 anos, sinalizado na entrevista do eixo 1 do bloco 3: 01:58 – 03:10).

Esse entrevistado ES2, mostra que é preciso reconhecer a si mesmo, entender como era ser surdo no passado e ser surdo no presente. É uma comparação extraordinária, pois pode-se assistir em vídeo como ele se representava uma pessoa surda, e analisar que os sentimentos sobre os significados do ser surdo levam tempo para amadurecer. Neste processo, a construção do ser surdo não vem pronta, portanto ele necessita conviver com os outros membros iguais dentro na comunidade surda, mesmo distanciado ou próximo. Podemos afirmar que o encontro desses membros surdos vai abrir o caminho com sua bagagem de cultura e de cidadania comunicativa surda, para a compreensão de seus interesses, direitos e valores.

Me lembro que um vídeo gravado quando eu era mais novo, quando assisti e me via muito diferente. Tinha energético tão alto, me expressava tanto! Hoje, me sinto diferente, como uma pessoa surda com mais maturidade da língua! Ao me ver no vídeo, deu vontade de dar alguns conselhos para si mesmo quando era jovem... Assim, como percebemos que naquela época não tinha tecnologias, a gente não previa o futuro e não tinha como saber se um dia chegaria tablete, nanosmartphone e outros. Por isso, considera LIBRAS a única comunicação direta e presencial. Agora, podemos saber que as mídias possuem as possibilidades de comunicar sem as presenças do outro (ES2, 40 anos, sinalizado na entrevista do eixo 1 do bloco 3: 03:38 – 04:18).

Respondendo às mesmas questões, a entrevistada ES3, sendo a mais experiente, conta que a associação dos surdos é um ponto de encontro para integração dos surdos com o uso da LIBRAS. Além de manter contatos com seus amigos em outros lugares, assim como também no trabalho. Sente-se orgulhosa em poder participar nos eventos públicos como teatro, pois estão oferecendo a acessibilidade para os surdos poderem assistir os espetáculos com a presença de intérpretes de LIBRAS. Isso é muito novo, a sociedade no Rio Grande do Sul está se transformando e entendo a necessidade de cada deficiente.

Na minha rotina, eu participo mais na associação, a Sociedade dos Surdos em Porto Alegre, para manter contato com os surdos com a comunicação em LIBRAS. Meus amigos surdos que tenho contato também. No trabalho, as vezes tenho contato com eles. E quando fiquei sabendo através da notícia no Facebook sobre a programação de teatro com a presença de intérpretes foi divulgada, com ingressos gratuitos para assistir na peça Frida. E também tem outros lugares, como Teatro São Pedro está aceitando os intérpretes para tradução das peças de teatro, um deles é Paris (ES3, 48 anos, sinalizada na entrevista do eixo 1 do bloco 3: 01:48 – 02:33).

ES3 narra a sua trajetória no reconhecimento da sua língua materna, entre a evolução e o amadurecimento da língua. Afirma que, ao assistir no vídeo, foi quando ela

conseguiu ver a si mesma, como sinalizava e se expressava em LIBRAS; morria de vergonha, não acreditava naquilo. Isso marcou a vida dela e diz que até ajudou a compreender o que precisava melhorar e amadurecer na sua língua. Percebemos que ela era a única surda da família, ninguém podia mostrar como se comportava uma pessoa surda. A pesquisadora foi pega de surpresa e isso a fez refletir, pois os surdos precisam de alguém como espelho; mas mesmo assim é importante reconhecer a própria língua através dos vídeos.

Ao me reconhecer minha primeira língua (L1), muitas pessoas riam de mim, me achava estranha e pensava – será estava sinalizando corretamente ou erradamente? Ficava na dúvida, quando eu era mais nova, os surdos me filmavam quando eu sinalizava naturalmente em LIBRAS. Depois me mostraram o vídeo, fiquei admirada, foi horrível me ver sinalizando, parecia como em velocidade *slow*, o vídeo me ajudou muito quando para aprender e melhorar. Foi importante esse tipo de reconhecimento na minha produção em LIBRAS, por isso vale como autoajuda para desenvolver a língua com a expressão delicada e suave, porque a minha expressão era muito exposta. É igual como a língua portuguesa na modalidade escrita, escrevendo errado até escrever com a estrutura ideal. Isso também acontece na LIBRAS! Assim como eu sinalizava errado, com mau jeito, achando legal a língua de sinais. Mas, não era isso, LIBRAS tem suas regras gramaticais, além de acompanhar o contexto com uso da expressão, foi isso que comecei a entender (ES3, 48 anos, sinalizada na entrevista do eixo 1 do bloco 3: 02:57 – 04:08).

Outra narração é comentada pela ES3, que respeita a segunda língua que é a língua portuguesa, para o uso das leituras, das mensagens digitais e outros por estar inserida na sociedade dos ouvintes. Por outro lado, como professora de LIBRAS e surda, não tem medo de escrever e de comunicar com os ouvintes, pois o importante é que eles reconheçam as dificuldades e as estruturas formadas na escrita da língua portuguesa pela pessoa surda.

A minha segunda língua (L2), aprendi na escola inclusiva e tive que trair essa língua, pois adotei a LIBRAS para sempre. Meus pais me falavam que eu tinha inteligência e era capaz de aprender. (...) as leituras me ajudavam a ter ideias, porém, as vezes não tinha tempo para ler, quando estava sempre saindo e ao voltar em casa, tinha mais tempo para concentrar e dar mais atenção nas leituras para compreender o seu contexto. (...) as leituras são importantes para usar na sociedade ouvinte, o uso do português, porém eu respeito essa língua para comunicar através nos e-mails e outros elementos comunicacionais. Tenho muita coragem para escrever e não tenho medo! É importante que eles me reconheçam como professora surda (ES3, 48 anos, sinalizada na entrevista do eixo 1 do bloco 3: 04:13 – 05:39).

Na profissão atual, ES3 procura definir e problematizar o significado do termo ‘cultura surda’ com seus estudantes. Os ouvintes não conseguem compreender o

significado da cultura surda, é complexo para eles. O que se faz necessário é o surgimento de novos saberes e de conhecimentos sob várias perspectivas de cultura surda. A aproximação à cultura surda é um convite para se entrar no universo da comunidade surda, do silêncio, da língua, da arte, da dança, da literatura, um modo surdo de ser interpretado, adaptado e relacionado.

Eu peço por meus alunos ouvintes pesquisarem num livro indicado que relata sobre o que pensa a língua nos diferentes idiomas, as diversidades dos sujeitos surdos, e outros tópicos. Acho fundamental discutir o termo de cultural, pois muitos não percebem, há muitas diferentes culturas, por isso, para os alunos acham estranho o termo de cultura surda, é como fosse um conceito exagerado demais. E mostrava os exemplos como esporte surdo, língua surda, casa surda, mãe surda, idosa surda, cão surdo, todas palavras completam com o surdo ou surda. Tem tudo relacionado! É importante mostrar que essa palavra para analisar e investigar. (...) escolhi a autora Karin Strobel que descreve sobre a cultura surda, e o que ela representa na cultura visual. Ajuda a compreender melhor a comunicação dos surdos, a adaptação dos lares para os surdos, muitos me perguntavam se era possível que os surdos morem sozinhos (ES3, 48 anos, sinalizada na entrevista do eixo 1 do bloco 3: 05:58 – 07: 47).

ES4 narra a sua opção de entrar em contato com os outros surdos, utilizando alguns ambientes preferidos: “Toda semana utilizo mais no WhatsApp, mensagens digitais, Facebook, no ambiente do nanosmartphone para manter contatos com os amigos surdos comunicando por LIBRAS em todos os dias e nunca paro de conversar” (ES4, 36 anos, sinalizada na entrevista do eixo 1 do bloco 3: 02:08 – 02:20).

A entrevistada ES4 lembra que na sua primeira identificação foi tratada como uma pessoa ouvinte, afirmando que no universo em que conviveu na escola inclusiva não tinha nenhum colega surdo e nem nenhum contato com a língua de sinais. Portanto, foi uma trajetória de lutas e de desafios, ao se mudar de estado foi aceita como pessoa surda e reconheceu que a sua língua tinha evoluído.

Para ser sincera foi muito difícil durante a minha vida, reconheço que antes era horrível, pois eu era uma pessoa difícil, teimosa, não entendia português, completamente nada. Lembrar o meu momento do passado foi um período complicado, hoje posso dizer que sou grata por ser outra pessoa diferente que seguiu outro caminho para melhor. A minha fluência da LIBRAS evoluiu bastante! Quando tirava férias, ia para minha cidade natal, não estava acostumada pois via eles em outro nível, precisei baixar o nível para poder comunicar com eles. (...) agora a comunidade surda de Recife avançou muito por causa da formação dos cursos de Letras-Libras que mostrou outra possibilidade de crescer com a língua dos surdos. Estou morando em Porto Alegre faz 14 (catorze) anos, sou muito agradecida, pois aqui aprendi a ser fluente da LIBRAS (ES4, 36 anos, sinalizada na entrevista do eixo 1 do bloco 3: 02:32 – 03:50).

Na experiência da entrevistada ES4 sobre o processo da aquisição da língua portuguesa, refere que teve um percurso complexo, não compreendia os significados das palavras, colava o tempo todo para conseguir passar. Ao chegar no estado do Rio Grande do Sul, a vida dela mudou, quando foi estudar na universidade parecia que o mundo ia cair, mas como era uma mulher forte e guerreira, não desistiu dos seus estudos. Com ajuda dos intérpretes de LIBRAS conseguiu reconhecer as palavras e produzir as escritas dos trabalhos acadêmicos.

Foi difícil, tive contato com a língua portuguesa com os ouvintes na escola inclusive, horrível! Colava tudo, os professores me deixavam, pois eles me passavam por séries, como eu tivesse chutando. Meu tio me ajudava a mostrar como era a estrutura da língua portuguesa, foi paciente comigo, pedia para eu escrever e tentar melhorar. Quando ingressei na universidade, me levei um susto, estava sozinha, tentava comunicar com os colegas, medo por barreira de comunicação me fez não desistir e ir em frente. Ficava nervosa por ter passado as mesmas situações na escola inclusiva. Ao tempo foi passado, com a presença dos intérpretes de LIBRAS me ajudava a explicar e entender as escritas do português nos textos e outros. Precisava entregar os trabalhos por escritos, tive que esforçar a ler mais, comecei a lembrar as dicas dos intérpretes sobre os contextos e argumentos. (...) quando comecei a reconhecer as palavras percebi que os professores na escola inclusiva não tinham esclarecidos os seus significados, me senti mal, mas a partir da descoberta encontrei o gosto da escrita. (...) Um dia enviei uma mensagem escrita por e-mail para família, todos ficaram admirados a minha escrita e ficaram felizes, dando parabéns pelo meu esforço de estudo da escrita, pois não esperavam (ES4, 36 anos, sinalizada na entrevista do eixo 1 do bloco 3: 04:01 – 05:44).

ES4 entende que o sujeito comunicante surdo deve identificar a sua identidade e a sua cultura surda com os outros surdos adultos na escola. Como professora de LIBRAS, percebe que há muitas coisas que precisam melhorar para a acessibilidade comunicacional nas escolas para surdos. A fluência da LIBRAS, por exemplo, está em primeiro lugar. Isso é porque para que a informação chegue aos alunos, estes têm de estar bem informados sobre como funciona uma língua pura. A pesquisadora concorda com esse ponto, pois a comunicação é um direito para todos, portanto a base educacional nas escolas para surdos tem de procurar uma forma de atender e de comunicar usando uma língua fluente.

Na minha perspectiva a identificação da identidade surda está inserida com a língua de sinais, sendo como uma cultura natural para surdos. (...) existe algumas falhas da acessibilidade, ainda falta muito para avançar e melhorar. Na educação especial para surdos tem dificuldade, pois faltam estimular os professores ouvintes na fluência da LIBRAS. (...) é importante eu estar lá estimulando, pois eles podem identificar a mesma identidade surda (ES4, 36 anos, sinalizada na entrevista do eixo 1 do bloco 3: 06:30 – 07:25).

De modo geral, podemos perceber as diversidades culturais nos modos como os sujeitos comunicantes surdos narram suas experiências próprias com a convivência das duas línguas, LIBRAS e LP¹⁶⁹. Assim como os entrevistados ES2 e ES3 relataram que, ao ver os seus vídeos gravados, perceberam que leva tempo para construir a sua fluência da LIBRAS, o seu processo dos usos das expressões faciais e corporais, que são construídos no procedimento de incorporação do sujeito comunicante surdo e nos contatos com os outros surdos. A entrevistada ES4 relata que a sua fluência evoluiu bastante quando pertenceu à comunidade surda gaúcha, sentindo essa diferença mesmo sabendo que era uma pessoa surda como eles, com a comunidade compreendeu a importância da existência de líderes surdos, formação acadêmica e os defensores da língua. Na construção de aprendizado da LP para os entrevistados, na verdade, cada um teve suas experiências diferentes, porém a pesquisadora preferiu realizar uma comparação de como os surdos que estudaram na escola especial para surdos têm se saído melhor no processo mais útil para a aquisição da segunda língua, diferentes para aqueles que estudaram nas escolas inclusivas e tiveram um processo mais lento e a descoberta do reconhecimento das palavras mais tardiamente quando começaram a utilizar LIBRAS.

Os entrevistados comentaram que as mídias têm ajudado nas vidas deles em suas rotinas diárias, pois a LP está envolvida na sociedade em todos os lugares. Significa, então, que os surdos não podem abandonar essa língua, principalmente na modalidade escrita. Portanto, na televisão as legendas da LP já ajudaram a desenvolver o aprendizado de como formar as frases e contextos, o FBK tem auxiliado os surdos para receber as notícias ou assuntos de seus interesses e no WhatsApp foi um dos mais comentados pelos entrevistados, pois com ele tem a possibilidade de escrever, além de gravar, para receber ou enviar os vídeos na modalidade visual em LIBRAS.

As narrativas marcantes nas suas trajetórias de vidas por eixos de cultura e de cidadania comunicativa surda, além do pertencimento à comunidade surda, é o que iremos aprofundar na próxima etapa para proceder as nossas reflexões científicas e acadêmicas sobre os usos do FBK e das apropriações midiáticas. Pois, há muitas outras questões que devem ser interpretadas, e com elas poderemos realizar uma investigação de relações e ações entre as teorias adotadas na tese.

¹⁶⁹ LP siglas da Língua Portuguesa.

5.2.4 A competência no uso das mídias

As competências interativas dos sujeitos comunicantes surdos no uso das mídias e na rede social do FBK, foram questionadas durante as entrevistas para se entender as possibilidades adquiridas dos entrevistados. Assim como as reflexões dos estudos desenvolvidos acerca do conceito de cibercultura, a pesquisadora compreende que se cria laços de interação entre a cultura, a mídia e o cidadão comunicante. O sujeito comunicante surdo vai se formar ou pertencer a uma sociedade estruturada no campo digital, oferecendo o maior potencial comunicativo visual, que estimula a troca de informações em diversos sistemas sociotécnicos.

Neste contexto, podemos observar o conceito de midiatização proposto por Mata (1999) que compreende a midiatização da sociedade como mudanças culturais, e que tem o papel de construir os significados de produção do coletivo, como a integração nos meios de comunicação e nas informações. Também adota que o reconhecimento destas mudanças culturais são um processo contínuo de transformação, pois estão em movimento de fluxos contínuos e não fixos. Para os sujeitos comunicantes surdos quando vão ao encontro no universo digital, eles estão preparados para receber diferentes culturas, mesmos que sejam os percursos que partem nas dimensões como frutos de novas formação de relação social como sociedade de rede (CASTELLS, 2011).

É passível, pois estão em movimento contínuo e por isso os sujeitos comunicantes surdos quando encontram esse universo digital onde estão preparados para apropriar essas diversidades culturais, porém ciberculturas fazem partes neste universo.

A partir disso podemos indicar que os entrevistados que comentaram sobre as oportunidades nos usos dos recursos midiáticos para o seu processo comunicacional, consideram estes como formas de participação com qualidade, e de vencer as barreiras à acessibilidade. Esses pontos estiveram presentes durante os questionários da entrevista realizada com o objetivo de ampliar os saberes da realidade de como o cidadão comunicante surdo se sente em relação às mídias criadas e inventadas no seu tempo para que seja interpretada sob uma visão refletiva e crítica.

O entrevistado ES1 relata que o uso de nanosmartphones tem facilitado para baixar os aplicativos de vídeos, o que permite o acesso de vídeos como *chat*, um dos recursos mais úteis para poder se comunicar na língua visual sem barreira, porém, conta que tudo isso depende da velocidade da internet. Conforme sua narrativa: “Algumas mídias consigo me comunicar por mensagens, nos e-mails, nos *youtubes*, mas o que percebi é a

lentidão na internet, que dá a barreira ao uso, pois às vezes cai e às vezes a velocidade é fraca.” (ES1, 45 anos, sinalizado na entrevista do eixo 2 do bloco 1: 02:18 – 02:37). Como podemos perceber, a lentidão na internet traz uma barreira para todas pessoas, por isso os surdos ou não sejam surdos, eles precisam procurar a operadora telefônica para comprar o pacote ou linha com boa velocidade para acessar a internet, os vídeos e outros.

Por curiosidade, o ES1 afirma que prefere utilizar no smartphone com diversos aplicativos favoráveis para transmitir e conversar por meio de vídeos, os aplicativos oferecem uma forma de decidir qual deles são melhores para os surdos se comunicarem. A pesquisadora reconhece que é importante saber como manipular esses aplicativos, pois não há guia de passos, para isso o surdo precisa conhecer os programas para depois praticar.

Utilizo mais WhatsApp, porque notebook fica difícil, e o WhatsApp é mais fácil e leve, ao mesmo quando envio mensagens escritas, quando o outro não entendeu o que escrevi e logo mando o vídeo sinalizado por mim. Uso o programa Glide, que faz o vídeo ficar mais leve, por exemplo, depende de memória dos outros nanosmartphones, por isso GLIDE facilita arquivar o vídeo mais leve (...) ou uso como IMO que permite conversar ao vivo como conversas de emergências. Também tenho Skype, depende da outra pessoa, é só combinar qual programa e o local com possibilidade de trocar vídeos melhores qualidades (ES1, 45 anos, sinalizado na entrevista do eixo 2 do bloco 1: 00:32 – 01:47).

A LP e a LIBRAS são duas línguas com que os sujeitos comunicantes surdos convivem toda vida, e, portanto, quando a LP aparece em sua frente, eles são desafiados para encontrar as suas respostas ou alguma explicação sobre as palavras acerca das quais não têm conhecimento ou ideia do que significam para LIBRAS.

As palavras que não conheço, copio e pesquiso sempre no Google por buscas de imagens ou significados da palavra. Se eu não conseguir entender, escrevo a palavra, envio por mensagem no nanosmartphone, solicito para aquela pessoa me explicar um exemplo e o que é essa palavra. Essa pessoa retorna explicando ou até um vídeo sinalizando em LIBRAS que é uma outra estratégia que uso (ES1, 45 anos, sinalizado na entrevista do eixo 2 do bloco 1: 02:48 – 03:07).

A pesquisadora questionou o entrevistado ES1 sobre o uso da televisão, e solicitou a opinião como telespectador comunicante surdo sobre as tais dificuldades em adaptar as legendas ocultas que são conhecidas como CC no controle e as janelas de intérpretes em LIBRAS que são as preferências dos surdos, porém as batalhas levaram, e ainda levam, muitos anos para serem respeitados e valorizados.

Que pergunta difícil! Então, para mim é tranquilo quando leio no *closed caption* entendo bem, algumas palavras que não conheço não tem problema, não dou bola, continuo lendo. Mas, tem pessoas querem as janelas ou legendas, enquanto as janelas de intérpretes não originam por faltas de verbas políticas. Na campanha eleitoral, alguns políticos como vereadores, senadores, e outros candidatos que são religiosos e outros, não me interessam, porque os intérpretes de LIBRAS não estão bem claros dependendo cada nível de experiência na profissão. (...) Alguns intérpretes de LIBRAS são excelentes e outros não, os intérpretes só vão para sinalizar, porém não atuam na profissão. Como podemos saber se essa pessoa é conhecida, dependendo na região do Brasil, como Brasília, São Paulo, que eu não conheço os intérpretes de outras regiões. (...) Agora há pouco tempo eu vi que estão pensando utilizar o avatar de intérprete de LIBRAS nas campanhas eleitorais, para minha opinião não deveria aplicar, porque falta as gramáticas, as expressões faciais, o avatar só segue cada palavra é apresentado em português (ES1, 45 anos, sinalizado na entrevista do eixo 2 do bloco 1: 04:17 – 06:04).

O entrevistado ES2 relata as suas experiências com os recursos que considera ideais para se comunicar com os outros surdos. Considera o WhatsApp como ferramenta facilitadora para os usos de mensagens e vídeos. E explica que a outra alternativa que prefere utilizar é o FBK para se manter informado. Desta forma criou os grupos para se comunicar com os seus estudantes, pois a plataforma do FBK possibilita publicar materiais, vídeos e outros, além de acompanhar e observar a participação de cada um.

Comunico mais com WhatsApp (mensagens e vídeos) como as pessoas ouvintes usam mais nos smartphones para comunicar na linguagem oral e auditiva. Depois considero o FBK como segunda alternativa para assistir as informações sob meus interesses e raramente comunico bem pouco na escrita da LP. Os meus estudantes que realizam o curso a distância, comunico com eles através no FBK, pois o site do moodle da universidade UNIPAMPA não consigo entender e nem comunicar. E resolvi criar os meus grupos no FBK que me ajudou a facilitar a comunicação entre os estudantes. No FBK tem como fixar e manter os materiais digitais para que todos possam encontrar com facilidade, diferente no WhatsApp é mais complexo, pois tem de procurar as mensagens ou materiais antigos até encontrar. No FBK possui uma ferramenta vantajosa, com ele posso perceber quais estudantes visualizaram os materiais postados (ES2, 40 anos, sinalizado na entrevista do eixo 2 do bloco 1: 00:21 – 01:43).

Foram consideradas as diferentes perspectivas de barreiras de comunicação comentadas pelo entrevistado ES2. Primeiro refere os recursos dos vídeos publicados no youtube; são a maior causa de problemas por não ter legendas. Após isso, entende que os vídeos postados no FBK também oferecem barreiras, pois as legendas são a forma de acessibilidade de informação para os sujeitos comunicantes surdos. Como outros pontos essenciais, ES2 relata na entrevista que, quando vai ao cinema assistir os filmes, para ele a segunda dimensão é melhor opção para acompanhar as legendas do que a terceira dimensão, pois os óculos específicos acabam atrapalhando as leituras. Essas coisas a

pesquisadora não tinham percebido, que o sujeito comunicante surdo não tem muito contato com a LP e nenhum com os sons do cotidiano, e muitos barulhos de diferentes sons só os ouvintes conseguem identificar. No caso dos filmes, muitas vezes não há a oportunidade de adicionar e mostrar os diferentes sons que acontecem durante as cenas. Se houvesse a preocupação com esses pequenos detalhes da identificação dos sons, dos personagens, e outros até ajudava os sujeitos comunicantes surdos a compreender o contexto de todo filme.

As minhas principais limitações de comunicação são vejo as pessoas ouvintes falando, quando clico para assistir os vídeos no youtube e percebo que não tem legendas, mas alguns vídeos têm legendas. No FBK os vídeos postados de lá das pessoas falando ou comentando, não aparece legendas, muito difícil, pois alguns só deixam um resumo escrito sobre o vídeo. Fica tão complexo, no FBK não tem a ferramenta para adicionar legendas como youtube tem. (...) Nos diversos canais da televisão, alguns são aceitos para adicionar legendas e outros não. Quando vou ao cinema, os filmes em 2D me sinto confortável para assistir as legendas, os filmes em 3D ao colocar os óculos especiais as legendas vêm muito próximas aos meus olhos e acabam atrapalhando a minha visão geral do filme. (...) Fiquei sabendo da novidade que haverá janelas de intérpretes de LIBRAS nos cinemas, porém acho bem complicado, pois se tiver dois atores falando ao mesmo tempo, como um intérprete deverá trocar de papel dos personagens para conseguir acompanhar tudo. Meus olhos irão mexer tanto, é impossível! Eu gostaria que cada intérprete assumisse uma camiseta de uma cor diferente para identificar os atores do filme. Será que as legendas vão atrapalhar com as janelas de intérpretes? (...) Outra coisa, que acho importante para crianças menores, era colocar as cores nas legendas para identificar quem está falando na televisão, como nas novelas aparecem os nomes dos atores e nos filmes do cinema falta adaptar essa estrutura. (...) também deve colocar os tipos de barulhos nas legendas para as pessoas surdas saberem se haviam sons diferentes como chuva fora de casa para poder acompanhar os atores no filme e entender o contexto. Outro exemplo, filme de ação ou de suspense como Batman, as imagens de ação me dá atenção e acabo esquecendo de ler as legendas. Em casa, se eu assistir o mesmo filme, posso parar e voltar para ler as legendas, no cinema não tem como. (ES2, 40 anos, sinalizado na entrevista do eixo 2 do bloco 1: 02:06 – 06:03).

A entrevistada ES3 observa que as mídias como a internet têm crescido bastante, assim os smartphones, computadores e outros trouxeram um avanço na acessibilidade para os sujeitos comunicantes surdos, pois com elas é possível salvar, filmar, arquivar, digitar e outras atividades. Essas atividades na fase adolescente não eram possíveis. Ela não tinha essas possibilidades, precisava escrever e correr atrás de alguns intérpretes de LIBRAS para corrigir o seu português. Hoje reconhece que a vida mudou completamente, pois não é necessário sair de casa, tudo é permitido no mundo digital.

Iniciei a trocar mensagens no WhatsApp, mas antes tinha BIP que não usei, depois veio TDD (telefone para surdos), após chegou o celular e outros. (...) Nossa, foi depois dos 38 e 39 anos, estou na fase dos 40 anos, estou velha!

Estou brincando! Foi aí que começou as possibilidades dos usos nos smartphones, quando enviava as mensagens escritas, as vezes não compreendia, então podia enviar os meus vídeos e também posso receber os vídeos. Na UFSC tem textos teóricos com tradução para LIBRAS no ambiente digital, achei muito legal, pois me ajuda muito! Também, quando vejo os vídeos postados pelos surdos no FBK, acho engraçados as experiências deles com as tecnologias. (...) O computador posso salvar os meus vídeos de algumas ideias para depois as intérpretes possam traduzir por escritos, mais fácil e rápido. Antigamente não tinha como, tive que escrever e correr atrás de alguém para poder traduzir. Agora posso ficar em casa! (ES3, 48 anos, sinalizada na entrevista do eixo 2 do bloco 1: 00:20 – 03:14).

Enquanto a entrevistada ES3 mostra a mesma opinião do entrevistado ES2 sobre os vídeos divulgados no youtube, percebe que o sistema de reconhecimento de fala que permite ativar as legendas automáticas é de péssima qualidade. Gosta de assistir os vídeos produzidos pelos surdos sinalizando a língua materna, porém escolhe os vídeos que sejam curtos, claros e de boa compreensão.

Quando assisto os vídeos do youtube, tento clicar o botão para legendas automáticas, só que ficam bem piores. (...) No FBK as vezes uso, as vezes vejo bobagens, eu gosto mais de informações, uma coisa que muito, não lembro o sinal da pessoa surda, que mora na França traz muitas informações importantes. Fico encantada, pois normalmente são as pessoas ouvintes que mostram as notícias. (...) Vídeos longos eu não tenho paciência, prefiro os tempos mais curtos que salvo. (ES3, 48 anos, sinalizada na entrevista do eixo 2 do bloco 1: 03:38 – 06:03).

ES4 sinaliza para se comunicar com os outros surdos, o smartphone é um dos recursos, o mais acessível, pois dispõe das duas modalidades linguísticas, a escrita da LP e a sinalização em LIBRAS. A pesquisadora observa que muitos sujeitos comunicantes surdos optam por ter um smartphone, pois com ele é possível consultar diversas funções levando-o junto onde estiver e até cabe no bolso.

Utilizo mais no smartphone para comunicar em LIBRAS, notebook é difícil de usar. Por exemplo, as mensagens escritas alguns surdos não entendem, a melhor forma é enviando os meus vídeos em LIBRAS e é mais rápido de trocar as conversas em LIBRAS. As tecnologias são muito importantes! (ES4, 36 anos, sinalizada na entrevista do eixo 2 do bloco 1: 00:25 – 00:44).

Entrevistada ES4 explica as dificuldades encontradas no cotidiano, a LP tem limitado o seu tempo para o esforço da compreensão dos significados nas palavras, nas frases ou até nos textos. Com Google, a busca de tradutor da LP, muitas vezes não é simplificada, se tivesse tradução da LP para LIBRAS na janela de intérprete (que não seja um avatar) ajudaria muito.

Como as informações são fundamentais na internet como jornais, reportagens, e outros, em diferentes vídeos, quando estou interessada no vídeo sobre algum assunto, clico no botão para abrir as legendas, normalmente não tem legendas, muito difícil. No texto digital tento traduzir, e não compreendo, sempre busco no Google as palavras que não conheço os significados. Quando no Google explica as palavras, também não consigo entender, dedico procurar as imagens como fotos para encontrar o contexto daquela palavra. A melhor qualidade de tradução das palavras são a minha maior barreira e a falta de acessibilidade comunicacional para tradução das palavras em LIBRAS (janelas de intérpretes). O português é muito difícil e complexo, não compreendo, o que me sinto bem é através na comunicação visual (ES4, 36 anos, sinalizada na entrevista do eixo 2 do bloco 1: 01:15 – 02:04).

O que percebemos nos sujeitos comunicantes surdos entrevistados é sua conexão com a internet que, portanto, aparece como uma das funções mais integradas ao cotidiano de todos os entrevistados surdos, como parte de suas práticas comunicativas, também presente nas rotinas para se manterem informados e como parte do seu tempo de lazer e de interesse pessoais.

Compreendemos que as relações no uso da internet apresentam um papel fundamental para os sujeitos comunicantes surdos. Ela tem sido como uma forma de companhia, de autoajuda, de comunicação, além de fazer esses entrevistados sentirem que as ferramentas comunicativas são acessíveis. De forma especial, compreendemos que os próprios sujeitos comunicantes surdos precisam saber como e o que as mídias oferecem. Isto é, pensar se a acessibilidade de comunicação nas mídias, sob a perspectiva das mediações, permite mediar a produção e a recepção com o uso da LIBRAS.

Na análise a seguir, apresentaremos os processos comunicacionais dos entrevistados que participam no ambiente do FBK, que contam com questões elaboradas para mapear as suas narrativas, no sentido de estabelecer no máximo o vínculo da socialização nas comunidades digitais no FBK.

5.2.5 O processo comunicacional no FBK

O fluxo comunicacional nas mídias é como um processo imensurável, para os sujeitos comunicantes surdos participarem do acesso aos meios de comunicação, especialmente nas comunidades digitais no FBK. E não importa a forma como os sujeitos comunicantes surdos recebem as informações digitais encontradas no FBK, podendo ser nas modalidades escrita, de leitura da LP ou em vídeos legendados, dublados e sinalizados. São ferramentas que permitem compreender o que encontram, porém há conflitos de comunicação, há barreiras. Essas barreiras são encontradas em muitos

ambientes, nas páginas do FBK, e os surdos reconhecem essa falta da acessibilidade como textos com palavras complexas, vídeos dublados sem legendas e outros. Por esse lado, ainda é um campo de limitação comunicacional, e que funciona como fronteira comunicacional para pessoas surdas.

Os entrevistados vão descrever as suas experiências desenvolvidas na rede social do FBK, em relação comunicativa para compreender como eles adotam o uso comunicacional no FBK e refletir as suas narrativas descritas. Para mostrar o que faz os leitores aproximarem os pensamentos e os acontecimentos dos entrevistados, de como foram construídas as interações de atores nas comunidades digitais ou no próprio perfil do FBK.

Ao entrevistar ES1, a pesquisadora sabia que ele está morando sozinho, ele sinalizou que tem utilizado bastante no FBK as dicas e ideias de decoração, móveis, reformas e outras. Pois, reconhecemos as dificuldades encontradas nos lugares públicos por falta de conhecimentos da LIBRAS e de como atender/receber os clientes surdos.

O FBK tem me ajudado na minha vida de moradia, alguns assuntos são legais, mostra as ideias que posso fazer para minha casa, um desafio muito bom, pois com ela posso pensar o que devo arrumar e fazer algo. Sem isso, não tenho ideias! Por exemplo, quando vou para loja, não consigo comunicar com o vendedor, no FBK tem todas as informações necessárias, é como fosse um curso. (...) Não preciso ir nas lojas, porque todos não sabem comunicar em LIBRAS (ES1, 45 anos, sinalizado na entrevista do eixo 2 do bloco 2: 01:31 – 02:30).

Bem interessante é que o entrevistado ES1 prefere manter a sua privacidade, evita envolver os assuntos pessoais no FBK, tendo decidido se comunicar através da escrita e não postar os seus vídeos. Explica: “utilizo mais na modalidade escrita da Língua Portuguesa, não quero publicar os meus vídeos, porque tenho vergonha (ES1, 45 anos, sinalizado na entrevista do eixo 2 do bloco 2: 02:36 – 02:40). A partir disso, o entrevistado avalia o FBK como um recurso valioso para a comunidade surda, pois com ele pode contar para resolver todas as necessidades e interações comunicativas que possibilitam maior conexão com o outro surdo. E também avalia que os botões de curtir e de *emojis* se apresentam como características de controle, manipulação e poder. Logo, alerta para o perigo dos usos dos botões que podem criar armadilhas, confusões e problemas.

Para mim é muito bom, porque tem tudo pronto no FBK, porque pode postar os vídeos, as fotos, até pode escrever, e estou satisfeito. (...) Só cuido quais assuntos como festa, para mim tudo bem, mas não mostro a minha vida, não tudo para o público. Não aceito mostrar, só se fosse na festa, sala de aula, bem

simples para evitar problemas que não atrapalhe a minha vida pessoal. (...) Nunca coloquei um vídeo sinalizado por mim no FBK. (...) Me lembro sobre o botão de curtir, não percebi que queria colocar outro botão de não curtir, mas acho melhor evitar, porque não traz autoestima para outros sujeitos que vão pensar algo negativo. Agora colocaram os diferentes *emojis*, acho bom em ter o botão de curtir, porém os tipos de emoções dos *emojis* só tem que tomar mais cuidado para quem compreende os seus significados (ES1, 45 anos, sinalizado na entrevista do eixo 2 do bloco 2: 02:58 – 06:18).

A pesquisadora não esperava receber a resposta do entrevistado ES2 de que o maior interesse dele nas buscas de assuntos eram as comédias e piadas, mas é o jeito dele, que sempre gostou de produzir as piadas e também procura se manter informado em relação ao estudo em LIBRAS. Como professor de LIBRAS, o entrevistado afirma que o FBK tem ajudado muito na carreira profissional, pois com ele foi possível encontrar diversas estratégias de ensinos. Nesse ponto é essencial que professor surdo não repita o mesmo roteiro de conteúdo ou mesma didática de ensino, com as estratégias escolhidas deve mostrar novas ideias para aproveitar outro jeito de aplicar na sala de aula.

Sim, recebo muitas informações no FBK, em algum momento não consigo ter algumas ideias, quando vejo uma coisa diferente que me dá novas ideias para utilizar as minhas estratégias, com certeza me ajudou muito. (...) Como sou professor de LIBRAS, quando encontro algo relacionado a LIBRAS, aproveito as ideias das estratégias para poder usar na minha aula. Vejo algumas piadas legais, e crio outras piadas diferentes. Também encontro assuntos sobre problema da política, fico admirado, pois eu não sabia. Os cursos divulgados pela FENEIS, eu posso avisar os outros surdos para fazerem esses cursos. Na televisão não aparecem todos tipos do meu interesse, só apresenta um tema, no caso em política que aparece as legendas muito rápido, antigamente os candidatos políticos tinham mais tempo para falar e hoje não. No FBK tem informações mais claras que consigo compreender (ES2, 40 anos, sinalizado na entrevista do eixo 2 do bloco 2: 01:09 – 02:19).

O entrevistado ES2 tem a preferência de postar os vídeos do que escrever. Está claro que esse sujeito comunicante surdo tem uma identificação forte com a identidade e a cultura surdas. Nos comentários, ele posta os seus vídeos e reconhece que muitos surdos não viram a sua postagem, pois é considerado como postagem antiga. Então, para ver a postagem dele deve procurar na lista de comentários até encontrar para assistir o vídeo, porém ele se sente prejudicado por causa disso. Os botões de curtir e dos *emojis*, ele mostra a mesma opinião do entrevistado ES1, afirma que sente que em relação a isso podem ser gerados problemas e mal- entendimentos.

No FBK prefiro assistir os vídeos em LIBRAS, legendas vejo bem pouco, o texto longo desisto, se for uma frase curta eu leio, mas o que me dá maior prazer são os vídeos. Sempre divulgo os meus vídeos sinalizados no FBK, escrevo pouco e quando encontro algo legal compartilho os vídeos com o título

curto. O botão de curtir significa uma forma ética, diferentemente os tipos de *emojis* que mostram o que a pessoa está pensando, isso é possível envolver problemas de dúvidas, de puxar sacos, e outros sentidos (ES2, 40 anos, sinalizado na entrevista do eixo 2 do bloco 2: 02:50 – 04:22).

Ser consumidor de bens nos meios de comunicação tem sido um espaço democrático, pela participação coletiva ou individual, assim a entrevistada ES3 manifesta sua satisfação pelas roupas que são vendidas na internet. A culinária mostra outro modo de produção, ao oferecer receitas para cozinhar de forma rápida e prática. E outras curiosidades. ES3 aproveita o ambiente do FBK para saber das novidades das celebridades, e também se sente acolhida ao localizar os programas acessíveis para surdos como os teatros.

Tenho interessada em roupas como fazer tricô, mostrava para minha mãe ver. Também, vejo as roupas para comprar, não é fácil por causa das medidas corretas, mas uma vez comprei, chegou e serviu. As viagens, adoro ver diferentes lugares, culturas, culinárias, que são publicados no FBK, é muito bom. As fofocas das celebridades dos artistas, gosto de ler e manter informada. Além das dicas de como manter o corpo saudável, assim como guia de exercícios, de alimentação, as vezes os vídeos têm legendas que consigo entender. Alguns textos que gosto de ler, mas tem textos que são chatos que não gosto e não leio. Não gosto muito sobre política, existem movimentos políticos, mas nunca resolvem os problemas. (...) No FBK tem divulgado os programas de teatro com acessibilidade para surdos, muitas informações de congressos, concursos, não para de divulgar, pois é muita informação (ES3, 48 anos, sinalizada na entrevista do eixo 2 do bloco 2: 02:50 – 03:18).

A produção de conhecimentos técnicos no ambiente do FBK depende da habilidade de cada indivíduo, por isso como depoimento a entrevistada ES3 relata que não sabe como salvar os vídeos dentro do FBK, porém avisa que existem muitos vídeos relacionados a Língua de Sinais e tem encontrado uns vídeos sobre a Identidade Surda. Esses vídeos são materiais favoráveis para mostrar aos estudantes que estão aprendendo a LIBRAS e ajudaram a compreender o universo das pessoas surdas.

Não sei como salvar os vídeos no FBK, alguns surdos conseguiram, já procurei e não encontrei. Queria salvar, é muito bom, porque eu vi um vídeo de um minuto ou 2 minutos que aparece as crianças surdas sinalizando em ASL. Isso é muito importante mostrar para os meus estudantes ouvintes na disciplina de LIBRAS na universidade, eles precisam assistir esse vídeo. É o reconhecimento da notícia maravilhosa, acreditar que existe a produção da Língua de Sinais! (...) Uma vez assisti o vídeo de um surdo em São Paulo que se chama Ricardo, ele explicou muito bem sobre o que é Identidade Surda. Amei muito, me ajudou a apropriar as ideias dele! (ES3, 48 anos, sinalizada na entrevista do eixo 2 do bloco 2: 03:33 – 05:17).

Como sabemos, o FBK é democrático, portanto os dois entrevistados, ES1 e ES3, evitam divulgar os seus vídeos por eles mesmos, pois privacidade no ambiente digital não é tão fácil como imaginamos, todos os amigos ou até conhecimentos podem entrar o perfil para ver as suas fotos, vídeos e outros. Por isso, a ES4 explica que prefere só compartilhar e não escrever neste ambiente, e relata o motivo de não querer aparecer a sua imagem dos vídeos no FBK. Completa sinalizando: “Prefiro não postar os meus vídeos, pois não quero ter problemas e nem brigas”. (ES3, 48 anos, sinalizada na entrevista do eixo 2 do bloco 2: 08:03 – 08:09).

Além da quantidade de números de amigos aceitos em seu perfil tem apresentado a limitação de tempo para acompanhar todos deles. Reconhecemos que não tem como, a melhor forma é digitar e escolher um amigo para acessar o perfil para acompanhar as novidades daquela pessoa, por exemplo. O perfil do FBK é considerado um sistema complexo, como a entrevistada ES4 comenta que ficou sabendo através dos amigos que tinha dois perfis e não sabia de nada. Os botões de *emojis* são provocados pelos próprios participantes do FBK, o que faz o indivíduo ou coletivo observar o que os outros irão clicar ou até curtir, uma sensação como tivesse o “sorria você está sendo filmado”.

Como tenho mais de mil e seiscentos amigos, é muita perda de tempo para acompanhar as notícias de cada um, são muitas coisas. Às vezes, lembro de uma amiga minha, digito o nome da pessoa e vejo as notícias que perdi e não tinha visto. Antes meus amigos me falaram que eu tinha dois FBK, fui pega de surpresa, pois não criei outro. Tive que chamar alguém para tirar outro perfil meu no FBK. Na minha opinião, é como fosse a poluição visual, porque tem tantas fotos repetidas, eu não tenho paciência. (...) Não sei porque as pessoas preferem curtir do que escrever, uma vez aconteceu comigo que tinha clicado no botão dos *emojis* errado, de uma cara de brabo, não era esse que queria apertar. Outra coisa, tem pessoa fica observando que são meus amigos e quem não são meus amigos, se viram o meu perfil ou não, será eles gostam de mim ou não, e o que eles curtiram através dos *emojis* (ES3, 48 anos, sinalizada na entrevista do eixo 2 do bloco 2: 09:10 – 12:03).

A comunicação midiática e digital no FBK, conforme a entrevistada ES4 afirma, é um processo atrativo para as informações que ocorrem no ambiente. Trata-se de um convite para o indivíduo entrar nas diversidades coletivas de atores que participam da produção dos mesmos interesses. Mas isso depende das características do indivíduo envolvido nas comunidades digitais, pois cada pessoa surda tem seu gosto e suas escolhas pessoais. Aquilo traz um processo de aprendizado e de reconhecimento para construir a sua carreira profissional e assim também para vida pessoal.

Me interesse no FBK que tem todas informações que acontecem no mundo, são diversas notícias que me atraem como um sentimento de vício. Assisto uma comunidade que troca os conhecimentos dos sinais em LIBRAS, e descobri que tinha outra comunidade que compartilhava os sinais em ASL. Isso me estimulou a minha autoestima, tinha muitos sinais novos e inventados pelos surdos, aproveitei mostrar para os meus alunos surdos. (...) Outro interesse meu, outra comunidade que fala sobre a dieta, os surdos me ajudaram a explicar melhor, pois a maior informação são dadas pelos ouvintes. Comecei a anotar uma lista de compras no mercado o que era bom para saúde. (...) Os materiais pedagógicos também são encontrados no FBK, gostei muito porque possuem várias opções como desenhos, letras e outros. E aproveito fazer para usar nos meus alunos surdos (ES4, 36 anos, sinalizada na entrevista do eixo 2 do bloco 2: 00:23 – 03:00).

A Língua Portuguesa posiciona o sujeito comunicante surdo nos momentos necessários e não por obrigações. A entrevistada ES4 cita alguns exemplos, tais práticas das escritas afetam a imaginação visual, portanto tem optado pela utilização dos vídeos onde a língua natural seja expressada de forma livre e visual.

Depende de mim, as vezes quando vejo os vídeos, decido escrever a minha estrutura natural da escrita nos comentários e não sigo as regras gramaticais da Língua Portuguesa. É impossível! Tento me adaptar para praticar e aprender a minha escrita. Se eu ficar em dúvidas ao escrever, resolvo postar mais os meus vídeos sinalizando em LIBRAS, que consigo contextualizar os comentários dos outros. (ES4, 36 anos, sinalizada na entrevista do eixo 2 do bloco 2: 05:27 – 06:07).

Consideramos o uso do FBK como liberdade pública. E a entrevistada ES4 se preocupa com o acesso das crianças menores, dentro deste ambiente digital que não diz as regras. Portanto não há como controlar e nem saber as idades dos atores que estão frequentando. Eles podem escolher por não mostrar as idades ou até inventar, por isso a ES4 desconfia tanto e acha fundamental ter o limite de bloqueios nos vídeos como violências, mortes e outros. A pesquisadora reconhece as preocupações da entrevistada, pois trabalha como professora na escola para surdos, porém por outro lado esse ponto é tão problemático tanto para os pais, para os familiares como para os professores que se tornam responsáveis pelos menores.

Falta acessibilidade para surdos, por exemplos quando encontro os vídeos de assuntos graves, e as pessoas nos vídeos ficam falando, tento clicar para legenda automática e não aparece. Falta de acessibilidade! Alguns vídeos divulgados de morte, violência, discussão, coisas pesadas que não servem para mim. (...) Como as crianças podem ver esses vídeos, esses tipos de vídeos devem ser tirados. Deveria aplicar uma lei que proibisse as publicações de menores de idade, pois as crianças começam a imitar (ES4, 36 anos, sinalizada na entrevista do eixo 2 do bloco 2: 07:27 – 08:03).

Essas manifestações linguísticas e culturais estão presentes, apesar dos limites reconhecidos pelos entrevistados quanto à segurança de escolhas. Para os entrevistados, como consumidores culturais pela internet, garantem que há uma fronteira de conhecimentos e de aprendizados com sua língua, a valorização da LIBRAS e a didática de ensino para os alunos surdos. Portanto, o FBK tem facilitado a vida dos sujeitos comunicantes surdos que buscam desenvolver-se na sua carreira profissional, mas também o criticam por falta de acessibilidade, a falta de legendas dos vídeos e outros pontos comentados pelos entrevistados.

Para seguir nessa caminhada das narrativas dos entrevistados iremos realizar uma investigação do objeto de estudo para que possamos refletir sobre fenômenos como a interação e a mediação dos diferentes sujeitos comunicantes surdos são produzidas no ambiente digital – FBK.

5.2.6 O reconhecimento dos sujeitos comunicantes surdos no FBK

Este subcapítulo propõe uma análise que se baseia na cultura e na cidadania comunicativa surda dos entrevistados surdos para apresentar o seu reconhecimento do indivíduo e do coletivo, no ambiente do FBK. É por esse motivo que, como na época deles não havia as mídias como computador e smartphone, precisam buscar os contatos com os outros surdos para mediar as novidades ou notícias.

A princípio, todos os entrevistados surdos reconhecem que a realidade de hoje, a cultura e a cidadania são essenciais, o fato de saber e de se sentir cidadão surdo de uma comunidade surda, pode ajudar a motivar os outros indivíduos surdos a se unir e pertencer a esse universo. Com isso, esses dois conceitos se encontram juntos em qualquer situação, pois os surdos como usuários da LIBRAS já estão preparados para lutar, defender, apoiar a bandeira da aceitação do pertencimento da comunidade surda.

O avanço das mídias realmente mostrou novos modos de viver, conforme o entrevistado ES1 revela. O uso do FBK possibilita o contato e a interação mediada, se aproxima da face a face. Portanto essas interações são como se se estivesse presente ou próximo das conversações, das notícias e das informações. Com isso se oferecem novas conexões digitais.

Imagina no ano 2000 até 2005, não tinha FBK, era ruim, mas não tão ruim assim. Os formatos do celular que só recebia por mensagens escritas, o modo do ser surdo não evoluía tanto. Hoje mudou e é diferente, a presença do FBK,

com as variedades de informações tem auxiliado bastante, pois os surdos são dos grupos minoritários. Meus amigos surdos que residem outras cidades longes, posso conversar com eles no FBK ou até enviar mensagens e vídeos dando um alô. É mais prático e fácil! Ao encontrar os surdos já produzem as novidades que tenham visto no FBK, se não tiver o FBK, só a televisão, os surdos não teriam os mesmos conhecimentos de informações visuais. A vida produzida pelas informações circuladas no FBK cria a cultura deles, uma vida melhor, sem ele a vida não tem valor nenhum (ES1, 45 anos, sinalizado na entrevista do eixo 2 do bloco 3: 00:24 – 01:42).

Os sistemas de interação digital são os princípios dos sujeitos comunicantes surdos para reunir e unir todos os surdos brasileiros e também são considerados como membros da comunidade surda brasileira para defender as mesmas ideias. Como os dois entrevistados ES1 e ES3 relataram, as lembranças de ambos foram de quando ocorreu o fechamento da primeira escola para surdos no Brasil, a comunidade surda usou o recurso midiático no FBK para movimentar o Povo Surdo Brasileiro. Logo, eles surgiram em passeata e conseguiram juntar mais de quatro mil de pessoas que apoiaram essa causa.

Tem sim, por exemplos, movimentos políticos que são divulgados no FBK, me obriga a apoiar essa causa, como aconteceu o INES, o movimento foi muito essencial para dar força ao curtir, ou votar, até agendar os dias para realizar esse movimento. (ES1, 45 anos, sinalizado na entrevista do eixo 2 do bloco 3: 03:22 – 03:48).

No FBK foi avisado que o INES ia fechar as portas, muitas pessoas chamaram várias pessoas em todo Brasil para participar contra o fechamento da escola, e estiveram quase quatro mil participantes. Conseguiram reunir muitas pessoas por causa do FBK. (...) Um momento que marcou a minha vida, foi quando um surdo reuniu surdos para jantar numa pizzaria e foram duzentas pessoas surdas. Foi muito legal! (ES3, 48 anos, sinalizada na entrevista do eixo 2 do bloco 3: 06:24 – 09:44).

O entrevistado ES2 reconhece a mudança de organização política pelos líderes surdos e refere como esses líderes precisaram juntar os surdos e hoje percebe a diferença, pois do uso das mídias tem promovido maiores interações e mediações entre os líderes e a comunidade surda no Brasil, e até no mundo.

Me lembro antigamente quando não existia o FBK, os líderes surdos chamavam os surdos em mão à mão para participar no movimento surdo, porém poucos surdos participaram. Diferente de hoje, quando assunto de política é circulado no FBK, surgiram muitos vídeos surdos sinalizados com argumentos críticos e polêmicos, solicitando as presenças dos surdos em Brasília e apareceram mais de quinze mil pessoas em todo Brasil foram. (...) São políticas narrados pelos próprios surdos como a falta de acessibilidade, da educação, e outros elementos que influenciam como uma pressão forte (ES2, 40 anos, sinalizado na entrevista do eixo 2 do bloco 3: 05:59 – 07:03).

Para os entrevistados que lembraram do tempo quando não havia a rede social do FBK, e agora verificam as possibilidades de compreender melhor o que acontece no mundo, consideram o FBK como um sistema comunicacional, não só uma rede social, mas algo que pode até estar no smartphone e outros recursos midiáticos. Já Consoni (2013) reconhecia que a “conversa é uma atividade humana na qual as pessoas interagem entre si e é considerada a primeira forma de linguagem a que o homem é submetido em sua vida”. (CONSONI, 2013, p. 113). Com eles é permitido aos sujeitos comunicantes surdos se comunicar, conversar, combinar e agendar tudo digitalmente, sem barreira comunicacional. Porém, alguns entrevistados perceberam que a participação na associação dos surdos tem diminuído bastante nos últimos anos.

Me lembro quando não existia smartphone e computador, com frequência encontrava os surdos pessoalmente na associação, na escola, e tinha muitos surdos. Hoje tem smartphone e computador, os surdos começaram a diminuir a presença na associação, começaram a combinar em outros lugares dividiram os tipos de surdos. Como não tinha smartphone, o ponto de encontro ficava na associação, e agora não precisa mais, pois no smartphone podemos marcar o ponto de encontro em outros lugares. (ES2, 40 anos, sinalizado na entrevista do eixo 2 do bloco 3: 00:23 – 01:07).

Todos surdos, meus ex-alunos, meus amigos, todos têm FBK, um impacto para comunidade surda, por isso não são necessários irem na associação, FBK tem tudo pronto. Minha opinião acho importante ir até na associação para manter as informações, pois os surdos quando vem algumas notícias no FBK acabam trocando as ideias e as conversas pessoalmente. (...) Estou acostumada de frequentar na associação, recebo várias informações de outros surdos, outras famílias no mesmo lugar. Se um dia a energia elétrica parar de funcionar, acabam os usos nos smartphones, tuas energias não ligam mais, o que faremos, com certeza voltaremos como era antes. Eu acho que o FBK me deu mais conhecimentos sobre o mundo e o mundo dos surdos. Não tivesse o FBK estaria o mesmo mundo que conhecia (ES3, 48 anos, sinalizada na entrevista do eixo 2 do bloco 3: 00:25 – 02:31).

Uma voz e uma audição são duas mãos, um rosto e um corpo, todos interligados na língua de sinais dos surdos. Esses componentes linguísticos foram posicionados frente a temas em defesa dos direitos e valores, e a língua visual é uma força ativa, social e política na comunidade surda. Os entrevistados reconheceram as dificuldades de ser independentes das informações por falta de acessibilidade. Por isso relataram que, sem as mídias, os sujeitos comunicantes surdos seriam tratados como sujeitos incapazes de se conectar com o mundo. Com isso, a entrevistada ES4 conta a sua experiência, dizendo que não foi fácil viver sem essas mídias e que não tinha acesso de contatos com os outros surdos. E afirma que é importante conviver com elas para construir novos diálogos e visões sobre o mundo.

Não foi fácil, quando não tinha computador, nem smartphone, os surdos seriam mantidos no mesmo nível sem evolução mental, sem contatos com os outros surdos e outras informações. Imagino que foi difícil! Agora é muito importante para o desenvolvimento dos surdos brasileiros com as informações que eram poucas conhecidas. Abriram as portas à circulação de informações, descobrindo diferentes novidades que ajudam a ampliar o conhecimento (ES4, 36 anos, sinalizada na entrevista do eixo 2 do bloco 3: 00:22 – 01:03).

O posicionamento acerca da Cultura Surda por parte dos sujeitos comunicantes nos ambientes digitais, que aparecem nas práticas sociais e linguísticas da língua de sinais, tem funcionado como sistema de representações. E este sistema determina a fluência e os conhecimentos sobre a Cultura Surda, que também está composta nas crenças, na linguística, nos valores e nos costumes legitimados pela ordem da comunidade surda. E o entrevistado ES2 percebe os diferentes níveis da fluência e do conhecimento quando o sujeito é sinalizado e apresentado nos vídeos.

Os surdos que sinalizam em LIBRAS possuem sua cultura e consideram a identidade surda, como eu percebo eles. Os intérpretes de LIBRAS quando sinalizam depende a sua fluência e o seu conhecimento sobre a cultura surda, pois alguns sinalizam português sinalizados. Também DA (deficiência auditiva) sinalizam falando juntos ao mesmo tempo e desisto de assistir esses vídeos. (...) Prefiro os vídeos que os surdos sinalizem LIBRAS naturalmente em diferentes grupos, estão inseridos na cultura surda. (...) A aquisição da linguagem visual desenvolve a cultura surda. (...) Porque LIBRAS é expressados livremente sem ordem do português, isso é cultura. A mesma coisa que acontece na escrita do português de forma incorretamente pelos surdos também faz parte da cultura surda. (...) os usos das expressões faciais, corporais e classificadores que são componentes da LIBRAS como melodias perfeitas (ES2, 40 anos, sinalizado na entrevista do eixo 2 do bloco 3: 02:08 – 05:19).

A noção de cidadania comunicativa surda é pouco reconhecida na comunidade surda, enquanto o reconhecimento deles é o que falam a respeito da identidade, da língua, da cultura e da política surda. A entrevistada ES4 vê uma maneira educacional para os surdos, promove a ideia da filosofia bilíngue nas escolas onde os surdos adquiram as duas línguas oficiais no país. Além disso, relata que a FENEIS tem sido responsável pela defesa de políticas em educação, cultura, saúde, emprego e outros aspectos que apoia os direitos para a comunidade surda no Brasil.

A cidadania para pessoas surdas, principalmente não querem estudar nas escolas inclusivas, querem estudar nas escolas bilíngues para surdos como uma escola ideal e muito importante dar esse apoio e também estimular os surdos. (...) Até hoje continua lutando a educação bilíngue para os surdos. A FENEIS, dentro no FBK tem divulgado bastante sobre as lutas até hoje. (...) Existem diferentes liderança surda em diversas regionalidades do Brasil, observo que

ainda existe líderes surdos, a FENEIS é considerada como referência que preocupa e apoia a comunidade surda (ES4, 36 anos, sinalizada na entrevista do eixo 2 do bloco 3: 05:27 – 07:15).

Como vimos, são múltiplos os modos como os sujeitos comunicantes surdos entrevistados narram as passagens das suas próprias experiências. Narrativas sinalizadas são mencionadas por diferentes perspectivas em referência a como pessoa e cidadão surdo convive com o mundo digital, muitos deles têm afirmado a interação positiva no ambiente digital do FBK, porém percebem a falta dos surdos na associação. Neste modo, a pesquisadora reflete sobre esses comentários, argumentos críticos feitos pelos entrevistados, porém reconhece que a associação deve estar atrás das mídias e aproveitar esses recursos midiáticos para atrair mais pessoas surdas, uma estratégia da era digital, pois ninguém pode voltar atrás, mas deve fazer um novo começo.

6. CAMINHOS PARA INTERPRETAR OS SUJEITOS COMUNICANTES SURDOS E OS PROCESSOS COMUNICATIVOS DIGITAIS

Ao longo deste trabalho, a pesquisadora buscou apresentar uma caminhada pela trajetória comunicativa de quatro sujeitos comunicantes surdos que atuam como professores de LIBRAS e são membros da Comunidade Surda no Rio Grande do Sul e participantes ativos no FBK. Neste capítulo vamos trazer os desdobramentos dos resultados da pesquisa. E, também, demonstrar um processo de análise interpretativa, dando atenção, em especial, ao objetivo geral apresentado no primeiro capítulo. Este realmente nos direcionou a pensar: como ocorre a apropriação dos processos comunicativos digitais dos sujeitos surdos no Facebook?

As trajetórias estão sendo interpretadas da maneira como foram narradas e sinalizadas em LIBRAS, pelos quatros sujeitos comunicantes surdos, em seis blocos temáticos. Os três primeiros estão vinculados ao eixo do bloco de mediações e os três últimos estão no bloco de competências interativas dos sujeitos comunicantes surdos – construções e produções.

A seguir são mostrados os componentes de todos os blocos temáticos: o tipo de sujeito comunicante surdo; a construção cultural do sujeito comunicante surdo; a produção de exercícios de cidadania comunicativa surda; as apropriações midiáticas; as linguagens das comunidades digitais e, por fim, a identificação da cultura e da cidadania comunicativa surdas.

Assim, no processo de construção interpretativa, por sua capacidade de descoberta nas dimensões teóricas e metodológicas desenvolvidas nesta pesquisa, pretendemos articular esses argumentos com os fenômenos relacionados às experiências empíricas da pesquisadora para apresentar os resultados teóricos e empíricos da pesquisa. A esse procedimento se agrega a pesquisa de contextualização e sua organização em três etapas: no contexto comunicativo, no contexto midiático e no contexto cultural pelos sujeitos comunicantes surdos. Estas serão úteis para realizar a sistematização científica que implica na aproximação, no reconhecimento, na observação, na exploração, na descoberta e na convivência. E todos esses elementos serão aplicados na compreensão de como a pesquisadora aprendeu, na prática, como é a produção de conhecimentos científicos, para, finalmente refletir, a partir dos resultados da observação e das entrevistas, sobre os diferentes sistemas comunicacionais, os usos da comunicação, as apropriações nos

ambientes digitais/midiáticos e as construções nas culturas e cidadanias comunicativas surdas.

6.1 AS TRAJETÓRIAS COMUNICATIVAS

Nesta etapa, fazemos um convite aos leitores a participar de um diálogo sobre os conceitos de *mediação*, *comunicação* e *globalização*. Por aqui buscamos construir a representação dos entrevistados – os sujeitos comunicantes surdos, analisando as estratégias comunicativas práticas empreendidas por eles e buscando compreender como essa dinâmica da construção dos entrevistados marcaram suas experiências cotidianas.

Ao verificar o conceito de *mediação* adotado por Wottrich; Silva e Ronsini (2009), foi possível aproximá-lo dos sujeitos comunicantes surdos no contato com sua construção cultural, como também por meio das experiências encontradas e adquiridas nas suas vidas. São experiências que só eles poderiam nos contar. Suas principais descobertas em relação à língua de sinais e que auxiliaram a formar uma nova estrutura sensorial da visão e da emoção, foram um ponto forte. O que dá sentido a essa mediação comunicacional é ser parte desses processos comunicativos, é ser membro, com seus pares, da mesma comunicação sem se sentir pressionados pela comunicação oralizada. Assim, esse sujeito comunicante surdo percebe que as suas competências comunicativas estão relacionadas como *um processo social* (WINKIN, 1994), que integra todas as linguagens corporais, organizadas no cérebro do sujeito por uma sistematização da comunicação visual. Esta observação sobre os processos de mediação comunicacional entre os entrevistados, leva ao *reconhecimento do indivíduo*. E essa necessidade do sujeito pode ser atendida por meio do uso de objetos midiáticos como filmadoras e outros. E esses produtos são uma das possibilidades para que o indivíduo reconheça a sua subjetividade comunicacional, funcionando como se fosse um espelho.

No levantamento das questões sobre os processos comunicativos na família dos entrevistados, é possível estabelecer um panorama sobre o que levou às escolhas nos momentos de conflitos e de decisões. Na maior parte das vezes, foram influenciadas pelos médicos e pela sociedade. Em relação a isso, os entrevistados ES1, ES3 e ES4 são pessoas surdas que foram criadas em famílias ouvintes, que não conheciam o universo do silêncio – os surdos e a LIBRAS. E essas famílias, quando receberam o filho surdo, tiveram que lidar com um filho diferente do que sonharam, e precisaram desenvolver a capacidade de tomar um conjunto de decisões e de fazer a escolha que lhes parecia melhor naquele

momento: eleger a escola ideal; a melhor abordagem médica para orientar o filho surdo a falar e ouvir; levá-lo, ou não, a fazer parte de uma comunidade surda; optar, ou não, pela aquisição da língua oral e/ou a aceitação do uso da LIBRAS e outras medidas. E os pais eram os únicos responsáveis pelas decisões acerca dos filhos surdos; segundo os entrevistados, os pais sabiam que seus filhos não conseguiam identificar os sons e, ao mesmo tempo, eles mesmos também estavam perdidos num mundo que não era deles – o de uma língua desconhecida.

Sabemos que, em relação à educação e criação dos filhos ouvintes, toda sociedade já conhece como é a formação de decisões, pois há padrões semelhantes para todas as famílias. Porém, o que acontece nas famílias que possuem os filhos surdos? Como a sociedade vai reconhecer o seu padrão educacional, o que vai acontecer com eles? Não temos como saber, pois, eles são ignorados; na verdade podemos descrever melhor, dizendo que são tratados como se invisíveis fossem.

Esse fato chamou muito minha atenção, pois me ofereceu a oportunidade de ver como outros surdos protagonizavam¹⁷⁰ nas suas famílias, e de compreender como eles carregavam suas histórias nos ombros sem serem expostas para a sociedade. Os surdos se sentiam e eram considerados como estrangeiros, segundo me relataram nas entrevistas. Todos confirmaram que as mãos, os olhos, os corpos é que deram a eles uma relação com o mundo visual. Ao descobrir a LIBRAS, eles consideraram que representou uma chave que lhes abriu as portas para outros mundos, outras culturas, outros caminhos. Assim os entrevistados colocaram a questão da importância de sua língua para o contato com os outros surdos, que acontecia nos pontos de referência, como as associações dos surdos, as comunidades surdas, as escolas para surdos, as famílias surdas e outros lugares.

A pesquisadora reconhece que as línguas de sinais são produzidas em diversos lugares do mundo e têm sido conservadas por várias gerações. Devemos compreender que esses processos comunicativos estão em estado de movimento contínuo, para garantir a formação de outras comunidades surdas. De toda maneira, no uso da LIBRAS existe a estratégia para construir a identidade do Ser Surdo. Em minha opinião, como pessoa surda e pesquisadora, os pais não deveriam impedir o acesso a esses lugares, pois são os mundos próprios dos surdos e não dos ouvintes, e foram esses lugares que permitiram aos surdos encontrar suas chaves.

¹⁷⁰ A pesquisadora usa o verbo protagonizar em substituição ao termo ser visto, pois a pessoa surda não conta (falada), pois ela é vista (visualizada ou sinalizada).

Já o entrevistado ES2 teve uma história completamente diferente. Foi criado em uma família que tinha pai e parentes surdos. Esse entrevistado foi identificado como uma pessoa normal, pois estava no mesmo ninho da língua, da cultura e pertencia ao mundo dos surdos. E o exemplo desse entrevistado mostra como a relação dos surdos com a língua visual é muito interessante, pois faz parte de um grupo de pessoas surdas com as mesmas características, e de diferentes gerações, que sinalizam e comunicam a seu modo, que não precisa ser a LIBRAS, podendo ser os sinais caseiros, gestos, mímicas e outros. Com um doce respeito por eles, é possível perceber que a comunidade surda já conheceu as línguas visuais em diversas épocas, e que os surdos com mais idade mantêm a sua comunicação de acordo com o seu tempo.

Os resultados dos depoimentos citados pelos entrevistados sobre a relação entre a comunidade surda e a sociedade confirmaram a existência da barreira de comunicação na escrita (leitura) da Língua Portuguesa e mostraram a dificuldade das interações comunicativas. No entanto, apesar das possíveis dificuldades comunicacionais que não são usadas diariamente no cotidiano surdo, mesmo sabendo que as estruturas gramaticais são diferentes na LIBRAS e no português, quando são clientes surdos, alguns lugares se esforçaram para entender e se comunicar de alguma forma. Na minha observação, a comunicação entre duas línguas diferentes no mesmo território já é uma comunicação complexa em ambas as línguas.

Quanto à questão de deslocamento das cidades ou dos estados, os entrevistados relataram ter tido experiências valiosas, pois conheceram os perfis das comunidades surdas, reconheceram que as lutas políticas, educacionais e sociais na capital do Rio Grande do Sul foram desenvolvidas a partir das grandes mudanças que ocorreram no movimento surdo e com seus líderes. A relação das comunidades surdas no Brasil, apontaram que os surdos residiam em Porto Alegre estavam em bem na frente, tinham como construir uma qualidade de vida e eram considerados um território ideal para os surdos.

O que observamos nos quatro sujeitos comunicantes surdos aqui investigados, com respeito à formação acadêmica, é que dois apresentaram formação em Licenciatura em Letras-Libras, e os outros dois possuíam uma formação diferente, um em Pedagogia e o outro em Licenciatura em Computação. Todos, no entanto, atuam como professores de LIBRAS. Quanto aos sonhos relacionados à formação acadêmica e científica, pode-se dizer que estão realizados. Sentem orgulho por ter os diplomas em mãos e por acreditarem que tudo é possível vencer sem medo. O fato interessante é que todos os entrevistados

são professores, o que lhes causa a indisponibilidade de se empregar na área de formação. E quanto a isso eu me questionava - é por falta de vagas ou não por terem sido aceitos por que são surdos? Porém, podemos afirmar que as vagas para professor de LIBRAS têm crescido bastante por causa da legislação que surgiu em 2005, obrigando a implantação curricular da disciplina de LIBRAS nos cursos superiores. Foi esse caminho que abriu as portas para surdos poderem trabalhar, embora, os surdos necessitem provar a fluência na língua, o que pode ser de duas formas: fazendo o exame – PROLIBRAS e também podendo cursar Letras-Libras. Essas formações permitem comprovar que os surdos podem atuar como professores de LIBRAS.

Percebemos a importância do pertencimento dos entrevistados à *comunidade surda mista*. Com ela, os sujeitos comunicantes surdos constituem procedimentos específicos para fomentar a fluência da língua. Ela também oferece a formação da identidade cultural para configurar a concepção de mundo por meio do artefato cultural visual; isto é, forma defensores da língua materna, dos valores, das tradições, das histórias, que buscam compartilhar nas suas missões e nas metas, dentro das instituições para surdos, como associações, escolas, federações, igrejas e em outros lugares onde esteja a presença de comunidades surdas. Reforço a ideia da *comunidade surda mista* como uma formação que estamos construindo em relação à diversidade, à multiculturalidade, que podemos dizer que é um mesmo espaço de pessoas com várias culturas. Isso nos mostra que a comunidade surda não é composta só com as pessoas surdas e sim com outros tipos de sujeitos que entram, vivem e comunicam nas comunidades surdas, como citei. A partir disso, acreditamos que a comunidade surda mista e a sociedade estão se preparando, em um ritmo ainda lento, adaptando novas estruturas sociais e educacionais, para que a comunicação dos surdos seja acessível em todos os lugares.

6.2 AS RELAÇÕES DAS PRÁTICAS COM SUAS COMPETÊNCIAS MUDIÁTICAS/DIGITAIS

No cenário da comunicação midiática, Rocha (2009) resgata a inter-relação práticas/competências comunicacionais como uma função fundamental para a humanidade, que promove o exercício da cidadania comunicativa, a interação coletiva conforme suas necessidades comunicacionais. Através dos resultados apresentados, a pesquisadora pode afirmar que os sujeitos comunicantes surdos possuem papel importante nas apropriações midiáticas, pois eles têm mostrado e descoberto que as

mídias oferecem, nos espaços de interação, cultura, conhecimentos cotidianos, contatos com os outros e socialização nas comunidades digitais.

No percurso trilhado no capítulo da construção metodológica foi possível à pesquisadora compreender que havia várias e diferentes técnicas metodológicas que permitiriam aproximar-se dos objetos da pesquisa e recolhê-los, levando-a a refletir sobre quais métodos seriam mais apropriados à natureza da sua pesquisa e daí desenvolvidos. Durante a construção da tese, a pesquisadora reconheceu que para escolher o método, levou tempo para formatar e adaptar o perfil da pesquisa, até que identificasse o seu perfil transmetodológico. A pesquisadora afirma que precisou estudar várias teses para conhecer as diversas metodologias que foram adotadas por outros pesquisadores, para compreender como elas são desenvolvidas e foi uma das experiências mais valiosas, pois os conhecimentos adquiridos nas teses ajudaram a ver um mundo científico e acadêmico nas práticas transmetodológicas.

A pesquisadora identifica a luta dos sujeitos comunicantes surdos pela comunicação, e compreende que a Língua Portuguesa e a LIBRAS oferecem acesso à informação comunicacional, pela convivência das duas línguas em todos os lugares, inclusive nos ambientes digitais. Por meio de relatos narrados pelos entrevistados, conclui-se que a utilização do Google foi um dos recursos mais utilizados para ajudar a interpretar os significados das palavras que não conheciam. Consideram-no como se fosse um dicionário, pois com ele é possível buscar as imagens interpretativas das palavras desconhecidas.

Com esta reflexão, vamos considerar quais mídias foram e são utilizadas pelas pessoas surdas. Como já citamos, está o uso de nanocomputadores (smartphones), entre os dispositivos utilizados, comprova-se que o WhatsApp se encontra entre as melhores opções para substituir a comunicação sonora, pois pode ser utilizado nas mensagens, tanto na escrita do português quanto na língua de sinais. A maioria dos entrevistados explicou que, algumas vezes, por falta de entendimento ou esclarecimento nas estruturas gramaticais do Português, optaram pelos envios de mensagens em vídeos que facilitaram a comunicação entre ambos, surdos ou não. Ao ver as narrativas dos entrevistados, a pesquisadora resolveu começar a enviar as suas mensagens por vídeos sinalizados para os amigos surdos e ouvintes que sabem LIBRAS. Nas experiências empíricas com os vídeos, foi possível entender melhor o contexto através das expressões faciais, das emoções, dos movimentos e outros aspectos linguísticos. Nas trocas de vídeos sinalizados em LIBRAS, a pesquisadora teve um retorno vantajoso pois houve melhor entendimento,

como tivesse confiando na sua primeira língua materna, e não na segunda língua. Além dos vídeos, os sujeitos comunicantes surdos também têm o gosto de compartilhar as imagens como ilustrações, as fotos, os vídeos no Youtube e os demais materiais digitais. Porém, quando não havia *wi-fi* com boa velocidade para enviar os vídeos, que dependia dos lugares onde se estava, as trocas tinham que ser por mensagens em frases curtas que fossem fáceis de compreender.

A televisão e os vídeos no Youtube foram os dois exemplos mais citados pelos entrevistados. No primeiro exemplo, ao ler na legenda (*closed caption*) da televisão, muitas vezes apareciam palavras que eles não conheciam; não importava, e iam pulando para próximas palavras das frases, pois as legendas passam muito rápido, sem dar tempo para poderem ler todas as frases. Infelizmente não são todos os canais que estão adicionando a legenda escrita. Um dos entrevistados relata a importância de separar as legendas por cores para cada artista, personagem, repórter, onde há vários diálogos, para que os surdos possam identificar quem está falando. Comenta que deveriam colocar na legenda os tipos de sons como músicas, barulhos de batidas de carro, chuva, telefone tocando e outros aspectos sonoros. No segundo exemplo, quanto ao acesso dos vídeos no Youtube ou quando aparecem no FBK, muitas vezes as legendas automáticas são falsas interpretações e também não se apresentam disponíveis nos vídeos. Isso mostra a falta de acessibilidade como barreira de comunicação para os sujeitos comunicantes surdos.

Muitas redes sociais estão espalhadas na internet, porém o FBK é uma das que mais promove encontros de saberes e de informações; e, portanto, podemos afirmar que os sujeitos comunicantes surdos têm a preferência por esta rede como sistema interativo e comunicacional. E serve como ponto de encontro que permite que aconteçam as mediações de fronteiras de comunicação e de informação. Para saber a respeito do funcionamento no FBK, foi necessário analisar a fala dos entrevistados para buscar a compreensão e a visão deles. Conclusão é de que os entrevistados veem o FBK como um elemento bastante importante para os sujeitos comunicantes surdos, e que os recursos aos quais melhor se adaptaram e os que mais adotaram foram aqueles que possibilitam a visualização dos assuntos que mais os atraem ou os de busca das informações do seu interesse.

Por aqui também vamos comprovar que, a partir de apropriações interativas com e através do ambiente da estrutura do FBK, a pesquisadora encontrou, no processo de observação estrutural, que este foi visto como uma ferramenta ideal, clara e fácil de entender para os sujeitos comunicantes surdos. Assim, há o *inbox* que oferece a

possibilidade do bate-papo com privacidade, utilizando-se a escrita ou os vídeos sinalizados. Já a criação das comunidades digitais organizadas por diferentes assuntos, para reunir as comunidades surdas mistas ou não, e daquelas que têm os mesmos interesses, tem crescido muito. A pesquisadora também observou que o FBK parece ter ocupado o lugar do jornal, da televisão e do rádio, pois nele pode ser encontrado o que esses noticiários trazem para a sociedade em geral. Antes de avançar na análise interpretativa desses entrevistados, é importante observar que, em relação ao modo de presença do ambiente do FBK, as possibilidades de interação e de mediação que promove e que trazem diferentes perspectivas para a apropriação, para o uso e para a construção comunicativa.

A pesquisadora solicitou dos entrevistados, suas opiniões sobre o que fariam se não houvesse o acesso ao FBK hoje e o que eles sentiriam com isso. E ficou intrigada, quando um dos entrevistados levantou a seguinte questão: se por acaso não houvesse o FBK hoje, só iríamos assistir a televisão e não iríamos vivenciar as mesmas interações que acontecem com as informações digitais na internet, no FBK. Curiosa, refletia sobre porque esse entrevistado não optou por outros exemplos de mídia e escolheu a televisão para mostrar como exemplo, já que os próprios sujeitos comunicantes surdos vivem sempre captando, recebendo, sinalizando, produzindo, geralmente, informações comunicacionais, sejam de forma visual ou simbólica.

Não há dúvidas de que o FBK tem sido uma grande ajuda na interação de amigos que vivem em outras cidades ou outros estados e países. Com ele foi possível cruzar e até viver na fronteira da mundialização digital. Com isto, o que mais interessa é o acesso de contato interativo e a facilitação de compartilhamento comunicacional. Outro entrevistado considera que a elaboração de compartilhamentos, das divulgações, o uso das ilustrações e dos vídeos têm sido os recursos mais proveitosos. E como alguns surdos fazem poucas atividades cotidianas de produção escrita, a maioria dos entrevistados afirma que a aquisição de informação visual (as ilustrações e os vídeos) é o principal recurso comunicativo.

Outro resultado importante, a partir das observações das convivências pelo uso do FBK é o que os entrevistados, de fato, preferem buscar a sua cara metade, isto é, encontrar a sua comunidade surda mista, com aquilo de que eles gostavam de assistir: os vídeos compartilhados pelos surdos de outro país, sobre diversos assuntos como humor, culinária, materiais pedagógicos, viagens, programação cultural (teatro, cinema e outros), congressos, movimentos políticos entre outros. E que todos os vídeos, incluindo as

legendas ou em língua de sinais, sejam surdos ou ouvintes; a pesquisadora notou essa mudança cultural e social dos sujeitos comunicantes surdos que estão em processo de transformação na produção comunicativa dos ambientes digitais. Infere, daí, que na atualidade esses ambientes têm sido de grande significação quanto às competências linguísticas, pois, graças ao mundo digital, esses surdos estão cada dia mais informados e intelectualizados.

Na perspectiva destes acessos nos ambientes digitais já comprometem as necessidades dos fluxos de circulação entre mídia e rede social, não é só o FBK que dá a vida nas práticas dos cotidianos surdos. Os entrevistados citaram a importância de outros elementos midiáticos, que não podem ser excluídos, para se manterem informados. Referem-se aos nanocomputadores (smartphones) usados para acessar WhatsApp, FBK, Youtube, Google e outros. A televisão, utilizada para assistir notícias, filmes, novelas e outros que tenham legendas, por exemplo, também é um elemento midiático importante.

O FBK, no entanto, é o espaço em que os fluxos permitem reunir todos os assuntos relacionados à surdez, como língua de sinais, educação para surdos, seus direitos e demais temas que eles possam aproximar das notícias na sua própria língua e do mundo dos surdos.

A pesquisadora descobre, por fim, que o FBK é como fosse uma combinação de buscas no Google, dos canais na televisão, das reportagens no jornal; na verdade, entende que pode-se dizer é como um conjunto de fluxos de informação comunicacional, mas de uma forma diferente, pois quando o sujeito acessa o perfil do FBK, ele recebe milhares de compartilhamentos pelos amigos em todo mundo. E isso é fantástico - uma viagem ao mundo visual e do silêncio em poucos segundos.

6.3 AS RELAÇÕES DAS PRÁTICAS COM A CULTURA E A CIDADANIA COMUNICATIVA SURDAS

Podemos concluir que a noção de *Cultura Surda* foi compreendida e reconhecida por referir-se ao sujeito comunicante surdo como uma pessoa diferente. Por meio das entrevistas, a pesquisadora observou que a diferença está incluída no processo da aquisição e da comunicação. O que acontece, e os entrevistados têm mostrado, é que o Ser Surdo no ambiente digital ainda é traduzido como um sujeito diferente, pois ele busca ser integrado nos dois mundos, surdo e ouvinte, da mesma forma que busca se encontrar na sociedade.

Compreendemos que esse universo tem entrado no campo da democracia, pública e política, que permite a participação nas práticas de interação nas sociedades em redes. Lembramos, aqui, que as pessoas surdas têm direito à comunicação em um ambiente linguístico apropriado e adequado para a aquisição da língua natural dos surdos, a LIBRAS.

Neste sentido, as diferentes representações sobre a surdez dos entrevistados têm sido atravessadas por suas experiências semelhantes e próximas; a maior parte deles vivenciou momentos de conflitos e de tensão quanto ao acesso à educação e à comunicação. Nas entrevistas nos contaram que as maiores dificuldades encontradas ocorreram quando estudavam nas escolas inclusivas ou nas universidades sem a presença de intérpretes de LIBRAS. A falta de acessibilidade comunicacional. Mas isso vem mudando e o importante é a existência do acesso à comunicação para qualquer pessoa. E deve ficar claro que se uma pessoa necessitar de uma forma diferente para se comunicar, isso não deve ser encarado como um favor, mas uma obrigação de quem tem o dever de lhe proporcionar esse acesso. Portanto, podemos afirmar que a comunicação é como uma ponte de fortalecimento para construir a sua cidadania.

Os entrevistados surdos valorizaram principalmente o pertencimento, o respeito à diferença e também à liberdade de expressar a sua língua. Porém, o que chamou a atenção da pesquisadora foi o *amadurecimento* da língua de sinais. Por outro lado, os paradigmas do processo de aquisição espacial e visual abrem, assim, a independência comunicacional, sendo que no Brasil é a LIBRAS que permite a esses sujeitos comunicantes surdos produzir e reproduzir a naturalização de sua língua. Com isso, percebemos quando os próprios entrevistados reconhecem a necessidade de continuar com os seus estudos, pois com eles irão ampliar seus conhecimentos das palavras, leituras e escritas. E mostraram que com esse conjunto de vocabulário adquirido, é perceptível o desenvolvimento cognitivo dos surdos, antes dificultado pela falta de acesso à comunicação e ao aprendizado.

Este processo cognitivo teve um significado especial para os entrevistados, pois na sua trajetória de estudo do uso da LIBRAS, tem melhorado bastante a sua fluência na língua de sinais, a criação de novos sinais para usos científicos etc. É bem interessante pensar que se o sujeito comunicante surdo que não estudar, treinando sua escrita e sua leitura, terá sua fluência na LIBRAS diminuída em relação daquele que estudou e produziu os sinais acadêmicos.

Então, em relação à cidadania comunicativa surda, podemos afirmar que a pessoa surda adota a primeira ideia, a comunicação, por isso ela constrói o seu direito como cidadão comunicacional. No entanto, é preciso estar incluído como membro da comunidade surda mista, para que encontre os mesmos objetivos e mesmos entendimentos comuns, a pesquisadora constatou, durante as narrativas dos entrevistados, o processo de pertencimento à comunidade surda mista, e lembrou das três palavras fundamentais de Bauman (2003): vigilância, reforço e defesa. Essas unidades de palavras representam uma muralha dos sujeitos comunicantes surdos, onde eles estão sempre vigiando, reforçando e se defendendo; fazendo tudo para não perder seus direitos, e para ter plenas condições de viver como um todo.

Os entrevistados procuraram estar vigilantes nas mídias e nas sociedades, afirmaram que é momento para estar de olhos bem abertos ou ficar mais espertos, assim como alertar outros membros de seu grupo. Isto é, estar bem atentos a quaisquer tipos de informações relacionadas a discriminações e falta de acessibilidade, entre outros aspectos.

Para que isso não aconteça, as mídias foram e são uma das oportunidades para integrar as comunidades surdas mistas em qualquer lugar do mundo nos ambientes digitais. As presenças desses atores sociais digitais estão construindo uma ponte de comunicação digital, com ou sem uso da língua dos surdos.

A pesquisadora observou que os entrevistados são constituídos por diferentes ciberculturas que, como as relações práticas entre as sociedades, culturas e mídias, são adquiridas a todo tempo. Portanto, a triagem da cibercultura existe, de fato, a cibercultura envolve a todos nós enquanto navegamos no campo da mídia digital, e isso se chama interatividade mediática.

Nessa perspectiva, os entrevistados sinalizam a internet, no FBK, como um espaço favorável para os compartilhamentos de informações que sejam relacionadas aos seus interesses, com a finalidade de poder participar, se manter informados, defender ideias, e também, conhecer outras pessoas e outros produtos. A pesquisadora identificou o FBK, para os sujeitos comunicantes surdos, como processo de artefato cultural que oferece o caminho para a construção das suas subjetividades, dentro das possibilidades de integrar diferentes personalidades, culturas, identidades e outras. Assim, podemos afirmar que os artefatos culturais estão relacionados ao processo de comunicação.

Podemos concluir que na comunidade surda mista, os meios de comunicação digitais são como espaços que configuram as ciberculturas cotidianas, representam os pensamentos das diferentes culturas, e também, situam a construção da cidadania

comunicativa. Neste sentido, a pesquisadora compreendeu a importância da comunicação digital no cotidiano, para o sujeito comunicante surdo, que ajuda a mantê-lo informado da melhor maneira, como estivesse assistindo na televisão ou escutando no rádio.

No âmbito de análises interpretativas, esse ambiente digital, o FBK, é um espaço de diálogos, de informações, de inovações, de interações, de mediações; dessa forma, uma organização do sistema de interatividade e de visualidade digital. Contudo, um percurso que abriu as portas para suas práticas cotidianas, para que pudesse buscar novos rumos e que estabelecesse novos vínculos das comunidades surdas mistas.

6.4 AS REFLEXÕES FINAIS

As trilhas percorridas no campo de atuação da pesquisadora neste trabalho formaram um baú cheio de descobertas, surpresas, aprendizados e desafios. Tudo aquilo que a pesquisadora afirma que viveu nos momentos complexos das suas decisões, e principalmente das suas escolhas teóricas e metodológicas. Parecia um rumo sem saídas, que não indicava para que lado deveria seguir, pois ninguém dizia ou apontava o que precisava fazer. No começo não foi nada fácil para chegar até aqui. Nossa! Por vários dias, a pesquisadora procurava organizar o seu tempo livre para sentar e poder produzir, mesmo trabalhando quarenta horas semanais na instituição superior, PUCRS. Mas, não tinha como se desculpar por falta de tempo, era necessário focar naquilo, senão nunca terminaria. A pesquisadora criou um jeito de seguir em frente, um caderno e um lápis na mão, escrevia todas as ideias, propostas, linhas e outros para formar uma pesquisa concreta. Até que o orientador aconselhou a montar um cronograma de prazos mensais para cada capítulo que deveria produzir, entregar para revisora corrigir o português e, posteriormente, enviar a ele para observações necessárias.

Os encontros de orientações presenciais e a distância (trocas de e-mails) com o orientador foram de sabedoria, e decorreram os processos de conhecimentos, aprendizados, observações e significações científicas acadêmicas. Passaram três anos e dez meses, anos que foram fundamentais para que assumisse papéis de estudante e de pesquisadora no processo da pesquisa. Neste processo, a pesquisadora recorda as palavras básicas que o orientador repetia a cada encontro: lapidação, reconstrução e inspiração.

Neste sentido, nas primeiras percepções, verificamos que a tese nunca vem pronta e montada, ela precisa ser construída e certificada por várias lapidações por meio de leituras, produções e profundas reflexões. Sob este ponto de vista, sua atuação como

sujeito histórico e pesquisadora, transformou o seu trabalho de estudo e de investigação para que se concretizasse à luz da pesquisa. Principalmente, a maneira de pensar, de compreender foi se aperfeiçoando na pesquisadora, em confluência com o tempo e o contexto que juntaram as peças para ver a tese fecundar.

A pós-graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos ofereceu as condições satisfatórias para o desenvolvimento da pesquisa. Neste processo, a pesquisadora visualiza as presenças dos doutores docentes como relevante para sua formação, ao desafiar a doutoranda para ampliar seus conhecimentos e orientá-la em possibilidades de realização da sua pesquisa.

A pesquisadora lembra muito bem que durante a apresentação da construção de ideias em andamento no seminário da tese, em 2014 e na banca de qualificação em 2015, surgiram momentos complexos de conflitos e tensões. Apesar de muitos argumentos, dúvidas e perguntas, entre os professores, colegas e orientador, ora tantas coisas juntas, era hora de decidir o que construir para montar uma tese. Tese é um rótulo representativo e consistente sobre o tema da pesquisa, assim cabe ao pesquisador ou pesquisadora, a responsabilidade de comprovar as suas proposições intelectuais.

Nas experiências vividas no seminário e na banca, a pesquisadora reconheceu, ao passar pelos momentos difíceis do processo, a necessidade obrigatória de reconstruções, pois quando estava escrito e produzido, por vezes foi necessário rescrever tudo. Novos textos, novos capítulos, até descobrir quais seriamos caminhos teóricos e metodológicos que construiriam o objeto da pesquisa. Ao longo dos anos, após muita leitura, livros, artigos, teses e outros materiais prestaram ajuda suficiente para construir a tese. Não foi fácil, porém percebemos que o tempo e o movimento, nas observações realizadas e aproveitadas, permitiram à pesquisadora ver o outro lado, como pesquisadora intelectual, para o avanço do conhecimento.

Para refletir-se sobre essa pesquisa científica, inspirada no campo das Ciências da Comunicação, apresenta-se o alvo sobre a proposta no processo de comunicação e de informação dos sujeitos comunicantes surdos, sob a ótica da pesquisadora que é surda, usuária e professora de LIBRAS para quem tem sido grande o desafio em se comprometer nesta trajetória como pesquisadora. Durante este caminho, a pesquisadora reconhece as suas lutas e buscas por novos horizontes, pois a maioria na área da surdez sempre foi relacionada ao programa de educação e de linguística. E como este campo da tese é muito novo, uma prática de construção de possibilidades foi um caminho de reforço para que

fluíssem os processos comunicativos digitais, das apropriações entre cultura e cidadania comunicativa dos sujeitos comunicantes surdos.

A questão problemática central veio polida por certas reflexões dos conceitos teóricos e construções das técnicas metodológicas, que procuraram compreender como ocorre a apropriação dos processos comunicativos digitais dos sujeitos surdos, por meio do uso do FBK. Para opor as respostas nesta questão problemática central, buscamos responder às questões específicas como um sistema de diálogos, para pensar a relação entre os sujeitos comunicantes surdos e os ambientes digitais do FBK.

A partir desse desafio, procedemos à pesquisa, dedicando-a à reconstrução teórica dos principais conceitos, cultura surda, cibercultura, cidadania comunicativa e comunicação, que já foram apresentados no início deste capítulo. Para encaminhar o processo metodológico, durante a análise, optamos por focalizar os critérios elaborados para alcançar os objetivos propostos. A pesquisadora procurou acompanhar, no FBK, os três ambientes (ACSBF, CS e CCSRS) selecionados, buscou compreender os usos e as apropriações comunicativas. Esses ambientes, com a presença dos sujeitos comunicantes surdos e outros sujeitos, têm mostrado a utilidade do sistema de comunicação. Através da coleta de dados realizada, foi comprovado que esses grupos procuraram compartilhar os vídeos compostos com a Língua de Sinais para que os surdos não se sintam excluídos.

O que mais marcou esta pesquisa foi a realização das entrevistas com os sujeitos comunicantes surdos que sinalizaram suas trajetórias de vida, de aquisição comunicacional e de experiências de convivência com as mídias. Através das observações colhidas pela pesquisadora ao assistir os vídeos gravados nas entrevistas, tentou traduzir para Língua Portuguesa por escrito, e afirma que não foi fácil. O contato com as experiências dos entrevistados foi enriquecedor, o que auxiliou no avanço da nossa reflexão acerca de suas lembranças, tensões, rupturas, lutas, vitórias e limitações. As lutas de toda sua vida para garantir o seu direito à comunicação, foram sinalizadas em suas narrações bem como nas cicatrizes deixadas pelas suas trajetórias de vida.

Os relatos dos sujeitos comunicantes surdos sobre as suas competências midiáticas apresentaram a importância do uso das mídias no cotidiano, principalmente, o acesso à internet, que gerou grande processo de construção de cidadania comunicativa e cultura. Daí foi possível se formar um conjunto de fenômenos, a capacidade de mobilizar conhecimentos da cultura comunicativa digital, com o uso da língua de sinais e da língua escrita para que os outros sujeitos possam mediar e integrar novas construções de informação. Nesse sentido, vale lembrar que as informações visuais podem ser

substituídas pelas informações auditivas que acontecem no rádio e na televisão. Embora tenhamos trabalhado prioritariamente a partir da perspectiva do sujeito comunicante surdo se apropriando do ambiente do FBK, como observamos, o FBK tem situado a participação ativa dos sujeitos, para desenvolver a construção de novos modos de ser, comunicar, informar e integrar-se.

Procuramos investigar, também, as diversas dimensões de um meio ambiente complexo, que está em fluxos de mudanças e de transformações, em que participam os surdos e ouvintes, para compreender melhor o sentido do deslocamento da comunidade surda mista na trajetória de vida e na relação práticas com os ambientes digitais. Percebemos que a construção da cidadania comunicativa surda passa pelo reconhecimento do surdo como cidadão, em sua dimensão política, social e cultural. Onde a língua é estendida na bandeira da comunicação, um espaço de condições para reunir as mesmas lutas, ideias que associam o direito da acessibilidade comunicacional na educação, na sociedade, e nos outros lugares.

Verificamos, ao aproximar o conceito de cidadania comunicativa ao de cultura, o encontro e a busca pelo pertencimento e pelos direitos, portanto as comunidades digitais do FBK conseguiram um jeito de resgatar pontos de encontros digitais para mobilizar os movimentos surdos no Brasil e outros países. Neste sentido, a visão do modo de vida com a mídia vem abrindo muitas manifestações para se debater a necessidade da nossa sociedade, de conceber o surdo como um sujeito diferente e não deficiente.

Além disso, buscamos mostrar nesta pesquisa que as novas construções culturais e de cidadania comunicativa que se cruzaram pelos usos do FBK, têm diminuído o contato coletivo presencial. Com isso, parece haver de modo subjacente uma culpa, porém por outro lado, tem feito integrar mais sujeitos para identificar os seus mesmos pertencimentos. Isso é adquirir seus valores, costumes e compartilhar suas experiências para que os outros possam conhecer o outro surdo. Para pesquisadora, o importante é compreender que o FBK funciona como um espelhamento para comunidade surda mista e digital, trazendo novas possibilidades para proceder as informações espaciais e visuais.

Na trajetória percorrida pela pesquisadora nesta tese, foram colocadas reflexões finais abertas, pois sabemos que a pesquisa nunca termina e está em constante movimento para testar novas hipóteses. Para tais necessidades de apresentar futuros cenários, como possíveis trajetórias em nível de pós-doutorado, cabe aqui trazer as propostas que se enquadram na importância de continuar e ampliar as questões como a cidadania comunicativa surda nas mídias e os processos comunicacionais na comunidade surda

mista. Em particular, compreender melhor como as pessoas surdas são representadas pelas comunidades surdas mistas, em um contexto social e digital. Também propor uma análise que investigue as estratégias discursivas sobre a cidadania comunicativa surda, viabilizadas em recursos como os nanocomputadores e a televisão. Trata-se de futuras análises que nos permitirão investigar profundamente para compreender e identificar as narrativas dialógicas nas apropriações e nos usos, entre a televisão e o smartphone.

As comunidades surdas mistas na sociedade brasileira têm o poder da mediação na diversidade cultural, e através dos meios de comunicação social estabelecem uma relação de interação do Outro, na relação sujeito-sujeito. Enquanto as práticas culturais são expostas na televisão e no smartphone, elas serão questionadas em profundidade, em termos de conhecimento do significado da cidadania comunicativa surda nas representações simbólicas. Nesta perspectiva, percebemos durante a tese que o sujeito comunicante surdo não é somente um mediador social e cultural, porém também é considerado como um mediador-autor de narrativas de cidadania comunicativa.

Assim, para a próxima jornada do estudo, sabemos que há uma zona tensionada entre o campo cultural, o campo social e o campo comunicacional, que irá articular as narrativas dos sujeitos que pertencem à comunidade surda mista. A pesquisadora reconhece que esse tema de cidadania comunicativa surda deve assumir a centralidade das pesquisas científicas e acadêmicas, devido aos impactos do fenômeno da globalização. Por sua vez, os cidadãos surdos do Brasil globalizado, no exercício da mediação de cidadania comunicativa precisam ver nascerem novas pesquisas e novas circulações de trabalhos acadêmicos e científicos.

Neste contexto, é importante comentar aqui sobre a importância de criar o núcleo de estudos da cidadania comunicativa surda, com a missão de difundir o conhecimento já pesquisado e abrir à participação de pesquisadores de outros centros acadêmicos, dentro e fora do país, com o objetivo de fortalecer os traços de estudos sobre a realidade da comunidade surda mista e as inserções nas questões da cidadania comunicativa, para tratar a diversidade das interações sociais nos meios de comunicação e social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cristóvão Domingos. **Comunicação, cultura e cidadania quilombolas**. Jundiá: Paco Editorial, 2015.

_____. GUINDANI, Joel Felipe; MORIGI, Valdir Jose. A prática de cidadania comunicativa na experiência de rádio comunitária. **XIX Encontro da Compós**, Rio de Janeiro, PUC-RJ, jun. 2010. Disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/gt4_cristovao_domingos_de_almeida_joel_felipe_guindani_valdir_jose_morigi.pdf Acesso em: 11 mai. 2016.

AMARAL, Adriana. Etnografia e pesquisa em cibercultura: possibilidades e limitações. **Revista da USP**, n. 86, jun./jul./ago., 2010. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13818/15636> Acesso em: 07 jun. 2016.

ANDRADE, Bruno de Oliveira. **Extensão rural e cibercultura**: análise das ações de comunicação da Associação Brasileira das Entidades Estaduais de Assistência Técnica e Extensão Rural no Facebook. 2013. Dissertação (Mestrado em Comunicação), UFPE, 2013.

ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BACCIN, Alciane Nolibos. Redes sociais e ciberacontecimento: a dinâmica do processo interacional. **Anais do 4º Simpósio de Ciberjornalismo**, 2013. Disponível em: http://www.ciberjor.ufms.br/ciberjor4/files/2013/08/Alciane_Baccin.pdf Acesso em: 05 abr. 2016.

BACHELARD, Gaston. **A epistemologia**. Tradução de: Nathanael C. Caixeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

BÁEZ, Inmaculada C.; CABEZA, Maria Carmen. Algunas reflexiones sobre el status de las lenguas de señas de los sordos en el contexto de la globalización. In: Sección de Linguística / Departamento de Estudos Portugueses e de Estudos Românicos (Orgs.) **Estudos em Homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela (I e II volumes)**. Ed. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, v. 1, 2005, p. 277-289. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=NqUe0V2YkhUC&pg=PA5&dq=Estudos+em+Homenagem+ao+Professor+Doutor+M%C3%A1rio+Vilela+\(I+e+II+volumes\).&hl=pt-](https://books.google.com.br/books?id=NqUe0V2YkhUC&pg=PA5&dq=Estudos+em+Homenagem+ao+Professor+Doutor+M%C3%A1rio+Vilela+(I+e+II+volumes).&hl=pt-)

BR&sa=X&ved=0ahUKEwi9ILPywYzMAhXLfpAKHQDmCusQ6AEIHTAA#v=onepage&q=sordo&f=false Acesso em: 12 abr. 2016.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade do consumo**. Lisboa: Edições 70, 1970.
Disponível em: http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/16030/16030_4.PDF Acesso em: 15 abr. 2016.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução de: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BAZTÁN, Aguirre. **Etnografía**. Metodología cualitativa en la investigación sociocultural. Barcelona: Boixareu Universitária, 1995.

BELLONI, Maria Luiza. Infância, mídias e educação: revisitando o conceito de socialização. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 1, jan./ jun., 2007, p. 57-82.
Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/download/1629/1370> Acesso em: 10 mai. 2016.

BERGAMO, Alexandre; SANTANA, Ana Paula. Cultura e identidade surdas: encruzilhada de lutas sociais e teóricas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, mai./ago. 2005, p. 567-582. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/es/v26n91/a13v2691.pdf> Acesso em: 13 nov. 2015.

BERGSON, Henri. **A evolução criadora**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BONA, Nivea Canalli. **Práticas comunicacionais digitais de comunicadores inseridos em movimentos sociais de Curitiba e Sevilha na perspectiva da cidadania comunicativa**. 2014. 389 f. Tese (Doutorado em Comunicação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo, 2014.

BONIN, Jiani Adriana. A pesquisa exploratória na construção de investigações comunicacionais com foco na recepção. In: BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia

Martins (Orgs.) **Processualidades metodológicas**: configurações transformadoras em comunicação. Florianópolis: Insular, 2013, p. 23-42.

_____. A dimensão metodológica na orientação de pesquisas em comunicação. In: MALDONADO, Alberto Efendy [*et al.*] (Orgs.) **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação**. Rio do Sul: UNIDAVI, 2012, p. 43-58.

_____. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: MALDONADO, Alberto Efendy [*et al.*] (Orgs.) **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 19-42.

BONITO, Marco Antonio. **Processos da comunicação digital deficiente e invisível: mediações, usos e apropriações dos conteúdos digitais pelas pessoas com deficiência visual no Brasil**. 2015. 348 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo, 2015.

BRAGA, José Luiz. A prática da pesquisa em comunicação: abordagem metodológica como tomada de decisões. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação**, Brasília, v. 14, n. 1, jan./abr., 2011, p. 1-33. E-INSS 1808-2599. Disponível em: <http://compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/665/503> Acesso em: 16 jun. 2016.

_____. **A sociedade enfrenta sua mídia**: dispositivos sociais de crítica midiática. São Paulo: Paulus, 2006, cap. 1 e 2.

_____. Interação & recepção. In: NETO, Antônio Fausto [*et al.*] (Orgs.) **Interação e sentidos no ciberespaço e na sociedade**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 109-136.

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Seção 1, p. 23.

CALVÃO, Leandro Dantas; PIMENTEL, Mariano & FUKS, Hugo. Sistemas e meios de conversação da internet: a evolução das tecnologias que dão suporte à cibercultura. **VIII Simpósio Nacional da ABCiber**, Comunicação e cultura na era de tecnologias

mediáticas onipresentes e oniscientes, ESPM-SP, 3 a 5 de dezembro de 2014.

Disponível em:

http://www.abciber.org.br/simposio2014/anais/GTs/mariano_pimentel_158.pdf Acesso em: 20 jun. 2016.

CASALI, Caroline, Desafios teórico-metodológicos para a pesquisa em comunicação no século XXI. In: MALDONADO, Alberto Efendy [*et al.*]. **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação**. Rio do Sul: UNIDAVI, 2012, p. 122-139.

_____. **A sociedade em rede**. v. I. Tradução de: Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **A galáxia internet**. Reflexões sobre internet, negócios e sociedade. Tradução de: Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. Cultura, identidade e perspectivas de cidadania: uma pesquisa de recepção dos processos comunicativos na comunidade CS POA. Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho “Recepção: processos de interpretação, uso e consumo midiáticos” do **XXIII Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014, p. 1-16.

CLAUDIO, Janaína Pereira. **Proficiência em língua brasileira de sinais - PROLIBRAS**: representações sobre o uso e ensino da libras. 2010. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Porto Alegre, UFRGS, 2010.

CONSONI, Gilberto Balbela. Conversação on-line nos comentários de blogs: organização e controle das conversas nas interações dialógicas no blog *melhores do mundo*. In: PRIMO, Alex (Org.) **A internet em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013, p. 111-142.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo para uma teoria da cidadania**. Tradução de: Silvana Cobucci Leite. São Paulo: Loyola, 2005.

COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro do; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos. **“Fico sem nada de interessante pra postar qnd estou recatada!”** A relação entre o espaço eletrônico e o espaço físico em conversas mantidas entre jovens no Facebook. In: PORTO, Cristiane; SANTOS, Edméa Oliveira dos. (orgs.) Facebook e educação:

publicar, curtir, compartilhar [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, p. 167-183. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/c3h5q/pdf/porto-9788578792831-10.pdf> Acesso em: 04 mai. 2016.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Cultura visual e infância. **31. Reunião da ANPED**, mesa Cultura visual, gênero, educação e arte. Minas Gerais, Caxambu, 2008, p. 102-132. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/faced/pesquisa/gein/artigos/Cultura%20visual%20e%20infancia.pdf> Acesso em: 23 abr. 2016.

DIREITOS HUMANOS, Ficha informativa sobre direitos. **Direitos Humanos. Os direitos das minorias**. Rev. 1, n. 18, 2004. Disponível em: http://www.gddc.pt/direitos-humanos/Ficha_18.pdf Acesso em: 10 mai. 2016.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio Teixeira de [*et al.*]. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo, Atlas, 2006, p. 62-83.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução de: Sandra Castello Branco. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

FAERMAN, Juan. **Facebook**: Facebook, el nuevo fenómeno de masas. Barcelona: Alienta, 2009.

FERNANDES, Sueli; STROBEL, Karin Lilian. **Aspectos linguísticos da LIBRAS**. Secretária de Estado de Educação. Superintendência de Educação. Departamento de Educação Especial, Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998. Disponível em: <http://www.librasgerais.com.br/materiais-inclusivos/downloads/Aspectos-linguisticos-da-LIBRAS.pdf> Acesso em: 28 ago. 2016.

FOLETTTO, Rafael. Longe dos pensamentos totalizantes: o desafio de se inserir de forma dialógica e processual nas problematizações epistemológicas das ciências da comunicação. In: MALDONADO, Alberto Efendy [*et al.*] (Orgs.) **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação**. Rio do Sul: UNIDAVI, 2012, p. 59-80.

_____. Na trilha de Fernando Lugo: construindo processualidades metodológicas para investigar as representações do presidente paraguaiano nas revistas semanais brasileiras. In: MALDONADO, Alberto Efendy [et al.] (Orgs.) **Metodologias de pesquisa em comunicação**: olhares, trilhas e processos. Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 190-214.

FORD, Aníbal. **Navegações**: comunicação, cultura e crise. Tradução de: Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1999.

FRANÇA, Vera. Crítica e metacrítica: contribuição e responsabilidade das teorias da comunicação. In: **Anais do XXII Encontro Anual da Compós**, GT – Epistemologia da Comunicação, Universidade Federal da Bahia, 04 a 07 de junho de 2013.

GARCÊZ, Regiane L. O.; MAIA, Rousiley C. M. Lutas por reconhecimento dos surdos na *internet*: efeitos políticos do testemunho. **Revista Sociologia Política**, Curitiba, v.17, n. 34, p. 85-101, out. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v17n34/a07v17n34.pdf> Acesso em: 05. jul. 2016.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **A globalização imaginada**. Tradução de: Sérgio Molina. São Paulo: Iluminuras, 2007.

_____. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 4. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

_____. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4. ed. São Paulo: Editora da USP, 2008.

_____. **Diferentes, desiguais e desconectados**: mapas da interculturalidade. Tradução de: Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

GHAI, Yash. Globalização, multiculturalismo e direito. IN: SANTOS SOUSA, Boaventura (Org.), **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 555-606.

GIL, Cristina Isabel Caciones. A liderança na comunidade surda portuguesa: estudo qualitativo sobre quatro líderes surdos. **Cadernos de Saúde**, v. 4, n. 1, p. 43-52, 2011.

Disponível em: [http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/12490/1/CSaude_4-1%20\(3\).pdf](http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/12490/1/CSaude_4-1%20(3).pdf) Acesso em: 16 mai. 2016.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. 2. ed. São Paulo: Plexus, 2002.

GUARESCHI, Pedrinho A. Mídia e cidadania. **Conexão - Comunicação e Cultura, UCS**, Caxias do Sul, v. 5, n. 9, p. 27-40, jan./jun., 2006.

GUATTARI, F. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução de: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Rio de Janeiro: 34, 1992.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2011.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de: Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Tradução de: Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

HINE, Christine. **Etnografía virtual**. Barcelona: Editorial UOC, 2004.

_____. **Virtual ethnography**. London: Sage, 2000. Disponível em: <http://goo.gl/AQBJ5> Acesso em: 08 jun. 2016.

KAPITANIUK, Rosemeri Bernieri de Souza. Cognição, cultura e funções sógnicas: uma análise da mediação semiótica no desenvolvimento histórico, social e linguístico do sujeito surdo. **Ciências & Cognição**, vol. 16, 2011, p. 50-64.

KLEIN, Madalena. Os discursos sobre surdez, trabalho e educação e a formação do surdo trabalhador. In: SKLIAR, Carlos (Org.) **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998, p. 75- 96.

LAMA, Dalai. **Caminho da sabedoria, caminho da paz**. Porto Alegre: L&PM, 2009.

LEAL, Rita de Cássia Souza. Sociedade e mídia. **Teias**: Rio de Janeiro, resenha, ano 9, n. 17, jan./ jun., 2008, p. 131-132.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. 6. ed. Porto Alegre: Sulina, 2013.

_____. Arte e mídia locativa no Brasil. In: LEMOS, André; *JOSGRILBERG*, Fabio. Salvador (Orgs.) **Comunicação e mobilidade**: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil. Salvador: UDUFBA, 2009, p. 89-108.

LEMOS, Renata; SANTAELLA, Lucia. **Redes sociais digitais**: a cognição conectiva do Twitter. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 1999.

LIMA, Maria do Socorro Correia. **Surdez, bilingüismo e inclusão**: entre o dito, o pretendido e o feito. 2004. 271 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada), Universidade Estadual de Campinas, UEC, Campinas, 2004.

LIMA JUNIOR, Walter Teixeira. Mídia social conectada: produção colaborativa de informação de relevância social em ambiente tecnológico digital. **Revista Líbero**. São Paulo, v. 12, n. 24, p. 95-106, dez. 2009. Disponível em: <http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/M%C3%ADdia-social-conectada.pdf> Acesso em: 11 dez. 2015.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação**: formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 1999.

LOPES, Maura Corcini. Relações de poderes no espaço multicultural da escola para surdos. In: SKLIAR, Carlos (Org.) **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998, p. 105-122.

_____. **Surdez & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

LULKIN, Sérgio Andres. O discurso moderno na educação dos surdos: práticas de controle do corpo e a expressão cultural amordaçada. In: SKLIAR, Carlos (Org.) **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998, p. 31-49.

MALDONADO, Alberto Efendy. A perspectiva transmetodológica na conjuntura de mudança civilizadora em inícios do século XXI. In: MALDONADO, Alberto Efendy; BONIN, Jiani Adriana; ROSÁRIO, Nísia (Org.). **Perspectivas metodológicas em comunicação: desafios na prática de investigativa**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2008, p. 27-54.

_____. **Epistemologia, investigação e formação científica em comunicação**. In: MALDONADO, Alberto Efendy *et al.* Rio do Sul: UNIDAVI, 2012. Disponível em: <http://cyberlabnau.files.wordpress.com/2013/03/mc3a1ximo-rifiotis-et-al-a-etnografia-como-mc3a9todo.pdf> Acesso em: 21 mai. 2016.

_____. Pesquisa em Comunicação: trilhas históricas, contextualização, pesquisa empírica e pesquisa teórica. In: MALDONADO, Alberto Efendy [ET AL.] (Orgs.) **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre: Sulina, 2011, p. 277-303.

_____. **Produtos midiáticos, estratégias, recepção: a perspectiva transmetodológica**. Ciberlegenda. Rio de Janeiro, n. 9, p. 1-23, 2002. Disponível em: <http://www.ciberlegenda.uff.br/index.php/revista/article/view/299/182> Acesso em: 21 mai. 2016.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, jan. – abr., 2001, p. 71-81. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf> Acesso em: 26 mai. 2016.

MARTÍN-BABERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones**. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

_____. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Tradução de: Ronald Polito, Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

_____. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação e da cultura. São Paulo: Loyola, 6. ed., 2004, p. 209-256.

MATA, Maria Cristina. Comunicación, ciudadanía y poder. Pistas para pensar su articulación. **Diálogos de la comunicación**. Lima: Felafacs, n. 64, 2002, p. 65-75.

_____. Comunicación y ciudadanía: problemas teórico-políticos de su articulación. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**. São Leopoldo, v. 8, n.1, p. 5-15, jan. abr., 2006. Disponível em:
<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/fronteiras/article/viewArticle/3125>
 Acesso em: 28 mai. 2016.

_____. De la cultura masiva a la cultura mediática. Diálogos de la comunicación. Lima, p. 80-91, 1999. Disponível em:
http://cmapspublic2.ihmc.us/rid=1131318757078_1471265778_1179/Marita%20Mata%20De%20la%20cultura%20masiva%20a%20la%20cult%20mediatica.pdf Acesso em: 21 mai. 2016.

MATTELART, Armand e Michèle. **Diversidad cultural y mundialización**. Barcelona: Paidós, 2005.

_____. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. Novos paradigmas. IN: MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **Pensar as mídias**. Loyola, 2004, p. 69-85.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. Tradução de: Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2007.

MENESES, Verônica Dantas. Mediações (Serrano e Barbero). IN: SOUZA, Rose Maria Vidal de; MELO, José Marques de; MORAIS, Osvando J. de. (Orgs.). **Teorias da comunicação**: correntes de pensamento e metodologia de ensino. São Paulo, v. 14,

INTERCOM, 2014, p. 389-417. Disponível em:
<http://www.portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/8ba840f439e5d6b8c5eb6ce94faeca68.pdf> Acesso em: 24 mai. 2016.

MIRANDA, Wilson. **Comunidade dos surdos**: olhares sobre os contatos culturais. 2001. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Porto Alegre, 2001.

MOREIRA, Alberto da Silva. Cultura midiática e educação infantil. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 85, dezembro 2003, p. 1203-1235. Disponível em:
<http://www.cedes.unicamp.br/publicacoes/educacao/204> Acesso em: 21 mai. 2016.

MOREIRA, Sônia Virgínia. Análise documental como método e como técnica. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

NOGUEIRA, Caroline Santos. *Orkut* e as comunidades virtuais: identidades solúveis no ciberespaço. **VI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Norte**, Belém, 2007. Disponível em:
<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/norte2007/resumos/R0405-1.pdf> Acesso em: 27 mai. 2016.

NOVELLI, Ana Lucia Romero. Pesquisa de opinião. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio Teixeira de [*et al.*]. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006, p. 164-179.

NUNES, João Arriscado; SANTOS, Boaventura de Sousa. Introdução: para ampliar o cânone do reconhecimento, da diferença e da igualdade. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.), **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 25-70.

ORTIZ, Renato. Globalização: notas sobre um debate. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 1, p. 231-254, jan./abr. 2009. Disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/se/v24n1/a10v24n1.pdf> Acesso em: 02 jul. 2016.

_____. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

PADDEN, Carol. **Interaction of morphology and syntax in ASL**. San Diego: University of California, Doctoral Dissertation, 1983.

_____; HUMPHRIES, Tom. **Deaf in America: voices from a culture**. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

PADDY, Ladd. **Understanding deaf culture: in search of deafhood**. Multilingual Matters, 2003.

PEREIRA, Carmem Rejane Antunes. **Processos comunicacionais kaingang: configurações e sentidos da identidade cultural, memória e mídia em perspectiva histórica**. 2010. 273 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo, 2010.

PERLIN, Gladis; MIRANDA, Wilson. Surdos: o narrar e a política. **Ponto de Vista**, Florianópolis, n.5, 2003, p. 217-226. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/pontodevista/issue/view/715/showToc> Acesso em: dez. 2015.

_____. O lugar da cultura surda. In: THOMA, Adriana da Silva; LOPES, Maura Corcini (Org.). **A invenção da surdez: cultura, alteridade, identidade e diferença no campo da educação**. Santa Cruz do Sul: UDUNISC, 2004.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling; VOLPATO, Marcelo de Oliveira. Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença. **Líbero**, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 139-152, dez., 2009. Disponível em: <http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Conceitos-de-comunidade-local-e-regi%C3%A3o.pdf> Acesso em: nov. 2015.

_____. Em busca dos objetos de pesquisa em comunicação no Brasil. In: WEBER, Maria Helena; BENTZ, Ione; HOHLFELDT, Antonio [*et al.*]. **Tensões e objetos: da pesquisa em comunicação**. Porto Alegre, Sulina, 2002, p. 52-72.

_____. Revisitando os conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária. **XXIX Congresso de Ciências da Comunicação**, Brasília, INTERCOM, 2006, p. 1-17. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/116338396152295824641433175392174965949.pdf> Acesso em: 21 mai. 2016.

POPPER, Sir Karl R. **Conhecimento objetivo**: uma abordagem evolucionária. São Paulo: EDUSP, 1975.

PORTUGAL, Silvia. Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. **Oficina do CES**, n. 271, 2007. Disponível em: <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/271/271.pdf> Acesso em: 25 mai. 2016.

PRIMO, Alex Fernando Teixeira. A emergência das comunidades virtuais. **XX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Santos, 1997. Disponível em: http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/comunidades_virtuais.pdf Acesso em: 27 mai. 2016.

_____. Quão interativo é o hipertexto? Da interface potencial à escrita coletiva. **Fronteiras - estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. 5, n. 2, 2003, p. 125-142. Disponível em: http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/quao_interativo_hipertexto.pdf Acesso em: 20 jun. 2016.

_____. Transformações no jornalismo em rede: sobre pessoas comuns, jornalistas e organizações; blogs, Twitter, Facebook e Flipboard. **Intexto**, Porto Alegre, UFRGS, v. 02, n. 25, p. 130-146, dez. 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/4271800/Transformações_no_jornalismo_em_rede_sobre_pessoas_comuns_jornalistas_e_organizações_blogs_Twitter_Facebook_e_Flipboard Acesso em: 20 jun. 2016.

QUADROS, Ronice Müller de. **Educação de surdos**: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

_____. **Estudos surdos I**. In: QUADROS, Ronice Müller (Org.) Petrópolis, Arara Azul, 2006.

_____. **Estudos surdos II.** In: QUADROS, Ronice Müller (Org.) Petrópolis, Arara Azul, 2007.

_____. **Estudos surdos III.** In: QUADROS, Ronice Müller (Org.) Petrópolis, Arara Azul, 2008.

_____. **Estudos surdos IV.** In: QUADROS, Ronice Müller (Org.) Petrópolis, Arara Azul, 2009.

_____; KARNOPP, Lodenir Becker. **Língua de sinais brasileira:** estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____; STUMPF, Marianne Rossi. **Exame Prolibras.** In: QUADROS, Ronice Müller de (Org.) Florianópolis, UFSC, 2009.

RADDATZ, Vera Lucia Spacil. Produção cultural na mídia fronteiriça Brasil-Argentina. In: **III Colóquio Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Recife, set., 2011. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2147-1.pdf> Acesso: 15 abr. 2016.

RANGEL, Gisele Maciel Monteiro. **História do povo surdo em Porto Alegre:** imagens e sinais de uma trajetória cultural. 2004. 157 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, UFRGS, 2004.

RECUERO, Raquel da Cunha. Comunidades virtuais em redes sociais na internet: uma proposta de estudo. **Seminário 2005**, p. 1-17. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/seminario2005.pdf> Acesso em: 21 mai. 2016.

_____. **Redes sociais na internet.** Coleção Cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2009. Disponível em: <http://www.ichca.ufal.br/graduacao/biblioteconomia/v1/wp-content/uploads/redessociaisnainternetrecuero.pdf> Acesso em: 9 dez. 2015.

_____; AMARAL, Adriana & SUELY, Fragoso. **Métodos de pesquisa para internet.** Porto Alegre: Sulina, 2011.

RECUERO, Rebeca da Cunha. **Identidade em social network games**: a construção da identidade virtual do jogador do FarmVille e do SongPop. 2014. 348 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo, 2014.

RHEINGOLD, Howard. **Digital communities award jury statement**. 2004. Disponível em: <http://www.rheingold.com/vc/digital-comm.html> Acesso em: nov. 2015.

RIBEIRO, Elisa Antonia. A perspectiva da entrevista na investigação qualitativa. **Evidência**: olhares e pesquisa em saberes educacionais, Araxá, Minas Gerais, n. 04, maio, 2008, p. 129-148. Disponível em: <http://www.uniaraxa.edu.br/ojs/index.php/evidencia/article/view/328> Acesso em: 07 ago. 2016.

RIFIOTIS, Theophilos. Desafios contemporâneos para a antropologia no ciberespaço: o lugar da técnica. **Revista de Ciências Sociais, Civitas**, Porto Alegre, v. 12, n. 3, set./dez., 2012, p. 566-578.

ROCHA, Simone Maria. Cidadania cultural-comunicativa: uma nova performance das minorias na televisão. **Questão**, Porto Alegre, v. 15, n.1, jan./ jun., 2009, p. 157-172.

ROCHA, Solange. **O INES e a educação de surdos no Brasil**: aspectos da trajetória do Instituto Nacional de Educação de Surdos em seu percurso de 150 anos. Rio de Janeiro: INES, v. 01, 2. ed., 2008.

RODRIGO ALSINA, Miguel. El campo de estudio de las teorías de la comunicación. In: Rodrigo, Miguel. In: **Teorías de la comunicación**: ámbitos, métodos y perspectivas. Universitat de Valencia; Castelló de la Plana: Publicacions de la Universitat Jaume I; Barcelona: Universitat Pompeu Fabra; Bellaterra: Universitat de Barcelona, Servei de Publicacions. D.L. 2001, p. 48 – 62.

ROSA, Andréa da Silva; CRUZ, Cristiano Cordeiro. Internet: fator de inclusão de pessoa surda. **Revista Online da Biblioteca Prof. Joel Martins**, Campinas, v.2, n.3, jun. 2001, p.38-54.

RÜDIGER, Francisco. **Introdução às teorias da cibercultura**: perspectiva do pensamento tecnológico contemporâneo. Porto Alegre: Sulina, 2. ed., 2007.

SÁ, Nídia Limeira de. Existe uma cultura surda? In: _____. **Cultura, poder e educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006.

SACKS, Oliver. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução de: Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SANTAELLA, Lúcia. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 22, p. 23-32, 2003. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/famecos/article/viewFile/229/174>
Acesso em: 04 mai. 2016.

_____. **Navegar no ciberespaço**: o perfil cognitivo do leitor imersivo. São Paulo: Paulus, 2004.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**: globalização e meio técnico-científico-informacional. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2013.

SANTOS SOUZA, Boaventura de. **Reconhecer para libertar**: os caminhos do cosmopolitismo multicultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SHAH, Nishant. **PlayBlog**: pornography, performance, and cyberspace. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/287388449/PlayBlog-Pornography-Performance-And-Cyberspace> Acesso em: 12 abr. 2016.

SILVA, Ana Beatriz Nunes da. **Culturas e identidades piauienses nas produções da ABD-PI**: construções audiovisuais e cidadania comunicativa/cultural. 2014. 221 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação), Universidade do Vale do Rio dos Sinos, UNISINOS, São Leopoldo, 2014.

SILVA JUNIOR, Augusto Rodrigues da. Cultura: a palavra e as ideias. **Sociedade e Estado**, v. 23, n. 1, p. 171-178, jan./abr. 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=339930892008> Acesso em: 23 abr. 2016.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** Tradução de: Milton Camargo Mota. São Paulo: Loyola, 2011.

SIQUEIRA, Dirceu Pereira; ROSTELATO, Telma Aparecida. Inclusão social, processo coletivo e minorias no ordenamento jurídico brasileiro. **Revista USCS de Direito**, ano X, n. 16, jan./jun. 2009, p. 221-237. Disponível em: http://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_direito/article/viewFile/878/731 Acesso em: 09 jul. 2016.

SKLIAR, Carlos. Um olhar sobre o nosso olhar acerca da surdez e as diferenças. In: SKLIAR, Carlos (Org.) **A surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998, p. 5-32.

STOKOE, William. **Sign language structure: an outline of visual communication systems of the american deaf**. Linstok Press, 1978.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

STUMPF, Marianne. A aquisição da escrita de língua de sinais. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 36, n. 3, p. 373-381, set. 2001. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/14589/9749> Acesso em: 11 jun. 2016.

SUPALLA, Ted. Arqueologia da língua de sinais: integrando linguística histórica com pesquisa de campo em línguas de sinais jovens. In: QUADROS, Ronice Müller; VASCONCELLOS, Maria Lucia Barbosa de. **Questões teóricas das pesquisas de Língua de Sinais**. Petrópolis: Arara Azul, 2006, p. 22-29. Disponível em: http://editora-arara-azul.com.br/ebooks/catalogo/completo_port.pdf Acesso em: 11 jun. 2016.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio Teixeira de [*et al.*]. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006, p. 98-109.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don D. **Pragmática da comunicação humana**. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 2000.

WINKIN, Yves. **La nouvelle communication**. Barcelona, Caspes, 1994.

WOTTRICH, Laura Hastenpflug; SILVA, Renata Córdova da; RONSINI, Veneza V. Mayora. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero no estudo de recepção da telenovela. **XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Curitiba, 2009, p. 1-15. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1712-1.pdf> Acesso em: 25 mai. 2016.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Tabela com comunidades surdas digitais do Facebook

O objetivo desse procedimento foi coletar as informações sobre a existência de grupos surdos no Facebook. Foi elaborado um quadro com a relação dos nomes dos grupos e os números de membros. Dessa forma, a pesquisa foi feita em duas etapas, sendo o primeiro quadro, com os dados obtidos em 2013, e o último, com o que foi encontrado em 2014.

ANO:			
2013	Comunidade Digital - FACEBOOK	MEMBROS	OBSERVAÇÃO
1	Associação da Comunidade Surda Brasileira do <i>Facebook</i>	4.859	Grupo fechado
2	Associação dos Surdos de Londrina	75 amigos*	*Uma lotou e abriu outra.
3	Bate papo os surdos e surdas	658 29*	Grupo fechado *Grupo aberto
4	Comunidade e Cultura Surda de Sergipe	2.897	Grupo fechado
5	COMUNIDADE SURDA (DEAF/SORDO)	5.756*	*Grupo aberto
6	Comunidade Surda (Deaf) Modelo	214	Grupo fechado
7	Comunidade Surda (deaf)	130*	*Grupo aberto
8	Comunidade surda (DEAF)	14*	*Grupo aberto
9	Comunidade Surda (Deaf)	15	Grupo fechado
10	Comunidade surda (DEAF)	14*	*Grupo aberto
11	Comunidade Surda –Deaf	15	Curtidas
12	Comunidade Surda de Xbox 360 Brasil (Deaf)	70*	*Grupo aberto
13	Comunidade e Cultura Surda de Sergipe	2.896	Grupo fechado
14	Cultura Surda	705	Seguidores
15	CHAT SURDOS DO BRASIL	1.716	Grupo fechado

16	Chat Surdos de Brasil	3.144	Grupo fechado
17	Educação Bilíngue para Surdos no RS – NÓS APOIAMOS!	1.627	Grupo fechado
18	Educação Infantil para Surdos - BRASCRI	1.973*	*Grupo aberto
19	Encontro das mulheres surdas do RS	59	Grupo fechado
20	Fdsrs Surdos (Fdsrs)	1.156	
21	Fdsp Surdos (Fdsparaná)	228	
22	FDSESP – Federação Desportiva dos Surdos do Estado de São Paulo	473*	*Grupo aberto
23	Filme Feito por Surdos	4.668	Seguidores
24	GPESSE – Grupo de Pesquisa de Estudos Surdos de Sergipe	2.226	Grupo fechado
25	Os surdos jovem Brasil	115	Grupo fechado
26	Os Surdos no Brasil	13.290	Grupo fechado
27	Jovem Surdos Brasil	14.915	Grupo secreto
28	Jovem Surdos Brasil	1.018	Grupo fechado
29	Mercado Livre para Surdos	1.840	Grupo fechado
30	MonaVie de Surdos e Ouvintes no Brasil	1.098	Grupo secreto
31	Movimento Surdo	4.980	Amigos
32	Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul	182	Grupo secreto
33	SOCIEDADE DOS SURDOS	1.407	Grupo fechado
34	Sociedade de Surdos de São José	303	Grupo fechado
35	Surdos: pedido de oração	702	Grupo fechado
36	Surdos(as)	125	Grupo aberto
37	SURDOS(AS)	39	Grupo fechado
38	SURDOS DOS BRASIL: CHAT ONLINE	487*	*Grupo aberto
39	Surdos e Intérpretes Brasil...LIBRAS	436	Grupo fechado
40	Surdos Brasileiros Mestres e Doutores	90	Grupo fechado

41	Surda Brasil	2.000 seguidores 188	Amigos
42	Surf Surdo	1.061	Amigos
43	Surdo Tube	1.099	Amigos

ANO:			
2014	Comunidade Digital - FACEBOOK	MEMBROS	OBSERVAÇÃO
1	Amigos=. = Jovem Surdos Brasília-Brasil	712	Grupo fechado
2	Associação da Comunidade Surda Brasileira do <i>Facebook</i>	4.764	Grupo secreto
3	Associação dos Surdos de Londrina	-	Não tenho mais acesso.
4	Bate papo os surdos e surdas	751 15*	Grupo fechado *Grupo aberto
5	Comunidade e Cultura Surda de Sergipe	3.491	Grupo fechado
6	COMUNIDADE SURDA (DEAF/ SORDO)	11.731*	*Grupo aberto
7	Comunidade Surda (Deaf) Modelo	294	Grupo fechado
8	Comunidade Surda (deaf)	118*	*Grupo aberto
9	Comunidade surda (DEAF)	13*	*Grupo aberto
10	Comunidade Surda (Deaf)	15	Grupo fechado
11	Comunidade surda (DEAF)	13*	*Grupo aberto
12	Comunidade Surda –Deaf	15	Curtidas
13	Comunidade Surda de Xbox 360 Brasil (Deaf)	98*	*Grupo aberto
14	Comunidade Surda de Sergipe	2.396	Grupo fechado
15	Comunidade Surda	1.815	*Grupo aberto
16	Cultura Surda	823	Seguidores
17	Cultura Surda	2.069	Amigos
18	CHAT SURDOS DO BRASIL	1.851	Grupo fechado
19	Chat Surdos de Brasil	4.053	Grupo fechado
20	Educação Bilíngue para Surdos no RS – NÓS APOIAMOS!	2.100	Grupo fechado
21	Educação de Surdos	186	*Grupo aberto
22	Educação Infantil para Surdos - BRASCRI	3.504*	*Grupo aberto
23	Encontro das mulheres surdas do RS	24	Grupo fechado
24	Língua e Cultura Surda do Amazonas	3.181	Grupo Fechado

25	Fdsrs Surdos (Fdsrs)	4.576	Amigos
26	Fdsp Surdos (Fdspananá) - Mudou o nome e agora chama-se: Fdsp – Federação Desportiva de Surdos do Paraná	617	Curtidas
27	FDSESP – Federação Desportiva dos Surdos do Estado de São Paulo	484*	*Grupo aberto
28	FENEIS CE – Movimento Surdo de Ceará	488	Grupo fechado
29	Fest Cultura Surda	249	Amigos
30	Filme Feito Por Surdos	4.522	Amigos
31	GPESSSE – Grupo de Pesquisa de Estudos Surdos de Sergipe	3.278	Grupo fechado
32	Os surdos jovem Brasil	116	Grupo fechado
33	Os Surdos no Brasil	15.766	Grupo fechado
34	Jovem Surdos Brasil	14.440	Grupo secreto
35	Jovem Surdos Brasil	2.010	Grupo fechado
36	Jovem surdos Brasil	106	*Grupo aberto
37	JOVEM SURDOS BRASIL	747	*Grupo aberto
38	JOVEM SURDOS DE SOLTEIROS NO BRASIL	512	Grupo fechado
39	JESUS AMA OS SURDOS	167	Grupo fechado
40	Mais Cultura Surda	1.664	Curtidas
41	Mercado Livre para Surdos	2.019	Grupo fechado
42	MonaVie de Surdos e Ouvintes no Brasil	592	Grupo secreto
43	Movimento Surdo	4.945	Amigos
44	Movimento Surdo do Ceará	25	Grupo fechado
45	Movimento Surdo em Favor da Educação e da Cultura Surda de Campina Grande	25	Grupo fechado
46	Movimento Surdo Paraense por uma Educação de Qualidade para os Surdos!	17	Grupo fechado
47	Movimento Surdo em Campinas	155	Grupo fechado
48	Movimento Surdo do Serviço Militar Brasileiro	59	*Grupo aberto
49	MOVIMENTO LGBT SURDOS DE PERNAMBUCO	205	Curtidas
50	MOVIMENTOS DOS SURDOS EM CEARÁ	07	*Grupo aberto
51	Sociedade dos Surdos do Rio Grande do Sul	205	Grupo secreto
52	SOCIEDADE DOS SURDOS	1.958	Grupo fechado
53	Sociedade de Surdos de São José	384	Grupo fechado

54	Surdos: pedido de oração	820	Grupo fechado
55	Surdos(as)	159	*Grupo aberto
56	Surdos (as)	23	*Grupo aberto
57	SURDOS(AS)	39	Grupo fechado
58	SURDOS DOS BRASIL: CHAT ONLINE	570	*Grupo aberto
59	SURDOS. You Tube Online with Deaf!	1.230	Grupo fechado
60	Surdos e Intérpretes Brasil...LIBRAS	586	Grupo fechado
61	Surdos Brasileiros Mestres e Doutores	107	Grupo secreto
62	Surda Brasil	2.564 seguidores 4.947	Amigos
63	Surdo Tube	5.199	Grupo fechado
64	Surf Surdo	1.048	Amigos
65	Skype dos Surdos – Brasil	12.781	Grupo fechado
66	Skype dos Surdos(as) e Ouvintes	333	Grupo fechado
67	You Tube Surdo	84	Grupo fechado
68	Youtube vai ter legendas é e surdos conta uma piada	841	*Grupo aberto
69	You Tube & Surdos Deaf	296	Grupo fechado
70	You Tube Online Surdos!	48	*Grupo aberto
71	You Tube on-line com surdo (A)	22	Grupo fechado

APÊNDICE B – Modelo de questionários

Roteiros de questionários dos dois eixos contando seis blocos temáticos utilizados na pesquisa exploratória para entrevista dos sujeitos comunicantes surdos.

EIXO 1 – BLOCO 1: MEDIAÇÕES

BLOCO TEMÁTICO 1 – Tipo de Sujeito Comunicante Surdo

- Qual a causa da surdez?
- Desde quando possui a surdez?
- Tem alguém da família que também é surdo?
 - Se for sim: essa pessoa sabe LIBRAS.
 - Se for não: alguém da família sabe LIBRAS.
- Desde quando é usuário da LIBRAS?
- Como avalia o uso atual da LIBRAS na sociedade brasileira?
- Quais idiomas você conhece? (escrita e visual)
- Como são suas relações comunicativas com pessoas que utilizam outras línguas?
- Qual é o dia do nascimento?
- Qual é a sua formação acadêmica?
- Possui formação de pós-graduação?
- Qual é a sua atuação profissional?
- Quanto tempo atua essa profissão?

BLOCO TEMÁTICO 2 – Construção Cultural do Sujeito Comunicante Surdo

- Em que cidade que nasceu?
- Como são os processos de comunicação nessa cidade para os surdos?
- Mudaram com os anos? Caso tenha mudado de cidade, quais os aspectos comunicativos que você destacaria no novo lar?
 - Se não for em Porto Alegre, perguntar por que se mudou.
- Descreve a sua estratégia de comunicação com a sociedade.

- Conte as suas experiências de comunicação mais marcantes na sua vida em sociedade.
- Descreve a relação no atual emprego sobre o uso dos meios de comunicação (mídias corporativas, mídias digitais, comunicação interpessoal ou não).
- Conte os momentos comunicacionais que mais marcaram no trabalho (sala de aula, reunião ou entre outros), comente sobre as barreiras de comunicação na sua trajetória de vida.
- Descreve como se comunica com a família (presencial e não presencial).
- O que faria para facilitar a comunicação se a sua família não soubesse utilizar LIBRAS?

BLOCO TEMÁTICO 3 – Produção de Exercícios de Cidadania Comunicativa Surda

- Têm colegas de trabalhos que são surdos?
- Há presença de intérpretes de LIBRAS no trabalho?
- Alguém da família é intérprete de LIBRAS?
 - Caso sim: essa pessoa te apoia em momento-chave para interpretação?
 - Caso não: como faria para comunicar com os médicos, realizar as ligações telefônicas necessárias para outro tipo de profissionais ou pessoas.
- Qual é a sua rotina para manter os contatos com outros surdos?
- Descreve melhor sua experiência como comunicador (a) da LIBRAS, como primeira língua no seu dia-a-dia.
- Comente a sua convivência no uso cotidiano da Língua Portuguesa, na modalidade escrita.
- Quais elementos comunicativos consideram relevantes para a constituição da Cultura Surda? Por quê?

EIXO 1 – BLOCO 2: COMPETÊNCIAS INTERATIVAS DOS SUJEITOS COMUNICANTES SURDOS – CONSTRUÇÕES E PRODUÇÕES

BLOCO TEMÁTICO 1 – Apropriações Midiáticas

- Quais recursos utiliza para comunicar ou gravar vídeos com outras pessoas?
- Quais são as tuas limitações de comunicação no uso da internet?
- Quais recursos midiáticos utiliza para acessar/navegar as comunidades digitais e os contatos no Facebook?

- Quantas vezes por dia você acompanha as informações das comunidades digitais no Facebook que frequenta?

BLOCO TEMÁTICO 2 – Linguagem das Comunidades Digitais

- Quais assuntos te interessam nas comunidades digitais do Facebook?
- Em que têm ajudado essas comunidades digitais para sua vida pessoal e profissional?
- Que língua utiliza mais para comunicar nas comunidades digitais do Facebook?
- Quais barreiras você encontra ou percebe no uso e na estrutura das comunidades digitais do Facebook?

BLOCO TEMÁTICO 3 – Identificação de Cultura e Cidadania Comunicativa Surda

- Compare as suas experiências sobre a apropriação de informações, sem e com, o acesso as comunidades digitais do Facebook?
- Apresente os pontos positivos e negativos sobre a construção da Cultura Surda nas comunidades digitais do Facebook?
- Que aspectos de cidadania surda identificam nas comunidades digitais do Facebook?

APÊNDICE C – Termo de consentimento e de autorização

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) como voluntário (a) a participar da pesquisa: A cultura dos sujeitos comunicantes surdos: construções da cidadania comunicativa e comunicacional digital no Facebook.

As informações contidas neste documento, fornecidas por Janaína Pereira Claudio têm por objetivo firmar acordo escrito com o (a) voluntária (o) para participação da pesquisa acima referida, autorizando sua participação com pleno conhecimento da natureza dos procedimentos a que ela (e) será submetida (o).

- 1) Natureza da pesquisa: Esta pesquisa tem como finalidades: Coletas de dados das entrevistas pelos sujeitos comunicantes surdos.
- 2) Participantes da pesquisa: Será entrevistado por seis sujeitos comunicantes surdos
- 3) Envolvimento na pesquisa: Ao participar você tem liberdade de se recusar a participar e ainda de se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você. Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora.
- 4) Confidencialidade: A pesquisadora irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Os resultados da pesquisa serão enviados para você e permanecerão confidenciais. Seu nome ou o material que indique a sua participação não será liberado sem a sua permissão. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo. Uma cópia deste consentimento informado será arquivada e outra será fornecida a você.
- 5) Benefícios: Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Entretanto, esperamos que este estudo contribua com informações importantes que deve acrescentar elementos importantes à literatura, onde o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para permitir sua participação nesta pesquisa. Portanto, preencha os itens que seguem:

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG _____ após a leitura e compreensão destas informações, e que poderei sair a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Confiro que recebi cópia deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Porto Alegre, _____/_____/2016.

Nome do Entrevistado (LEGÍVEL): _____

Assinatura do Entrevistado: _____

Assinatura da Pesquisadora: _____

Telefone para contato: 51-8150.2823.

E-mail para contato: janainaclaudio0@gmail.com

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____,
portador(a) de cédula de identidade nº _____,
CPF nº _____ **autorizo** a gravar em vídeos e
veicular minha imagem e depoimentos em qualquer meio de comunicação para fins
didáticos, de pesquisa e divulgação de conhecimento científico sem quaisquer ônus e
restrições.

_____, _____ de _____ de 2016.

Assinatura

ANEXOS

ANEXO A – Legislações

O objetivo desse procedimento foi coletar as informações sobre a legislação existente. Primeiro apresenta a oficialização da Língua Brasileira de Sinais (Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002) como forma legítima de expressão e comunicação visual para pessoas surdas. Na sequência, o Decreto Federal nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, declara a inclusão da Libras, como disciplina curricular obrigatória nos cursos de licenciatura no ensino superior e, como disciplina curricular optativa, nos demais cursos. Comenta sobre a formação do professor e do intérprete e tradutor de Libras – Língua Portuguesa do uso e da difusão da Libras e da Língua Portuguesa para o acesso das pessoas surdas à educação, entre diversas regulamentações.



**Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos**

LEI Nº 10.436, DE 24 DE ABRIL DE 2002.

Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 24 de abril de 2002; 181º da Independência e 114º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
Paulo Renato Souza

Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 25.4.2002

Site: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm Acesso em: 06/12/2013.



Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

DECRETO Nº 5.626, DE 22 DE DEZEMBRO DE 2005.

Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso das atribuições que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto na Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e no art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000,

DECRETA:

CAPÍTULO I

DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Este Decreto regulamenta a [Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002](#), e o [art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000](#).

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.

CAPÍTULO II

DA INCLUSÃO DA LIBRAS COMO DISCIPLINA CURRICULAR

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

CAPÍTULO III

DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LIBRAS E DO INSTRUTOR DE LIBRAS

Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.

Parágrafo único. As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no **caput**.

Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngue.

§ 1º Admite-se como formação mínima de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, a formação ofertada em nível médio na modalidade normal, que viabilizar a formação bilíngue, referida no **caput**.

§ 2º As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no **caput**.

Art. 6º A formação de instrutor de Libras, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

I - cursos de educação profissional;

II - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior; e

III - cursos de formação continuada promovidos por instituições credenciadas por secretarias de educação.

§ 1º A formação do instrutor de Libras pode ser realizada também por organizações da sociedade civil representativa da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por pelo menos uma das instituições referidas nos incisos II e III.

§ 2º As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no **caput**.

Art. 7º Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, caso não haja docente com título de pós-graduação ou de graduação em Libras para o ensino dessa disciplina em cursos de educação superior, ela poderá ser ministrada por profissionais que apresentem pelo menos um dos seguintes perfis:

I - professor de Libras, usuário dessa língua com curso de pós-graduação ou com formação superior e certificado de proficiência em Libras, obtido por meio de exame promovido pelo Ministério da Educação;

II - instrutor de Libras, usuário dessa língua com formação de nível médio e com certificado obtido por meio de exame de proficiência em Libras, promovido pelo Ministério da Educação;

III - professor ouvinte bilíngue: Libras - Língua Portuguesa, com pós-graduação ou formação superior e com certificado obtido por meio de exame de proficiência em Libras, promovido pelo Ministério da Educação.

§ 1º Nos casos previstos nos incisos I e II, as pessoas surdas terão prioridade para ministrar a disciplina de Libras.

§ 2º A partir de um ano da publicação deste Decreto, os sistemas e as instituições de ensino da educação básica e as de educação superior devem incluir o professor de Libras em seu quadro do magistério.

Art. 8º O exame de proficiência em Libras, referido no art. 7º, deve avaliar a fluência no uso, o conhecimento e a competência para o ensino dessa língua.

§ 1º O exame de proficiência em Libras deve ser promovido, anualmente, pelo Ministério da Educação e instituições de educação superior por ele credenciadas para essa finalidade.

§ 2º A certificação de proficiência em Libras habilitará o instrutor ou o professor para a função docente.

§ 3º O exame de proficiência em Libras deve ser realizado por banca examinadora de amplo conhecimento em Libras, constituída por docentes surdos e linguistas de instituições de educação superior.

Art. 9º A partir da publicação deste Decreto, as instituições de ensino médio que oferecem cursos de formação para o magistério na modalidade normal e as instituições de educação superior que oferecem cursos de Fonoaudiologia ou de formação de professores devem incluir Libras como disciplina curricular, nos seguintes prazos e percentuais mínimos:

- I - até três anos, em vinte por cento dos cursos da instituição;
- II - até cinco anos, em sessenta por cento dos cursos da instituição;
- III - até sete anos, em oitenta por cento dos cursos da instituição; e
- IV - dez anos, em cem por cento dos cursos da instituição.

Parágrafo único. O processo de inclusão da Libras como disciplina curricular deve iniciar-se nos cursos de Educação Especial, Fonoaudiologia, Pedagogia e Letras, ampliando-se progressivamente para as demais licenciaturas.

Art. 10. As instituições de educação superior devem incluir a Libras como objeto de ensino, pesquisa e extensão nos cursos de formação de professores para a educação básica, nos cursos de Fonoaudiologia e nos cursos de Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

Art. 11. O Ministério da Educação promoverá, a partir da publicação deste Decreto, programas específicos para a criação de cursos de graduação:

- I - para formação de professores surdos e ouvintes, para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, que viabilize a educação bilíngue: Libras - Língua Portuguesa como segunda língua;
- II - de licenciatura em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa, como segunda língua para surdos;
- III - de formação em Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

Art. 12. As instituições de educação superior, principalmente as que ofertam cursos de Educação Especial, Pedagogia e Letras, devem viabilizar cursos de pós-graduação para a formação de professores para o ensino de Libras e sua interpretação, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

Art. 13. O ensino da modalidade escrita da Língua Portuguesa, como segunda língua para pessoas surdas, deve ser incluído como disciplina curricular nos cursos de formação de professores para a educação infantil e para os anos iniciais do ensino fundamental, de nível médio e superior, bem como nos cursos de licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Parágrafo único. O tema sobre a modalidade escrita da língua portuguesa para surdos deve ser incluído como conteúdo nos cursos de Fonoaudiologia.

CAPÍTULO IV

DO USO E DA DIFUSÃO DA LIBRAS E DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA O

ACESSO DAS PESSOAS SURDAS À EDUCAÇÃO

Art. 14. As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior.

§ 1º Para garantir o atendimento educacional especializado e o acesso previsto no **caput**, as instituições federais de ensino devem:

I - promover cursos de formação de professores para:

- a) o ensino e uso da Libras;
- b) a tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa; e
- c) o ensino da Língua Portuguesa, como segunda língua para pessoas surdas;

II - ofertar, obrigatoriamente, desde a educação infantil, o ensino da Libras e também da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos;

III - prover as escolas com:

- a) professor de Libras ou instrutor de Libras;
- b) tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa;
- c) professor para o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para pessoas surdas; e
- d) professor regente de classe com conhecimento acerca da singularidade linguística manifestada pelos alunos surdos;

IV - garantir o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos, desde a educação infantil, nas salas de aula e, também, em salas de recursos, em turno contrário ao da escolarização;

V - apoiar, na comunidade escolar, o uso e a difusão de Libras entre professores, alunos, funcionários, direção da escola e familiares, inclusive por meio da oferta de cursos;

VI - adotar mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de segunda língua, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e reconhecendo a singularidade linguística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa;

VII - desenvolver e adotar mecanismos alternativos para a avaliação de conhecimentos expressos em Libras, desde que devidamente registrados em vídeo ou em outros meios eletrônicos e tecnológicos;

VIII - disponibilizar equipamentos, acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, bem como recursos didáticos para apoiar a educação de alunos surdos ou com deficiência auditiva.

§ 2º O professor da educação básica, bilíngue, aprovado em exame de proficiência em tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, pode exercer a função de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, cuja função é distinta da função de professor docente.

§ 3º As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar atendimento educacional especializado aos alunos surdos ou com deficiência auditiva.

Art. 15. Para complementar o currículo da base nacional comum, o ensino de Libras e o ensino da modalidade escrita da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos, devem ser ministrados em uma perspectiva dialógica, funcional e instrumental, como:

I - atividades ou complementação curricular específica na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental; e

II - áreas de conhecimento, como disciplinas curriculares, nos anos finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior.

Art. 16. A modalidade oral da Língua Portuguesa, na educação básica, deve ser ofertada aos alunos surdos ou com deficiência auditiva, preferencialmente em turno distinto ao da escolarização, por meio de ações integradas entre as áreas da saúde e da educação, resguardado o direito de opção da família ou do próprio aluno por essa modalidade.

Parágrafo único. A definição de espaço para o desenvolvimento da modalidade oral da Língua Portuguesa e a definição dos profissionais de Fonoaudiologia para atuação com alunos da educação básica são de competência dos órgãos que possuam estas atribuições nas unidades federadas.

CAPÍTULO V

DA FORMAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

Art. 17. A formação do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa.

Art. 18. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, a formação de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

I - cursos de educação profissional;

II - cursos de extensão universitária; e

III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por secretarias de educação.

Parágrafo único. A formação de tradutor e intérprete de Libras pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições referidas no inciso III.

Art. 19. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, caso não haja pessoas com a titulação exigida para o exercício da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, as instituições federais de ensino devem incluir, em seus quadros, profissionais com o seguinte perfil:

I - profissional ouvinte, de nível superior, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação em instituições de ensino médio e de educação superior;

II - profissional ouvinte, de nível médio, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação no ensino fundamental;

III - profissional surdo, com competência para realizar a interpretação de línguas de sinais de outros países para a Libras, para atuação em cursos e eventos.

Parágrafo único. As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação.

Art. 20. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, o Ministério da Educação ou instituições de ensino superior por ele credenciadas para essa finalidade promoverão, anualmente, exame nacional de proficiência em tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

Parágrafo único. O exame de proficiência em tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa deve ser realizado por banca examinadora de amplo conhecimento dessa função, constituída por docentes surdos, linguistas e tradutores e intérpretes de Libras de instituições de educação superior.

Art. 21. A partir de um ano da publicação deste Decreto, as instituições federais de ensino da educação básica e da educação superior devem incluir, em seus quadros, em todos os níveis, etapas e modalidades, o tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, para viabilizar o acesso à comunicação, à informação e à educação de alunos surdos.

§ 1º O profissional a que se refere o **caput** atuará:

I - nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino;

II - nas salas de aula para viabilizar o acesso dos alunos aos conhecimentos e conteúdos curriculares, em todas as atividades didático-pedagógicas; e

III - no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim da instituição de ensino.

§ 2º As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação.

CAPÍTULO VI

DA GARANTIA DO DIREITO À EDUCAÇÃO DAS PESSOAS SURDAS OU

COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

I - escolas e classes de educação bilíngue, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngues, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II - escolas bilíngues ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade linguística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa.

§ 1º São denominadas escolas ou classes de educação bilíngüe aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo.

§ 2º Os alunos têm o direito à escolarização em um turno diferenciado ao do atendimento educacional especializado para o desenvolvimento de complementação curricular, com utilização de equipamentos e tecnologias de informação.

§ 3º As mudanças decorrentes da implementação dos incisos I e II implicam a formalização, pelos pais e pelos próprios alunos, de sua opção ou preferência pela educação sem o uso de Libras.

§ 4º O disposto no § 2º deste artigo deve ser garantido também para os alunos não usuários da Libras.

Art. 23. As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação.

§ 1º Deve ser proporcionado aos professores acesso à literatura e informações sobre a especificidade linguística do aluno surdo.

§ 2º As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação.

Art. 24. A programação visual dos cursos de nível médio e superior, preferencialmente os de formação de professores, na modalidade de educação a distância, deve dispor de sistemas de acesso à informação como janela com tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa e subtítuloção por meio do sistema de legenda oculta, de modo a reproduzir as mensagens veiculadas às pessoas surdas, conforme prevê o Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004.

CAPÍTULO VII

DA GARANTIA DO DIREITO À SAÚDE DAS PESSOAS SURDAS OU COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Art. 25. A partir de um ano da publicação deste Decreto, o Sistema Único de Saúde - SUS e as empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos de assistência à saúde, na perspectiva da inclusão plena das pessoas surdas ou com deficiência auditiva em todas as esferas da vida social, devem garantir, prioritariamente aos alunos matriculados nas redes de ensino da educação básica, a atenção integral à sua saúde, nos diversos níveis de complexidade e especialidades médicas, efetivando:

- I - ações de prevenção e desenvolvimento de programas de saúde auditiva;
- II - tratamento clínico e atendimento especializado, respeitando as especificidades de cada caso;
- III - realização de diagnóstico, atendimento precoce e do encaminhamento para a área de educação;
- IV - seleção, adaptação e fornecimento de prótese auditiva ou aparelho de amplificação sonora, quando indicado;
- V - acompanhamento médico e fonoaudiológico e terapia fonoaudiológica;
- VI - atendimento em reabilitação por equipe multiprofissional;
- VII - atendimento fonoaudiológico às crianças, adolescentes e jovens matriculados na educação básica, por meio de ações integradas com a área da educação, de acordo com as necessidades terapêuticas do aluno;
- VIII - orientações à família sobre as implicações da surdez e sobre a importância para a criança com perda auditiva ter, desde seu nascimento, acesso à Libras e à Língua Portuguesa;
- IX - atendimento às pessoas surdas ou com deficiência auditiva na rede de serviços do SUS e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos de assistência à saúde, por profissionais capacitados para o uso de Libras ou para sua tradução e interpretação; e
- X - apoio à capacitação e formação de profissionais da rede de serviços do SUS para o uso de Libras e sua tradução e interpretação.

§ 1º O disposto neste artigo deve ser garantido também para os alunos surdos ou com deficiência auditiva não usuários da Libras.

§ 2º O Poder Público, os órgãos da administração pública estadual, municipal, do Distrito Federal e as empresas privadas que detêm autorização, concessão ou permissão de serviços públicos de assistência à saúde buscarão implementar as medidas referidas no art. 3º da Lei nº 10.436, de 2002, como meio de assegurar, prioritariamente, aos alunos surdos ou com deficiência auditiva matriculados nas redes de ensino da educação básica, a atenção integral à sua saúde, nos diversos níveis de complexidade e especialidades médicas.

CAPÍTULO VIII

DO PAPEL DO PODER PÚBLICO E DAS EMPRESAS QUE DETÊM CONCESSÃO OU PERMISSÃO DE SERVIÇOS PÚBLICOS, NO APOIO AO USO E DIFUSÃO DA LIBRAS

Art. 26. A partir de um ano da publicação deste Decreto, o Poder Público, as empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, direta e indireta devem garantir às pessoas surdas o tratamento diferenciado, por meio do uso e difusão de Libras e da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, realizados por servidores e empregados capacitados para essa função, bem como o acesso às tecnologias de informação, conforme prevê o [Decreto nº 5.296, de 2004](#).

§ 1º As instituições de que trata o **caput** devem dispor de, pelo menos, cinco por cento de servidores, funcionários e empregados capacitados para o uso e interpretação da Libras.

§ 2º O Poder Público, os órgãos da administração pública estadual, municipal e do Distrito Federal, e as empresas privadas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar às pessoas surdas ou com deficiência auditiva o tratamento diferenciado, previsto no **caput**.

Art. 27. No âmbito da administração pública federal, direta e indireta, bem como das empresas que detêm concessão e permissão de serviços públicos federais, os serviços prestados por servidores e empregados capacitados para utilizar a Libras e realizar a tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa estão sujeitos a padrões de controle de atendimento e a avaliação da satisfação do usuário dos serviços públicos, sob a coordenação da Secretaria de Gestão do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, em conformidade com o [Decreto nº 3.507, de 13 de junho de 2000](#).

Parágrafo único. Caberá à administração pública no âmbito estadual, municipal e do Distrito Federal disciplinar, em regulamento próprio, os padrões de controle do atendimento e avaliação da satisfação do usuário dos serviços públicos, referido no **caput**.

CAPÍTULO IX

DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 28. Os órgãos da administração pública federal, direta e indireta, devem incluir em seus orçamentos anuais e plurianuais dotações destinadas a viabilizar ações previstas neste Decreto, prioritariamente as relativas à formação, capacitação e qualificação de professores, servidores e empregados para o uso e difusão da Libras e à realização da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

Art. 29. O Distrito Federal, os Estados e os Municípios, no âmbito de suas competências, definirão os instrumentos para a efetiva implantação e o controle do uso e difusão de Libras e de sua tradução e interpretação, referidos nos dispositivos deste Decreto.

Art. 30. Os órgãos da administração pública estadual, municipal e do Distrito Federal, direta e indireta, viabilizarão as ações previstas neste Decreto com dotações específicas em seus orçamentos anuais e plurianuais, prioritariamente as relativas à formação, capacitação e qualificação de professores, servidores e empregados para o uso e difusão da Libras e à realização da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

Art. 31. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 22 de dezembro de 2005; 184ª da Independência e 117ª da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

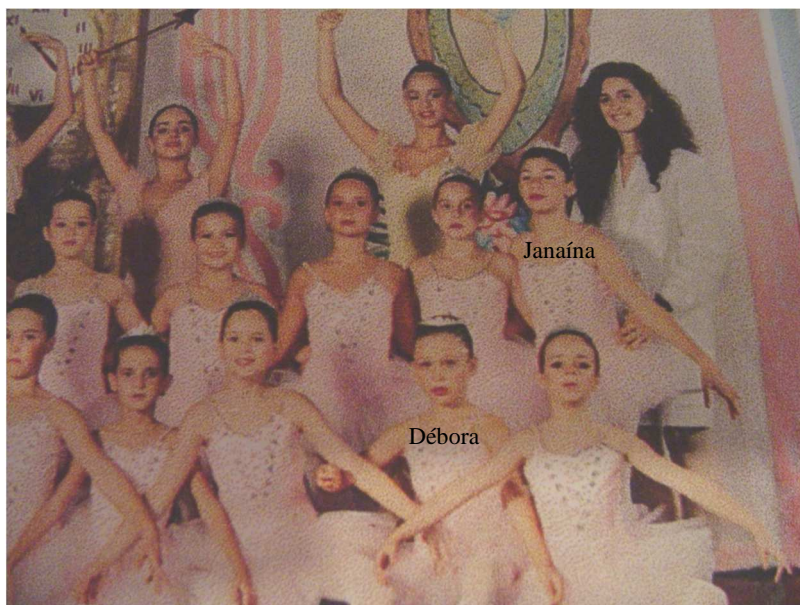
Fernando Haddad Este texto não substitui o publicado no DOU de 23.12.2005

Site: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm

Acesso em: 06 dez. 2013.

ANEXO B – Trajetória da pesquisadora

O objetivo desse procedimento é que os leitores conheçam um pouco sobre a trajetória da autora desta tese de doutorado.



Anexo B1 – Apresentação de Ballet com as minhas amigas ouvintes e minha irmã.



Anexo B2 – Apresentação de solo de piano no Teatro São Pedro em Porto Alegre.



Anexo B3 – Na viagem a Londres (Inglaterra) com a minha família.



Anexo B4 – Minha família: meus pais (Iara e Dalcidio), minha irmã (Débora) e meus irmãos adotivos (Marcos e Felipe).